UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

CAROLINA RIBEIRO MINCHIN

Equivalência é tudo igual?
Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em
***Buddenbrooks*, de Thomas Mann**

Versão original

São Paulo
2018

CAROLINA RIBEIRO MINCHIN

Equivalência é tudo igual?

**Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em
Buddenbrooks, de Thomas Mann**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de mestre em Língua e Literatura Alemã

Área de concentração: Estudos de Tradução

Orientador: Prof. Dr. Tercio Loureiro Redondo

Coorientador: Prof. Dr. João Azenha Jr.

Versão original

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M663e Minchin, Carolina Ribeiro
Equivalência é tudo igual? Reconsideração da
Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em
Buddenbrooks, de Thomas Mann / Carolina Ribeiro
Minchin ; orientador Tercio Loureiro Redondo. - São
Paulo, 2018.
226 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. Equivalência. 2. Koller. 3. Tradução. 4. Cores.
5. Buddenbrooks. I. Redondo, Tercio Loureiro,
orient. II. Título.

MINCHIN, Carolina R. **Equivalência é tudo igual?** Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em *Buddenbrooks*, de Thomas Mann. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Língua e Literatura Alemã.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, cujo apoio, investimento e carinho foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Aos meus pais, Eliane e Paulo César, que sempre acreditaram na minha capacidade de realizar meus sonhos. Ao meu irmão, Leonardo, que me abraçou nos momentos de aflição e me disse que tudo ficaria bem.

Aos que compartilharam comigo as agruras e as alegrias da pós-graduação, em especial Marina Lameira e Thiago Balduino Teles, e aos demais amigos, pela paciência e compreensão em minhas ausências e meus descontentamentos: Bruna Bertazo, Patricia Hayashida, Priscilla Morales, Ricardo Numakura e Vivian Isuyama.

A todos os professores que me orientaram ao longo do caminho, em especial ao meu co-orientador, Prof. Dr. João Azenha Jr., que, ainda na graduação, despertou em mim vívido interesse pela tradução e ajudou a dar voz e forma às reflexões que permeiam esta dissertação. Aos meus orientadores, Profa. Dra. Tinka Reichmann e Prof. Dr. Tercio Redondo. À Profa. Dra. Stella Tagnin e ao Prof. Joacyr Oliveira, que me apresentaram às possibilidades da Linguística de *Corpus* e me permitiram trilhar o caminho que escolhi. Ao Prof. Dr. Paulo Oliveira, por ter estimulado o debate sobre universalismo e relativismo em suas aulas. Agradeço também à Profa. Dra. Claudia Dornbusch pela participação na banca do meu exame de qualificação, ao lado do Prof. Azenha Jr., e pela valiosa contribuição com o encaminhamento do meu trabalho nessa etapa.

Aos ex-colegas de pós-graduação que demonstraram tanta camaradagem para comigo, em especial a Márcio Longaray, pela imensa generosidade em ceder o material necessário à construção do meu *corpus*, e a Nilson Roberto Barros da Silva, que muito gentilmente disponibilizou arquivos utilizados em sua tese de doutorado para que eu pudesse construir o meu próprio *corpus* de referência em português. No mais, agradeço a todos os colegas que assistiram aos meus seminários durante as disciplinas e que contribuíram com comentários e críticas ao meu trabalho.

A todos os professores e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã que cooperaram, direta ou indiretamente, para a conclusão deste trabalho, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento de pesquisas como a que deu origem a esta dissertação em tempos de crescente desvalorização da produção acadêmica, sobretudo nas ciências humanas.

RESUMO

MINCHIN, Carolina R. **Equivalência é tudo igual?** Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em *Buddenbrooks*, de Thomas Mann. 2018. 226 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

O tema da presente dissertação é a noção de Equivalência (*Äquivalenz*) de Werner Koller. Frequentemente atrelado às abordagens linguísticas à tradução, que, na segunda metade do século XX, buscaram conferir à pesquisa em tradução o estatuto de ciência, o conceito de equivalência foi alçado à condição de princípio teórico que garantiria a objetividade exigida das disciplinas que aspirassem à cientificidade. Para isso, porém, adotou-se uma concepção abstrata e artificial de equivalência, que relegava o tradutor ao lugar de mero reprodutor de conteúdos pré-fixados pelo autor do original. Com o surgimento de novas vertentes de pesquisa no âmbito dos estudos de tradução, tais pressupostos foram postos em xeque, o que levou ao descarte e à estigmatização dessa noção. Se tomarmos por base a oposição elucidada por Kopetzki (1996), tal “virada” nos estudos de tradução pode ser interpretada como um movimento de concepções universalistas para concepções relativistas de língua e tradução, que rejeitam a ideia de tradução como transporte de significados imobilizados *a priori*. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é demonstrar que a Equivalência de Koller não está calcada no universalismo que serve de base a outros modelos de equivalência tradutória, e que a noção defendida pelo autor tem validade prática, na medida em que funciona como um conceito operacional para tradutores profissionais e estudiosos da tradução. O presente trabalho se divide em duas grandes partes: a primeira é de caráter teórico e se destina à apresentação e à análise de trechos selecionados da obra de Koller, ainda inédita em português, a fim de evidenciar o caráter antiuniversalista de seus pressupostos; na segunda parte, mais voltada à prática, proponho uma maneira de aplicar seu conceito de Equivalência a um par de textos empíricos. O *corpus* que serve de base ao exemplo de aplicação é composto das ocorrências de cores presentes no romance *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), de Thomas Mann, e na sua tradução para o português, de autoria de Herbert Caro e publicada no Brasil sob o título *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942).

Palavras-chave: equivalência, Koller, tradução, cores, *Buddenbrooks*

ABSTRACT

MINCHIN, Carolina R. **Is equivalence all the same?** Reconsidering Koller's Equivalence in the light of translations of colour names in *Buddenbrooks*, by Thomas Mann. 2018. 226 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

The topic of this dissertation is Werner Koller's notion of equivalence (*Äquivalenz*). Often associated with the linguistic approaches to translation, which, in the second half of the 20th century, sought to make a scientific discipline out of the subject, equivalence turned into the one theoretical principle that would presumably guarantee the objectivity expected of any aspiring science. The consequence, however, was an abstract and artificial concept of equivalence, which portrayed translators as mere reproducers of contents that had been predetermined by the original author. With the advent of new research branches in the field of Translation Studies, such assumptions were called into question, which led to the discard and stigmatization of the concept. Bearing in mind the opposition brought to light by Kopetzki (1996), such a “turn” in Translation Studies may be interpreted as a move away from universalistic conceptions and a step towards relativistic conceptions of language and translation, which reject the idea of translation as the transport of pre-existing meanings. In view of that, the aim of this research is to demonstrate that Koller's *Äquivalenz* is not based upon the universalism that characterizes other theoretical frameworks to translation equivalence and can therefore be considered of practical relevance, inasmuch as it functions as an operational concept to professional translators and translation scholars. The present dissertation is divided in two main parts: the first part is of theoretical nature and is dedicated to the presentation and analysis of selected passages from Koller's work, still unedited in Portuguese, in order to demonstrate the antiuniversalistic character of his premises; in the second, more practice-oriented part, I propose a way of applying his concept of Equivalence to a pair of empirical texts. The *corpus* upon which this application example is based consists of instances of colour names found in the novel *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), by Thomas Mann, and its translation to Portuguese, written by Herbert Caro and published in Brazil under the title *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942).

Keywords: equivalence, Koller, translation, colours, *Buddenbrooks*

ZUSAMMENFASSUNG

MINCHIN, Carolina R. **Ist Äquivalenz alles dasselbe?** Neubewertung von Kollers Äquivalenz am Beispiel der Übersetzung von Farbbezeichnungen in *Buddenbrooks*, von Thomas Mann. 2018. 226 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

Das Thema der vorliegenden Masterarbeit ist der Äquivalenz-Begriff von Werner Koller. Äquivalenz wird oft mit den linguistischen Ansätzen zur Übersetzung verbunden, die in der zweiten Hälfte des 20. Jahrhunderts sich darum bemühten, die Übersetzungsforschung als Wissenschaft zu konsolidieren. Der Begriff wurde damals zu einem theoretischen Prinzip, das angeblich die von wissenschaftlichen Disziplinen erwartete Objektivität gewährleisten würde. Zu diesem Zweck wurde allerdings eine abstrakte und künstliche Vorstellung von Äquivalenz verbreitet, die Übersetzer als bloße Wiederholer vorgegebener, vom Autor des Originals befestigter Inhalte darstellte. Mit Aufkommen neuer Forschungsrichtungen in der Übersetzungswissenschaft wurden solche Annahmen in Frage gestellt, was zur Ablehnung und Stigmatisierung des Konzeptes führte. Berücksichtigt man die von Kopetzki (1996) vorgestellte Opposition, dann kann dieser „Wandel“ in der Übersetzungswissenschaft als eine Distanzierung von universalistischen Vorstellungen in Richtung auf relativistische Vorstellungen von Sprache und Übersetzung interpretiert werden. Die Anhänger vom Relativismus lehnen die Idee ab, dass Übersetzung bloße Übertragung vorgegebener Bedeutungen in eine andere Sprache sei. Angesichts dessen zielt die vorliegende Arbeit auf die Veranschaulichung davon, dass Kollers Äquivalenz nicht auf dem Universalismus basiert ist, der anderen Äquivalenz-Modellen zugrundeliegt. Seine Äquivalenz ist auch von praktischer Relevanz, indem sie als operativer Begriff für professionelle Übersetzer und Übersetzungswissenschaftler von Bedeutung sein kann. Die vorliegende Arbeit ist in zwei Hauptteilen gegliedert: im ersten, theoretischen Teil werden ausgewählte Textpassagen von Kollers Werk – welches bisweilen nicht ins Portugiesische übertragen wurde – präsentiert und analysiert, die den antiuniversalistischen Charakter seiner Annahmen nachweisen; im zweiten, praxisorientierten Teil wird ein Anwendungsbeispiel seines Äquivalenz-Begriffs vorgeschlagen. Corpus dafür bilden die Farbbezeichnungen im Roman, *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), von Thomas Mann, und in seiner Übersetzung ins Portugiesisch, *Buddenbrook: decadência duma família* (1942), von Herbert Caro.

Schlüsselwörter: Äquivalenz, Koller, Übersetzung, Farbbezeichnungen, Buddenbrooks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os três estágios da tradução, segundo Nida e Taber (1982: 32).	37
Figura 2: Koller em seu escritório, 2012.	63
Figura 3: Aba <i>concordance</i> do <i>AntConc</i> exhibe, em formato KWIC, as linhas de concordância em que ocorre o item de busca “azul”.	139
Figura 4: <i>Word list</i> (de acordo com a frequência) e número de <i>types</i> e <i>tokens</i> no <i>corpus</i> alemão.	141
Figura 5: <i>Word list</i> (de acordo com a frequência) e número de <i>types</i> e <i>tokens</i> no <i>corpus</i> em português.	142
Figura 6: Primeiras posições das listas de palavras-chave em alemão e em português, respectivamente.	147
Figura 7: Tela inicial do <i>AntPConc</i> , que mostra as linhas de concordância de <i>bläulich*</i> em alemão e as respectivas linhas de concordância em português.	155
Figura 8: <i>Braune Kuchen</i>	167
Figura 9: Posição do adjetivo "castanhos" entre os colocados de "olhos" no <i>Corpus</i> do Português.	178
Figura 10: Distribuição das ocorrências de "castanhos" e "Gerda" no <i>corpus</i> em português.	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos de vocábulos cromáticos encontrados no romance em alemão (AL) e na tradução em português (PT), classificados em simples, compostos e complexos.....	132
Tabela 2: Ocorrências de sememas cromáticos derivados das oito cores contempladas no levantamento de Kurnickiené e Šapaliené (2001).	133
Tabela 3: Designações simples encontradas no <i>corpus</i> alemão e os respectivos números de ocorrências.....	144
Tabela 4: Designações mistas e seus respectivos números de ocorrências no <i>corpus</i> alemão.	144
Tabela 5: Designações simples encontradas no <i>corpus</i> em português e os respectivos números de ocorrências.....	146
Tabela 6: Comparação dos números de <i>types</i> e <i>tokens</i> nos <i>corpora</i> de estudo e de referência em alemão.....	149
Tabela 7: Composição do <i>corpus</i> de referência alemão e a distribuição do número de <i>tokens</i> nas obras selecionadas.	150
Tabela 8: Comparação dos números de <i>types</i> e <i>tokens</i> nos <i>corpora</i> de estudo e de referência em português.	152
Tabela 9: Composição do <i>corpus</i> de referência em português e a distribuição do número de <i>tokens</i> nas obras selecionadas.....	152
Tabela 10: Listas de palavras-chave nos <i>corpora</i> de estudo em alemão e em português.	160
Tabela 11: Ocorrências de <i>braunen</i> + <i>Augen</i> no <i>corpus</i> alemão que foram traduzidas por “olhos castanhos” em português.....	177
Tabela 12: Ocorrências do adjetivo "azuladas" com o colocado "sombras" no <i>corpus</i> em português.	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AL	Alemão
BNC	<i>British National Corpus</i> [<i>Corpus</i> Nacional Britânico]
COMET	<i>Corpus</i> Multilíngue para Ensino e Tradução
CTS	<i>Corpus Translation Studies</i> [Estudos da Tradução com <i>Corpus</i>]
DWDS	<i>Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache</i> [Dicionário Digital da Língua Alemã]
EDT	Estudos Descritivos da Tradução
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IDS	<i>Institut für Deutsche Sprache</i>
KWIC	<i>Keyword in context</i>
LC	Língua de chegada
LF	Língua-fonte
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros
LM	Língua-meta
LP	Língua de partida
OCR	<i>Optical character recognition</i> [reconhecimento ótico de caracteres]
PT	Português
TF	Texto-fonte
TGI	Trabalho de Graduação Individual
TP	Texto de partida
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA NA TENSÃO ENTRE UNIVERSALISMO E RELATIVISMO	21
2.1	A Ciência da Tradução	22
2.2	A “superação” da equivalência: novas vertentes	42
2.3	A dinâmica entre universalismo e relativismo.....	52
3	A EQUIVALÊNCIA DE WERNER KOLLER.....	61
3.1	A Ciência da Tradução e o lugar da Equivalência.....	63
3.1.1	Equivalência denotativa.....	77
3.1.2	Equivalência conotativa.....	84
3.1.3	Equivalência textual-normativa.....	90
3.1.4	Equivalência pragmática.....	93
3.1.5	Equivalência estético-formal	98
3.2	A abordagem de Koller: mais do mesmo?.....	102
4	CORPUS E MÉTODO.....	125
4.1	Descrição do <i>corpus</i> de estudo	126
4.1.1	As cores no romance	131
4.2	Metodologia: Linguística de <i>Corpus</i> e tradução.....	134
4.2.1	Compilação do <i>corpus</i> de estudo.....	136
4.2.2	Coleta dos dados com o programa <i>AntConc</i>	138
4.2.3	Compilação dos <i>corpora</i> de referência e <i>keyword list</i>	146
4.2.4	Alinhamento dos <i>corpora</i> e o software <i>AntPConc</i>	154
5	EXEMPLO DE APLICAÇÃO.....	158
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
	ANEXOS.....	213
	ANEXO 1: Ocorrências de vocábulos cromáticos no <i>corpus</i> em alemão	214
	ANEXO 2: Ocorrências de vocábulos cromáticos no <i>corpus</i> em português	221

1 INTRODUÇÃO

Como em boa parte das investigações científicas, o presente trabalho é fruto da curiosidade. Desde muito cedo, meu interesse por línguas estrangeiras me levou a questionar por que o jeito que falamos é tão diferente do jeito que outras pessoas falam em outros lugares do mundo. Lembro-me de uma ocasião em que, pouco após ingressar na habilitação de Alemão do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), uma colega de classe dirigiu à professora o seguinte cumprimento: “Bom dia, professora. *Alles blau?*”. Sem saber muito bem como fazer a pergunta, a aluna havia traduzido, ao pé da letra, uma expressão idiomática brasileira – “tudo azul?” – para o alemão, na esperança de que aquilo significasse o mesmo que no português, ou seja, algo similar a “tudo bem?”. Com muito bom humor, a professora advertiu que, em alemão, a expressão *blau sein* (literalmente, “estar azul”) significa estar bêbado, e que, por isso, não deveria ser usada naquele contexto.

Esse evento aparentemente trivial acabou por direcionar a minha trajetória acadêmica até o ingresso na pós-graduação. Quando, ainda no curso de bacharelado, tive a oportunidade de desenvolver um Trabalho de Graduação Individual em Letras Modernas (TGI), minha escolha recaiu sobre as expressões idiomáticas com cores. No estudo em questão, examinei, com base em pressupostos da Linguística Cognitiva, expressões fraseológicas alemãs que contêm a palavra *rot* – designação da cor vermelha (cf. MINCHIN, 2016). Já na pós-graduação, decidi continuar a explorar o tema das cores, dessa vez com o objetivo de realizar um estudo contrastivo sobre a questão das cores em português e alemão.

Devido ao meu interesse pela temática da tradução, minha ideia original para um projeto de mestrado consistia em apresentar e analisar soluções encontradas por tradutores para as expressões com cores presentes em textos literários. Em minhas pesquisas sobre o tema, deparei com um estudo a respeito da formação de palavras cromáticas em *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), de Thomas Mann, no qual as pesquisadoras encontraram no romance mais de 800 ocorrências de lexemas formados a partir de sete cores diferentes (cf. KURNICKIENÉ; ŠAPALIENÉ, 2001). O romance de Mann foi traduzido para o português pelo renomado tradutor Herbert Caro, e publicado no Brasil, em 1942, sob o título *Os Buddenbrook: decadência duma família*, de maneira que seria possível cotejar

original e tradução a fim de identificar as soluções criadas por Caro para as expressões com cores contidas no romance. O *corpus* do trabalho parecia, então, estar definido.

Em busca de autores que fornecessem o embasamento teórico necessário à minha pesquisa, fui me familiarizando com as abordagens linguísticas à tradução, e vi nelas a oportunidade de conjugar minhas duas principais áreas de interesse: Linguística e estudos de tradução¹. E, como a literatura sobre o tema logo tornou patente, o elo entre essas duas áreas foi, durante muito tempo, o conceito de equivalência, que acabou por assumir o primeiro plano da presente dissertação, como se verá adiante.

Foi então que entrei em contato com a figura de Werner Koller. Embora amplamente conhecida na Alemanha, a principal obra de Koller, intitulada *Einführung in die Übersetzungswissenschaft* [Introdução à Ciência da Tradução²], ainda não foi traduzida integralmente nem para o inglês, nem para o português, o que limitou consideravelmente o acesso às contribuições do teórico suíço para os estudos de tradução. Lançado originalmente em 1979, o livro traz um panorama histórico dos estudos de tradução, bem como uma longa teorização sobre a questão da equivalência e considerações sobre o lugar que esse conceito deve ocupar no âmbito da disciplina. Para o autor, o conceito de Equivalência (*Äquivalenz*) – sempre grafado, nesta dissertação, com a inicial maiúscula, a fim de diferenciá-lo das noções de equivalência de outros autores – é o que define o objeto de pesquisa dos estudos de tradução, tornando-se assim uma noção indispensável para a configuração destes como uma disciplina autônoma. Com uma tipologia composta de cinco categorias de Equivalência, o autor traz para a discussão sobre tradução aspectos de recepção, normas textuais e a dimensão estética dos textos, diversificando e dinamizando o conceito de equivalência, para além da tradicional dicotomia forma *versus* conteúdo, que estivera no centro das abordagens linguísticas até então.

Devido ao fato de a obra de Koller ser inédita em português, e ao caráter inovador (ao menos para a época) de sua proposta de uma tipologia mais plural, escolhi adotar o modelo do autor como moldura teórica do presente trabalho. Para isso, quando da candidatura à pós-graduação, elaborei um projeto que visava conjugar o instrumental teórico desenvolvido pelo autor com o estudo de um *corpus* empírico, a saber, o romance alemão *Buddenbrooks* e a sua tradução para o português brasileiro. Inicialmente, portanto, a proposta deste trabalho consistia em aplicar a tipologia de Equivalência do autor às soluções encontradas pelo

¹ Sempre que me referir, mais genericamente, às pesquisas feitas na área de tradução e ao campo disciplinar dedicado ao estudo desta, utilizo o termo “estudos de tradução”, em minúsculas e com a preposição “de”, para

² Traduções livres figuram sempre entre colchetes.

tradutor Herbert Caro para as expressões com cores presentes no romance. No entanto, veremos que, no decorrer da pesquisa, a presente dissertação adquiriu um caráter predominantemente teórico e se concentrou sobre a revisão da noção de Equivalência defendida por Koller.

Como veremos neste trabalho, a literatura sobre o tema mostra que Koller, por se autointitular um representante dos estudos de tradução de orientação linguística, é geralmente elencado entre aqueles que reduziram o fenômeno tradutório a uma espécie de operação matemática, na qual o texto na língua de chegada tem de ter o mesmo valor – ser equivalente – ao texto na língua de partida. Chamados por Rodrigues (2000) de “teóricos da equivalência”, esses pesquisadores ambicionavam alavancar os estudos de tradução à condição de disciplina científica, e elegeram o conceito de equivalência como o princípio teórico que, supostamente, garantiria a manutenção de significados pré-fixados pelo autor texto de partida. Nessa visão, esses significados, imanentes ao original, devem ser identificados e reproduzidos o mais exatamente possível pelo tradutor no texto de chegada.

Pressupor a existência de tais significados “transcendentes”, localizados em um plano abstrato e alheio a condicionantes linguísticas e culturais, significa adotar uma atitude universalista frente à tradução. De acordo com Kopetzki (1996), determinada concepção de tradução depende da compreensão que se tem de língua e da diversidade linguística da humanidade. Uma concepção universalista de língua se caracteriza, portanto, pela noção de que todas as línguas humanas compartilham determinados princípios gerais, e de que aquilo que é particular a uma língua ou cultura é apenas um “caso de aplicação” desses princípios. É essa concepção que serve de base à noção de equivalência tradicionalmente propagada pelas abordagens linguísticas à tradução. À concepção universalista de língua e tradução se opõe uma atitude relativista, que consiste na defesa de que cada língua seja a representação de uma visão de mundo específica, exclusiva de uma comunidade linguística e cultural. Admitida essa concepção de língua, a tradução então se afigura não como um ato reprodutivo, e sim produtivo, criador de significados sempre novos, nunca predeterminados.

Ainda segundo Kopetzki, a história da teoria da tradução é marcada por um movimento pendular entre essas duas tendências fundamentais, havendo épocas em que uma se encontrava mais em voga do que a outra. É o que parece acontecer na chamada “virada cultural” dos estudos de tradução. Como se verá nesta dissertação, as teorias linguísticas da tradução eventualmente chegam a um beco sem saída: ao passo que algumas dessas teorias, seguindo uma orientação do senso comum, pregam uma suposta universalidade e estabilidade do sentido, a prática da tradução se revela, invariavelmente, como uma constante

confrontação com a diferença, a alteridade. Nesse contexto, a atividade tradutória se afigura como a ação de um indivíduo criador de significados, e não de um mero reproduzidor de conteúdos pré-fixados pelo autor do original. Constatado o insucesso das teorias de base linguística, portanto, delineia-se a chamada “virada cultural” nos estudos de tradução, que consistiu na passagem de uma atitude “isolacionista” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990: 138) para uma abordagem que levasse em conta o impacto da cultura no processo de tradução. O consenso passa a ser, então, o de que o texto não pode ser recortado de seu entorno e de seu enraizamento cultural, de modo que uma tradução de fato sempre consistirá em um processo de criação (não de reprodução) de significados.

Em tais circunstâncias, mostra-se inegavelmente insuficiente uma noção de equivalência que pressuponha a existência de valores supostamente universais, localizados em um plano abstrato e passíveis de reprodução à revelia da mudança de sistema linguístico e cultural. Snell-Hornby (1995: 22) assinala a “ilusão” criada pela noção de equivalência, que faz crer que haja algum tipo de simetria entre as diferentes línguas. Já Bassnett e Lefevere (1990: 3) denunciam a utilização da equivalência como um *tertium comparationis*, “o ‘algo’ que, supostamente, flutua sobre algum lugar entre as línguas em uma espécie de bolha de ar”, e que garante a manutenção, na tradução, do “valor” do original.

Nesse sentido, pode-se dizer que Koller é representante de uma matriz já considerada ultrapassada, na medida em que sistematiza o fenômeno tradutório com base na equivalência. Não obstante a pluralidade sugerida pela tipologia em cinco categorias criadas pelo autor, a sua Equivalência é frequentemente classificada como “mais do mesmo” na teorização sobre o traduzir. No entanto, é importante ressaltar que a obra do teórico, escrita originalmente em alemão, nunca foi traduzida integralmente para o inglês, o que provavelmente enviesou a recepção de Koller e o relegou, a ele e à sua Equivalência, à mesma condição de diversos outros teóricos da vertente linguística: à obsolescência.

Diante disso, o objetivo do presente consiste em demonstrar que, embora a contribuição de Koller para os estudos de tradução seja vinculada a uma linha de tradição bastante específica, isto é, às abordagens linguísticas que consagraram, mas também engessaram o termo “equivalência”, as concepções de língua e tradução que subjazem à sua noção de Equivalência não podem ser automaticamente associadas a pressupostos universalistas. Segundo minha análise de sua obra, com base em uma concepção antiuniversalista de língua e de tradução, o autor apresenta uma concepção funcional (e não meramente teórica, ou epistemológica) de Equivalência, que individualiza o trabalho do tradutor e atribui a ele a responsabilidade pela criação de sentido no texto traduzido.

Evidências de seu posicionamento antiuniversalista podem ser encontradas em diversos trechos da *Einführung* e de outros textos de autoria de Koller. Como forma de embasar minha análise, apresento ao leitor alguns fragmentos selecionados, traduzidos por mim, nos quais o autor explicita sua atitude frente a questões como a diversidade das línguas, traduzibilidade e a própria equivalência. A estratégia de tradução utilizada por mim é explicitada no início do capítulo terceiro. Das notas de rodapé do mesmo capítulo constam os trechos em alemão, de modo que o leitor também tenha acesso ao texto original.

Nesta pesquisa, tomo por base, entre outros textos do autor, a sétima edição (atualizada) da *Einführung*, lançada em 2004 pela editora alemã Quelle & Meyer, pois esta era a edição mais recente disponível no Brasil quando da redação desta dissertação³. No livro, lançado vinte e cinco anos após a publicação original, é possível observar que Koller estabelece um diálogo com tendências mais recentes nos estudos de tradução, de maneira que, apesar de propor um modelo baseado na Equivalência, a obra do autor não ficou “parada no tempo”. Segundo Pym (1997: 1), a obra seminal de Koller é “um texto que revisitou a si mesmo”.

Em um segundo momento do trabalho, proponho relacionar a concepção de Equivalência de Koller, até aqui discutida no plano teórico, à prática da tradução. Para isso, volto aos *Buddenbrooks*. Mediante a utilização de diferentes recursos da Linguística de *Corpus*, reuni um grande número de ocorrências de palavras e expressões pertencentes ao campo semântico das cores – aos quais chamarei nesta dissertação de “vocábulos cromáticos” – presentes no original alemão de *Buddenbrooks* e na sua tradução brasileira. Uma pequena amostra dos resultados dessa pesquisa é apresentada, neste trabalho, na forma de um exemplo de aplicação da tipologia de Koller, no sentido de demonstrar que a noção de Equivalência proposta pelo autor pode ser relacionada à prática tradutória, desde que entendida como um conceito de ordem operacional.

Assim delineados, os objetivos do presente estudo dão a ver que o enfoque originalmente prático que a proposta inicial teria – analisar contrastivamente as soluções encontradas para as expressões com cores na tradução do romance *Buddenbrooks* – cedeu lugar a uma reflexão de caráter eminentemente teórico. Isso porque a questão da Equivalência e suas articulações com a historiografia dos estudos de tradução acabaram assumindo, ao longo da pesquisa, uma posição de primazia. Dessa maneira, à realocação do foco correspondeu a realocação do objetivo principal do trabalho, que se voltou à proposta de rever

³ Em 2011, foi lançada, pela editora suíça A. Francke, a oitava edição da obra, à qual, no entanto, não tive acesso até a conclusão do trabalho. Da obra mais recente não consta que o texto tenha sido atualizado desde 2004.

a posição ocupada por Koller e seu conceito de Equivalência na historiografia da tradução. Frente à importância dessa revisão, que traz à luz aspectos fundamentais (e geralmente ignorados) da obra de um autor ainda pouco conhecido fora do mundo acadêmico germanófono, a aplicação exaustiva do modelo de Koller a todo o *corpus* extrapolaria os limites de uma dissertação.

É importante notar também que o modelo de Koller não é um instrumental de análise, e sim um instrumental destinado a desvendar e a justificar determinadas escolhas de tradução. As categorias de Equivalência idealizadas pelo autor não são, portanto, ferramentas de crítica da tradução, de maneira que uma análise da tradução de Caro demandaria a junção do aparato teórico desenvolvido por Koller a outra matriz teórica, essa sim a fornecer os parâmetros para uma análise dos vocábulos cromáticos em relação determinada linha de interpretação da obra de Mann, por exemplo. Nesse sentido, os aspectos práticos discutidos nesta dissertação devem ser interpretados, não como respostas definitivas, mas como uma incitação à reflexão, a ser retomada em trabalhos futuros.

A escolha de um *corpus* composto de textos literários é propositalmente polêmica. Na maior parte das vezes, considera-se que o relativo sucesso das abordagens linguísticas (e, por conseguinte, da equivalência) está limitado a textos técnicos, marcados por um grau mais alto de padronização da sintaxe e do vocabulário. Diante disso, argumentar a favor da funcionalidade do conceito de Equivalência com base na tradução literária é não somente uma tentativa de refletir sobre a aplicabilidade prática do conceito proposto por Koller, à luz de textos empíricos, mas também de por em xeque mais esse estigma associado à noção de equivalência nos estudos de tradução.

Como já assinalado, no entanto, a análise propriamente dita das soluções de tradução criadas por Herbert Caro exigiria a junção do modelo de Koller a outras matrizes, em especial às de caráter literário ou simbólico. Nesse sentido, as descobertas possibilitadas pela interface com a Linguística de *Corpus* são disponibilizadas, aqui, como referência para futuras pesquisas, na medida em que apontam para um possível novo ângulo de análise da obra (o das cores), que pode ou não representar uma perspectiva diferente para a análise literária do romance e de sua tradução. Tudo isso, porém, a ser comprovado em outros estudos. Dito isso, passemos à estruturação da presente dissertação.

Composto por seis capítulos, este trabalho se inicia, no capítulo segundo⁴, com a proposta de situar o conceito de equivalência em dois momentos da teorização sobre tradução. À primeira fase (subitem 2.1) corresponde à eclosão das abordagens científicas à tradução e às ambições de objetivar o ato tradutório ao máximo para fins de automação. No subtópico 2.2, voltamo-nos ao segundo momento, no qual se desenvolvem vertentes alternativas nos estudos de tradução, que põem em xeque uma noção de equivalência supostamente universal. Nessa segunda fase, já não cabe mais a pressuposição de valores universais, localizados em um plano abstrato, e passíveis de reprodução à revelia de condicionantes históricas, sociais, políticas e culturais. Tal contextualização emoldura a discussão acerca do lugar que a equivalência ocupou em meio à alternância, identificada por Kopetzki (1996), entre posições universalistas e relativistas na reflexão sobre a tradução. Essa reflexão tem lugar no subitem 2.3 e também será retomada no terceiro capítulo desta dissertação.

O capítulo terceiro visa trazer à luz alguns aspectos fundamentais da obra de Koller que, segundo minha análise, são geralmente ignorados em sua recepção. No subtópico 3.1, apresento uma síntese dos principais pontos defendidos pelo teórico em sua obra seminal, a *Einführung*. Nele também sintetizo e discuto a tipologia de Equivalências sugerida pelo autor, dividida em cinco categorias: Equivalências denotativa, conotativa, textual-normativa, pragmática e estético-formal⁵. O subitem 3.2, por sua vez, dedica-se à análise de trechos selecionados da obra de Koller à luz da dicotomia universalismo-relativismo assinalada por Kopetzki (1996). A análise se destina a evidenciar o caráter antiuniversalista das posições de Koller. O capítulo se encerra com a defesa de um conceito operacional de Equivalência, que se opõe a uma noção teórica e abstrata, destinada a “moldar” o ato de traduzir e que relega o tradutor ao papel de mero reproduzidor de significados. Nesse sentido, a Equivalência, nos moldes de Koller, pode indicar um caminho – dentre os muitos possíveis – para o estabelecimento da ponte entre a teoria e a prática da tradução. São essas reflexões que servem de base, no capítulo quinto, à proposta de aplicação do modelo de Koller a textos empíricos.

No capítulo quarto, será descrito o *corpus* utilizado na elaboração do exemplo de aplicação. No primeiro subtópico (4.1), são apresentados o enredo do romance *Buddenbrooks* e uma breve contextualização da tradução feita por Herbert Caro, bem como o recorte da obra

⁴ Conforme o sistema de numeração determinado pela norma NBR 6024 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), esta introdução corresponde ao capítulo de número um, que, evidentemente, não carece de descrição neste ponto.

⁵ Moreira (2014: 106) traduz o termo por “equivalência formal-estética”. Por uma questão de eufonia, opto pela denominação “estético-formal”.

que escolhi como amostra para a aplicação do modelo de Koller: os vocábulos cromáticos. Já o segundo subtópico (4.2) é dedicado à metodologia adotada neste trabalho, baseada em ferramentas da Linguística de *Corpus*. Nele estão descritos as principais funcionalidades dos programas utilizados nesta pesquisa, explicações dos termos provenientes da Linguística de *Corpus* que forem de relevância metodológica para a presente dissertação, e o passo-a-passo seguido para a obtenção dos dados. Dada a extensão considerável do *corpus* de estudo, os recursos oferecidos por essa abordagem foram fundamentais para a coleta dos dados que servem de base ao exemplo de aplicação, tema do capítulo quinto.

O quinto capítulo, por sua vez, consiste na apresentação de uma pequena amostra dos resultados obtidos mediante os procedimentos descritos no capítulo quarto. Além de apontar para algumas das vantagens de se recorrer à Linguística de *Corpus* no trabalho com originais e suas respectivas traduções, na seção em questão proponho alguns caminhos para a aplicação prática do instrumental teórico desenvolvido no capítulo de número três, admitindo-se, contudo, a fragilidade da tipologia de Koller para uma apreciação avaliativa das soluções de tradução dadas como exemplo. No mais, o capítulo quinto se destina à disponibilização de dados quantitativos e qualitativos que podem vir a ser utilizados em pesquisas futuras, não somente na área dos estudos de tradução, mas também nos campos da teoria literária e da simbologia, por exemplo. Com esse mesmo fim, nos anexos desta dissertação, disponibilizo tabelas das quais constam todas as formas dos vocábulos cromáticos encontrados nos *corpora* em alemão e português (Anexos 1 e 2, respectivamente).

Finalmente, o capítulo sexto reúne as considerações finais acerca das questões abordadas neste trabalho. Nele são retomados os objetivos da pesquisa e as conclusões do trabalho são tecidas à luz dos pressupostos teóricos, elucidados nos capítulos primeiro e segundo, acerca da noção de equivalência. Com base no exemplo de aplicação proposto no quinto capítulo, a última seção desta dissertação traz um balanço a respeito da validade da Equivalência de Koller como conceito operacional no âmbito dos estudos de tradução. O capítulo final ressalta também que o estudo empreendido aqui deve ser visto como um convite à reflexão que, espero, possa abrir caminho a outras pesquisas sobre o assunto, sob os mais diversos enfoques.

2 O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA NA TENSÃO ENTRE UNIVERSALISMO E RELATIVISMO

O presente capítulo tem por objetivo contextualizar a discussão sobre a noção de equivalência de Werner Koller, à qual dedico o terceiro capítulo desta dissertação. Uma vez que a equivalência se encaixa em uma longa tradição do pensamento sobre tradução, situar a proposta do autor suíço em um quadro teórico e histórico mais amplo é importante para compreender e analisar sua visão acerca desse conceito, de modo a evitar que a noção defendida por Koller se confunda com as concepções de equivalência de tantos outros autores que se dedicaram a comentar ou sistematizar o traduzir e as traduções.

Nas páginas a seguir, investigo de que maneira a equivalência figura nas contribuições de diferentes pensadores da tradução, dividindo-as em dois momentos fundamentais: o florescimento das teorias de base linguística e das aspirações a uma Ciência da Tradução, na qual a equivalência adquire o seu valor enquanto conceito teórico (item 2.1), e a chamada “virada cultural”, na qual se desenvolvem vertentes alternativas nos estudos de tradução, que passam então a contestar, modificar e até mesmo rejeitar por completo a noção de equivalência (2.2). De modo a ilustrar as rupturas que marcaram a passagem de um momento para outro, selecionei alguns aspectos fundamentais das obras de autores considerados representantes das abordagens linguísticas, dos Estudos da Tradução de orientação descritivista⁶ e do desconstrutivismo, por entender que:

[...] as posições defendidas pelas correntes citadas representam a mudança que ocorreu e vem ocorrendo na forma como a tradução e a equivalência são encaradas, reflexo da revolução epistemológica a que assistimos, referente ao progressivo abandono do paradigma positivista-cientificista rumo à adoção de posturas científicas e filosóficas ligadas ao pós-modernismo, ou à ausência de um paradigma consensual (OLIVEIRA, A. R. de, 2007: 98).

Neste ponto, cabe ressaltar que este capítulo traz apenas um recorte – dentre os muitos possíveis – da história da teoria de tradução, na medida em que se destina especificamente ao debate acerca da importância teórica da equivalência. Já adianto que não tenho a pretensão de realizar uma exposição exaustiva de todas as teorias aqui apresentadas, mas apenas situar esse

⁶ Nesta dissertação, refiro-me especificamente aos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) como “Estudos *da* Tradução”, com o artigo definido e em maiúsculas. Cruz (2012) diz que esta é a grafia mais frequente na literatura em português brasileiro, “em maiúsculas ou minúsculas, mas sempre com o artigo determinado, provavelmente também para não se confundir com a expressão mais geral, que leva a preposição ‘de’ apenas” (CRUZ, 2012: 19).

conceito histórica e teoricamente, ainda que de maneira tangencial, como forma de encaminhar a discussão sobre a obra de Koller. Trata-se, portanto, de uma breve contextualização, de maneira que o leitor deve contar com algumas simplificações e generalizações.

Por fim, no item 2.3, proponho pensar a equivalência dentro de uma moldura mais geral, para que esta não seja automaticamente descartada como um conceito obsoleto. Minha reflexão é orientada pela hipótese de Kopetzki (1996), segundo a qual a história da teoria de tradução é marcada pelo embate entre posições universalistas e relativistas frente à língua e à tradução. Aproprio-me da oposição sugerida pela autora para evidenciar que o uso do termo “equivalência” nem sempre vem acompanhado de pressupostos universalistas e de uma visão limitante do fenômeno tradutório e do próprio tradutor.

2.1 A Ciência da Tradução

Ainda que nem sempre tenha sido tratada por esse nome, a equivalência se faz presente, sob as mais diversas formas, desde as primeiras reflexões que conhecemos sobre o fenômeno da tradução. É famosa a oposição, criada no século XX pelo linguista Eugene Nida, entre equivalência formal e dinâmica, que contrapõe a manutenção de características formais do texto original à preservação do sentido original. Entretanto, antes de ganhar ares científicos, a ideia de que determinados valores do original devam ser “recuperados” no texto traduzido foi explorada já pelos primeiros pensadores da tradução. Se considerarmos, como afirma Rodrigues (2000: 16), que algumas dessas oposições são, por exemplo, tradução literal *versus* livre, fiel *versus* criativa, letra *versus* espírito etc., então o caminho que leva à equivalência começa já na Roma Antiga, visto que oradores como Cícero (106-43 a. C.) e Horácio (65-8 a. C.) já entendiam o ofício da tradução como a permanente tensão entre palavras e ideias, ou entre forma e sentido.

Koller (2004a: 34) chama de “pré-científicas” (em alemão, *vorwissenschaftlich*) as contribuições de autores hoje reconhecidos como os pioneiros dos estudos de tradução, tais como os oradores romanos Cícero, Horácio, e os teólogos Lutero e Schleiermacher, que escreveram sobre tradução nos séculos XVI e XIX, respectivamente. De acordo com Koller, nesse primeiro momento da teoria, a tradução ainda não era entendida como uma área do saber autônoma, que pudesse ser estudada no âmbito de uma disciplina acadêmica, e a teorização sobre o assunto se dava apenas de maneira assistemática, na maioria das vezes, em forma de comentários esparsos dos próprios tradutores, que, em prefácios ou notas às suas

traduções⁷, refletiam a respeito da sua prática tradutória individual. Nas palavras de Moreira (2014: 50), até a metade do século XX, as teorias de tradução consistiam, basicamente, em “reflexões não desenvolvidas de um tradutor para outro”.

Friedrich Schleiermacher, considerado por Koller (2004a: 41) o autor da “mais importante contribuição teórica para a tradução em língua alemã do século XIX⁸”, reconhece o caráter fragmentário dos escritos sobre tradução de sua época. Um dos primeiros a defender a necessidade de centralização e sistematização das teorias desenvolvidas nesse âmbito, Schleiermacher (1814) afirma:

[...] ainda não surgiu uma teoria de tradução elaborada a partir de fundamentos sólidos, coerente e desenvolvida em sua totalidade; dispomos apenas de fragmentos. E, no entanto, assim como há uma ciência dedicada à literatura clássica, deve haver também uma ciência dedicada à tradução (SCHLEIERMACHER, 1814⁹: 104 *apud* SNELL-HORNBY, 2012: 188).

Cabe ressaltar aqui que, para Koller, a classificação “pré-científica” tem apenas a função de destacar a assistemática que caracterizou as primeiras reflexões sobre a tradução, não havendo nela qualquer juízo de valor que diminua sua relevância em face de teorias ditas “científicas”. De acordo com o linguista suíço, autores como Lutero e Schleiermacher anteciparam questões que são discutidas até hoje no âmbito da disciplina, tais como: o que é traduzir? Quais fatores determinam o processo de tradução? Onde esbarramos nos limites da tradução? Por quais princípios se orientam os tradutores? Quais métodos e procedimentos o tradutor utiliza na solução de problemas de tradução?, entre outras (cf. KOLLER, 2004a: 45).

A classificação de Koller é, portanto, baseada exclusivamente no grau de sistematização das teorias disponíveis em determinado momento, razão pela qual o autor não menciona datas ou momentos históricos específicos. George Steiner, por outro lado, propõe, na obra *After Babel*, uma periodização dessas teorias. Ele divide a história do pensamento sobre tradução em três fases, que se iniciam e se encerram com a publicação de obras consideradas seminais para a teoria de tradução. De acordo com o autor francês, de 46 a.C. a 1804, a maior parte do que se teorizou sobre tradução se encontra nos comentários dos tradutores às próprias traduções (cf. STEINER, 1975: 236), como também afirma Koller.

⁷ A esse tipo de teorização Koller dá o nome de “teorias explícitas de tradução”, em oposição às “teorias implícitas”, que se referem aos aforismos, às metáforas e aos lugares-comuns relacionados ao assunto (cf. KOLLER, 2004a: 34).

⁸ Todas as traduções de fontes não publicadas em português são de minha autoria.

⁹ “*Alte Literatur: Ueber die Farbengebung des Alterthümlichen in Verdeutschung alter klassischer Prosa* [Literatura Antiga. Sobre as marcas do antigo na tradução da prosa clássica para o alemão] (publicado por ocasião da tradução das “Histórias” de Heródoto, feita por Friedrich Lange. Berlim, 1812 a 1813)” (SNELL-HORNBY, 2012: 188).

Localizam-se nesse período as considerações de Cícero, Horácio, Jerônimo e Lutero, entre outros. Entretanto, diferentemente de Koller, que defende a relevância historiográfica das contribuições dessa época, em Steiner, “esse primeiro período, de pura empiria (ou seja, nada científico), tem sua relevância sensivelmente diminuída” (CRUZ, 2012: 21).

Para Steiner, os ensaios *Sobre os diferentes métodos de tradução* (1813), de Schleiermacher, e *Essay on the principles of translation* (1792), de Alexander Tytler, inauguram um segundo período da teoria, no qual “a questão da natureza da tradução é colocada dentro do quadro teórico mais geral das teorias da linguagem e da mente” (STEINER, 1975: 237). Segundo o autor, nessa fase, que se estende do início do século XIX até meados do XX, a teoria adquire terminologia e metodologia próprias e a tradução passa a ser estudada sob a perspectiva da filosofia da linguagem e da hermenêutica.

O terceiro e último¹⁰ período arrolado por Steiner se inicia ao final da década de 1940, quando os “herdeiros do movimento Formalista russo” tentam aplicar estatística e teorias linguísticas à tradução e, a partir daí, aspectos da teoria da informação começam a ser incorporados à discussão sobre tradução e a Linguística Estruturalista de matriz saussuriana é alçada a uma posição de destaque (cf. STEINER, 1975: 237).

Assim, nas palavras de Gentzler (2001: 44), até a metade do século XX, “[a]s pessoas praticavam¹¹ a tradução, mas nunca tinham muita certeza do que estavam praticando”. Somente então se chegou à conclusão de que “era necessária uma abordagem mais sistemática, e a disciplina que parecia ter as ferramentas teóricas e linguísticas necessárias para abordar o problema [da tradução] era a Linguística” (GENTZLER, 2001: 44).

A expectativa acerca das possibilidades que a Linguística tinha a oferecer à pesquisa em tradução é fruto de um momento histórico no qual traduções estavam na ordem do dia. Já ao final da década de 40, começam a circular os primeiros trabalhos a respeito da tradução automática (cf. STEINER, 1975: 237) e, a partir da década de 1950, a crescente internacionalização das relações humanas leva a um *boom* dos programas de tradução por máquina, bem como à necessidade de acelerar a formação de tradutores e intérpretes, como assinala Cruz (2012):

¹⁰ O autor não chega a mencionar um quarto período, mas Bassnett afirma que este coexiste, implicitamente, com o terceiro. Para a autora, a quarta e última fase se localiza no início dos anos de 1960, “é caracterizad[a] por ‘uma volta às pesquisas hermenêuticas, quase metafísicas, sobre a tradução e a interpretação’, ou seja, por uma visão da tradução que situa esta disciplina em uma estrutura ampla, incluindo várias outras [...]” (BASSNETT, 2005: 64).

¹¹ Salvo indicação em contrário, todos os grifos são dos autores citados.

Havia nessa época, como coloca Kopetzki, uma grande demanda pela atividade de tradução: “a internacionalização de economia e política, da pesquisa, do trânsito de pessoas e do comércio fez com que a necessidade de intérpretes e tradutores de textos técnicos desse um salto” (1996: 107-8). [...] A demanda foi entendida pela teoria tanto como necessidade de uma formação mais rápida e padronizada dos tradutores, quanto como possibilidade de automação dessa atividade (CRUZ, 2012: 48-49).

Para ilustrar a importância das tecnologias de automatização da tradução nesse momento, Wilss (1999: 54) cita um acontecimento histórico: em 1957, o programa espacial dos Estados Unidos foi superado pelo dos soviéticos com o lançamento do Sputnik, uma derrota que, segundo Wilss, se deveu, sobretudo, ao fato de os estadunidenses não estarem a par da extensa produção bibliográfica sobre o novo satélite, escrita em russo. Casos como este teriam levado, então, a um desenvolvimento-relâmpago das técnicas de tradução automática nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 60.

Do ponto de vista prático, portanto, a guinada em direção à automatização pressupunha tornar a tradução um fenômeno o mais objetivo possível, que permitisse a derivação de regras gerais para a subsequente elaboração de algoritmos para os programas de tradução por máquina. Do ponto de vista teórico, a Linguística Estruturalista parecia ser o caminho mais promissor, na medida em que “para o estruturalismo, o particular, o individual, o concreto só vai ter interesse naquilo em que nele se revelar o abstrato, a regra, o sistema” (CRUZ, 2012: 25). O sistema linguístico (*langue*) ganha, assim, primazia sobre o uso linguístico (*parole*), como se vê em Saussure (1995: 27, grifos meus): “O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, *essencial*, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; [...] outra, *secundária*, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala [...]”. A priorização do que há de sistemático e de regular no ato tradutório permitiria:

[...] que enfim, a neutralidade e a objetividade atribuídas às ciências naturais e exatas pudessem ser alcançadas pelas ciências históricas ou humanas, e a linguística, além do mais, seria a primeira a ocupar e a orientar a ocupação futura desse novo, promissor e quiçá glorioso espaço de reflexão (CRUZ, 2012: 25).

Neste ponto, cumpre destacar a importante contribuição dos membros da chamada Escola Translatológica de Leipzig¹² (*Leipziger Übersetzungswissenschaftliche Schule*), considerada por Snell-Hornby (1995: 20), “o primeiro grande centro da *Übersetzungswissenschaft* alemã”. O termo *Übersetzungswissenschaft* pode ser traduzido

¹² Conforme Heidermann (2009: ix *apud* MOREIRA, 2014: 81, nota de rodapé), o termo “escola” se refere aqui à tríade “cátedras, revistas e congressos”, ou seja, ao ambiente em que se deram as pesquisas citadas. A denominação “Escola de Leipzig” não representa, portanto, “uma doutrina homogênea e uniforme”.

literalmente como “Ciência da Tradução”, o que aponta para o prestígio que a abordagem científica conquistou nos países de língua alemã (cf. MUNDAY, 2008: 46).

Segundo Wotjak (2006: ix *apud* MOREIRA, 2014: 127), a Escola de Leipzig nasceu no Departamento de Linguística Aplicada da Universidade de Leipzig (na época ainda chamada Universidade Karl Marx), na então Alemanha Oriental. Conforme o autor, a formação de tradutores e intérpretes na própria universidade era a principal fonte de material empírico para pesquisas sobre tradução e interpretação, bem como para estudos de análise contrastiva. Configurou-se assim o ambiente ideal para que a tradução adquirisse, cada vez mais, o estatuto de objeto de pesquisa científica. Entre os principais representantes da Escola de Leipzig estão autores como Gert Jäger, Albrecht Neubert e Otto Kade. Neste capítulo, comentarei mais detidamente apenas alguns aspectos da obra deste último.

Na monografia *Zufall und Gesetzmäßigkeiten in der Übersetzung* [Casualidade e regularidades na tradução], publicada em 1968 no periódico *Fremdsprachen* [Línguas Estrangeiras], Kade, que lecionava na Universidade de Leipzig, se empenha em “definir um objeto concreto, passível de investigação científica – um objetivo que reflete a preocupação de tornar a ‘Ciência da Tradução’ uma disciplina reconhecidamente válida” (MOREIRA, 2014: 86). De acordo com Snell-Hornby (1995: 28), o linguista “apresentou termos técnicos para a disciplina e forneceu definições rigorosas que são utilizadas ainda hoje na comunidade científica germanófona”, incluindo o termo “translação” (*Translation*), que condensa, em uma mesma palavra, tradução e interpretação¹³.

Kade é considerado um pioneiro nos estudos de tradução por ter utilizado aspectos da Teoria da Comunicação para explicar o ato translatório, que passou então a ser visto não como uma simples troca de elementos no nível linguístico, mas como um “ato concreto envolvendo participantes e uma situação extralinguística” (SNELL-HORNBY, 2006: 27). Segundo o autor alemão, uma situação de translação difere fundamentalmente de uma situação de comunicação monolíngue porque o tradutor assume tanto o papel de receptor (do texto de partida) quanto o de emissor (do texto de chegada), além de exercer uma função de recodificador do texto original (cf. KOLLER, 2004a: 106). Assim, em sua obra, a translação é “descrita como uma forma de transferência (*Transfer*) [...] e indica o transporte de um texto para outro sistema linguístico, pelo qual, apesar da mudança de código, o objeto da tradução

¹³ Como alternativa à tradução literal “Ciência da Tradução”, a autora emprega a designação “translatologia” para se referir à *Übersetzungswissenschaft* praticada no âmbito da Escola de Leipzig (cf. SNELL-HORNBY, 1995: 8).

permanece estável” (MOREIRA, 2014: 86). Para Kade, portanto, o problema fundamental da translação é a equivalência.

Na tentativa de sistematizar esse conceito, o linguista formula uma tipologia dividida em quatro categorias, assim sintetizada por Snell-Hornby (1995):

[...] a *equivalência total* é encontrada em termos completamente idênticos, como na terminologia padronizada; a *equivalência facultativa* (correspondência um-para-muitos) é exemplificada por *Spannung*, em alemão, em contraste com *voltage*, *tension*, *suspense*, *stress*, *pressure*, em inglês; a *equivalência aproximativa* (correspondência um-para-parte-de-um) está presente, em *Himmel*, do alemão, em contraste com *heaven/sky*, enquanto a *Null-Äquivalenz* é atestada no caso de itens culturalmente determinados (como *wicket* ou *Privatdozent*) (SNELL-HORNBY, 1995: 20).

A partir das categorias de equivalência propostas por Kade, observa-se que o autor busca fixar correspondências interlinguais mais ou menos exatas, de modo que a ele interessa somente aquilo que o ato translatório tem de *regular*, como já indica o título de seu artigo de 1968. Veja-se a citação abaixo, extraída de obra posterior:

Os processos objetivos (independentes do indivíduo e de sua consciência) na translação são determinados primeiramente por fatores que resultam dos fatos das línguas enquanto código. Sistemas de signos linguísticos demonstram, graças à sua convencionalidade subjacente, um grau elevado de estabilidade, de modo que as relações de equivalência entre as diversas línguas são também sistêmicas e seu efeito na translação tem caráter bastante regular (KADE, 1981: 211 *apud* MOREIRA, 2014: 121)¹⁴.

Assim, embora a pesquisa de Kade se dedique a traduções, expressões histórica e socialmente marcadas da língua, o autor parte do pressuposto de que há, no fenômeno translatório, “processos objetivos”, que se devem exclusivamente à configuração da língua enquanto sistema. Segundo o linguista, é graças à natureza sistemática e convencional das línguas que é possível, ao traduzir, estabelecer relações de equivalência entre elas.

De acordo com Snell-Hornby (1995: 20), uma “característica da abordagem de Kade é a suposição implícita de que o sistema linguístico possa ser igualado à realização concreta em um texto”. Se retomarmos a dicotomia saussuriana entre *langue* e *parole*, na qual a primeira é definida como “um sistema gramatical que existe virtualmente [...] nos cérebros dum conjunto de indivíduos [...]” (SAUSSURE, 1995: 21) e a última como “um ato individual de vontade e inteligência [...]”, cujas “manifestações são individuais e momentâneas” (idem, *ibid.*: 22, 28), o que Snell-Hornby sustenta é que, na obra do autor, a *langue* se confunde com a *parole*,

¹⁴ Como nota Moreira (2014: 58), “[a] busca por regularidades teria sido a tônica da tradutologia soviética desde os anos de 1950”, de modo que a ênfase dada por Kade a esse aspecto específico está provavelmente relacionada ao fato de o autor lecionar na Universidade de Leipzig, na então República Democrática Alemã (RDA), à época sob o domínio da União Soviética.

respectivamente. A indefinição dos limites entre essas duas dimensões da linguagem, porém, não é exclusiva à pesquisa de Kade e acabará por “contaminar” a própria noção de equivalência, como se verá adiante.

Na tentativa de delimitar o campo de ação dos estudos de tradução, autores como Catford (1980) e Koller (2004a, 2004b) advogam uma diferenciação entre os termos “equivalência” e “correspondência”. De acordo com Koller, o primeiro deve ser empregado nos estudos de tradução, ao passo que o último deve permanecer restrito à Linguística Contrastiva, pois esta é a área do conhecimento que se ocupa de questões formais, que dizem respeito ao sistema linguístico, à gramática das línguas contrastadas. No caso da tradução, por outro lado, o objeto de estudo é a *parole*, na medida em que o tradutor trabalha com textos, ocorrências concretas, nas quais o uso da língua é individual e histórico, de maneira que a equivalência se dá entre elocuções ou textos, “não entre estruturas e orações de duas línguas” (KOLLER, 2004b: 350).

A diferenciação sugerida por Koller será exposta mais detalhadamente no terceiro capítulo desta dissertação. Por ora, interessa-me apenas ressaltar que, nas primeiras pesquisas sobre tradução, a distinção entre equivalência e correspondência formal é um tanto nebulosa. Como nota Ivir (1981):

Em princípio, talvez, os dois termos possam ser discutidos separadamente em suas duas disciplinas [a correspondência formal na análise contrastiva e a equivalência nos estudos de tradução] e é, de fato, possível imaginar uma teoria de tradução que opere com o conceito de equivalência definido sem referência à correspondência formal, como é possível imaginar uma análise contrastiva que inclua o conceito de correspondência que seja determinado sem o recurso à tradução. Na prática, entretanto, estudiosos da tradução e analistas contrastivos têm considerado necessários ambos os termos (IVIR, 1981: 51 *apud* RODRIGUES, 2000: 19).

De acordo com Rodrigues (2000: 26), em estudos de análise contrastiva, o termo “equivalência” geralmente se referia a um *tertium comparationis* – expressão latina que designa o elemento comum a dois ou mais objetos e que permite que esses objetos sejam comparados – ou seja, um dado que deveria “fornecer os critérios básicos para a comparação entre línguas”. Para Halliday, McIntosh e Stevens (1974), por exemplo, a comparabilidade entre as línguas (em um nível estritamente formal) só pode ser estabelecida mediante a existência da “equivalência contextual”, que é, por sua vez, fornecida na tradução.

A equivalência contextual é definida pelos autores como “a relação entre dois ou mais textos que desempenham idêntico papel em idêntica situação” (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEN, 1974: 149 *apud* RODRIGUES, 2000: 29). Dessa maneira, a oração em francês “*j’ai soif*” (“tenho sede”) é considerada o equivalente contextual de “*I’m*

thirsty” (“estou com sede”), em inglês, pois ambas são usadas em situações muito similares. Porém, como nota Rodrigues (2000: 30): “Esse exemplo indica, entretanto, que a equivalência contextual a que os autores se referem não é exatamente situacional nem a que seria realizada por tradutores, mas uma tradução idealizada para satisfazer a determinadas condições”.

O mesmo problema é identificado pela pesquisadora no estudo de Krzeszowski (1981). Segundo o autor, a equivalência se estabelece no nível semântico das línguas, não no nível formal, de modo que, em situações autênticas de tradução, o tradutor nem sempre recorre a equivalentes semânticos (por razões formais, estilísticas ou pragmáticas). Assim sendo, ocorrências reais de tradução não podem servir de base para o estabelecimento da equivalência e, conseqüentemente, não representam um substrato adequado para a prática da análise contrastiva (cf. RODRIGUES, 2000: 33).

Por esse motivo, pesquisas de caráter contrastivo geralmente se baseiam em “traduções” idealizadas de orações absolutamente descontextualizadas. Em vez de se voltarem para o contexto efetivo de uso, os analistas contrastivos apenas selecionam uma tradução, dentre muitas alternativas – fornecidas não necessariamente por um tradutor, mas por falantes bilíngues considerados competentes – que lhes permita fazer a comparação desejada. Nas palavras de Rodrigues (2000):

A atividade tradutória é idealizada, quando não excluída da teoria, e os produtos dessa atividade acabam por se considerarem desviantes no interior do campo de estudo (Krzeszowski, 1981), justamente por não exibirem as relações postuladas pelos teóricos (RODRIGUES, 2000: 36).

Logo, o que em análise contrastiva se convencionou chamar de “equivalência de tradução” quase nada tem a ver com a tradução propriamente dita, e é sintoma de uma “concepção a-histórica de tradução e de leitura, se não de linguagem” (RODRIGUES, 2000: 35). O problema é que, como nota Rodrigues, essa noção “asséptica” de equivalência não permaneceu restrita a essa subárea da Linguística:

Mesmo idealizada, mesmo tendo passado por um processo de total assepsia, mesmo em um único modelo de referência, a “equivalência de tradução”, ou a “equivalência” não se refere a um único tipo de relação na área de lingüística contrastiva. Se isso já é problemático em um campo de pesquisa que lida com o sistema lingüístico e busca abstrair do conceito todas as referências a situações reais de tradução, a questão fica mais problemática quando se tenta sistematizar a tradução por meio de um conceito de equivalência, como faz Catford (RODRIGUES, 2000: 37).

Na citação acima, Rodrigues se refere ao linguista John Catford, autor do livro *Uma teoria lingüística da tradução*¹⁵, originalmente publicado em 1965. No prefácio à obra, Catford afirma ter como objetivo determinar o que é de fato a tradução, bem como elaborar “[...] uma teoria de tradução que se pode esboçar em qualquer exame de problemas específicos desse campo”, ainda que de maneira experimental e incompleta (CATFORD, 1980: prefácio). No entanto, sua proposta se assemelha “muito mais ao estudo de semelhanças e diferenças entre línguas do que ao estudo da tradução” (RODRIGUES, 2000: 38).

Catford define tradução como “*a substituição de material textual numa língua (LF [língua-fonte]) por material textual equivalente noutra língua (LM [língua-meta])*”¹⁶ (1980: 22). No quadro de trabalho do autor, a equivalência é, então, uma “palavra chave”, na medida em que “[o] problema central em prática de tradução consiste em encontrar equivalentes de tradução na língua-meta. Uma tarefa central em teoria de tradução é definir a natureza e as condições da equivalência de tradução” (CATFORD, 1980: 23).

Diante da importância atribuída à equivalência em sua teoria, Catford considera necessário distinguir o conceito de **equivalência textual** da noção de **correspondência formal**, como faria Koller no final da década de 1970. Transcrevo abaixo a diferenciação defendida pelo linguista inglês:

Um equivalente textual é qualquer texto ou porção de texto da LM que [...] se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF. Por outro lado, um correspondente formal é qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na “economia” da LM o “mesmo” lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF (CATFORD, 1980: 29).

Essa distinção remete à já referida oposição saussuriana entre *langue* e *parole*. Uma vez que um texto ou porção de texto são a expressão do pensamento de um indivíduo (ou de um conjunto de indivíduos que, no entanto, não corresponde à totalidade dos falantes de determinada língua), a equivalência textual se encontraria no âmbito da *parole*. A correspondência formal, por sua vez, enquanto parte da “economia” da língua, diz respeito a um conjunto de signos organizados em um sistema, ou seja, à *langue*. Depreende-se disso

¹⁵ Título original em inglês: *A linguistic theory of translation*. Na elaboração deste capítulo utilizei a tradução publicada em 1980, de autoria dos alunos do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês da PUC de Campinas, gentilmente cedida pelo professor João Azenha Júnior. Deixo aqui registrados meus agradecimentos.

¹⁶ Catford utiliza o termo “material textual” em vez de “texto” porque “em condições normais não é a totalidade de um texto da LF o que se traduz, isto é, o que se substitui por *equivalentes* da LM” (CATFORD, 1980: 22). Por exemplo: na tradução da frase *What time is it?* para o português “Que horas são?”, haveria uma substituição da gramática e do léxico em inglês para equivalentes em português, mas “a forma grafológica da LM não é em absoluto um *equivalente* de tradução da forma grafológica da LF” (idem, *ibid.*: 23).

que, para a tradução, uma operação textual que se dá no plano individual, o que interessa é a equivalência textual, não a correspondência formal.

Entretanto, o que Catford chama de tradução se resume apenas à passagem de orações descontextualizadas, de uma língua para outra, como se vê no seguinte exemplo:

[...] para encontrar o equivalente textual francês do texto inglês *My son is six* (= “O meu filho tem seis anos”), pedimos a um tradutor competente que o passe para a LM francesa. Ele traduz por *Mon fils a six ans*. Esse, então, é o equivalente textual de *My son is six* (CATFORD, 1980: 29-30).

Observa-se aqui que a similaridade da proposta de Catford com o que faziam os analistas contrastivos não diz respeito somente à seleção do material a ser analisado (as orações descontextualizadas); o autor também atribui a tarefa de identificar equivalentes textuais a um falante bilíngue competente (no caso, o “tradutor competente”). Nos casos em que não é possível obter a equivalência por meio desse método, uma alternativa seria, segundo Catford, um “procedimento mais formal”: os testes de comutação (cf. CATFORD, 1980: 29-30). A comutação consiste em alterar trechos ou palavras em dado texto na língua-fonte para verificar se isso acarretaria alterações no texto na língua-meta. Com base nesses testes, seria possível identificar o “equivalente textual de tradução”, ou seja, “*a porção de um texto da LM que se modifica quando, e somente quando, se modifica determinada porção do texto da LF*” (CATFORD, 1980: 30).

A partir da identificação da equivalência textual, seja por meio do recurso a um falante bilíngue ou tradutor, ou mediante testes de comutação, poder-se-ia determinar a probabilidade da equivalência de tradução. Um levantamento quantitativo dos equivalentes obtidos possibilitaria inferir a probabilidade de que um item na língua-fonte seja traduzido por um item específico na língua-meta em determinado texto: “dividindo-se o número de ocorrências de cada equivalente particular pelo número total de ocorrências do item na LF obtemos a probabilidade de equivalência de cada equivalência particular” (CATFORD, 1980: 32). A partir desse cálculo, obtém-se a probabilidade incondicionada de equivalência.

Contudo, “as probabilidades de equivalência são, de fato, constantemente afetadas por fatores contextuais e *co-textuais*” (CATFORD, 1980: 33), de modo que o que interessa ao autor é a probabilidade condicionada da equivalência. De acordo com o autor, os elementos contextuais dizem respeito aos fatores extratextuais considerados linguisticamente relevantes para o texto como um todo; o cotexto, por sua vez, corresponde aos elementos textuais no entorno do item em questão. A título de exemplo, Catford analisa a probabilidade de que a

palavra francesa *dans* seja traduzida para o inglês como *into* e chega à seguinte conclusão, sintetizada por Rodrigues (2000):

No caso dado como exemplo, a probabilidade incondicionada de que “*dans*” seja traduzida por “*into*” é apenas 0,19, mas a probabilidade condicionada é mais alta quando a preposição é precedida por certos verbos de movimento e próxima a 1, ou seja, à certeza, quando um substantivo referente a lugar segue a preposição (RODRIGUES, 2000: 40, nota de rodapé).

O linguista afirma ainda que seria possível, desde que a amostra seja grande o suficiente, recorrer a esses valores probabilísticos para formular “regras de tradução”, “aplicáveis a outros textos e talvez à ‘língua como um todo’” (CATFORD, 1980: 33). Para o autor, essas regras podem evoluir para “algoritmos de tradução”, que encontrariam aplicação na tradução automática. Veja-se o que diz o próprio Catford (1980) a esse respeito:

Para tradutores humanos, as regras podem lançar mão do significado *contextual* (por exemplo, “*dans*: traduzir por *in* a não ser que um verbo de movimento a preceda e um nome de lugar a siga”, ou algo semelhante). Se a finalidade é tradução mecânica, as regras de tradução podem ser instruções operacionais para *pesquisa co-textual* de itens marcados no glossário da máquina por diacríticos particulares, com instruções para imprimir o equivalente condicionado particular em cada caso. Essas instruções operacionais que, se seguidas, podem ser garantidas com alto grau de probabilidade a fim de produzir um resultado “correto”, se conhecem como *algoritmos*. [...] Em geral, para serem eficientes, os algoritmos de tradução devem basear-se em equivalências com probabilidades próximas de 1 (CATFORD, 1980: 33-34).

A partir do que foi exposto, é possível afirmar que as noções de tradução e de equivalência de Catford são “muito próxima[s] à concepção abstrata e idealizada, da qual toda contextualização é retirada, postulada pelos linguistas contrastivos” (RODRIGUES, 2000: 61). Coloca-se aqui o que RODRIGUES (2000: 100) chama de “lacuna entre a teoria e a prática” na obra do autor. Segundo a pesquisadora, a proposta do linguista é contraditória na medida em que advoga, na teoria, “relações objetivas entre o analista/tradutor e o texto, enquanto a prática se revela interpretação do sujeito”. À semelhança dos analistas contrastivos, Catford recorre a traduções idealizadas de orações isoladas porque traduções de textos autênticos nem sempre refletem a objetividade de que o autor necessita para o desenvolvimento de sua noção de equivalência.

Prova disso é o fato de que Catford só recorre a traduções autênticas ao falar de intraduzibilidade. Para o autor, um texto é considerado intraduzível quando não há possibilidade de relacionar os traços funcionais relevantes da situação da língua-fonte aos da língua-meta: “A tradução fracassa – ou ocorre mesmo a inviabilidade da tradução – quando é impossível colocar no significado contextual do texto da LM os traços funcionalmente relevantes da situação” (CATFORD, 1980: 104). Apesar de usar o termo “impossível”,

Catford não vê a traduzibilidade como um valor absoluto, e sim como um *continuum*: “Aliás, a possibilidade de tradução afigura-se aqui, intuitivamente, mais como uma faixa e não como uma dicotomia claramente definida. Textos e itens da LF são antes *mais* ou *menos* traduzíveis que absolutamente *traduzíveis* ou *intraduzíveis*” (idem, *ibid.*: 103). E, para o linguista, o que determina o grau de intraduzibilidade de um texto são fatores de natureza linguística ou cultural.

Conforme Catford, a impossibilidade linguística de tradução ocorre “apenas quando o traço formal da LF é *ele próprio* um traço textual-e-funcionalmente-relevante” (CATFORD, 1980: 109), ou seja, quando o elemento a ser traduzido é funcionalmente relevante naquela situação de tradução específica. No entanto, Catford admite que o critério da funcionalidade é de caráter subjetivo: “Uma decisão, em qualquer caso particular, sobre o que seja funcionalmente relevante nesse sentido deve permanecer até certo ponto uma questão de opinião, no presente estágio do nosso conhecimento” (idem, *ibid.*: 104), o que mais uma vez aponta para a contradição entre a prática de tradução, que pressupõe a intervenção da subjetividade, e a teoria, que se pretende o mais objetiva possível.

A impossibilidade cultural de tradução, por sua vez, ocorreria quando “um traço de situação funcionalmente relevante para o texto da LF está completamente *ausente* da cultura de que faz parte a LM” (CATFORD, 1980: 109). O autor cita como exemplo a tradução da palavra *yukata*, substantivo japonês que designa uma espécie de roupão fornecido pelos hotéis aos hóspedes, no seguinte texto: “após o banho, envolveu o corpo ainda brilhante no simples *roupão de banho do hotel*, e saiu para encontrar os amigos no café, rua abaixo” (idem, *ibid.*: 113). A um leitor não familiarizado com a cultura japonesa, provavelmente parecerá inusitado que um hóspede tenha saído de seu hotel vestindo um roupão de banho, pois a palavra *yukata* está inserida em um contexto cultural ao qual o leitor da tradução, a princípio, não tem acesso. Contudo, segundo Catford, esse estranhamento se deve menos a um “choque cultural” e mais a um “choque de associação”¹⁷ (CATFORD, 1980: 113) na medida em que um leitor brasileiro, por exemplo, não esperaria ver a expressão “roupão de banho” no mesmo contexto de “sair para encontrar os amigos”, de modo que:

Embora [...] tenhamos distinguido impossibilidade linguística e impossibilidade cultural de tradução, pode-se perguntar se essa distinção é, em última análise, necessária. Em muitos casos, ao menos, o que torna “intraduzíveis” itens “culturalmente intraduzíveis” é o fato de que o uso de qualquer equivalente

¹⁷ “Choque de associação” é a expressão utilizada na tradução que tomo por base. No entanto, do original, consta a expressão *collocational shock* (CATFORD, 1969: 102), que poderia ser traduzida por “choque de colocados”, na medida em que são colocações (isto é, as palavras e expressões que coocorrem) inusitadas que provocam, no plano do texto, um choque nas redes associativas.

aproximado de tradução no texto da LM produz uma *associação insólita* na LM. Falar de “impossibilidade cultural de tradução” pode ser apenas outra maneira de falar sobre impossibilidade de tradução das associações: a impossibilidade de encontrar uma associação equivalente na LM. E isso seria um tipo de impossibilidade lingüística de tradução (CATFORD, 1980: 112).

Nesse ponto, o autor reduz problemas culturais de tradução a questões de ordem formal. O que geralmente seria considerado um choque cultural se resume, para Catford (1980: 113), a uma “associação insólita”, a uma diferença restrita ao nível sintagmático da língua. Tal afirmação reflete aquela mesma predileção pela *langue*, característica do paradigma estruturalista que dominou as primeiras pesquisas sistemáticas sobre o tema da tradução. Na tentativa de tornar tão objetiva quanto possível a atividade do tradutor, condicionantes de ordem cultural e subjetiva são retratadas como condicionantes meramente estruturais, na medida em que fatos da *langue* são passíveis de sistematização, pois fazem parte de um inventário fixo e imutável, ao passo que a *parole* é fruto da ação do sujeito, da história e da cultura, pressupondo assim uma variabilidade e uma singularidade que não se coadunam com uma abordagem propriamente científica, baseada em dados quantificáveis e objetivos.

Mas, de acordo com Snell-Hornby, Catford e os cientistas da tradução alemães não foram os únicos responsáveis pelo “boom das teorias linguísticas estritamente científicas” (SNELL-HORNBY, 1995: 14, grifo meu). Ainda no mundo anglófono, mas desta vez nos Estados Unidos, o livro *Towards a Science of Translating*, de Eugene Nida, “se tornou a base sobre a qual foi fundado um novo campo de investigação no século XX – a ‘ciência’ da tradução” (GENTZLER, 2001: 46), quando foi lançado em 1964.

Tradutor da Bíblia, Nida já publicara alguns artigos sobre a tradução das Sagradas Escrituras nos anos de 1950, bem como o livro *Message and mission* (1960), e, inicialmente, seus estudos eram mais orientados para a prática do que para a teoria de tradução. Porém, o autor, “consciente da natureza assistemática de uma abordagem orientada para a prática, tentou validar cientificamente a sua metodologia e aplicá-la à tradução como um todo” (GENTZLER, 2001: 46). Para isso, Nida propõe um método de tradução calcado na noção de estrutura profunda elaborada pelo linguista Noam Chomsky, como veremos adiante.

Assim como em Catford, a noção de equivalência ocupa um lugar central no quadro de trabalho de Nida. O autor parte do pressuposto de que nenhuma língua é inteiramente igual a outra e, por isso, não há como existir equivalência tradutória absoluta. Assim, traduzir consistiria em buscar o equivalente mais próximo possível (cf. NIDA, 1964: 156-157). Este pode ser encontrado de duas maneiras: ou o tradutor prioriza a forma do texto de partida,

mantendo-se “fiel” à estrutura original, ou prioriza a mensagem, o conteúdo do texto de partida, abrindo mão da atenção à forma. Essas são, respectivamente, as **equivalências formal e dinâmica**.

Para alcançar a equivalência formal, seria necessário “[...] traduzir substantivos por substantivos, verbos por verbos, etc. manter a estrutura das frases [...] e preservar os indicadores formais como pontuação, parágrafos etc.” (FUJIHARA, 2010: 19). A equivalência dinâmica, por sua vez, por privilegiar a mensagem, autoriza uma maior liberdade formal, na medida em que prioriza a clareza da expressão para os leitores do texto de chegada. Esse tipo de equivalência é exemplificado pela tradução de J.B. Philips de um versículo bíblico (Romanos 16:16), que traduz “beijo santo” como “um aperto de mão caloroso por todo o corpo” (cf. NIDA, 1964: 160). A equivalência dinâmica está relacionada, portanto, à inteligibilidade da tradução, e introduz na discussão sobre tradução a questão da recepção, que até então havia sido negligenciada nas pesquisas sobre o tema.

Em obra escrita em conjunto com Charles Taber, intitulada *Theory and practice of translation* e originalmente publicada em 1969, Nida afirma: “Traduzir consiste em reproduzir, na língua receptora, o ‘equivalente natural mais próximo’ da mensagem da língua-fonte, primeiro em termos de significado e, segundo, em termos de estilo” (NIDA; TABER, 1982: 12). Em outras palavras: o bom tradutor deve ter como objetivo transmitir, para o seu leitor na língua de chegada, a mensagem do original, recorrendo a formas linguísticas (léxico e sintaxe) tidas como “naturais” para esse leitor; afinal: “A melhor tradução não soa como uma tradução” (idem, ibid.: 12).

Nida demonstra, assim, uma clara preferência pela equivalência dinâmica. Esta é alçada à condição de parâmetro para a avaliação da qualidade da tradução: “[...] é a compreensão da M₂ [mensagem 2, ou texto traduzido] pelo R₂ [receptor 2, ou receptor da tradução] que deve, em última instância, servir como critério de correção e adequação da M₂.” (NIDA; TABER, 1982: 23). A predileção pela equivalência dinâmica também é assumida explicitamente no sistema de prioridades que deve servir de orientação para os tradutores, como se vê abaixo:

- (1) a consistência contextual tem prioridade sobre a consistência verbal (ou concordância palavra por palavra), (2) a equivalência dinâmica tem prioridade sobre a correspondência formal¹⁸, (3) a forma auditiva (ouvida) da linguagem tem prioridade sobre a forma escrita, (4) formas que são usadas por e aceitáveis pelo

¹⁸ Como afirma Rodrigues (2000: 75, nota de rodapé): “Em *The theory and practice of translation* (1982), passa-se a usar o sintagma ‘correspondência formal’ em lugar de ‘equivalência formal’”. Neste capítulo, opto por sempre utilizar este último para me referir ao conceito proposto por Nida, de forma a evitar confusões com a noção de correspondência formal de Catford.

público ao qual se destina a tradução têm prioridade sobre formas talvez mais prestigiosas tradicionalmente (NIDA; TABER, 1982: 14).

Percebe-se aqui que Nida retoma algumas dicotomias clássicas da reflexão sobre a tradução, como já sugerira Rodrigues (2000: 16). Desconsiderando-se a “roupagem científica”, sua equivalência formal corresponde essencialmente à tradicional tradução literal, ou palavra por palavra. Ao dar primazia à equivalência dinâmica, Nida argumenta em favor da tradução livre, fiel somente ao sentido, à mensagem original. Assim, embora a abordagem de Nida pareça ter um caráter mais pragmático, na medida em que traz para a discussão questões de recepção do texto traduzido, a proposta do autor ainda está afinada com uma concepção bastante tradicional do ato tradutório. Como assinala Cruz (2012):

[...] o ideal de racionalidade científica que contamina os estudos sobre tradução desse tempo seria também o que facultaria a retomada da dicotomia entre tradução literal e livre como a questão central nos estudos sobre tradução (CRUZ, 2012: 50).

Em Nida, porém, a priorização da mensagem em detrimento da forma não tem uma justificativa puramente científica. Enquanto tradutor da Bíblia, o autor faz considerações que não estão isentas de princípios religiosos e teológicos, ainda que estes figurem apenas implicitamente em sua obra. Veja-se, a esse respeito, o comentário de Gentzler (2001):

Por conta da magnitude da importância teórica atribuída à mensagem original em qualquer tradução da Bíblia, o princípio fundamental que governa a teoria de Nida foi proporcionalmente predeterminado: a comunicação do espírito da mensagem original entre as culturas é sempre primária (GENTZLER, 2001: 46).

Ou seja: se a mensagem foi pré-fixada pelo próprio Deus, o tradutor faria bem em optar pela equivalência dinâmica, para que o conteúdo seja adequadamente compreendido pelos receptores.

Uma vez estabelecida a primazia da equivalência dinâmica sobre a equivalência formal, Nida propõe uma metodologia de tradução que, segundo ele:

[...] reflete muito melhor a verdadeira natureza das estruturas linguísticas, e por isso reflete muito mais precisamente o que acontece em uma boa tradução e representa um método muito mais eficiente para o domínio da técnica de tradução [...] (NIDA; TABER, 1982: 34).

O que Nida classifica como “boa tradução” resultaria de um processo dividido em três etapas: 1) análise, na qual o tradutor faz uma apreciação do texto original no tocante a) às relações gramaticais entre palavras e b) ao significado das palavras e combinações de palavras; 2) transferência, na qual o material previamente analisado é “transportado”, na mente do tradutor, para a língua-alvo; 3) reestruturação, na qual o material transferido é

“reconstruído” de modo a torná-lo inteiramente inteligível para o receptor da tradução (cf. NIDA; TABER, 1982: 34). O esquema proposto é representado, na obra, pelo seguinte diagrama:

Figura 1: Os três estágios da tradução, segundo Nida e Taber (1982: 32).

A primeira etapa, de caráter analítico, é baseada em um processo de retrotransformação (*back-transformation*) que permitiria “desconstruir” as formulações efetivamente realizadas no texto original até alcançar a chamada “estrutura profunda” da língua, que consiste em sentenças nucleares (*kernel sentences*), ou núcleos (*kernels*). Segundo Nida, há estudos que demonstram que, em todas as línguas, há de seis a doze sentenças-núcleo, a partir das quais são elaboradas todas as estruturas sintáticas mais complexas (cf. NIDA; TABER, 1982: 39), e é por esse motivo que o processo de retrotransformação seria de grande utilidade para a tradução.

A estrutura profunda de que fala Nida é um conceito emprestado da gramática gerativo-transformacional de Chomsky (cf. MUNDAY, 2008: 38). Embora o autor negue que sua proposta se baseie no trabalho de Chomsky, Gentzler (2001: 45) afirma que, dois anos antes da publicação oficial, Nida tivera acesso a uma cópia mimeografada do livro *Estruturas Sintáticas*, no qual Chomsky apresenta uma versão preliminar de sua teoria. A incorporação da componente transformacional teria sido, inclusive, essencial para que a Ciência da Tradução de Nida ganhasse legitimidade e para que sua obra se tornasse “a ‘Bíblia’ não somente para a tradução da Bíblia, mas para a teoria de tradução em geral” (GENTZLER, 2001: 45).

O modelo chomskiano se baseia na diferenciação entre competência e performance, respectivamente: “o conhecimento que o falante-ouvinte possui da sua língua” e “o uso

efectivo¹⁹ da língua em situações concretas” (CHOMSKY, 1975: 84). Uma gramática gerativa teria como objetivo, portanto, descrever a competência do falante ideal, ou seja, entrever as estruturas formais que o falante é capaz de conceber, mas não necessariamente realiza. A gramática chomskiana consiste, assim, “num sistema de regras que, dum modo iterativo, podem gerar um número indefinidamente grande de estruturas” (idem, *ibid.*: 97), sejam estas sintáticas, fonológicas ou semânticas.

Chomsky se ocupa exclusivamente da componente sintática da gramática. Para ele, a sintaxe é composta de uma estrutura profunda e de uma estrutura de superfície. A primeira está condicionada a uma interpretação semântica e a segunda, a uma interpretação fonética (pois é a estrutura de superfície que é efetivamente realizada pelo falante). Porém, essas duas estruturas nem sempre são idênticas, e daí advém o subcomponente transformacional do modelo chomskiano:

A ideia central da gramática transformacional é a de que elas [as estruturas profunda e de superfície] são, em geral, distintas, e de que a estrutura de superfície é determinada pela aplicação repetida de certas operações formais chamadas ‘transformações gramaticais’, sobre objectos de natureza mais elementar (CHOMSKY, 1975: 98).

Um exemplo de transformação gramatical é a passagem da voz ativa para voz passiva. Segundo Chomsky, as sentenças “Eu esperava que um especialista examinasse o João” e “Eu esperava que o João fosse examinado por um especialista”, embora apresentem diferentes estruturas de superfície, possuem a mesma estrutura profunda: Sintagma Nominal (eu) – Verbo (esperava) – Frase (um especialista examinaria o João). Entre estas sentenças, ocorre uma transformação passiva na frase encaixada (cf. CHOMSKY, 1975: 105-106).

De passagem, cumpre dizer que, embora o estudo de Chomsky se refira unicamente à dimensão sintática das línguas, sua noção de estrutura profunda tem implicações para a reflexão sobre tradução e equivalência. Se se parte do princípio que as orações “Eu esperava que um especialista examinasse o João” e “Eu esperava que o João fosse examinado por um especialista” têm a mesma estrutura profunda, pode-se inferir disso que as orações são, basicamente, equivalentes. Ao passo que tal concepção tem sua validade se pensarmos nos termos de um núcleo abstrato de sentido, na tradução – sobretudo de literatura – a utilização da voz ativa ou da voz passiva tem consequências bastante concretas para a análise estilístico-literária: a primeira enfatiza o sujeito e a segunda, o objeto. A opção por uma ou pela outra nunca é, especialmente na escrita tradutória, um ato de ingenuidade. Escolher entre duas

¹⁹ Utilizo aqui a tradução portuguesa do livro de Chomsky. Nas citações, optei por não adaptar a grafia ao português brasileiro.

estruturas de superfície, ainda que o núcleo seja, a princípio, “equivalente”, invariavelmente implica um posicionamento do autor ou, no nosso caso, do tradutor. Esse tipo de transformação gramatical é, portanto, um bom exemplo de como uma tradução é, necessariamente, fruto de ingerências feitas por um indivíduo dotado de criatividade e subjetividade próprias. Voltaremos a isso mais adiante.

Na teoria de Chomsky, porém, a estrutura profunda não é o elemento mais básico da componente sintática. A ela subjazem o que o autor denomina “indicadores sintagmáticos de base”, “unidades elementares a partir das quais são formadas as estruturas profundas” (CHOMSKY, 1975: 98). Ou seja: a base da componente sintática consiste em um sistema de regras que gera uma estrutura profunda. Esta, por sua vez, ao sofrer as chamadas “transformações gramaticais”, adquire diferentes formas na estrutura de superfície, de modo que se adeque ao contexto de uso. É dessa forma que, nas palavras de Humboldt, “uma língua pode fazer um uso infinito de meios finitos” (cf. idem, *ibid.*: 88).

Dessa maneira, como afirma Gentzler (2001: 46-47): “A teoria de Chomsky envolve três níveis de conceptualização: (1) um componente de base composto de ‘regras de estrutura frasal’ que geram (2) uma estrutura profunda que, por sua vez, é convertida, por meio de regras transformacionais, em (3) uma estrutura de superfície”. É possível, portanto, sintetizar a proposta do autor nos termos de um duplo movimento: a base da componente sintática gera uma estrutura profunda que, submetida a regras transformacionais, dará origem à estrutura de superfície.

Na teoria de Nida, porém, o primeiro movimento é omitido, restando somente a transformação da estrutura profunda em estrutura de superfície, que ocorrerá na segunda etapa do seu esquema trifásico, denominada transferência. Dessa maneira, Nida simplifica o modelo de Chomsky para adequá-lo à sua teoria de tradução (cf. GENTZLER, 2001: 47). Contudo, o próprio Chomsky advertiu contra a aplicação de sua teoria ao fenômeno tradutório:

A existência de universais formais profundos [...] implica que todas as línguas são construídas obedecendo ao mesmo padrão, mas não implica que exista uma correspondência ponto por ponto entre línguas particulares. Não implica, por exemplo, que exista qualquer processo razoável de tradução entre línguas (CHOMSKY, 1975: 112-113).

Depreende-se da citação acima que o modelo de Chomsky é essencialmente monolinguístico e que o autor não tem a pretensão de afirmar que todas as línguas compartilhem determinadas propriedades universais, ao contrário do que faz Nida ao dizer que todas as estruturas sintáticas de todas as línguas remetem a um conjunto predeterminado de núcleos.

É patente também uma diferença metodológica fundamental entre os trabalhos de Chomsky e Nida: para este, o primeiro estágio do processo de tradução é uma reversão do processo de transformação descrito por Chomsky (daí o nome *retrotransformação*), o que não é previsto na teoria chomskiana, mas essencial para justificar a noção de equivalência proposta por Nida, na medida em que a equivalência dinâmica, que é o objetivo último da tradução, consiste na manutenção da mensagem expressa no original, às vezes à custa da forma.

É na segunda etapa da metodologia de Nida que o tradutor “passa adiante” essa mensagem, à qual ele teve acesso na fase analítica. Segundo Nida, o tradutor não pode traduzir uma série de núcleos isolados, por isso, o processo de transferência consiste no estabelecimento de determinadas relações entre esses núcleos, ou seja, na transformação de uma série de *kernels* desconexos em um texto coeso. Nesse momento, o tradutor, com o objetivo de alcançar a equivalência dinâmica, deve dar prevalência ao conteúdo, em detrimento da forma:

Ao transferir a mensagem de uma língua para outra, é o conteúdo que deve ser preservado a qualquer custo; a forma, exceto em casos especiais, como na poesia, é majoritariamente secundária, visto que, em cada língua, as regras da relação entre conteúdo e forma são altamente complexas, arbitrárias e variáveis. É um pouco como colocar roupas em duas malas diferentes: as roupas permanecem as mesmas, mas o formato das malas pode variar enormemente e, por isso, a maneira como as roupas são colocadas nas malas tem de ser diferente (NIDA; TABER, 1982: 105).

Por fim, procede-se à etapa de reestruturação, o estágio final do processo tradutório. Aqui, cabe fazer os últimos ajustes à macroestrutura do texto, ou seja, a questões de registro linguístico (formal ou informal), estilo e de gênero textual (prosa, poesia e quaisquer interseções). Nida e Taber (1982: 145), no entanto, atribuem ao que chamam de “analista de estilo” a tarefa de determinar a significância desses componentes para o texto. Neste ponto, cabe lembrar que a obra dos autores diz respeito sobretudo à tradução da Bíblia, que geralmente envolve uma equipe de profissionais, dentre os quais, eventualmente, um especialista em estilo, e não apenas um tradutor.

A partir desta breve exposição do modelo de Nida, é possível observar que a importância do tradutor enquanto produtor de sentido é claramente diminuída, e que a tradução se baseia em uma ideia de equivalência que pressupõe o “transporte” – unidirecional, que parte necessariamente do texto-fonte para o texto-alvo – de significados pré-fixados em um original, significados estes que existem independentemente da forma linguística. Nesse sentido, a posição de Nida é exemplar do fato de que “[a] guinada para a ciência se faz às expensas do tradutor” (CRUZ, 2012: 50).

Como se viu, portanto, a Ciência da Tradução se caracteriza por uma forte subordinação à Linguística. A objetividade do estruturalismo parecia ser a ferramenta ideal para a cientifização da tradução e, em uma época em que o processo tradutório era submetido a uma crescente automatização, a equivalência se tornou uma noção-chave para os estudos de tradução, na medida em que se apresentou como o conceito teórico que permitia a identificação de um valor passível de preservação, não obstante a mudança de “código”, para usar o termo escolhido por Kade.

Vimos também que, em estudos de análise contrastiva e na concepção de tradução de Kade, a equivalência tradutória está mais ligada a questões formais, a correspondências no nível da *langue*, de maneira que essa noção era de pouca ou nenhuma utilidade para a realidade profissional e acadêmica dos tradutores. Algo similar ocorre na obra de Catford, que executa “acrobacias” teóricas e metodológicas a fim de encaixar essa mesma noção de equivalência no quadro geral de sua teoria linguística da tradução. Hoje em dia, sabemos que comparar orações artificiais e descontextualizadas em diferentes línguas dificilmente poderia ser considerado um ato de tradução, na medida em que esse cotejo não faz jus à complexidade do que conhecemos atualmente como tradução, isto é, um ato que envolve a subjetividade criativa do indivíduo que traduz, inserido em determinado contexto histórico e social.

Naturalmente, tal desconsideração do sujeito era necessária se se quisesse fazer jus às expectativas de automatização do processo tradutório, dominantes à época. Contudo, de acordo com Cruz (2012: 26), tal conjuntura enseja um paradoxo incontornável. Se entendida como o produto de um sujeito criativo e situado no espaço-tempo, a tradução de fato não pode servir de objeto de estudo para uma vertente de pesquisa pretensamente objetiva. Ao mesmo tempo, as ciências que se dizem linguísticas não podem fazer vista grossa para a tradução, na medida em que esta é (inegável, mas não exclusivamente) um fenômeno linguístico. Essa inconsistência teórica e prática, característica das primeiras pesquisas em tradução, tem consequências duradouras:

A incapacidade de dissolver esse paradoxo será provavelmente o elemento responsável, em face das ambiciosas metas que se projetam a princípio, pela pouca relevância dos resultados alcançados pelas teorias de tradução que se baseiam na linguística estruturalista; será também essa incapacidade o que levará à procura de novos caminhos para a investigação do tema (CRUZ, 2012: 26).

Para a equivalência, o surgimento de novas tendências de pesquisa significou, no mínimo, uma “repaginação”. Como veremos adiante, alguns autores não prescindem completamente do termo, mas reformulam-no como forma de se distanciarem de tal concepção estanque de linguagem, texto e tradução. Já outras matrizes dos estudos de

tradução rechaçam por completo a possibilidade de qualquer tipo ou grau equivalência. As rotas alternativas sugeridas por outras vertentes dos estudos de tradução são o tema do tópico a seguir.

2.2 A “superação” da equivalência: novas vertentes

A respeito do tratamento da equivalência no âmbito dos estudos sobre tradução, Baker e Saldanha (2009: 96) comentam: “A equivalência é um conceito central na teoria de tradução, mas é também controversa”. As autoras dizem que houve, fundamentalmente, três maneiras de se lidar com esse conceito ao longo da história da teoria de tradução: usá-lo como maneira de definir o ato tradutório (como fazem Catford, Nida e Koller, por exemplo); dispensá-lo por ser irrelevante ou até mesmo prejudicial para os estudos de tradução, ou, como faz a própria Mona Baker, recorrer à noção de equivalência apenas “pelo bem da conveniência”, visto que os tradutores já se acostumaram a ela, sem, contudo, dotá-la de grande importância teórica. As autoras afirmam ainda:

Visto que o conceito [de equivalência] tem sido particularmente associado às teorias linguísticas da tradução – severamente criticadas nas décadas de 80 e 90 [...] – e, às vezes injustamente, à ideia de que traduções poderiam, de alguma maneira, veicular o ‘mesmo’ significado, necessariamente estável e independente da língua, que os seus textos-fonte [...], não é de se admirar que a equivalência tenha entrado e saído de moda nos estudos de tradução [...] (BAKER; SALDANHA, 2009: 96).

No livro *Tradução e diferença* (2000), em que examina a noção de equivalência adotada por autores de diferentes matrizes dos estudos de tradução, Rodrigues identifica duas tendências básicas no tratamento desse conceito: enquanto uma vertente dos estudos sobre tradução procura sistematizá-lo, a outra busca apontar para suas limitações e relativizá-lo. Em resumo, a autora sustenta que. À primeira corresponderiam as abordagens que têm por base a Linguística Estrutural; à segunda, os estudos de tradução que se dedicam à investigação da tradução literária (cf. RODRIGUES, 2000: 21).

Com o objetivo de demonstrar de que maneira “o conceito [de equivalência] se relaciona a determinadas concepções de tradução, de linguagem, de texto e de leitura” (RODRIGUES, 2000: 22), a autora analisa trechos das obras de Catford, Nida, André Lefevere e Gideon Toury. Seu exame dos estudos dos dois primeiros, escolhidos para representar os estudos linguísticos da tradução, revela o que vimos no tópico anterior: o que os autores entendem por equivalência nada mais é do que uma noção idealizada, um *tertium comparationis* hipotético, predeterminado pelo original, que o tradutor deve se esforçar por alcançar. Infere-se disso que a concepção de tradução assumida pelos dois linguistas

pressuponha a possibilidade de transporte de conteúdos pretensamente universais de uma língua para outra.

A segunda vertente, representada por Lefevere e Toury, é identificada aos Estudos da Tradução (do inglês *Translation Studies*)²⁰, tendência específica de pesquisa que se desenvolveu, no âmbito dos estudos de tradução, como um contraponto “à tradição estruturalista, cujos métodos e pressupostos não queri[a] conscientemente reproduzir” (CRUZ, 2012: 14). De acordo com Rodrigues (2000: 23), o que marca os Estudos da Tradução é, teoricamente, “a rejeição da equivalência enquanto um construto definido *a priori*, com base no texto a ser traduzido e pela definição do pólo receptor como prioridade para análise”.

O florescimento dos Estudos da Tradução se concentrou nas universidades de Leuven, Amsterdã e Tel Aviv, à mesma época em que se deu o surgimento das teorias funcionalistas, na Alemanha (cf. MOREIRA, 2014: 137), nas décadas de 1970 e 80. O momento histórico coincide também com a tomada de consciência do insucesso das teorias de tradução de base linguística, que se esgotam no beco sem saída elucidado por Cruz (2012: 26) nos termos de um paradoxo entre a objetividade da teoria e a subjetividade e a historicidade que se revelam na prática tradutória. Nesse contexto, os Estudos da Tradução representam uma ruptura com uma concepção de tradução que pressupõe, como já vimos, um tradutor idealizado, “um sujeito racional, autônomo, livre da influência de seu contexto, que, com o auxílio de um instrumental adequado, teria o poder de atingir a suposta essência dos textos” (RODRIGUES, 2000: 23).

Nessa concepção de tradução, fundamental para a sustentação da noção de equivalência até então difundida nas pesquisas em tradução, palavras e textos são vistos como “entidades” com um valor intrínseco, pré-determinado, que refletem diretamente a intenção do escritor, e o objetivo do tradutor deveria ser acessar essa intenção original para conseguir reproduzi-la em outro sistema linguístico, por meio de “entidades” de igual valor. Nesse sentido, os Estudos da Tradução são também uma reação a um conceito de equivalência que se manifesta “enquanto construto definido com base no texto de partida, um ideal a ser atingido e sujeito a regras determinadas pelos teóricos” (RODRIGUES, 2000: 103).

Segundo Bassnett e Lefevere (1990: 4), os Estudos da Tradução são resultado do que se chamou “virada cultural”, que consistiu na mudança de foco do texto em si para a cultura

²⁰ No breve panorama que apresento a seguir, reporto-me, na maior parte das vezes, a fontes secundárias, posto que essas referências serão suficientes para o desenvolvimento da reflexão que proponho. No mais, atendo-me sobretudo às considerações de Rodrigues (2000) a respeito do tratamento dado à noção de equivalência pelos representantes dos Estudos da Tradução citados neste capítulo.

em que a tradução é produzida. À “passagem de uma abordagem voltada para o texto de partida (*‘source text’*), identificada à tradição, para uma abordagem que lhe é oposta, *‘target oriented’*, ou seja, voltada para o texto de chegada” (CRUZ, 2012: 109), corresponderia também uma mudança no objeto de estudo:

Os [trabalhos] que priorizam a sistematização da equivalência têm como base a lingüística, seja ela estrutural, textual ou discursiva. Os que buscam relativizar o conceito ou limitar seu alcance, apóiam suas teses principalmente na descrição de traduções literárias (RODRIGUES, 2000: 21).

A dicotomia forma *versus* conteúdo, embora imprescindível para a concepção de tradução que serve de base à abordagem linguística – como se vê claramente na oposição entre equivalência dinâmica e formal de Nida –, se torna questionável quando se fala em tradução literária. Como afirma Kopetzki (1996: 107 *apud* CRUZ, 2012: 51): “Textos poéticos e literários, cuja forma linguística não é de segunda categoria, porém por si só significativa como portadora de conteúdo”, não se adequam aos postulados dessa vertente, na medida em que tornam patente a indissociabilidade entre forma e conteúdo. Assim:

Uma vez que não admite o descarte da forma em prol do conteúdo, o problema trazido pela tradução literária acabará descreditando os postulados dessa ciência da tradução de base linguística. Não é possível conceber que o sentido de um texto esteja dissociado de sua forma, e é isso que a literatura parece deixar patente. Por essa razão, Kopetzki descreve a tradução literária como a “ponta do iceberg” (1996: 110) (CRUZ, 2012: 52).

A “virada cultural” é marcada também por uma nova metodologia de pesquisa em tradução. A comparação sistemática entre traduções e originais, com o objetivo de avaliar a qualidade da tradução com base em um *tertium comparationis* abstrato (no qual está fundamentado o conceito tradicional de equivalência), dá lugar à “descrição de conjuntos de textos ‘refratados’ para verificar que normas regeram sua produção, quais as diretrizes seguidas pelos tradutores em diferentes épocas, evitando qualquer juízo de valor” (RODRIGUES, 2000: 125). Por isso, os Estudos da Tradução também são conhecidos como Estudos Descritivos da Tradução (do inglês *Descriptive Translation Studies*)²¹, doravante EDT, em oposição ao que Holmes, pesquisador estadunidense que cunhou o termo *Translation Studies*, chama de “estudos teóricos da tradução”, que objetivam criar modelos e teorias para explicar a tradução e o traduzir (cf. MOREIRA, 2014: 138). Nesse sentido, os

²¹ A esse respeito, P. Oliveira (2007a: 230) ressalta: “[...] se por ‘estudos descritivos’ costuma-se entender uma vertente específica de pesquisa nos estudos da tradução na qual se inserem os trabalhos da supracitada *virada cultural*, tal vertente não esgota o repertório das abordagens descritivistas. Tendências mais recentes, como aquelas vinculadas à ‘sociologia da tradução’, em boa parte tributárias da obra de Pierre Bourdieu, por exemplo, também têm fortes traços descritivistas, sem se filiarem à tradição conhecida por ‘estudos descritivos’”. Nesta dissertação, porém, utilizo o termo como designação da primeira acepção.

EDT são também uma reação à suposta cientificidade das abordagens linguísticas, pois, como assinala P. Oliveira (2007a):

[...] na medida em que se propõem a *explicar* e não apenas a *descrever*, tais teorias procuram aproximar-se das *ciências*, no uso corrente do termo – cujo programa, lembremos agora, visa encontrar explicações objetivas e, em última instância, causais, dos fenômenos em foco (OLIVEIRA, P., 2007a: 234).

Assim, ao invés de utilizar traduções para sustentar determinada teoria e dizer o que é ou não uma “boa tradução”, como fazem Nida e Catford, por exemplo, a metodologia dos EDT consiste em:

[...] realiza[r] análises de diversas traduções de determinado período e examina[r] o desenvolvimento histórico da tradução e suas funções culturais em uma determinada sociedade, bem como a influência do mercado editorial na produção e disseminação de obras traduzidas. (NIELSEN, 2007: 33)

Os EDT têm, assim, uma maior preocupação com questões de recepção de textos traduzidos. Isso se mostra mais claramente no conceito de **refração**, de autoria de Lefevere e referido anteriormente na citação de Rodrigues (2000: 125). Considera-se que a maior contribuição de Lefevere para os estudos de tradução consiste em ter trazido à luz o importante papel da ideologia no processo tradutório, como afirma Moreira (2014):

Lefevere teria explorado a influência da ideologia na tradução, introduzindo, a fim de demonstrar como as ideologias limitam o discurso literário, a noção de “refração” enquanto procedimento de processamento textual, destinado a atender as exigências de um público, uma poética ou uma ideologia específica. Além disso, ele trouxe a noção de *patronagem*, conceito referente às forças encorajadoras ou censoras na literatura, desempenhadas por indivíduos, grupos ou instituições (MOREIRA, 2014: 145).

De acordo com Cruz, Lefevere denomina refração o fenômeno, cuja forma prototípica é a tradução, que faz com que “uma obra como que eco[e] em outros textos (outras obras), que a comentam e procuram circunscrever ou ampliar o seu valor, sentido ou alcance” (CRUZ, 2012: 89). Nesse sentido, prossegue Cruz: “Dizer que uma obra ‘refrata’ pode significar que alguma instância de recepção a percebe”. Também segundo o autor, justamente por conta do forte vínculo com o conceito mais genérico de recepção, em obras posteriores, Lefevere acabou substituindo o termo “refração” por “reescritura” como forma de especificar a relação que se estabelece entre um texto traduzido e o original:

A [sic] se manter ‘refração’, alude-se a toda e qualquer recepção possível, ao passo que ‘reescritura’ focaliza um tipo específico de recepção, que ocorre exclusivamente no mundo da escrita e envolveria a reproposição de uma obra em outras formas (CRUZ, 2012: 90).

Em relação à equivalência, Lefevere é categórico ao dizer que “não se pode deixar de pensar que o domínio do conceito de equivalência contribuiu enormemente para a estagnação do pensamento sobre tradução” (cf. RODRIGUES, 2000: 116). O estudioso critica as abordagens linguísticas por ignorarem a tradução literária, pela limitação das análises (que em geral se restringem ao nível da frase e, às vezes, a pares de línguas ou pares de textos), e pela abordagem unilateral, que elege “o texto-fonte como parâmetro para julgamento das traduções” (idem, *ibid.*: 115) e negligencia por completo o contexto de recepção. Além disso, para Lefevere, “o conceito de equivalência seria pouco útil para a tradução literária porque orientado para a mensagem, e a literatura não se restringiria a ela, pois incluiria a forma pela qual se exprime uma mensagem” (idem, *ibid.*: 115).

A “sacralização” do texto-fonte também é problematizada por Toury, que, na obra *Descriptive Translation Studies and beyond* (1995), busca estabelecer as bases teóricas dos EDT. Para Toury, a tradução consiste em uma série de operações de transferência de “entidades semióticas” (desde o signo até textos e “modelos institucionalizados” inteiros). Tais operações de transferências, porém, só dizem respeito à língua e à cultura-alvo, na medida em que, para a língua, o texto e o sistema literário de partida, a tradução não existe e não pode afetá-los, diferentemente do que ocorre com o sistema de chegada (cf. RODRIGUES, 2000: 133).

Dessa maneira, o autor entende como “tradução” qualquer texto que seja encarado como tal na língua e na cultura de chegada. Toury não enxerga, portanto, nenhum tipo de relação preexistente entre o sistema do texto-fonte e o do texto traduzido: “Para começar, um texto-fonte concreto pode nunca ter existido” (TOURY, 1995: 34). Nesse contexto, até mesmo uma pseudotradução – isto é, qualquer texto “que seja apresentado e recebido como tradução, independentemente da existência de um original” (NIELSEN, 2007: 25) – pode ser considerado objeto de pesquisa dos EDT.

Conforme Toury, ser um tradutor significa “desempenhar um papel social”: “A aquisição de um conjunto de normas para determinar a adequabilidade desse tipo de comportamento, bem como para manobrar entre todos esses fatores que podem restringi-lo, é portanto um pré-requisito para tornar-se um tradutor no interior de um ambiente cultural” (TOURY, 1995: 53).

O conceito de “norma”, considerado uma das principais contribuições de Toury, corresponde a uma série de “construtos sociais, assimiladas no processo de socialização, que servem à organização social e à avaliação comportamental” (MOREIRA, 2014: 143). Não me estenderei na explicação desse conceito específico, mas cumpre mencioná-lo porque, segundo

Toury, “[...] *são as normas que determinam a (extensão e o tipo de) equivalência manifesta em traduções reais*” (TOURY, 1995: 61 *apud* MOREIRA, 2014: 144). Dessa maneira, na obra do autor, o tradutor é apresentado como um agente que efetivamente produz relações tradutórias entre textos, e essas relações, que convém denominar equivalência, são condicionadas pelas normas às quais esse tradutor está sujeito.

Se admitirmos, portanto, que as escolhas do tradutor são governadas por essas normas, torna-se insustentável o velho conceito “asséptico” de equivalência, como um valor fixo, imune à subjetividade e às circunstâncias em que se encontra o tradutor. Toury então propõe, em oposição ao que chama de **equivalência tradicional** – entendida enquanto uma relação abstrata entre os textos envolvidos no processo tradutório, como vemos em Nida, por exemplo – o conceito de **equivalência funcional-relacional**. Veja-se a seguinte citação de Toury (1995):

Portanto, a equivalência, como empregada aqui, não é absolutamente uma relação alvo-fonte, que pode ser estabelecida com base em um tipo específico de invariante. Na verdade, é um conceito funcional-relacional; a saber, aquele conjunto de relações que distingue entre modos apropriados e inapropriados de atividade tradutória para a cultura em questão (TOURY, 1995: 86).

Segundo Toury, os EDT sempre partem do pressuposto de que, em textos traduzidos, é realizada uma relação de equivalência. Diferentemente da teoria da tradução, que se ocupa dos equivalentes em potencial, aos EDT cabe determinar de que maneira esses equivalentes se realizam concretamente. Logo, a equivalência funcional-relacional de Toury não está ligada a um conjunto de possíveis equivalentes, abstratos e idealizados, mas com fenômenos empíricos, “tomadas de decisões reais, sob restrições reais” (TOURY, 1995: 86). Desse modo, Toury procura evidenciar que “a equivalência só poderia se dar de forma contextualizada e negociada, o que, de alguma forma, põe em destaque o fato de a tradução não ser simples repetição das palavras do autor em uma outra língua” (OLIVEIRA, A. R. de, 2007: 105).

A partir do que foi exposto acima, seria natural presumir a existência de “uma linha demarcatória nítida entre os comentários sobre a questão da equivalência” (RODRIGUES, 2000: 21) da maneira que se afiguram nas abordagens linguísticas e nos EDT. Como vimos, esta última vertente representa o movimento em direção às abordagens descritivas, em oposição ao prescritivismo associado à Ciência da Tradução. A mudança de paradigma é também marcada pela passagem do texto-fonte como única orientação para a tradução à consideração de condicionantes extratextuais como determinantes para a escrita tradutória, e a importância atribuída à equivalência é sensivelmente reduzida, se comparada à centralidade do conceito nos modelos de Nida e Catford.

Contudo, a análise das obras de Lefevere e Toury levará Rodrigues a concluir que os EDT, inicialmente vistos como uma alternativa às teorias de base linguística, acabam por reiterar muitos dos pressupostos que pretendiam questionar. Na obra de Lefevere, por exemplo, a pesquisadora problematiza o fato de o autor propor uma distinção entre textos literários e não literários. Em um texto de 1990, Lefevere diz que, em textos acadêmicos e não literários, “o ‘sabor’ dos signos não é tão importante” (cf. RODRIGUES, 2000: 110), o que leva a autora a inferir que, em textos não literários, “a camada significante teria menos importância, de modo que nesses casos seria admissível a simples transmissão de pensamentos ou mensagens de uma língua a outra” (CRUZ, 2012: 96). Além disso, ao dizer que o conceito de equivalência não se aplicaria à tradução de literatura porque se refere apenas à mensagem, em detrimento da forma (que é fundamental para a literariedade), o autor estaria admitindo que a equivalência seja possível ao menos no plano do conteúdo, e que, para a tradução de determinados textos (pressupõe-se que não literários), a forma seja de menor relevância (cf. RODRIGUES, 2000: 115).

Ainda a respeito de Lefevere, Rodrigues afirma mais adiante que “a noção de equivalência é mantida em sua proposta”, e cita um comentário feito pelo autor em *Translating literature* (1992):

Em um trecho em que aconselha os futuros tradutores a “buscar equivalentes em um dicionário bilíngüe”, [Lefevere] faz uma ressalva, afirmando que “a língua-alvo pode não ter equivalentes exatos” [...], o que significa que também pode haver o “equivalente exato”. Em outro ponto do trabalho, comenta uma “tradução interlinear” que supostamente apresenta “equivalentes semânticos” (p. 90). Isso significa que Lefevere aceita os pressupostos de possibilidade de recuperação do significado e da reprodução do conteúdo, subjacentes às abordagens lingüísticas (RODRIGUES, 2000: 119).

A análise de Rodrigues aponta para uma cisão na obra de Lefevere, a saber, entre os níveis semântico e pragmático da língua, denominados, respectivamente, locucionário e ilocucionário: “O locucionário corresponde, para o autor, ao nível linguístico, semântico, meramente informativo, enquanto o segundo se refere ao uso da linguagem para conseguir algum tipo de efeito extralingüístico” (RODRIGUES, 2000: 119). A autora afirma que, para o teórico, a tradução no nível locucionário é simples, mas traduzir o “poder ilocucionário” da mensagem é praticamente impossível, restando ao tradutor apenas buscar um efeito análogo. Em outras palavras: ainda que a tradução nem sempre reflita os significados pragmáticos do original, o autor sugere que seja viável (e até simples) o transporte de conteúdo semântico de uma língua a outra, exatamente como postulam as “teorias da equivalência” (cf. RODRIGUES, 2000: 120).

Rodrigues prossegue, então, com a crítica a Toury. Não obstante a oposição entre “equivalência tradicional” e “equivalência funcional-relacional” – claramente indicada inclusive no índice remissivo da obra do autor (cf. TOURY, 1995: 302-303) –, o recurso a um termo com tamanha tradição na área leva a autora a identificar, na obra de Toury, uma postura contraditória, na medida em que, segundo Rodrigues, este ainda preconiza, à semelhança dos teóricos da vertente linguística, um tipo de relação fixa (a equivalência) entre original e tradução. Tal fixidez seria representada pelo conceito de invariante de comparação, uma “reconstrução hipotética do original na língua da tradução, tendo como único ajuste sua inserção nas regras obrigatórias da língua-alvo” (RODRIGUES, 2000: 138). Com base nesse invariante, seria possível verificar se a tradução está mais orientada para a adequação (polo-fonte) ou para aceitabilidade (polo-meta). Cabe ao estudioso da tradução “construir o ‘invariante de comparação’, uma idealização do texto original e buscar o que, na tradução, difere dele” (o que Toury chama de *shifts*, ou “deslocamentos”).

Nesse sentido, para Rodrigues, “o centro das relações que Toury analisa deixa de ser o texto traduzido, ‘em sua materialidade’, e passa a ser uma idealização do texto original, quer dizer, o ‘invariante de comparação’ (ou ‘*tertium comparationis*’)” (RODRIGUES, 2000: 150). Ou seja, embora Toury não mais enxergue a equivalência como um conceito abstrato, apriorístico, e que servirá de pré-requisito para a existência mesma de uma tradução, seu modelo adota uma atitude semelhante à das abordagens tradicionais, ao sugerir que “o invariante que serve como *tertium comparationis* [...] deve ser *baseado* no TF [texto-fonte]” (cf. RODRIGUES, 2000: 151-152). A própria utilização do termo “deslocamentos” evidenciaria, de acordo com a autora, a maneira idealizada com que Toury retrata o texto-fonte.

Tanto no caso de Toury como no de Lefevere, portanto, Rodrigues identifica no uso do termo “equivalência” uma afinidade condenável com as teorias linguísticas, criticadas no primeiro capítulo de seu livro. Ao recorrer a esse termo “tabu”, que pressupõe concepções ultrapassadas de linguagem e tradução, os representantes dos EDT não estariam em condições de romper definitivamente com a abordagem linguística, na medida em que “seus trabalhos não se opõem *radicalmente* aos estudos analisados no primeiro capítulo desta obra, já que diversos pressupostos são compartilhados” (RODRIGUES, 2000: 159-160, grifo meu).

Destaco na citação acima a palavra “radicalmente” para reportar-me, neste ponto, à pertinente crítica feita por Cruz (2012) à parcialidade da análise empreendida por Rodrigues. Como afirma o autor, a pesquisadora fala de uma perspectiva desconstrutivista, comprometida

com a denúncia da “falta de radicalidade destes [dos EDT] no rompimento com o pensamento tradicional sobre tradução” (CRUZ, 2012: 121-122). Nesse contexto:

A crítica de Rodrigues cobra a manutenção de integridade teórica. [...] O menor deslize é uma temeridade; na certa significa o retorno dos pressupostos da tradição que se pretendia superar. Ou nem mesmo o retorno, pois o que se revela é que a tentativa de superação não passou de ilusão ou farsa, dada a persistência dos traços conservadores, mantidos em seus lugares, jamais questionados a fundo (CRUZ, 2012: 98).

No Brasil, o desconstrutivismo (ou desconstrução) se tornou uma importante vertente dos estudos de tradução, e encontra representação sobretudo nos estudos de Rosemary Arrojo, pesquisadora e docente da Universidade Estadual de Campinas. Arrojo é também a autora da apresentação do livro de Rodrigues, e foi “orientadora e cúmplice” (RODRIGUES, 2000: 13) da tese de doutorado a partir da qual se elaborou essa publicação.

O movimento desconstrutivista se apresentou como uma resposta ao essencialismo característico do ideal iluminista da era moderna, marcado pela rejeição de qualquer ideologia, cujo epítome era, até então, a religião, e a priorização absoluta da razão como forma de “levar a humanidade ao pleno desenvolvimento e ao conhecimento objetivo e universal” (RODRIGUES, 2000: 176). A reflexão pós-moderna, representada por teóricos como Jacques Derrida, Stanley Fish, e Michel Foucault, põe em xeque justamente a pretensa objetividade dessa visão, na medida em que esta suprime a alteridade e a heterogeneidade ao favorecer (ou impor) os valores de determinado grupo social em detrimento de todos os outros (cf. ARROJO, 1996: 53-54).

Em face disso, as correntes de pensamento surgidas na pós-modernidade são caracterizadas por Arrojo (1996) da seguinte maneira:

A preocupação básica partilhada pelas diferentes tendências do pensamento crítico contemporâneo associado à pós-modernidade se resume, por exemplo, numa tentativa de desconstruir, ou desnaturalizar, o embasamento que compõe nossas rotinas, concepções e visões de mundo, mostrando que tudo aquilo que nos acostumamos a encarar como natural é, na verdade, cultural e histórico e, portanto, determinado pelas circunstâncias e pelos interesses que o produzem; em suma, nada mais, nada menos do que uma *construção* humana, com todas as marcas, limitações e vieses inerentes a essa condição (ARROJO, 1996: 55, grifo meu).

Assim, os teóricos pós-modernos se mostram comprometidos com o objetivo de apontar para o caráter *construído* daquilo que apreendemos como a realidade e tudo o que a integra, incluindo a própria linguagem.

Segundo Arrojo (1996: 60): “Dentre as tendências da reflexão pós-moderna [...], o pós-estruturalismo é a mais direta e explicitamente relacionada aos estudos da linguagem”. Associado principalmente à obra de Jacques Derrida, o pós-estruturalismo guarda com o

estruturalismo que caracterizou as primeiras pesquisas sistemáticas em tradução “uma relação paradoxal que se divide entre uma oposição radical e uma complementaridade” (idem, *ibid.*: 60). Derrida, por exemplo, retoma uma das principais dicotomias saussurianas para, em seguida, “mostrar, incansavelmente, a impossibilidade de se separar, de uma vez por todas, o que pertence à ordem do significado daquilo que pertence à ordem do significante” (idem, *ibid.*: 61).

Para Derrida, cuja obra também “é a que mais freqüentemente se associa à reflexão sobre a tradução” (RODRIGUES, 2000: 165), todo signo se constitui com base na sua diferença em relação aos demais signos, não havendo uma presença objetiva, fora da linguagem, à qual o significante possa se referir. A desconstrução rejeita a possibilidade de um significado universal, transcendental, a-histórico e anterior à linguagem, de modo que, segundo Derrida:

Quando se traduz, pratica-se a diferença entre significante em significado no mais amplo sentido, pois a tradução é uma operação que interpreta significados nas tramas de um tecido diferencial e os representa como significantes, que fazem parte de um sistema de normas diferente do primeiro sistema e que, por sua vez, interpretar-se-ão na rede de diferenças do significado. O tradutor, ao produzir sua interpretação, não transcende o sistema da linguagem, mas contextualiza os significantes em uma rede de diferenças e de remissões (RODRIGUES, 2000: 192).

Por isso, Derrida propõe usar o termo “transformação” em lugar de tradução, uma vez que esse processo jamais poderia se dar como mero transporte de “significados transcendentais” (cf. RODRIGUES, 2000: 192). Consequentemente, não se pode justificar a noção de equivalência, na medida em que:

Se nada ancora os signos aos referentes e se o próprio sistema estabelece os limites entre os signos, não há como postular que diferentes sistemas organizem seus componentes de modo a espelhar a organização de outro, não há como supor que um elemento corresponda a outro de um sistema diferente (RODRIGUES, 2000: 187).

Em sua crítica ao programa de trabalho dos EDT, Rodrigues, que se alinha explicitamente aos pressupostos da desconstrução, exige que a noção de equivalência seja inteiramente abandonada. É esse alinhamento que levará à condenação de determinados aspectos das obras de Toury e de Lefevere, cuja proposta de “ruptura [...] com a tradição não é ‘total’, quer dizer, não é extrema como pede a radicalidade do desconstrutivismo” (CRUZ, 2012: 93). No entanto, como se verá adiante, a denúncia dessa posição pouco radical, por si só, não justifica a categorização dos EDT “como prolongamento do pensamento tradicional sobre a tradução” (RODRIGUES, 2000: 159).

Uma vez revisadas algumas das posturas adotadas por diferentes vertentes teóricas a respeito da equivalência, dedico o tópico a seguir à reflexão sobre esse conceito a partir de uma perspectiva diversa da adotada por Rodrigues. Com base na discussão, empreendida por Kopetzki (1996), a respeito da alternância que se deu, ao longo da história do pensamento sobre tradução, entre posições universalistas e relativistas frente à linguagem e ao fenômeno tradutório, pretendo demonstrar que, embora a equivalência seja tradicionalmente associada a uma atitude universalista, o uso desse termo não pressupõe, automaticamente, a retomada de concepções ultrapassadas de linguagem e tradução.

2.3 A dinâmica entre universalismo e relativismo

Vimos no tópico anterior que Rodrigues justifica a segmentação dos estudos de tradução em dois grandes grupos a partir da maneira como os autores analisados se posicionam a respeito da equivalência. De um lado estão as teorias linguísticas da tradução, que buscaram sistematizar a equivalência para elucidar o fenômeno tradutório; de outro, os Estudos da Tradução de orientação descritivista, que procuraram relativizar a importância desse conceito para os estudos de tradução. Como representantes da primeira, Rodrigues elege Nida e Catford, e da segunda, Lefevere e Toury.

A vinculação de uma vertente à Linguística e de outra aos Estudos Literários é expressa já nos títulos dos capítulos dedicados à análise desses dois grupos. O capítulo dedicado às teorias de Lefevere e Toury é intitulado *Literatura e tradução*, em oposição a *Linguística e tradução*, seção na qual a autora se ocupa de Nida e Catford.

A fronteira da tipologia textual identificada por Rodrigues é, de fato, consequência da importante ruptura teórica que ocorreu na passagem do paradigma estruturalista das abordagens linguísticas para o paradigma descritivista e pragmático dos EDT. Porém, a separação entre estudos “linguísticos” e estudos “literários” da tradução não é tão rígida. Como afirma Cruz (2012):

Linguística e teoria literária não estão necessariamente opostas na abordagem da tradução. Não é porque se preocupam prioritariamente com a tradução literária que os estudos da tradução se opõem aos estudos pautados pela linguística (CRUZ, 2012: 85).

É preciso considerar também que as duas vertentes que Rodrigues apresenta como diametralmente opostas não são simultâneas; como vimos anteriormente, os EDT se apresentaram, nas décadas de 1970 e 80, como uma reação às pesquisas de orientação linguística, desenvolvidas sobretudo nos anos de 1960 e 70. Desse modo:

Embora coexistam nesse interstício de quatro décadas, o apogeu da segunda tendência coincide com a decadência da primeira. As duas vertentes de estudos sobre tradução opostas por Rodrigues, portanto, não existem em pé de igualdade, como à primeira vista se pode supor, com a mera contraposição de uma a outra (CRUZ, 2012: 85-86).

Na realidade, parece-me que a principal diferença entre as duas tendências de pesquisa arroladas por Rodrigues não jaz no objeto de estudo em si, e sim nas concepções de linguagem e tradução que cada uma delas defende. Para evidenciar isto, proponho repensar o conceito de equivalência, localizando-o no âmbito de uma moldura mais ampla. Assim, o questionamento a que se dedica este subitem é: de que maneira a equivalência se associa a concepções universalistas e relativistas de linguagem e tradução? Como alternativa à polarização sugerida por Rodrigues, incorporo a noção de equivalência à reflexão proposta por Annette Kopetzki, no livro *Beim Wort nehmen - Sprachtheoretische und ästhetische Probleme der literarischen Übersetzung* [A palavra empenhada: problemas linguísticos e estéticos da tradução literária²²] (1996).

Na obra, a autora alemã procura demonstrar que “toda concepção de tradução depende, tanto do modo como se concebe a língua, quanto do modo como se explica a diversidade linguística da humanidade” (CRUZ, 2012: 13). De acordo com Kopetzki (1996: 9), a história da reflexão sobre a tradução foi marcada pela alternância entre posições universalistas e relativistas acerca da língua, bem como da importância desta para o pensamento humano.

Da mesma maneira que a oposição referida por Rodrigues não deve ser tomada como absoluta, convém destacar aqui, como faz Cruz (2012) em sua extensa resenha do estudo de Kopetzki, que:

[...] não devem necessariamente existir posições puras ou absolutas no exame da história do pensamento sobre língua e tradução empreendido por Kopetzki com base na conjugação dos conceitos universalista e relativista de língua. Na verdade, essa polarização vem a ser mais um auxílio à interpretação de posições teóricas que são parte daquela história, ainda que, é certo, na sequência linear da exposição, note-se uma alternância no predomínio de concepções universalistas e relativistas de uma época para outra (CRUZ, 2012: 38).

Isto é, ainda que de fato se perceba, no desenvolvimento da sua reflexão, a primazia do universalismo seguida de uma retomada do relativismo (e vice-versa) em determinadas épocas, o que Kopetzki propõe não é uma periodização da teoria de tradução com base nessa intercalação. Com isso em mente, passemos à definição das posições universalista e relativista

²² Tradução do título sugerida por Cruz (2012: 37).

e à discussão sobre como a cada uma delas se relaciona certa concepção de linguagem, tradução e, conseqüentemente, de equivalência.

O universalismo linguístico se caracteriza pela noção de que aquilo que é particular a uma determinada língua ou cultura é apenas uma atualização do geral, “representado, por exemplo, por uma única língua original, por leis e condicionantes extralinguísticas da razão, por estruturas lógico-gramaticais profundas comuns a todas as línguas, ou por normas universais da comunicação linguística” (KOLLER, 2004a: 179). De acordo com Koller, essa concepção remonta à época do Iluminismo, quando filósofos como Descartes, Leibniz e Wolff afirmavam que, tirando a “roupagem” externa, todas as línguas do mundo são, na verdade, a mesma, uma *lingua universalis*. Na Linguística moderna, o universalismo se faz presente, por exemplo, na noção de estrutura profunda de Chomsky, que contém o significado semântico, a essência do pensamento, idêntica para todas as línguas. Assim, as únicas características que diferenciariam uma língua de outra seriam as regras transformacionais às quais essa estrutura profunda universal é submetida e, conseqüentemente, a estrutura de superfície, resultante do processo de transformação gramatical (cf. KOLLER, 2004a: 180).

Em outras palavras, de acordo com a lógica universalista, “[...] o significado sígnico permanece intacto em outra forma linguística” (KOPETZKI, 1996: 10). Nesse sentido, o universalismo se baseia em um princípio logocêntrico. O logocentrismo prega que o significado está armazenado no pensamento humano, não nas formas linguísticas em si. Isso significa que, na lógica logocêntrica, “um significado estaria presente na consciência e um ouvinte poderia recuperá-lo, ou seja, ter acesso ao significado conscientemente atribuído pelo falante” (RODRIGUES, 2000: 188). Assim, o sentido, absolutamente estável e unívoco, estaria localizado em uma espécie de mundo das ideias platônico, que existe independentemente da língua que se fala. Remeto-me aqui ao paralelo traçado por Cruz (2012), que diz:

A ideia de uma verdade absoluta, “como valor em si” (não importa para quem), cuja origem e essência são imutáveis, identifica-se ao *logos* [...]. Aqui pode haver ainda uma correspondência com o mundo das ideias do platonismo. A aproximação é possível a partir da noção de essência, em vista da qual o logocentrismo também será chamado de essencialismo. É próprio [sic] do pensamento universalista a pressuposição de essências, como vimos. As coisas existem como essências no mundo das ideias. Nenhum objeto será igual a outro, porém suas essências podem sim ser as mesmas. [...] Logocêntrico é o pensamento que ratifica a realidade de tais essências (CRUZ, 2012: 64-65).

Por esse motivo, além do logocentrismo, associa-se ao pensamento universalista um essencialismo, e as denominações acabam por ser intercambiáveis na literatura, como nota o próprio Cruz (2012: 64). Koller (2004a: 179) fala ainda em “concepção racionalista de

língua/linguagem”, priorizando com essa designação o aspecto logocêntrico da perspectiva universalista. Nesta dissertação, dou preferência ao termo “universalismo” em fidelidade ao esquema sugerido por Kopetzki, mas note-se que, quando ocorrem, as designações “logocêntrico” e “essencialista” estão sempre vinculadas a esse mesmo universalismo.

O fato de haver um significado “essencial” subjacente à estrutura de todas as línguas engendra, então, consequências para a possibilidade prática, para a viabilidade mesma da tradução. Nesse sentido, a discussão iniciada por Kopetzki é também uma discussão acerca da traduzibilidade das línguas. No caso do universalismo, a maneira como se vê a relação entre língua e significação pode ser sintetizada por aquilo que Koller destaca em seu texto como “axioma da traduzibilidade fundamental”: *“Se, em toda língua, tudo o que se pode querer dizer também pode ser expresso, então tem de ser possível, por princípio, traduzir aquilo que é expresso em uma língua para qualquer outra língua”* (KOLLER, 2004a: 183).

Ou seja, de acordo com o pensamento universalista, traduzir se resumiria a uma “troca de códigos no nível das estruturas de superfície de cada língua” (KOLLER, 2004a: 180), mantendo-se intacto o significado ou a mensagem original. É essa concepção de tradução que vemos, por exemplo, em Nida, quando este advoga um “retorno” ao significado original, contido nas formas mais básicas da linguagem, em um conjunto de núcleos (*kernels*), compartilhados por todas as línguas existentes (cf NIDA; TABER, 1982: 39). Embora o autor reconheça que há diferenças incontornáveis entre as línguas, incluindo fatores de ordem cultural (cf. NIDA, 1964: 160ss.), a metodologia proposta por ele pressupõe que seja possível recuperar a “essência” do texto original, contida na estrutura profunda. As diferenças entre as línguas jazeriam somente na superfície da língua, esta sim sujeita a condicionantes culturais e formais. É precisamente essa visão do processo tradutório que legitima o seu método de tradução.

Para teorias de cunho universalista, portanto, é natural preconizar a “busca” pela equivalência. Se se considera que todas as línguas veiculem um mesmo significado, uma mensagem universal, pressupõe-se a existência de um equivalente igualmente universal e unívoco. Nas palavras de Rodrigues (2000):

A fonte e a garantia para a equivalência seriam a universalidade conceptual que estabilizaria o significado e poderia, por um lado, permitir a mútua inteligibilidade entre as línguas e, por outro, abriria a possibilidade para a perfeita equivalência entre os elementos das diferentes línguas (RODRIGUES, 2000: 188).

A partir daí, a competência do tradutor é vinculada exclusivamente à sua capacidade de encontrar esse equivalente. Uma concepção universalista de tradução e de equivalência

“não prevê que o tradutor possa produzir significados; sua tarefa seria reproduzir o significado que foi depositado por alguém em um texto prévio” (RODRIGUES, 2000: 76), o que pressupõe também uma normatividade. O texto de partida é tomado como parâmetro para avaliar a qualidade de uma tradução (Nida e Catford, por exemplo, recorrem repetidamente a expressões como “boa tradução” ou “tradução adequada”).

É justamente essa noção normativa e universalista de equivalência que as vertentes que se seguiram às pesquisas linguísticas em tradução buscaram questionar. Como vimos, os EDT, representados em Rodrigues por Toury e Lefevere, se apresentam como uma alternativa ao beco sem saída a que chegaram as pesquisas linguísticas em tradução, após o malogro dos ambiciosos esforços no sentido de automatizar ao máximo processo tradutório. Nesse contexto, são incluídos na equação da tradução fatores como o contexto de recepção e um tradutor que, diferentemente de programas computacionais, é capaz de produzir relações de significação entre textos de línguas diferentes. Nos termos de Kopetzki, poder-se-ia dizer que, na sucessão de uma vertente linguística por tendências de pesquisa de caráter mais pragmático e descritivista, ocorre um movimento do universalismo para o relativismo.

Comumente associado à chamada “hipótese de Sapir-Whorf”²³, o relativismo linguístico consiste na defesa da “dependência fundamental da percepção e do pensamento em relação à língua” (KOPETZKI, 1996: 10). Ou seja: a lógica relativista rejeita o pressuposto de um significado “transcendental”, alheio à linguagem, e afirma que a visão de mundo dos membros de uma comunidade linguística é condicionada pela sua língua materna. Para ilustrar o posicionamento relativista, recupero aqui um trecho do conhecido ensaio *Sobre os diferentes métodos de tradução* (1813), de Schleiermacher:

Por um lado, cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração de seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua (SCHLEIERMACHER, 1813 *apud* HEIDERMAN, 2010: 49).

Será essa postura relativista que determinará a atitude de Schleiermacher frente à tradução: entre as alternativas de sua célebre máxima – “Ou bem o tradutor deixa o escritor o

²³ Utilizo a expressão entre aspas com base no artigo de CUNHA (2011), que afirma que Edward Sapir e seu discípulo, Benjamin Lee Whorf, jamais chegaram a publicar um texto juntos e, mesmo nos escritos esparsos que conhecemos hoje, não há a formulação explícita de uma hipótese. A maior parte das informações que conhecemos provém do texto *Relation of habitual thought and behavior to language* (1941), no qual, ao citar seu preceptor, Whorf omite passagens importantes de seus textos, dando a eles um caráter demasiado determinista. Na verdade, Sapir nunca chegou a sugerir que a nossa língua materna literalmente determina a maneira como vemos o mundo físico, os objetos que nos rodeiam, enfim, a realidade objetiva; o autor apenas defende que o uso linguístico é uma das maneiras de conseguir acesso à cultura de uma comunidade social.

mais tranqüilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranqüilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 1813 *apud* HEIDERMANN, 2010: 57) –, Schleiermacher classifica a segunda, que consiste em “mostrar o autor [...] como ele teria escrito originalmente em alemão” (idem, *ibid.*: 59), como uma meta “nula e vã”, pois “cada um produz originalmente apenas em sua língua materna e, portanto, nem sequer pode colocar-se a questão de como haveria escrito suas obras em outra língua” (idem, *ibid.*: 81).

Em face disso, ao bom tradutor resta somente transmitir aos seus leitores a mesma “sensação de algo estranho” (idem, *ibid.*: 69) que ele próprio experimentou ao ler o original, o que só é possível ao tradutor que se empenha em “manter exótico o tom da língua”. E Schleiermacher admite: “[...] fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem dano à língua, talvez seja a maior dificuldade que tem que vencer nosso tradutor.” (idem, *ibid.*: 71).

Como vimos, para Schleiermacher, a relação entre o homem e o mundo é mediada pela sua língua materna, mas o ser humano também é dotado de criatividade e é capaz de expandir a sua visão de mundo por meio dessa mesma língua, adaptando-a às suas necessidades de expressão. Uma posição muito mais radical é assumida por Derrida, cuja desconstrução pós-estruturalista, levou o relativismo linguístico às últimas consequências ao sustentar que “os signos se definem apenas por suas relações com outros signos [...]”. O significado é, portanto, concebido como diferencial, ou seja, baseado em diferenças entre os termos e não em propriedades intrínsecas dos próprios termos” (RODRIGUES, 2000: 186-187). Diante disso, seria inadmissível a possibilidade de duas palavras em línguas diferentes terem o mesmo significado.

Pois bem, se admitirmos que o significado, a partir de uma perspectiva relativista, é dependente das formas linguísticas em que é veiculado, só resta aceitar a intraduzibilidade como um fato. Se a teoria do relativismo linguístico fosse comprovada empiricamente, lexemas de línguas diferentes não poderiam ser comparados nem equiparados entre si, pois não ocupam os mesmos espaços de conceptualização nos respectivos campos semânticos das diferentes línguas. A traduzibilidade entre as línguas nos moldes universalistas seria, então, impossível, pois:

Qualquer alteração na forma implica necessariamente uma alteração de conteúdo. Desse ângulo, a tradução, no sentido universalista, é de fato impossível, porque não existem conteúdos iguais que possam ser simplesmente transportados de uma língua para outra. Isso não quer dizer que não haja tradução na prática, e sim que traduzir

deve ser fazer outra coisa que não transportar conteúdos idênticos (CRUZ, 2012: 39).

Porém, diante da impossibilidade de negar a viabilidade da tradução, uma vez que traduções existem há séculos e provavelmente continuarão a existir por muitos outros, os relativistas não têm alternativa senão admitir a tradução como um processo hermenêutico, no qual o texto traduzido se revela como produto da interpretação de um sujeito inserido em determinado contexto (cf. CRUZ, 2012: 39-40). Por isso, para o desconstrutivismo, o tradutor é, antes de tudo, um leitor:

O leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitiriam a produção e a divulgação de seu texto. Da mesma forma, no momento da leitura, o leitor não poderá deixar de lado aquilo que o constitui como sujeito e como leitor – suas circunstâncias, seu momento histórico, sua visão de mundo, seu próprio inconsciente. [...] somente poderá estabelecer uma relação com o texto [...], que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais ‘criativo’ que ‘conservador’, muito mais ‘produtor’ do que protetor’ (ARROJO, 1993: 18-19 *apud* OLIVEIRA, A. R. de, 2007: 109).

Do ponto de vista do relativismo, portanto, a tradução pressupõe a criação de novos significados, pois a própria diversidade das línguas impede que haja qualquer tipo de reprodução de sentido. Há que se concluir, então, que o conceito de equivalência só poderia ter seu lugar dentro de uma concepção universalista de linguagem e de tradução, na medida em que necessariamente pressupõe a preservação do “sentido original”, não obstante a mudança de código, de sistema linguístico. Essa é a razão da crítica de Rodrigues às abordagens de Toury e Lefevere, que, embora afirmem contestar a visão tradicional sobre a tradução, admitem a possibilidade do estabelecimento de algum tipo de equivalência. Nesse sentido:

As críticas a Catford e Nida apenas confirmam as posições universalistas de saída já associadas a esses teóricos. Para Lefevere e Toury, no entanto, os fundamentos universalistas não são esperados, uma vez que suas posições se formam em oposição ao universalismo dominante. Não sendo esperada, a revelação desses fundamentos tem um impacto maior, e parece querer comprometer [...] todo o avanço que essa nova tendência supunha trazer (CRUZ, 2012: 86).

Para P. Oliveira (2005: 20), a análise de Rodrigues peca “por abordar sob um viés *epistemológico* – nítida e explicitamente tributário da desconstrução – programas de trabalho de cunho eminentemente *sociológico*”. Isto é, aceitar, no plano sociológico – ou pragmático, no qual se dá a *prática* de tradução – a existência de um equivalente, não é o mesmo que admitir a sua validade em um plano filosófico, epistemológico.

Ao comentar, a título de ilustração, o trecho da análise em que Rodrigues critica Lefevere por recomendar a aprendizes de tradução que consultem um dicionário para encontrar “equivalentes exatos”, P. Oliveira (2005) afirma:

Considero, sem restrição alguma, que *livro, book, Buch, livre*, etc., operam de forma análoga no português, no inglês, no alemão, no francês, etc. Nesse sentido, são “equivalentes exatos”, obedecem à mesma regra de uso. Por esse motivo, diferentemente de Rodrigues, considero as recomendações de Lefevere perfeitamente plausíveis, no âmbito das práticas tradutórias (OLIVEIRA, P., 2005: 21).

O pesquisador argumenta que, ao executar uma tarefa específica de tradução, é perfeitamente possível (e até recomendável) que o tradutor ou estudante de tradução trabalhe com a ideia de equivalência, na medida em que esta fornece uma base estável para o exercício de sua atividade profissional ou acadêmica, como sustenta A. R. de Oliveira (2007: 11): “O conforto de pensar na existência de uma relação perceptível entre texto de partida e texto de chegada permite que tenham uma atitude otimista (e ilusória) frente à atividade que o aguarda”.

Na obra de Lefevere, que leva em consideração aspectos que hoje reconhecemos como imprescindíveis para o estudo de traduções, como diferenças culturais entre os sistemas de partida e de chegada e o tradutor enquanto sujeito produtor de sentido e inserido em um contexto histórico e social, a noção de equivalência assume uma relevância de caráter metodológico, e não se afigura mais como o objetivo de toda tradução (como é o caso em Nida, que preconiza a “busca” pelo “equivalente natural mais próximo”). O mesmo acontece no caso de Toury, para quem:

[...] o invariante de comparação não é um ideal de tradução a ser perseguido, e sim uma construção hipotética do pesquisador, útil talvez para os fins de descrição e caracterização de textos traduzidos. Como instrumental analítico, a noção de invariante de comparação tem valor metodológico, nas reflexões de Toury, em etapa prévia à definição ou determinação das normas de tradução (CRUZ, 2012: 119).

O invariante de comparação exerce, portanto, um papel muito mais funcional do que prescritivo, na medida em que não tem a pretensão de dizer se uma tradução é ou não correta. Ademais, o fato de Toury afirmar que o próprio pesquisador é responsável pela formulação desse invariante torna patente “a historicidade dessa tradução idealizada, que se ancora em um sujeito histórico específico e tem seu valor de ideal relativizado em prol de sua função de classificação de modos possíveis de se traduzir” (CRUZ, 2012: 120).

Como a própria Rodrigues reconhece, Lefevere e Toury foram responsáveis por muitas contribuições significativas para o seu campo de estudo, como a inclusão de novas

condicionantes (sobretudo referentes à língua e à cultura de chegada) à reflexão sobre tradução, a percepção da tradução como um instrumento de mudanças culturais e literárias, o deslocamento do foco do texto-fonte para o contexto receptor e a compreensão de que todo tradutor trabalha com base em determinados pressupostos teóricos, não somente apoiado em sua “intuição” (cf. RODRIGUES, 2000: 159-160). Diante disso, bem como do que foi exposto no subitem anterior, dificilmente se poderia dizer que Toury e Lefevere adotam uma visão universalista de língua e de tradução.

Graças às novas perspectivas trazidas à luz por esses e outros autores, hoje parece impensável conceber a tradução nos moldes das primeiras pesquisas sistemáticas sobre o assunto, pautadas em uma noção de transporte de significados fixos e universais e em uma suposta exatidão que quer se aproximar das ciências não humanas. Cumpre, portanto, cuidar para não “jogar fora a criança junto com a água do banho” (P. OLIVEIRA, 2007b: 184) como faz Rodrigues, cuja análise, tributária da radicalidade desconstrutivista, parte do pressuposto de que: “Se a posição que se almeja assumir é relativista, não devem existir indícios de concepções próprias ao universalismo, pois isso geraria contradições que implicariam fatalmente o descarte quase que automático da proposta inicial de renovação do campo” (CRUZ, 2012: 98).

A partir do que foi exposto acima, conclui-se que o conceito de equivalência nem sempre está necessariamente associado a uma concepção universalista de linguagem e tradução, de maneira que não se pode descartar por completo a contribuição de um autor apenas porque esta inclui referências, diretas ou indiretas, a um conceito atualmente considerado obsoleto. Antes, é preciso investigar de que maneira essa noção se encaixa no quadro geral das pesquisas aqui contempladas, quadro esse que inclui o tratamento que se dá à linguagem e à tradução, como conclui a própria Rodrigues (2000) ao final de sua obra:

[...] não é possível simplesmente “abandonar” um conceito, especialmente um que fundamenta tantas propostas de reflexão sobre a tradução. Um dos caminhos possíveis para escapar da “paralisia” é o trilhado nesta obra: analisar como o conceito se enquadra em propostas globais de trabalho, ver se ele explica as relações que se estabelecem entre o texto de partida e a tradução, examinar o lugar que ocupa, sua pertinência e sua condição de possibilidade (RODRIGUES, 2000: 228).

Com base no que foi discutido nesta seção, procuro justificar, no capítulo a seguir, por que considero vantajoso revisitar a abordagem de Werner Koller, que se autointitula um representante dos estudos linguísticos de tradução e que é mais frequentemente associado à tipologia de equivalências que propõe em sua obra mais conhecida, *Einführung in die Übersetzungswissenschaft* [Introdução à Ciência da Tradução].

3 A EQUIVALÊNCIA DE WERNER KOLLER

Vimos, no capítulo anterior, que o conceito de equivalência é geralmente associado à chamada “Ciência da Tradução”, ou seja, às pesquisas que, em meados do século passado, buscaram esclarecer o fenômeno da tradução à luz de teorias de base linguística. À época, a equivalência foi elevada ao estatuto de termo técnico, e serviu como parâmetro para o estabelecimento de correspondências que permitiriam automatizar a tradução, com o auxílio de programas computacionais. Na teoria, isso seria possível graças à suposta estabilidade do significado, do sentido original, passível de ser acessado e reproduzido em um sistema linguístico diverso. Na prática, no entanto, as tentativas de tornar o traduzir um processo o mais objetivo possível não fizeram jus às expectativas da época, e os estudos de tradução foram forçados a recalculas rotas.

O lançamento do livro *Einführung in die Übersetzungswissenschaft* [Introdução à Ciência da Tradução, doravante *Einführung*], do teórico suíço Werner Koller, se situa naquele momento inicial, quando surgem as primeiras pesquisas dedicadas especificamente à tradução, e a teoria desenvolvida nessa área alcança um maior grau de sistematização. Publicada originalmente em 1979, a *Einführung* constou, durante muito tempo, da bibliografia de diversos cursos de formação de tradutores e intérpretes nos países de língua alemã²⁴ (cf. KOLLER, 2004a: 19), nos quais a produção bibliográfica no âmbito da Ciência da Tradução (*Übersetzungswissenschaft*) foi especialmente profícua (cf. MUNDAY, 2008: 46). Nesta dissertação, tomo por base a sétima edição do livro de Koller, publicada em 2004.

Embora tenha sido reeditada diversas vezes e seja amplamente conhecida no mundo acadêmico germanófono, a *Einführung* nunca foi traduzida integralmente para o inglês, nem tampouco para o português, de modo que a principal contribuição de Koller para os estudos de tradução ficou praticamente restrita ao público leitor de alemão. Em face disso, neste capítulo, dedico a seção 3.1 a uma breve contextualização do momento em que se deu a publicação da *Einführung*, bem como à síntese das principais ideias defendidas por Koller, em especial sua posição diante de questões fundamentais para a configuração dos estudos de tradução como disciplina autônoma, tais como o seu campo de ação, seu objeto de estudo e a metodologia a ser adotada por estudiosos dessa área. O subtópico 3.1 também se destina à

²⁴ Mesmo no Brasil, em 2016, ano do meu ingresso na pós-graduação, a *Einführung* era a única leitura obrigatória para a prova de conhecimentos específicos da área de tradução do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da FFLCH-USP.

apresentação da noção de Equivalência de Koller e de sua tipologia de cinco categorias: Equivalências denotativa, conotativa, textual-normativa, pragmática e estético-formal –.

Pelo fato de propôr uma sistematização do ato tradutório com base na Equivalência, a recepção da obra de Koller foi marcada, como se verá no item 3.2, por sua associação aos demais representantes da Ciência da Tradução. Com o surgimento de vertentes alternativas nos estudos de tradução, o conceito proposto pelo autor também foi relegado ao esquecimento, juntamente com as demais abordagens orientadas para a equivalência. Diante disso, no segundo subitem deste capítulo, remeto-me à oposição, feita no capítulo segundo, entre concepções universalistas e relativistas de linguagem e tradução, a fim de discutir a atitude adotada pelo autor e a maneira pela qual esta é determinante para o desenvolvimento da sua noção de Equivalência. Como forma de ilustrar o posicionamento de Koller frente a essas questões, apresento traduções de trechos escolhidos da *Einführung* e de outras obras do autor, em que este discorre explicitamente sobre os tópicos linguagem, tradução e equivalência. Todas as traduções dos textos de Koller citados neste capítulo são de minha autoria e, excepcionalmente neste capítulo, vêm acompanhadas dos excertos originais, nas notas de rodapé, de maneira que o leitor também tenha acesso ao texto em alemão.

Na tradução dos excertos da obra de Koller, procurei adotar uma estratégia de transparência, atendo-me, sempre que possível, à sintaxe e ao léxico alemães. A meu ver, a opção pela literalidade enseja, para o leitor da tradução, um estranhamento que é, por um lado, cabível no contexto de um texto acadêmico (evidentemente, não seria assim se a tradução fosse destinada ao público geral, a pedido de uma editora), e, por outro, condizente com o ineditismo da obra de Koller para o público brasileiro.

Além disso, uma tradução mais literal permite diferenciar os recortes feitos por Koller de recortes contemporâneos, para os quais já há uma terminologia consagrada. Um exemplo de como isso se apresenta neste texto é a opção que fiz por conservar a inicial maiúscula de alguns termos-chave, como Equivalência (*Äquivalenz*) e Correspondência (*Korrespondenz*). Ao passo que, em alemão, todos os substantivos são grafados com a inicial maiúscula, em português, tal opção singulariza os conceitos propostos por Koller, visto que, se grafados em minúsculas, os termos utilizados pelo autor inevitavelmente remeteriam a uma determinada tradição nos estudos de tradução, que, a meu ver, não deve ser imputada a Koller.

Finalmente, encerro este capítulo com a defesa do argumento de que o conceito de Equivalência pode ser operacionalizado na prática da tradução. Com base na distinção feita por P. Oliveira (2007a) entre conceitos de caráter epistemológico e operacional, procuro demonstrar que a noção proposta por Koller não deve ser entendida como uma espécie de “lei

transcendental”, mas como uma ferramenta teórica que, no plano pragmático, ajuda a determinar e a fundamentar decisões tradutórias. No quinto capítulo desta dissertação, essa reflexão teórica é relacionada a alguns exemplos práticos, extraídos de textos empíricos. O *corpus* utilizado é composto de ocorrências de cores encontradas no romance *Buddenbrooks*, de Thomas Mann, e sua tradução para o português, de autoria de Herbert Caro.

3.1 A Ciência da Tradução e o lugar da Equivalência

Nascido em 1942, na cidade de Zurique, Werner Koller cursou Germanística, Linguística, Filosofia e Estudos Escandinavos nas universidades de Zurique e Estocolmo. De 1969 a 1971, foi professor visitante de Língua Alemã na Universidade de Estocolmo e, entre 1971 e 1973, trabalhou como assistente e professor adjunto de Linguística Alemã na Universidade de Zurique. Em 1972, doutorou-se pela Universidade de Estocolmo, com a tese *Grundprobleme der Übersetzungstheorie. Unter besonderer Berücksichtigung schwedisch-deutscher Übersetzungsfälle* [Problemas fundamentais da teoria da tradução. Com ênfase em ocorrências de tradução do sueco para o alemão] e, no ano seguinte, tornou-se docente na área de Linguística Alemã na mesma instituição. Em 1974, passou a lecionar Linguística Aplicada na Universidade de Heidelberg, Alemanha, onde permaneceu até 1978, ano em que assumiu o cargo de professor de Linguística Alemã, na Universidade de Bergen, na Noruega. Em 2012, foi-lhe concedido o título de professor emérito pela mesma instituição²⁵.

Figura 2: Koller em seu escritório, 2012.

Depreende-se desta breve apresentação que a formação acadêmica de Koller e o início de sua prática docente se deram entre os anos de 1960 e 70, décadas que, como exposto no capítulo segundo, foram marcadas pelo vertiginoso desenvolvimento de teorias e modelos de

²⁵ Biografia acadêmica e imagem retiradas do site oficial do autor (aba *Das bin ich* [Este sou eu]). Disponível em: <<http://werneroller.com/das-bin-ich.html>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

tradução que pretendiam alçar os estudos de tradução ao estatuto de ciência. Vimos também que o cenário acadêmico da época foi marcado pelo crescente interesse por questões de tradução, motivo pelo qual Koller dedica o primeiro capítulo da *Einführung*, denominado *Grundlagen* [Fundamentos], à exposição de um amplo panorama das pesquisas em tradução no Ocidente (com ênfase nos países de língua alemã, mas não exclusivamente) desde a Idade Média. O autor também apresenta algumas definições e modelos de tradução propostos por teóricos como Oettinger, Catford, Nida, Wilss e Snell-Horby, entre outros²⁶.

Com isso, o autor visa reunir as contribuições de autores que se dedicaram ao tema, a fim de estabelecer as bases teóricas para a pesquisa em tradução que, em finais da década de 1970, ainda ambicionava o *status* de disciplina acadêmica autônoma. No prefácio à primeira edição da *Einführung*, o próprio Koller admite que seu objetivo de escrever uma introdução a uma disciplina que ainda não havia se estabelecido como tal poderia ser classificado como uma “empreitada audaciosa” (KOLLER, 2004a: 11). Afinal, muitas questões acerca do objeto de estudo, dos métodos e do escopo da então nova ciência ainda não haviam sido respondidas àquela altura. Em face de tamanha indefinição do campo de estudo em questão, Koller reconhece: “[...] poder-se-ia acusar o autor desta ‘Introdução’ de tentar fazer uma introdução a algo que ainda não existe em uma forma que permita uma representação introdutória²⁷” (idem, ibid: 11).

Vinte e cinco anos mais tarde, no prefácio à sétima edição, de 2004, o autor faz uma constatação mais otimista. Referindo-se ao prólogo da primeira edição, diz: “Uma ‘consideração preliminar’ como essa já seria impensável – felizmente!²⁸” (KOLLER, 2004a: 11). No entanto, embora os estudos de tradução já desfrutassem, nos anos 2000, de maior credibilidade e autonomia em face às demais áreas do conhecimento, ainda existe, de acordo com Koller, certa dificuldade em estabelecer a relação entre a teoria e a prática de tradução (cf. idem, ibid.: 20). Diante disso, o autor advoga a favor da necessidade de se ensinar teoria da tradução nos cursos de formação de tradutores e intérpretes, embora a relevância de uma formação teórica ainda seja questionada (cf. idem, ibid.: 21).

Segundo ele, o argumento de que a teoria não formará melhores tradutores é equivocado, primeiro porque um curso exclusivamente voltado para a formação de tradutores profissionais perde seu caráter acadêmico; em segundo lugar, o objetivo do ensino de teoria

²⁶ As explicações e críticas do autor às teorias de tradução então disponíveis não serão abordadas neste capítulo. Alguns aspectos fundamentais de outros modelos de tradução (e de equivalência) que considero necessários ao encaminhamento da minha reflexão já foram apresentados e discutidos no segundo capítulo desta dissertação.

²⁷ Man könnte darum dem Verfasser dieser ‚Einführung‘ den Vorwurf machen, dass er in etwas einzuführen versucht, was es noch nicht in einer Form gibt, die eine einführende Darstellung erlauben würde.

²⁸ Eine solche „Vorbemerkung“ wäre nicht mehr denkbar – glücklicherweise!

da tradução não é aprimorar a prática (o que só pode ser alcançado com a própria prática), e sim endossar as decisões tomadas pelo tradutor. Nas palavras de Koller: “[...] o tradutor se sente mais seguro em seu trabalho prático, quando é capaz de fundamentar ou, eventualmente, defender suas soluções para os problemas, e também, quando necessário, revisá-las de maneira fundamentada²⁹” (KOLLER, 2004a: 23). Isso só é possível a um profissional que seja capaz de avaliar o problema isolado dentro de um contexto mais amplo, capacidade essa que, segundo Koller, pode ser desenvolvida principalmente a partir do conhecimento da teoria. Por isso, “[n]esse sentido, a teoria da tradução se encontra em relação direta com a prática de tradução, e a serviço desta³⁰” (idem, ibid: 23).

O autor ressalta, porém, que a teoria jamais deve servir como “camisa de força” para a prática:

Mas, em minha opinião, não pode, de maneira alguma, ser tarefa da teoria da tradução prescrever aos tradutores como têm de traduzir, nem professar uma – ou ainda pior: *a* – concepção teórica como princípio norteador para a sua atividade prática. [...] *A Ciência da Tradução não é uma ciência prescritiva*³¹. (KOLLER, 2004a: 13, grifo meu).

Em outras palavras, Koller rejeita as pesquisas e os modelos que, com base em uma única teoria da tradução, pretendiam, à semelhança de manuais didáticos, fornecer instruções normativas para a prática de tradução. Como forma de construir a tão necessária ponte entre teoria e prática, Koller propõe o caminho inverso: começar pela prática para chegar à teoria. De acordo com o autor: “Uma tarefa central da Ciência da Tradução como ciência empírica consiste em analisar, descrever, sistematizar e problematizar as soluções que os tradutores oferecem em suas traduções³²” (KOLLER, 2004a: 17-18). Por isso, o teórico falará mais adiante em “Ciência da Tradução de orientação descritiva” (*deskriptiv orientierte Übersetzungswissenschaft*).

Não por acaso, a sétima edição da *Einführung* é repleta de análises de excertos de traduções existentes. Pym (1997: 5) afirma que essa grande quantidade de exemplos foi incluída por Koller à quarta edição, de 1992, como resposta às críticas direcionadas, ao longo

²⁹ Wohl aber fühlt sich der Übersetzer in seiner praktischen Arbeit sicherer, wenn er seine Problemlösungen begründen, ggf. verteidigen, wenn nötig auch begründet revidieren kann [...].

³⁰ In diesem Sinne steht die Übersetzungstheorie in unmittelbarem Bezug zu und im Dienste der Übersetzungspraxis.

³¹ Es kann aber meiner Meinung nach keinesfalls Aufgabe der Übersetzungstheorie sein, den Übersetzern vorzuschreiben, wie sie zu übersetzen haben, und auch nicht, ihnen eine – oder schlimmer noch: *die* – theoretische Konzeption als Richtschnur für ihre praktische Arbeit vorzugeben. [...] Übersetzungswissenschaft ist keine präskriptive Wissenschaft.

³² Eine zentrale Aufgabe der Übersetzungswissenschaft als empirische Wissenschaft besteht darin, die Lösungen, die die Übersetzer in ihren Übersetzungen anbieten, zu analysieren, zu beschreiben, zu systematisieren und zu problematisieren.

da década de 1980, à primeira edição, que não apresentava tais análises empíricas. Além disso, segundo Pym, essa estratégia seria uma tentativa do autor de compensar a falha no modo de argumentação adotado nas primeiras edições:

Como Koller ainda poderia extrair os limites da tradução de resumos de outras teorias quando havia, agora, tantas teorias que não falavam em equivalência? Era necessária alguma epistemologia alternativa, um pouco da qual parece ter sido emprestada dos Estudos Descritivos da Tradução (desconfio que daí advenha a relativa ausência de “crítica da tradução”). A utilização de numerosos exemplos torna-se, assim, parte de uma pretensão ao empirismo, como se as categorias de equivalência tivessem sido (parcialmente) derivadas do estudo das traduções em si [...]. Essa é a alegação que se lê no artigo de 1995³³ (“esses quadros de equivalência... são baseados em estudos teóricos e empíricos”, 198). Em 1979, esses mesmos quadros eram derivados de outras teorias, com quase nenhum sinal de empirismo (PYM, 1997: 6).

Neste ponto, cumpre dizer que a confrontação de Koller com o objeto de estudo se dá a partir de uma perspectiva linguística. Como vimos, esse era o paradigma dominante à época do lançamento da *Einführung* e, em sua carreira como pesquisador e docente, Koller também enveredou por esse caminho, tendo ministrado disciplinas da área de Linguística em diversas universidades. Diante desse pano de fundo, é natural que o interesse do autor pela temática da tradução também tenha se dado pela via da Linguística, de modo que, já no prefácio à sua obra, a tradução é definida como “o *resultado de uma operação linguístico-textual*, que conduz de um texto na LP [língua de partida] a um texto na LC [língua de chegada]”³⁴, na qual é produzida uma *relação de tradução (ou de equivalência)* entre o texto na LC e o texto na LP³⁵” (KOLLER, 2004a: 16).

No entanto, como Koller faz questão de ressaltar já de saída, sua opção pela Linguística Textual não deve ser encarada como o único caminho possível. No capítulo introdutório da *Einführung*, ele afirma que “diferentes teorias de tradução são não somente

³³ KOLLER, Werner. The Concept of Equivalence and the Object of Translation Studies. **Target International Journal Of Translation Studies**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.191-222, 1995.

³⁴ Nas traduções de trechos da *Einführung*, utilizarei os termos “língua de chegada” e “língua de partida” para me referir, respectivamente, à língua para a qual se traduz e à língua a partir da qual se traduz. Optei por essas denominações por refletirem a imagem de movimento presente nos termos em alemão, *Zielsprache* e *Ausgangssprache*, respectivamente. No Duden Online, *Ziel* é definido como: “Punkt, Ort, bis zu dem jemand kommen will, den jemand erreichen will” [ponto, lugar ao qual alguém pretende chegar, que alguém pretende alcançar]. Já da definição de *Ausgang* no mesmo dicionário consta: “Anfang, Ausgangspunkt” [início, ponto de partida].

³⁵ Eine Übersetzung ist das *Resultat einer sprachlich-textuellen Operation*, wobei zwischen ZS-Text und AS-Text eine *Übersetzungs- (oder Equivalência-)relation* hergestellt wird.

possíveis como também necessárias, se se pretende esclarecer o fenômeno da tradução em sua complexidade e em suas diferentes facetas [...]”³⁶ (KOLLER 2004a: 18). Para ele:

Uma tradução não é somente a confrontação de um texto de partida com os meios e possibilidades linguístico-estilísticos de uma língua de chegada – embora ela também o seja, e em um sentido tão fundamental, que uma Ciência da Tradução de orientação descritiva sem componente linguístico me parece impensável –, e sim a confrontação de um tradutor com toda uma série de condições e fatores em parte contraditórios e difíceis de conciliar, que toda teoria da tradução deve tematizar e toda análise de traduções deve levar em consideração³⁷ (KOLLER, 2004a: 16-17).

O teórico reconhece que há uma série de fatores condicionantes para a produção de uma tradução, tais como normas estilísticas e estéticas, a teoria de tradução adotada pelo tradutor³⁸, a tradição de tradução em que ele se insere etc.. A dimensão linguístico-textual é, assim, apenas um dos muitos prismas a partir dos quais é possível estudar a tradução. Koller (2004a) declara ainda:

O fenômeno da tradução é tão fascinante sobretudo porque é possível aproximar-se dele – de maneira legítima e frutífera – a partir de *abordagens e interesses inteiramente diferentes* dos linguístico-textuais, que estão no primeiro plano desta ‘Introdução’³⁹ (KOLLER, 2004a: 18).

Assim, para Koller, os estudos de tradução são marcados pela interdisciplinaridade, de modo que não há como estabelecer uma metodologia universal para esse campo de estudo: “A Ciência da Tradução é a ciência que tenta descrever, analisar e explicar o traduzir e as traduções sob os mais diversos aspectos, com um interesse de entendimento diverso e mediante a aplicação de métodos de diferentes disciplinas⁴⁰” (KOLLER, 2004a: 123), como os Estudos Literários e a Linguística, por exemplo. A opção por determinada metodologia deve levar em consideração a natureza do problema a ser observado e os objetivos da pesquisa (cf. idem, ibid.: 123-124).

³⁶ Und von diesen verschiedenen Ansätzen her sind verschiedene Übersetzungstheorien nicht nur möglich, sondern auch notwendig, wenn das Phänomen Übersetzung in seiner Vielschichtigkeit und in seinen unterschiedlichen Facetten beleuchtet werden soll [...].

³⁷ Eine Übersetzung ist nicht nur die Konfrontation eines Ausgangstextes mit den sprachlich-stilistischen Mitteln und Möglichkeiten einer Zielsprache – das ist sie indessen auch, und zwar in einem so fundamentalen Sinne, daß mir eine deskriptiv orientierte Übersetzungswissenschaft ohne linguistische Komponente nicht denkbar erscheint –, sondern die Konfrontation eines Übersetzers mit einer ganzen Reihe teilweise widersprüchlicher, schwer miteinander zu vereinbarender Bedingungen und Faktoren, die jede Übersetzungstheorie thematisieren und jede Analyse von Übersetzungen berücksichtigen muß.

³⁸ “Teoria de tradução” designa, aqui, concepções individuais e internalizadas de tradução, que não necessariamente correspondem a modelos ou princípios teóricos formais. Sempre que me referir a esta última acepção, opto pela forma “teoria da tradução”, com artigo definido.

³⁹ Das Phänomen der Übersetzung ist nicht zuletzt deshalb so faszinierend, weil man sich ihm – auf legitime und fruchtbare Weise – auch von ganz *anderen Ansätzen und Interessen* her nähern kann als den sprachlich-textuellen, die in dieser „Einführung“ im Vordergrund stehen [...].

⁴⁰ Die Übersetzungswissenschaft ist die Wissenschaft, die Übersetzen und Übersetzungen mit unterschiedlichem Erkenntnisinteresse und unter Anwendung der Methoden verschiedener Disziplinen unter den verschiedensten Aspekten zu beschreiben, zu analysieren und zu erklären versucht.

Com base nisso, Koller subdivide os estudos de tradução em nove nichos de pesquisa, de acordo com seus objetivos específicos (cf. idem, *ibid.*: 123-128). Abaixo, apresento as subáreas propostas pelo autor e seus respectivos objetivos:

- a) *Übersetzungstheorie* [Teoria da tradução]: analisar e descrever o processo tradutório e determinar quais os fatores e condicionantes envolvidos nesse processo, sem considerar traduções e tradutores individualmente, mas em conjunto.
- b) *Linguistisch-sprachenpaarbezogene Übersetzungswissenschaft* [Ciência linguística da Tradução voltada para pares de línguas]: descrever potenciais equivalentes tradutórios e determinar quais fatores e critérios influenciam as escolhas dos tradutores.
- c) *Textbezogene Übersetzungswissenschaft* [Ciência da Tradução voltada para o texto]: sistematizar as normas linguísticas, estilísticas e textuais dos textos ou gêneros textuais de partida e as normas correspondentes na língua de chegada, entre outras tarefas relacionadas à análise e tipologia textuais.
- d) *Übersetzungsprozessual orientierte Übersetzungswissenschaft* [Ciência da Tradução orientada para o processo de tradução]: verificar e descrever que processos ocorrem na mente do tradutor e quais estratégias ele utiliza ao traduzir.
- e) *Wissenschaftliche Übersetzungskritik* [Crítica científica da tradução]: avaliar a qualidade traduções de acordo com critérios objetivos.
- f) *Angewandte Übersetzungswissenschaft* [Ciência aplicada da Tradução]: criar ou aprimorar ferramentas que auxiliem o tradutor em sua prática profissional (dicionários, glossários, manuais etc.), bem como a produção de dicionários de tradução propriamente ditos.
- g) *Theoriegeschichtliche Komponente der Übersetzungswissenschaft* [Componentes histórico-teóricos da Ciência da Tradução]: encontrar e descrever sistematicamente pesquisas na área de teoria da tradução ao longo da história.
- h) *Übersetzungs- und rezeptionsgeschichtliche Komponente der Übersetzungswissenschaft* [Componentes históricos da tradução e da recepção da Ciência da Tradução]: elaborar um panorama da história do traduzir e da importância dessa atividade nas diferentes épocas, bem como da história da recepção de obras e gêneros textuais em geral.
- i) *Didaktik des Übersetzens* [Didática do traduzir]: desenvolvimento da competência tradutória de estudantes em cursos universitários.

Para Koller (2004a: 129), a interdisciplinaridade dos estudos de tradução implica dois riscos: uma definição muito estreita, ou demasiado ampla do objeto de estudo. De acordo com o autor, a matriz linguística, com a qual o próprio Koller se identifica, muitas vezes peca por limitar demais o campo de ação dos estudos de tradução. Para ele, embora os estudos de tradução fossem tradicionalmente considerados um ramo da Linguística Aplicada, tal

classificação é demasiado restritiva, pois negligencia outros nichos dos estudos de tradução, tais como a teoria da tradução, a crítica da tradução e as componentes histórico-teóricas da Ciência da Tradução, que integram a lista de subáreas proposta pelo autor (cf. KOLLER, 2004a: 132). Dessa maneira, Koller entende os estudos de tradução como ciência *sui generis*, um campo de estudo autônomo, que deve ser considerado como:

[...] síntese e hiperônimo para quaisquer esforços de pesquisa que partem do traduzir e da tradução ou têm como objetivo esses fenômenos. Ela [a Ciência da Tradução] não se deixa subordinar a um determinado ramo das ciências, antes tem participação nas mais diversas ciências⁴¹ (KOLLER, 2004a: 128-129).

Por outro lado, é necessário cuidar para que não se perca de vista o objeto de estudo. Como exemplo de uma vertente dos estudos de tradução que fornece uma definição insuficiente do que é de fato a tradução, Koller cita o movimento funcionalista, com o qual o teórico certamente teve contato no período em que foi docente na Universidade de Heidelberg, onde também lecionaram, entre as décadas de 1960 e 70, Katharina Reiss e Hans Vermeer, dois dos principais representantes dessa corrente (cf. MOREIRA, 2014: 128-130). De acordo com Reiss e Vermeer, uma tradução pode ser considerada bem-sucedida “quando é interpretada pelo receptor de maneira suficientemente coerente com a sua situação e não enseja nenhuma forma de protesto em relação transmissão, à língua ou ao sentido (‘o que se quis dizer’)” (REISS; VERMEER, 1984: 112 *apud* KOLLER, 2004a: 212).

Segundo Koller, diante desse pressuposto, seria mais fácil determinar o que *não* é tradução (cf. KOLLER, 2004a: 213). Assim, como forma de circunscrever mais precisamente o objeto de estudo da disciplina que ambiciona, o autor propõe um conceito de tradução como um tipo de “atividade de processamento de textos”, que define da seguinte forma: “Atividades de processamento de textos geram, a partir de um texto de partida, um texto-resultado⁴²” (idem, *ibid.*: 81). Outros exemplos desse tipo de atividade seriam o comentário, o resumo e a interpretação, que estabelecem uma relação de intertextualidade com material textual preexistente através de procedimentos como citações, condensações, referências, descrições metatextuais etc.

Neste ponto, vale dizer que as “atividades de processamento de textos” de Koller se assemelham à noção de reescritura proposta por Lefevere no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT): “Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu

⁴¹ Übersetzungswissenschaft muß verstanden werden als Zusammenfassung und Oberbegriff für alle Forschungsbemühungen, die von den Phänomenen Übersetzen und Überstzung ausgehen oder auf diese Phänomene zielen. Sie läßt sich nicht unter einem bestimmten Wissenschaftszweig einordnen, sondern hat Anteil an den verschiedensten Wissenschaften.

⁴² Textverarbeitende Aktivitäten führen von einem Ausgangstext zu einem Resultattext.

aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade” (LEFEVERE, 2007: 11). Exemplos de reescritura seriam, além da tradução, antologização, historiografia, crítica e edição. Dentre todos, Lefevere (2007) considera a tradução como:

[...] a forma mais reconhecível de reescritura e a potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou de uma (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem [...] (LEFEVERE, 2007.: 24).

Nesse sentido, como afirma Cruz (2012), a noção de reescritura está diretamente relacionada a uma noção ativa (e criativa) de recepção. Na obra de Lefevere, a recepção não é meramente um “reflexo” ou um “espelhamento”, mas um processo ativo de compreensão e interpretação, na medida em que o receptor, seja ele crítico, historiador, tradutor ou simples leitor “também constrói a obra que recebe (isto é, busca talvez, mesmo inconscientemente, nela inscrever aquilo que lhe interessa)” (CRUZ, 2012: 89).

Assim, cada leitor (ou, neste caso, tradutor) atualiza apenas uma das diversas leituras possíveis da obra, que, por sua vez, se abre a novas interpretações, garantindo assim a sobrevivência do original por meio das sucessivas releituras e reescrituras. Aqui, Koller (2004a) se alinha novamente a Lefevere (2007) ao constatar que:

O tradutor, como um destinatário submetido a essas condições de recepção, realiza, na construção linguístico-estilística da tradução, uma *concretização historicamente possível*, que evidentemente pode apresentar ambiguidades e pontos de indeterminação⁴³ que, em diferentes condições de recepção, são concretizados ou interpretados de diferentes maneiras. Visto que essas concretizações se modificam e se diferenciam tanto diacrônica quanto sincronicamente (diferentes destinatários/diferentes tradutores do mesmo texto em um mesmo recorte de tempo), são também possíveis traduções diversas, que veiculam essas diferentes concretizações ao destinatário na LC⁴⁴ (KOLLER, 2004a: 121-122).

Porém, diferentemente de Lefevere – que, como representante dos EDT, admite como tradução qualquer texto que tenha sido recebido como tal na cultura de chegada (cf. item 2.2

⁴³ O conceito de pontos de indeterminação (*Unbestimmtheitsstellen*) é empregado na Fenomenologia de Ingarden, que diz, sobre a obra literária: “O objeto representado, ‘real’, segundo o seu conteúdo, não é nenhum indivíduo, no sentido verdadeiro, total, perfeita e univocamente determinado, formante de uma unidade originária, mas é apenas uma formação *esquemática* com diversos pontos de indeterminação e com um número finito de características definidas, embora seja delineada formalmente como um indivíduo plenamente definido e destinada a simular esse indivíduo. Esta natureza esquemática dos objetos representados não pode ser eliminada em nenhuma obra literária finita, ainda que no decurso da obra pontos de indeterminação sempre novos possam ser preenchidos pelo complemento de novas qualidades, positivamente delineadas e assim ser eliminados” (INGARDEN, 1960: 266 *apud* JAUSS et al., 1979: 92).

⁴⁴ Der Übersetzer als ein unter diesen historischen Rezeptionsbedingungen stehender Empfänger realisiert in der sprachlich-stilistischen Ausformung der Übersetzung eine *historisch mögliche Konkretisation*, die freilich ihrerseits Mehrdeutigkeiten und Unbestimmtheitsstellen aufweisen kann, die bei unterschiedlichen Rezeptionsbedingungen unterschiedlich konkretisiert oder interpretiert werden. Weil sich diese Konkretisationen diachronisch wie auch synchronisch (verschiedene Empfänger/verschiedene Übersetzer desselben Textes im gleichen Zeitabschnitt) verändern und unterscheiden, sind auch verschiedene Übersetzungen möglich, die diese unterschiedlichen Konkretisationen dem ZS-Empfänger vermitteln.

desta dissertação) –, Koller enxerga na Equivalência o traço distintivo entre a tradução e os demais tipos de atividades de processamento de textos:

Quando questionamos de que maneira o traduzir e a tradução se diferenciam de outras formas e resultados do processamento textual, e quais são as condições que um texto deve satisfazer para que possa ser considerado uma tradução, então é preciso antes esclarecer o conceito de Equivalência (ou ainda: de relação de tradução)⁴⁵ (KOLLER, 2004a: 81).

De acordo com Koller, para definir a Equivalência adequadamente, é necessária uma primeira distinção básica, entre Equivalência (*Äquivalenz*) e Correspondência (*Korrespondenz*). Conforme o autor, o primeiro termo deve ser empregado somente no que se refere aos estudos de tradução, ao passo que a designação Correspondência deve ficar restrita ao âmbito da Linguística Contrastiva (KOLLER, 2004a: 217ss.). Como se viu no capítulo anterior, o que está em jogo quando se fala em Linguística Contrastiva, é a língua como sistema (a *langue* de Saussure), o que também se reflete no fato de a descoberta e a avaliação das eventuais correspondências serem confiadas a um falante bilíngue competente, geralmente o próprio linguista (cf. *idem*, *ibid.*: 219), não necessariamente a um tradutor.

Para Koller, portanto, a Equivalência não é estabelecida no plano do sistema, da gramática das línguas. Ela envolve muitos outros aspectos, o que significa que a competência tradutória, necessária ao tradutor profissional, difere qualitativamente da competência em língua estrangeira, exigida, por exemplo, dos falantes bilíngues na análise contrastiva, como sustenta Koller (2004a) no trecho abaixo:

A competência tradutória, como a habilidade de produzir um texto na LC que corresponda aos requisitos, aos chamados requisitos de Equivalência, de um texto na LP, é *qualitativamente* diferente do domínio das línguas em questão, ou seja, da pura competência linguística. [...] A competência tradutória não é somente *mais* competência linguística na LP e na LC: pensemos, por exemplo, nas exigências no âmbito das terminologias técnicas, da sintaxe e da estilística das línguas científicas, das qualidades estéticas de textos literários. Ela também compreende a criatividade, que consiste em encontrar e escolher equivalentes e na atividade, recorrentemente necessária, da produção textual⁴⁶ (KOLLER, 2004a: 19-20).

⁴⁵ Wenn wir die Frage stellen, wie sich Übersetzen und Übersetzung von anderen Formen und Resultaten der Textverarbeitung unterscheiden und welche Bedingungen ein Text erfüllen muß, damit er als Übersetzung gelten kann, dann setzt dies die Klärung des Äquivalenzbegriffs (oder auch: der Übersetzungsbeziehung) voraus.

⁴⁶ Übersetzungskompetenz als die Fähigkeit, zu einem AS-Text einen bestimmten Forderungen, sog. Äquivalenzforderungen, entsprechenden ZS-Text herzustellen, ist *qualitativ* etwas anderes als die Beherrschung der betreffenden Sprachen, die reine Sprachkompetenz, also. [...] Übersetzungskompetenz ist nicht nur *mehr* Sprachkompetenz in AS und ZS: man denke etwa an die Anforderungen im Bereich der Fachterminologien, der Syntax und Stilistik der Wissenschaftssprachen, der ästhetischen Qualitäten literarischer Texte. Sie beinhaltet auch die Kreativität, die im Finden und Wählen von Äquivalenten und in der immer wieder notwendigen textproduzierenden Aktivität besteht.

Em contraste com a Correspondência, o domínio da Equivalência é o da língua em uso, o das escolhas que falantes e tradutores efetivamente realizam no dia-a-dia e na sua prática profissional. Nesse sentido, os estudos de tradução são a “ciência da *parole*”⁴⁷ (2004a: 223), afinal: “São sempre elocuções e textos que são traduzidos; o tradutor produz Equivalência entre elocuções/textos da língua de partida e elocuções/textos da língua de chegada, não entre estruturas e orações de duas línguas”⁴⁸ (KOLLER, 2004a: 222).

A partir dessa primeira diferenciação, Koller então prossegue à circunscrição de seu conceito particular de Equivalência, ao qual dedica todo o segundo capítulo de seu livro. Na sétima edição da *Einführung*, o capítulo intitulado Equivalência se estende por mais de cento e quarenta páginas (quase metade do livro). A respeito do papel central que a Equivalência ocupa no quadro de trabalho de Koller, Pym (1997) comenta:

Ao reunir definições de tradução de Oettinger, Catford, Winter, Wilss, Jäger, Nida e Taber, Koller conclui que, já que a equivalência é seu elemento em comum, a equivalência deve ser o que há de mais específico à tradução (uma falácia lógica, mas espere...). Ao mesmo tempo, reconhece Koller, dizer que traduções devem ser equivalentes a um original significa postular uma relação esvaziada de conteúdo [...] (PYM, 1997: 2).

No artigo *Der Begriff der Equivalência in der Übersetzungswissenschaft* [O conceito de Equivalência na Ciência da Tradução], também de 2004, Koller diz que, em meados do século passado, o significado denotativo foi eleito como o principal critério para o estabelecimento da Equivalência (cf. KOLLER, 2004b: 349). Em outras palavras, eram considerados equivalentes textos ou porções de texto que “dizem a mesma coisa” em línguas diferentes. Para o autor, porém, essa noção estritamente denotativa de Equivalência não faz jus à complexidade do fenômeno da tradução, como se vê na citação a seguir:

Considero essa abordagem como *linguisticamente estreita*, porque, ao limitar-se à semântica, ela leva em consideração apenas um aspecto – central, evidentemente – de natureza linguístico-textual, que resulta do compromisso da tradução com o texto de partida e com os pré-requisitos linguístico-estilísticos e textuais na língua de chegada⁴⁹ (KOLLER, 2004b: 346).

Na visão do autor, o aspecto mais problemático das abordagens orientadas para a Equivalência, que também configura um “risco metodológico”, é o fato de que “o texto da língua de partida é absolutizado como única grandeza referencial [...] e de que as

⁴⁷ [...] sie [die Übersetzungswissenschaft] ist Wissenschaft der *parole*.

⁴⁸ Übersetzt werden immer Äußerungen und Texte; der Übersetzer stellt Äquivalenz her zwischen AS-Äußerungen/Texten und ZS-Äußerungen/Texten, nicht zwischen Strukturen und Sätzen zweier Sprachen.

⁴⁹ Als *eng linguistisch* betrachte ich diesen Ansatz, weil er durch die Beschränkung auf die Semantik nur einen – freilich einen zentralen – Aspekt sprachlich-textueller Art berücksichtigt, der sich durch die Bindung der Übersetzung an den Ausgangstext und die sprachlich-stilistischen und textuellen Voraussetzungen in der Zielsprache ergibt.

relações entre unidades da LC e da LP são tidas como estáticas⁵⁰” (KOLLER, 2004b: 349). Por esse motivo, o conceito de Equivalência deve ser “dinamizado”, de maneira a dar conta do que Koller denomina “duplo compromisso da tradução”: “[...] o compromisso específico com o *texto de partida* e, em segundo lugar, o compromisso com as *condições comunicativas* por parte do *destinatário*⁵¹” (idem, *ibid.*: 349). O teórico propõe, então, a diversificação e operacionalização do conceito:

Para que seja utilizável também na análise (isto é, na descrição, classificação e explicação) de ocorrências de tradução como fenômenos empíricos, então o conceito fundamental de Equivalência, em teoria da tradução, necessita ser precisado e diferenciado. Afinal, a princípio, com o conceito teórico de Equivalência é postulado somente [...] que haja, entre um texto (ou elementos textuais) em uma língua L_2 (texto na LC) e um texto (ou elementos textuais) em uma língua L_1 (texto na LP), uma *relação de tradução*. Aqui, o termo Equivalência ainda não diz nada sobre o *tipo dessa relação*; este precisa também ser definido⁵² (2004b: 351).

Nesse excerto, Koller aponta para a insuficiência das definições tradicionais de equivalência, o que ele chama de “conceito teórico de Equivalência”. Para ele, não basta dizer que a Equivalência pressupõe uma relação de tradução; é necessário determinar a natureza dessa relação, como se vê nas três máximas presentes na *Einführung*:

1. A princípio, Equivalência (em tradução) significa apenas que há uma relação de tradução entre dois textos; por isso, seria melhor falar em *relação de Equivalência* em vez de simplesmente “Equivalência”. 2. O uso do termo “Equivalência” pressupõe a definição de um *quadro de referência*. 3. São considerados *Äquivalente* da LC unidades linguísticas/textuais, de natureza diversa e diferentes classes e dimensões, que se encontrem em uma relação de Equivalência – especificada pela indicação do(s) quadro(s) de referência – com elementos da LP⁵³. (KOLLER, 2004a: 215)

Temos aqui a primeira menção ao conceito de **quadro de referência** (*Bezugsrahmen*). Segundo Koller, o quadro de referência deve ser definido pelo tradutor, a fim de delimitar

⁵⁰ Das Problem – und die methodologische Gefahr – des äquivalenzorientierten Ansatzes besteht darin, dass der ausgangssprachliche Text als einzige Bezugsgröße verabsolutiert wird [...] und die Beziehungen zwischen ZS- und AS-Einheiten als statisch aufgefasst werden.

⁵¹ Der Äquivalenzbegriff sollte deshalb dynamisiert werden, ausgehend vom Sachverhalt, dass sich Übersetzung durch eine *doppelte Bindung* auszeichnet: Durch ihre spezifische Bindung an den *Ausgangstext* und zweitens die Bindung an die *kommunikativen Bedingungen* auf der Seite des Empfängers.

⁵² Soll der übersetzungstheoretische Grundbegriff der Äquivalenz aufh bei der Analyse, d.h. der Beschreibung, Klassifizierung und Erklärung von Übersetzungsfällen als empirischen Phänomenen brauchbar sein, so muss er präzisiert und differenziert werden. Denn mit dem theoretischen Begriff der Äquivalenz wird zunächst nur postuliert [...], dass zwischen einem Text (bzw. Textelementen) in einer Sprache L_2 (ZS-Text) und einem Text (bzw. Textelementen) in einer Sprache L_1 (AS-Text) eine *Übersetzungsbeziehung* besteht. Der Begriff der Äquivalenz sagt dabei noch nichts über die *Art* dieser Beziehung aus; diese muss zusätzlich bestimmt werden.

⁵³ 1. (Übersetzungs-)Äquivalenz bedeutet zunächst nur, daß zwischen zwei Texten eine Übersetzungsbeziehung vorliegt; man würde deshalb besser von *Equivalenzrelation* statt nur von Äquivalenz sprechen. 2. Die Verwendung des Äquivalenzbegriffs setzt die Angabe von *Bezugsrahmen* voraus. 3. Als *ZS-Äquivalente* werden sprachliche/textuelle Einheiten verschiedener Art und unterschiedlichen Ranges und Umfangs bezeichnet, die zu AS-Elementen in einer durch Angabe des/der Bezugsrahmen(s) spezifizierten Äquivalenzrelation stehen.

qual (ou quais) “qualidade(s) X do texto na LP (qualidades de natureza conteudística, estilística, funcional, estética etc.) deve(m) ser percebidas na tradução⁵⁴” (KOLLER, 2004a: 215), sem negligenciar as condições (textuais e pragmáticas) de recepção às quais o texto na LC está sujeito. De acordo com o teórico, a partir de uma perspectiva linguístico-textual, existem cinco possíveis quadros de referência, dos quais resultarão cinco tipos de Equivalência:

- (1.) Os *atos extralinguísticos* que são transmitidos em um texto; a Equivalência que é orientada para os fatos extralinguísticos denomino Equivalência *denotativa*;
- (2.) As *conotações* relacionadas à camada do estilo, dimensão socioletal e geográfica, frequência etc., transmitidas no texto pelo *modo de verbalização* (em especial por meio de uma seleção específica entre possibilidades de expressão sinônimas ou quase sinônimas); o conceito de Equivalência orientado para essas categorias denomino Equivalência *conotativa*;
- (3.) As *normas do texto e da língua* (normas de uso) vigentes para determinados textos; o conceito de Equivalência que se refere a tais características específicas dos gêneros textuais denomino Equivalência *textual-normativa*;
- (4.) O *destinatário* (leitor) para o qual a tradução é direcionada e que deve ser capaz de receber o texto com base nas suas condições de compreensão, ou aquele em função do qual a tradução é “ajustada” para que possa cumprir sua função comunicativa; a Equivalência relacionada ao destinatário denomino Equivalência *pragmática*;
- (5.) Determinadas propriedades *estéticas*, formais e de estilo individual do texto na LP; a Equivalência que se refere a tais propriedades do texto denomino Equivalência *estético-formal*⁵⁵ (KOLLER, 2004a: 216).

Ao afirmar que as relações de Equivalência só podem ser definidas satisfatoriamente a partir da delimitação de determinado(s) quadro(s) de referência, Koller advoga a favor de uma determinação *ad hoc* da relação de Equivalência, no plano de uma dada prática de tradução. Isto é, o tradutor é responsável por determinar, caso a caso, quais relações de Equivalência devem ser estabelecidas para que haja, de fato, uma relação de tradução (*Übersetzungsbeziehung*) entre os textos de partida e de chegada.

A escolha de determinado quadro de referência pressupõe a criação, por parte do tradutor, de uma “hierarquia dos valores a serem obtidos/preservados na tradução”

⁵⁴ [...] die Qualität(en) X des AS-Textes (Qualitäten inhaltlicher, stilistischer, funktioneller, ästhetischer etc. Art muß (müssen) in der Übersetzung gewahrt werden [...].

⁵⁵ (1.) der *außersprachliche Sachverhalt*, der in einem Text vermittelt wird; den Äquivalenzbegriff, der sich am außersprachlichen Sachverhalt orientiert, nenne ich *denotative* Equivalência; (2.) die im Text durch die *Art der Verbalisierung* (insbesondere: durch spezifische Auswahl unter synonymischen oder quasi-synonymischen Ausdrucksmöglichkeiten) vermittelten *Konnotationen* bezüglich Stilschicht, soziolektale und geographische Dimension, Frequenz etc.; den Äquivalenzbegriff, der sich an diesen Kategorien orientiert, nenne ich *konnotative* Equivalência; (3.) die *Text- und Sprachnormen* (Gebrauchsnormen), die für bestimmte Texte gelten: den Äquivalenzbegriff, der sich auf solche Textgattungsspezifische Merkmale bezieht, nenne ich *text-normative* Equivalência; (4.) der *Empfänger* (Leser), an den sich die Übersetzung richtet und der den Text auf der Basis seiner Verstehensvoraussetzungen rezipieren können soll, bzw. auf den die Übersetzung „eingestellt“ wird, damit sie ihre kommunikative Funktion erfüllen kann; die empfängerbezogene Äquivalenz nenne ich *pragmatische* Equivalência; (5.) bestimmte *ästhetische*, formale und individualstilistische Eigenschaften des AS-Textes; den Äquivalenzbegriff, der sich auf solche Eigenschaften des Textes bezieht, nenne ich *formal-ästhetische* Equivalência.

(*Hierarchie der in der Übersetzung zu erhaltenden Werte*), afinal não é possível que o texto de chegada espelhe absolutamente todas as propriedades do original (cf. KOLLER, 2004a: 266). A tradução é, nesse sentido, um processo de constantes tomadas de decisão, e o profissional de tradução terá de escolher quais qualidades do texto de partida devem ter prioridade no texto de chegada.

De passagem, cabe chamar a atenção para o uso que Koller faz do particípio presente do verbo *erhalten*, na expressão “*Hierarchie der in der Übersetzung zu erhaltenden Werte*”. Do *Digitales Wörterbuch der Deutschen Sprache* [Dicionário Digital da Língua Alemã] constam duas possíveis definições para o verbo *erhalten*: 1) *etw. gewinnen, erlangen* [ganhar, obter algo] e 2) *etw., jmdn. in seinem Zustand weiterhin bewahren* [conservar algo, alguém no mesmo estado]⁵⁶. Se considerarmos que Koller adotou a primeira acepção e se refere à Equivalência como um valor que só passa a existir uma vez que a tradução é produzida, então o teórico se distancia da concepção tradicional de equivalência, segundo a qual é possível manter intactos significados supostamente contidos no original. Mas, se partirmos do pressuposto de que Koller se refere à segunda acepção de *erhalten*, isso significa que o autor admite a existência de significados apriorísticos, filiando-se aos demais “teóricos da equivalência”, para usar a expressão empregada por Rodrigues (2000: 120). Visto que, como demonstrarei mais adiante, Koller adota concepções antiuniversalistas de língua e de tradução, optei por dar ao autor o benefício da dúvida, indicando, na minha tradução, as duas possíveis acepções do verbo empregado por ele, separadas por uma barra.

Pois bem, de acordo com Koller, a “hierarquia dos valores a serem obtidos/preservados na tradução” deve ser precedida pela análise dos elementos relevantes para a tradução presentes no texto de partida, o que ele chama de “análise textual relevante para a tradução” (*übersetzungsrelevante Textanalyse*). Em uma referência ausente da primeira edição da *Einführung* (visto que a obra referenciada só seria publicada em 1988) o autor sugere como modelo de análise o esquema idealizado por Christiane Nord na obra *Textanalyse und Übersetzen: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse* [Análise textual e tradução: bases teóricas, método e aplicação didática de uma análise textual relevante para a tradução⁵⁷] (cf. KOLLER, 2004a: 267).

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.dwds.de/wb/erhalten>>. Acesso em 25 jun. 2018.

⁵⁷ Tradução do título proposta por Schäfer (2015: 109). Visto que uma exposição exaustiva do modelo de Nord não pertence ao escopo deste trabalho, reporto-me frequentemente à dissertação de mestrado da própria Schäfer, que realizou, em português, uma síntese detalhada do esquema em questão (cf. SCHÄFER, 2015: 108ss.).

De acordo com Nord (1991: 1), faz-se necessária a elaboração de um modelo de análise do texto-fonte que seja voltado especificamente para a tradução e aplicável a todos os tipos de textos, que “capacite os tradutores a entender, de maneira funcional, as características observadas no conteúdo e na estrutura do TP [texto de partida], e a interpretá-las em função do objetivo da tradução”. Isso lhes permitiria, segundo a autora, eleger as estratégias de tradução mais adequadas ao propósito do texto traduzido. Uma vez que seu modelo se caracteriza “por sua natureza pragmático-funcional, que toma os aspectos linguísticos, internos ao texto, como dependentes dos fatores extratextuais, relativos ao contexto comunicativo” (SCHÄFER, 2015: 110), Nord propõe que a análise do texto-fonte abranja tanto os fatores intratextuais quanto os extratextuais.

Aos fatores extratextuais correspondem, segundo Nord, “a função do texto de partida e os fatores da situação comunicativa na qual ele exerce essa função” (NORD, 1991: 40). Conforme as instruções práticas da autora, no tocante a fatores do contexto comunicativo do texto-fonte, a análise do tradutor pode se orientar pelos seguintes elementos:

[...] quem? (*emissor/ produtor do texto*), para quem? (*receptor do texto*), para quê? (*intenção*), por qual mídia? (*canal*), onde? (*local – pragmática espacial*), por quê? (*pretexto comunicativo*), e com qual função? (*função textual*) (SCHÄFER, 2015: 117).

Já na análise dos fatores intratextuais, que “se referem ao texto em si, como instrumento de comunicação” (NORD, 1991: 40), o tradutor pode se pautar pelos seguintes aspectos do texto-fonte:

[...] sobre o quê (*temática*), o quê? (*conteúdo*), o que não é dito? (*pressuposições*), em que sequência? (*organização textual*), com quais elementos não-verbais (*elementos textuais não linguísticos, como imagens e tabelas*) com quais palavras? (*léxico*), em quais frases? (*sintaxe*), em qual tom (*elementos suprasegmentais*) (SCHÄFER, 2015: 120-121).

Feita a análise dos fatores intratextuais e extratextuais, o tradutor estaria munido das informações que precisa para determinar o efeito (*Wirkung*) do texto-fonte sobre o público ao qual se destina: “Da relação entre as características intratextuais do texto e as expectativas do receptor em relação ao texto, construídas no plano extratextual, resulta a impressão que o receptor tem do texto. A essa impressão [...] dou o nome de efeito” (NORD, 1991: 149). Em outras palavras, as relações que se estabelecem entre essas duas ordens de fatores são determinantes para o efeito do texto original sobre o leitor desse original.

Assim, para Koller, o processo de tradução se inicia com uma fase analítica, que se destina a determinar quais desses valores intratextuais e extratextuais devem ser

obtidos/preservados na tradução. Só então, com base nessa primeira hierarquia, o tradutor deve criar uma segunda, que o autor denomina “hierarquia dos requisitos de Equivalência” (*Hierarchie der Äquivalenzforderungen*). Essa será diferente para cada tradutor, na medida em que cada profissional tem a sua própria teoria de tradução, ou seja, determinadas concepções individuais e internalizadas sobre o traduzir, que orientam a sua prática.

Na visão de Koller, a hierarquia dos requisitos de Equivalência é, “[s]e se considera o traduzir como processo decisório [...], um dos fatores que codeterminam a escolha de uma solução de tradução na ocorrência concreta de tradução⁵⁸” (KOLLER, 2004a: 266). Isso significa que, a depender dos valores considerados prioritários por aquele tradutor específico, a partir da análise do texto de partida, obter-se-á um tipo diferente de Equivalência. Cada um desses tipos será abordado mais detalhadamente nos subtópicos a seguir.

3.1.1 Equivalência denotativa

O Dicionário de Termos Linguísticos do Portal da Língua Portuguesa (online) define “denotação” como a “relação existente entre um lexema e a entidade ou entidades, propriedade ou propriedades, etc., exteriores ao sistema linguístico, a que o lexema se refere como parte do seu significado”⁵⁹. Assim, como vimos na exposição dos cinco possíveis quadros de referência de Koller, nos casos em que o tradutor opta por priorizar, no texto de chegada, os fatos extralinguísticos referidos no texto de partida, obtém-se a Equivalência denotativa (*denotative Äquivalenz*).

De acordo com Koller, o problema que se coloca na discussão sobre a Equivalência denotativa é que há diversas maneiras de “dizer a mesma coisa”. Por isso:

No que diz respeito à categoria da Equivalência *denotativa*, coloca-se para a Ciência da Tradução a tarefa de descrever, referindo-se aos pares de línguas, as potenciais relações de Equivalência, e de indicar quais fatores de natureza textual determinam a escolha de determinado *Äquivalent* na ocorrência concreta de tradução⁶⁰ (KOLLER, 2004a: 228).

Em se tratando, portanto, de relações de Equivalência em potencial, o que está em jogo na Equivalência denotativa é, segundo Koller, o nível lexical da linguagem, pois é no

⁵⁸ Sie [die Hierarchie der Äquivalenzforderungen] ist, betrachtet man Übersetzen als Entscheidungsprozess (J. Levý (1981 [1967])), einer der Faktoren, die im konkreten Übersetzungsfall die Wahl einer Übersetzungslösung mitbestimmen;

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1384>>. Acesso em 2 abr. 2018.

⁶⁰ Im Hinblick auf die Kategorie der *denotativen* Äquivalência stellt sich der Übersetzungswissenschaft die Aufgabe, sprachenpaarbezogen die potentiellen Äquivalenzbeziehungen zu beschreiben und anzugeben, welche Faktoren textueller Art die Wahl eines bestimmten Äquivalents im konkreten Übersetzungsfall bestimmen.

léxico que “as línguas são ou têm de ser mais produtivas [...], a fim de fazer jus às necessidades e aos propósitos comunicativos, que sempre se modificam⁶¹” (KOLLER, 2004a: 228). Assim, esse tipo de Equivalência é produzido, geralmente, entre lexemas e os chamados sintagmas fixos (construções fraseológicas e vocábulos compostos como “amor-perfeito”). De acordo com Koller: “No âmbito lexical, é possível diferenciar *cinco tipos de correspondências*: um-para-um, um-para-muitos, muitos-para-um, um-para-zero e um-para-parte⁶²” (idem, ibid.: 228).

Koller emprega aqui a palavra *Entsprechung*, que traduzo como “correspondência”, em minúsculas, para diferenciá-la da noção de Correspondência que, como já vimos, é o objeto de estudo da Linguística Contrastiva, em oposição à Equivalência, que pertence ao âmbito dos estudos de tradução. Embora o próprio Koller marque, na terminologia, a diferença entre esses conceitos, veremos ao final deste subitem que, no que diz respeito à Equivalência denotativa, os dois parecem se confundir, uma vez que é possível identificar, no discurso de Koller, uma ênfase sobre a dimensão formal (isto é, sistêmica) das línguas.

A **correspondência um-para-um** (*Eins-zu-eins-Entsprechung*) pressupõe que dois lexemas em dois idiomas diferentes tenham o mesmo referente extralinguístico, como, por exemplo, *Samstag* em alemão e “sábado” em português. A princípio, diz Koller, esse tipo de correspondência não causa problemas ao tradutor, visto que há grandes chances de os lexemas nas diferentes línguas compartilharem o mesmo referente (ou referentes muito semelhantes), ao menos no que diz respeito à sua denotação. Mais à frente, neste mesmo subtópico, problematizarei o fato de Koller pressupor a existência de tais “universais” denotativos, supostamente alheios à influência das diferentes línguas e culturas sobre o processo de significação e de confrontação com a “realidade”.

Pois bem, se a correspondência um-para-um não cria obstáculos para a tradução, eventuais dificuldades surgem quando a língua de chegada apresenta dois ou mais lexemas denotativamente sinônimos, mas que tenham conotações diferentes (cf. KOLLER, 2004a: 229). Esses são casos de **correspondência um-para-muitos** (*Eins-zu-viele-Entsprechung*), quando a LC oferece, para uma única palavra na LP, duas ou mais alternativas sinônimas (de novo, exclusivamente no nível denotativo). No exemplo citado por Koller, *control*, do inglês, pode ser traduzido para o alemão como *Regelung*, *Steuerung*, *Bedienung*, *Regelgerät* etc.

⁶¹ Zentraler Gegenstandsbereich bei der Beschreibung denotativer Äquivalenzbeziehungen ist die *Lexik* (Wörter und feste Syntagmen), weil hier die Sprachen am produktivsten sind bzw. sein müssen [...], um den sich verändernden Kommunikationsbedürfnissen und –zwecken gerecht zu werden.

⁶² Im lexikalischen Bereich lassen sich *fünf Entsprechungstypen* unterscheiden: Eins-zu-eins-, Eins-zu-viele-, Viele-zu-eins-, Eins-zu-Null- und Eins-zu-Teil-Entsprechungen. As traduções dos termos para o português são de autoria de Fujihara (2010: 40).

Nesse tipo de correspondência, as diferentes nuances de sentido contidas em um único termo em inglês são expressas, em alemão, por diversos lexemas. Por isso, a correspondência um-para-muitos também recebe o nome de “diversificação” (*Diversifikation*) (cf. idem, *ibid.*: 230).

Na prática, o cotexto e o “conhecimento de mundo” do tradutor devem ser suficientes para determinar a seleção de um desses lexemas como equivalente. Aquilo que o autor chama de cotexto (*Kotext*) se refere ao “*contexto linguístico*”⁶³ (KOLLER, 2004a: 138) em que determinado lexema ocorre, ou seja, às unidades linguísticas que coocorrem com essa palavra. A expressão é utilizada em oposição a “contexto situativo” (*situativer Kontext*), que designa a situação extralinguística em que se insere a elocução a ser traduzida. Em um dos exemplos fornecidos pelo autor, o tradutor terá de proceder de maneira diferente ao deparar com os sintagmas *blaue Farbe* [cor azul] e *blauer Montag* [literalmente, “segunda-feira azul”, designa a segunda-feira em que não se trabalha⁶⁴]. Assim, é o cotexto em que se encontra o adjetivo *blau* [azul] que determinará a sua interpretação e, na tradução, ensejará a opção por uma expressão ou lexema específico na LC.

No entanto, podem ocorrer problemas de tradução quando as expressões da LC são demasiado específicas em comparação com a expressão na LP. *Geschwister*, por exemplo, que em alemão é uma palavra de gênero neutro para “irmãos e/ou irmãs”, é demasiado inespecífica para o português, que precisa obrigatoriamente marcar o gênero masculino ou feminino. O contrário também pode acontecer, como no caso de uma tradução entre uma língua na qual a marcação do gênero gramatical é obrigatória (por exemplo, no alemão ou no português) e um idioma que prescinde dela, como o inglês (cf. KOLLER, 2004a: 231).

No terceiro tipo de correspondência, a **correspondência muitos-para-um** (*Viele-zu-eins-Entsprechung*), é a LP que apresenta lexemas alternativos para aquilo que, na LC, é expresso em apenas uma palavra. Segundo Koller, (2004a: 231), as palavras inglesas *control*, *control unit*, *regulator* ou *governor*, por exemplo, podem todas ser traduzidas para o alemão *Regler*. Nesse caso, ocorre, em alemão, uma neutralização das nuances de sentido expressas nos diferentes termos em inglês, motivo pelo qual esse tipo de correspondência é também chamado por Koller de “neutralização” (*Neutralisation*). De acordo com o teórico, em casos como esse, o tradutor pode recorrer a adjetivos, advérbios, atributos etc. para aumentar o grau de especificidade da expressão na tradução (cf. idem, *ibid.*: 231-232).

⁶³ [...] *sprachlichen Kontext* (im folgenden *Kotext* genannt).

⁶⁴ Em alemão, a expressão *blaumachen* [literalmente, “fazer azul”] se refere ao ato de faltar ao trabalho ou à escola.

Na **correspondência um-para-zero** (*Eins-zu-Null-Entsprechung*), ocorre o que Koller chama de “lacuna” no sistema lexical da LC. Esse tipo de correspondência está ligado às palavras consideradas “intraduzíveis”, que geralmente dizem respeito ao que o teórico chama de “elementos culturalmente específicos”: “expressões e nomes para fatos e circunstâncias de natureza política, institucional, sociocultural, geográfica, que são específicos para determinados países⁶⁵” (KOLLER, 2004a: 232). De acordo com Koller (2004a):

No caso das correspondências um-para-zero, tratam-se de *verdadeiras lacunas* no sistema lexical da LC. No tocante à *tarefa de tradução*, contudo, essas são apenas lacunas *provisórias*: o tradutor tem a tarefa de fechar essas lacunas⁶⁶ (idem, *ibid.*: 232).

A fala de Koller remete mais uma vez à distinção entre o sistema (*langue*) e o uso linguístico (*parole*). Se, por um lado, é verdade que o sistema lexical da LC não apresenta um termo que exprima, em um único lexema, o significado do termo na LP, essa “lacuna” pode ser preenchida pelo tradutor no plano do uso linguístico, isto é, na sua prática de tradução. Para citar um exemplo do próprio Koller, a palavra *Berufsverbot* poderia ser traduzida, para o português, por “proibição do exercício profissional”. Não se pode dizer, portanto, que essa seja uma palavra intraduzível.

O próprio Koller (2004a: 232ss.) afirma que existe uma série de procedimentos tradutórios aos quais o tradutor pode recorrer a fim de preencher tais “lacunas no sistema lexical da LC”: 1) incorporar o lexema estrangeiro ao texto traduzido, mantendo a sua forma original (estrangeirismo, entre aspas ou não), ou adaptando-o “às normas fonéticas, gráficas e/ou morfológicas da LC (*empréstimo*)” (*recycling* > reciclagem⁶⁷); 2) traduzir a expressão ao pé da letra, criando um decalque (*Deutscher Fußballbund* > Federação Alemã de Futebol); 3) escolher um lexema que já pertence ao repertório lexical da LC que seja denotativamente próximo do original (*public relations* > *Öffentlichkeitsarbeit*); 4) parafrasear, comentar ou definir o termo estrangeiro (o que, no entanto, deve ser feito com moderação, para não tornar a tradução demasiado longa e explicativa) (exemplo: *non-foods* > produtos não alimentares); 5) adaptação (*Adaptation*), que consiste em traduzir a palavra ou expressão em questão por um lexema ou uma expressão que exerça, na LC, uma função comunicativa

⁶⁵ [...] Ausdrücken und Namen für Sachverhalte, politischer, institutioneller, sozio-kultureller, geographischer Art, die spezifisch sind für bestimmte Länder.

⁶⁶ Bei den Eins-zu-Null-Entsprechungen handelt es sich um *echte Lücken* im lexikalischen System der ZS. Im Hinblick auf den *Übersetzungsauftrag* sind es allerdings nur *vorläufige* Lücken: Der Übersetzer hat die Aufgabe, diese Lücken zu schließen.

⁶⁷ Todos os exemplos nas línguas de partida foram extraídos de Koller (2004a: 233ss.) e as eventuais traduções para o português foram compiladas por mim.

comparável à que a palavra original exerce na LP (*Burberry* (inglês) > *Lodenmantel* (alemão)⁶⁸).

A respeito da adaptação, Koller afirma que esse procedimento está ligado à “tradução adaptante” (*adaptierende Übersetzung*), ou seja, à “assimilação cultural do texto na LP no contexto comunicativo da LC” (KOLLER, 2004a: 235). De acordo com o autor, discutir adaptação significa discutir quais são os limites entre reprodução e produção textual, isto é, entre a tradução e a produção de um texto original. A questão das fronteiras entre adaptação e tradução e o posicionamento de Koller a esse respeito serão problematizados no subtópico 3.1.4 desta dissertação, dedicado à Equivalência pragmática.

O último tipo de correspondência listado por Koller é a **correspondência um-para-parte** (*Eins-zu-Teil-Entsprechung*), caso em que uma palavra na LP possui um equivalente apenas parcial na LC. Isso se deve ao fato de os campos semânticos estarem organizados de maneira diversa nas diferentes línguas, podendo haver sobreposições entre os lexemas no que diz respeito às suas propriedades denotativas. Koller remete ao exemplo da palavra *Hexe* (“bruxa”), que, em alemão, geralmente designa uma mulher feia e velha capaz de fazer feitiçarias. Em inglês, por outro lado, a palavra *witch* se refere a uma feiticeira, mas não está associada à velhice e à feiura; nesse idioma, uma mulher velha e feia é designada pela palavra *hag*, que, no entanto, não remete a nenhum tipo de poder sobrenatural (cf. KOLLER, 2004a: 236-237).

De acordo com Koller, as denominações de cores, das quais também tratará esta dissertação, são um exemplo prototípico da correspondência um-para-parte, pois, nas diferentes línguas, o espectro das cores apresenta diferentes recortes, de maneira que “o *vermelho* que figura, por exemplo, em uma escala de quatro partes, não corresponde ao *vermelho* segmentado por uma escala de sete partes⁶⁹” (KOLLER, 2004a: 236). O autor então argumenta que essas palavras também não são intraduzíveis. Na tradução, é possível produzir Equivalência denotativa entre as denominações de cores e suas nuances de diversas maneiras, como por meio de designações mistas (“amarelo esverdeado”), derivações (“azulado”) e comparações (“verde musgo”) (cf. idem, *ibid.*: 236). Também é possível que o significado denotativo da expressão da LP possa ser integralmente compreendido por meio do cotexto na

⁶⁸ Burberry é uma grife britânica conhecida principalmente por seus icônicos casacos impermeáveis (*trench coats*). No exemplo fornecido por Koller, o nome da marca é utilizado, metonimicamente, para se referir a esse produto específico. A tradução, por sua vez, remete ao sobretudo feito de uma espécie de lã impermeável, tradicionalmente usado por populações agrárias na região do Tirol. Em alemão *Loden* é a denominação do tecido usado na confecção desses casacos, e *Mantel* pode ser traduzido por “sobretudo”.

⁶⁹ [...] dem *Rot*, wie es beispielsweise in einer vierteiligen Skala erscheint, nicht das *Rot* entspricht, wie es die siebenteilige Skala segmentiert.

LC e, nesse caso, a expressão ou palavra adquire novas propriedades denotativas, que enriquecem seu significado no sistema lexical da LC. Em último caso, o tradutor também pode recorrer ao comentário (cf. idem, *ibid.*: 238).

Vale observar que as correspondências um-para-parte e um-para-zero são importantes para o debate sobre a intraduzibilidade. Para Koller, esses tipos de correspondência evidenciam que a noção de intraduzibilidade é apenas relativa, pois as palavras ditas “intraduzíveis” sempre se inserem em um texto, nunca são interpretadas isoladamente. Veja-se a citação abaixo:

O problema fundamental é o fato de que a tradução deveria transmitir um universo de vida e de cotidiano, uma realidade diferente daquela que nos é conhecida. A realidade “estranha”, contudo, só pode ser apreendida e comunicada de maneira imprecisa pelos meios da LC. Em uma observação mais detida, porém, essa insuficiência se mostra, de novo, *relativa*: as *expressões especificamente vinculadas à cultura e à língua se encontram no contexto dos textos* e, nesses mesmos contextos, são determinadas, até certo ponto, no sentido da LP. As expressões na LC desenvolvem, no texto, variantes de significado que correspondem (mais ou menos) aos fatos e às circunstâncias referidos⁷⁰ (KOLLER, 2004a: 239).

Assim, embora não seja possível encontrar correspondências exatas entre lexemas de duas línguas, isso não significa que a tradução resultará incompreensível ao leitor na LC. O texto em si é um elemento importante para a interpretação das palavras e expressões que, em um primeiro momento, se referem a uma realidade à qual esse leitor teoricamente não tem acesso. Na urdidura do texto, elas adquirem um significado próprio e podem até enriquecer o repertório lexical da LC. Ainda de acordo com Koller, mesmo que os conceitos que se pretende traduzir não existam como tais na língua ou cultura de chegada, esta provavelmente apresenta conceitos que são ao menos comparáveis aos elementos ditos “intraduzíveis”. Ao aproximar o estranho do que é conhecido, o tradutor reduz a distância entre as duas culturas em questão, de maneira que a tradução resulte, no mínimo, satisfatória (cf. KOLLER, 2004a: 240).

Nesse ponto, a atitude de Koller remete ao que Paul Ricœur, um dos maiores expoentes da hermenêutica na França, denomina “construção de comparáveis”. Em um trecho da obra *Sobre a tradução* (2011), Ricœur comenta o livro *Do tempo*, no qual o sinólogo François Julien diz que, em chinês, não existem tempos verbais porque não há o conceito de tempo tal como o conhecemos. Então, Julien lista uma série de conceitos existentes na língua

⁷⁰ Das grundsätzliche Problem besteht darin, daß die Übersetzung eine andere Lebens- und Alltagswelt, eine andere als die uns bekannte Wirklichkeit vermitteln sollte. Die „fremde“ Wirklichkeit ist aber mit den Mitteln der ZS nur ungenau erfaßbar und mitteilbar. Dieses Ungenügen erweist sich bei näherem Hinsehen allerdings wieder als *relativ*: die *spezifisch kultur- und einzelsprachgebundenen Ausdrücke stehen in Textzusammenhängen* und werden in diesen Kontexten selbst bis zu einem gewissen Grade im AS-Sinn determiniert. Die ZS-Ausdrücke entwickeln [sic] im Text Bedeutungsvarianten, die (mehr oder weniger) den gemeinten Sachverhalt treffen.[...].

chinesa que podem ser comparados à noção ocidental de tempo: “as estações, as ocasiões, as raízes, as folhas, as fontes e os fluxos”. Segundo Ricœur, ao fazê-lo, o sinólogo estaria “construindo comparáveis” e aproximando línguas e culturas entre as quais, à primeira vista, não havia nada em comum (cf. RICŒUR, 2011: 66-67).

No que diz respeito à Equivalência denotativa, portanto, Koller diz que, embora nem sempre seja possível encontrar correspondências exatas no plano do sistema (*langue*), o tradutor pode lançar mão de diversas estratégias para criar relações de Equivalência. Em outras palavras, o autor traça um limite entre o sistema, onde se localizam as divergências de denotação das palavras em diferentes línguas e culturas, e o uso linguístico, no qual é possível, ao tradutor, “construir comparáveis”.

Porém, se observarmos os exemplos de correspondências denotativas fornecidos pelo autor, as dimensões do uso e do sistema se confundem. Embora o teórico não o diga explicitamente, parece haver uma exigência (*Forderung*) para que seja estabelecido esse tipo de Equivalência. Os exemplos citados pelo autor e os procedimentos sugeridos por ele para a produção de equivalentes indicam que essa exigência está ligada à categoria gramatical, ou seja, à língua como sistema. Ou seja, para que haja Equivalência denotativa, é necessário que um substantivo (simples ou composto) na LP seja traduzido por um substantivo (simples ou composto) na LC, um verbo por um verbo, e assim por diante. Se não for esse o pré-requisito para a produção de Equivalência denotativa, então é possível traduzir tudo (por meio de explicações, paráfrases etc.). Nesse sentido, em que pese a tentativa do autor de diferenciar, na terminologia, as correspondências denotativas (*Entsprechungen*) da Correspondência (*Korrespondenz*), as correspondências mais se assemelham a uma espécie de “pareamento” de formas linguísticas no plano do sistema, muito mais à maneira da análise contrastiva que dos estudos de tradução.

Ademais, ao dizer que a Equivalência denotativa diz respeito aos “fatos extralinguísticos” (KOLLER, 2004a: 216), o teórico admite a existência de significados “transcendentais”, de presenças concretas no “mundo real”. Ao aventar a possibilidade de um suposto espelhamento do significado denotativo entre lexemas de idiomas diferentes, Koller reduz o papel das línguas, no processo de confrontação com a realidade, à mera “etiquetagem” de referentes universais, supostamente compartilhados por todas as línguas e culturas. O papel das culturas no processo de significação só será aludido no momento em que Koller discorre sobre a Equivalência conotativa. Como veremos no subtópico a seguir, de acordo com o autor, cada cultura tem o seu próprio sistema de valores conotativos, de modo que cada uma das correspondências encontradas para a Equivalência denotativa tem

obrigatoriamente de ser relativizada ao levarmos em consideração a dimensão conotativa do significado e suas implicações para a tradução.

3.1.2 Equivalência conotativa

De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos do Portal da Língua Portuguesa, “conotação” é o “[n]ome dado à relação existente entre um lexema e as diferentes possibilidades de significação sugeridas ao sujeito falante pelo seu significado”⁷¹. Nas palavras de Koller: “Para expressar aquilo que se quer dizer denotativamente, existem diferentes possibilidades de expressão que designam o mesmo (sinônimos ou quase sinônimos)⁷²” (2004a: 240).

Segundo Koller (2004a: 241), a produção da Equivalência conotativa (*konnotative Äquivalenz*) é uma das tarefas mais difíceis (e apenas parcialmente solucionáveis) do tradutor, pois, ao mesmo tempo em que uma determinada língua oferece múltiplas possibilidades para se falar sobre um mesmo referente, existem, entre essas possibilidades, diferenças conotativas. Isso porque cada língua ou cultura atribui certos valores conotativos às diferentes expressões e palavras. Diante disso:

Se se leva em consideração, juntamente com a dimensão denotativa, *valores conotativos*, então as correspondências um-para-um, um-para-muitos, muitos-para-um e as correspondências um-para-zero, suspendidas mediante diversos procedimentos de tradução, devem todas ser tratadas como correspondências um-para-parte. No caso das correspondências um-para-parte, por sua vez, acentua-se o caráter parcial das correspondências⁷³ (KOLLER, 2004: 241).

No excerto acima, Koller relativiza as categorias de correspondências criadas para a Equivalência denotativa. Na medida em que diferentes línguas e culturas organizam seu sistema de valores conotativos de maneira diversa, as correspondências encontradas no nível denotativo serão sempre apenas parciais. Dessa maneira, o autor admite, implicitamente, que o significado conotativo dos lexemas de diferentes línguas não é universal, uma essência “real” e independente da linguagem (diferentemente do que sugere a sua noção de Equivalência denotativa). Ao contrário, esses significados são absolutamente determinados pelas línguas e culturas em que são veiculados.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1383>>. Acesso em 2 abr. 2018.

⁷² Für den Ausdruck eines denotativ Gemeinten stehen unterschiedliche bezeichnungsgleiche (synonymische bzw. quasi-synonymische) Ausdrucksmöglichkeiten zur Verfügung [...].

⁷³ Berücksichtigt man neben der denotativen Dimension auch *konnotative Werte*, so müssen die Eins-zu-eins, Eins-zu-viele, Viele-zu-eins-Entsprechungen und die mittels verschiedener Übersetzungsverfahren aufgehobenen Eins-zu-Null-Entsprechungen zugleich als Eins-zu-Teil-Entsprechungen behandelt werden. Bei den Eins-zu-Teil-Entsprechungen wiederum steigert sich der Teil-Charakter der Entsprechungen.

Por serem linguística e culturalmente determinadas, portanto, as conotações podem engendrar problemas de tradução. Segundo Koller, isso acontece sobretudo no âmbito da tradução literária, no qual nem sempre é possível recorrer a comentários para esclarecer essas diferenças conotativas, pois esse tipo de intervenção não raro prejudica a qualidade estética do texto traduzido (cf. KOLLER, 2004a: 243). Conforme o autor, as conotações são fundamentais para o estilo do texto, na medida em que perpassam não somente as escolhas lexicais do autor ou do tradutor. Abaixo, alguns exemplos fornecidos pelo próprio Koller (2004a):

O *estilo de um texto* resulta da ocorrência, frequência, distribuição e combinação, específicas para aquele texto, de unidades linguísticas com valor conotativo nos níveis lexical, sintagmático, oracional e supraoracional. O valor conotativo [+ empolado] pode ser constatado não somente nas palavras isoladas, mas também em sintagmas e orações. Não somente o vocabulário tem marcas da *linguagem técnica*, mas também a sintaxe de um texto. Não somente as escolhas lexicais podem ser *geograficamente* marcadas, mas também uma ocorrência sintática como a formação do passado com *sein* ou *haben*: *ich bin gelegen*⁷⁴ [+ região sul da Alemanha]⁷⁵ (KOLLER, 2004a: 242).

Dada a relevância das conotações para a configuração do estilo de uma obra, é importante que o tradutor seja capaz de identificar *quando* e *se* os valores conotativos presentes no original são de fato relevantes para a tradução (cf. KOLLER, 2004a: 242). Se pensarmos no português brasileiro, é possível que as diferenças conotativas entre “mexerica” e “bergamota” não sejam importantes para a compreensão e a interpretação do texto de partida, por exemplo. Em casos como esse, cabe ao tradutor, na etapa de análise do texto de partida, identificar e avaliar os valores conotativos presentes no original, a fim de determinar a relevância destes para a produção de relações de Equivalência conotativa.

Para Koller (2004a: 243ss.), valores conotativos se diferenciam por muitos critérios, como a frequência de uso, o efeito que provocam no interlocutor ou leitor ou o grupo e lugar em que são tipicamente utilizados. O autor lista, então, oito dimensões conotativas relevantes especificamente para a tradução no contexto germanófono. A seguir, apresento as categorias

⁷⁴ Uma tradução possível seria “eu estava deitado(a)”. Em alemão, o tempo verbal passado *Perfekt* é formado por um particípio passado (no exemplo, *gelegen*) e por um verbo auxiliar (*haben* ou *sein*). No norte da Alemanha, a forma mais comum do passado de *liegen* (“estar deitado”) é constituída por *haben* + *gelegen* (ex. *ich habe gelegen*), ao passo que, na região sul, predomina o uso de *sein* (*ich bin gelegen*).

⁷⁵ Der *Stil eines Textes* ergibt sich aus dem für den betreffenden Text spezifischen Vorkommen, der Frequenz, Distribution und Kombination von konnotativ wertigen sprachlichen Einheiten auf Wort-, Syntagma-, Satz- und satzübergreifender Ebene. Der konnotative Wert [+ gespreizt] läßt sich an einzelnen Wörtern, aber auch an Syntagmen und Sätzen festmachen. *Fachsprachlich* geprägt ist nicht nur der Wortschatz, sondern auch die Syntax eines Textes. *Geographisch* markiert kann nicht nur die Wortwahl, sondern auch eine syntaktische Erscheinung wie die Perfektbildung mit *sein* oder *haben* sein: *ich bin gelegen* [+ süddt. Raum].

propostas por Koller e, sempre que possível, acrescento exemplos que se aplicam ao português do Brasil.

- a) Estilo: refere-se ao registro da linguagem. “Morrer” é a variante não marcada; “falecer” pertence a um registro mais elevado e “abotoar o paletó” ou “bater as botas” são expressões informais, da linguagem popular.
- b) Grupo social: o uso de certas palavras ou expressões permite identificar o falante como pertencente a determinado grupo social. No Brasil, a comunidade LGBT, por exemplo, possui um vocabulário bastante característico, que atribui novas conotações a palavras da língua geral, como “lacrar”, “atender”, “caminhoneira” etc.⁷⁶. Além disso, o “bajubá” (ou “pajubá”), linguagem falada entre membros da comunidade, apresenta interfaces com o Iorubá, linguagem religiosa do candomblé, como as palavras “mona”, “neca”, “amapô”, entre outras (cf. LAU, 2015).
- c) Localidade geográfica ou origem: em São Paulo, chama-se “macaxeira” de “mandioca” e, no Rio de Janeiro, geralmente se diz “aipim”; a “mexerica” do sudeste é chamada de “bergamota” no Rio Grande do Sul etc.⁷⁷.
- d) Meio: linguagem escrita ou falada.
- e) Efeito estilístico: certas palavras ou expressões despertam, no interlocutor, determinadas associações. A palavra “sirigaita” remete a um estilo mais antiquado; o uso da mesóclise em português é geralmente associado ao pedantismo; “faltar com a verdade” tem um efeito eufemístico etc.
- f) Frequência⁷⁸: mais ou menos usual. A frequência pode ser um critério determinante para a dicionarização de novas palavras, por exemplo. Algumas das mais recentes adições ao Aurélio são “tuitar”, “tablet” e “e-book”, utilizadas muito frequentemente na Internet (cf. MARTINES, 2010).
- g) Âmbito de uso: palavras ou expressões podem pertencer à linguagem comum, falada cotidianamente entre pessoas de diferentes áreas de atuação profissional, ou às diferentes

⁷⁶ No site de entretenimento BuzzFeed Brasil, por exemplo, é possível encontrar a seguinte matéria: “15 palavras com sentidos diferentes para gays e héteros”. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/victornascimento/palavras-gays-dicionario?utm_term=.gcQM09mJX#.xd1gxPp67>. Acesso em 4 abr. 2018.

⁷⁷ O exemplo citado por Koller para essa dimensão conotativa diz respeito à obra analisada nesta dissertação, o romance *Buddenbrooks: Verfall einer Familie*. No livro, o autor Thomas Mann utiliza o dialeto *Plattdeutsch* (baixo-alemão), característico da região norte da Alemanha, para marcar a origem das personagens. A variante também é usada para indicar diferenças sociais: as personagens pertencentes às camadas menos favorecidas tendem a utilizar mais o *Plattdeutsch*, ao passo que o núcleo burguês do romance raramente recorre ao dialeto; o patriarca da família, o velho Johann Buddenbrook, o emprega com mais frequência, de modo que essa variante regional também é usada por Mann para marcar determinada faixa etária. A respeito dos problemas de tradução (para o italiano) acarretados pelo uso do dialeto nessa obra específica de Mann, ver Brandestini (2006, em alemão).

⁷⁸ A respeito deste tipo específico de conotação, Chesterman chama a atenção, no final da década de 1980, para a possibilidade de aplicação das tecnologias computadorizadas (como os softwares de pesquisa de *corpus* que conhecemos hoje) em pesquisas sobre as “conotações de frequência”: “Certamente podemos esperar mais estudos dessa ‘equivalência estatística’ no futuro” (CHESTERMAN, 1989: 99).

linguagens de especialidades (do Direito, da medicina, da diplomacia etc.). “Ação cautelar”, por exemplo, pertence ao jargão jurídico; já “nódulo hipocográfico” faz parte do vocabulário médico. Neste ponto, Koller enxerga os diferentes âmbitos de uso como esferas claramente demarcadas, mas, na prática, seria mais adequado representá-los como um *continuum*, no qual podem ocorrer algumas sobreposições entre as diferentes esferas. Um exemplo prático: nos últimos anos, devido à cobertura midiática de operações policiais que revelaram a participação de políticos do alto escalão em esquemas de corrupção, observamos a crescente popularização de termos como “delação premiada”, “foro privilegiado”, “*habeas corpus*” etc.. Dessa maneira, tais expressões, antes pertencentes ao vocabulário jurídico-penal, foram aos poucos se inserindo na linguagem popular.

- h) Juízo de valor: uma palavra ou expressão pode estar mais frequentemente inserida em contextos negativos, positivos, irônicos etc. É possível identificar uma relação entre essa dimensão conotativa o conceito de “prosódia semântica”, empregado na área de Linguística de *Corpus*. Definição e exemplos (em inglês) são fornecidos por Berber Sardinha (2000):

(3) Prosódia semântica: associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos. O nome deve-se ao fato de certas palavras prepararem o ouvinte ou o leitor para o conteúdo semântico que está por vir, da mesma maneira que a prosódia na fala indica para o interlocutor que tipos de sons estão por vir a seguir (Hoey, 1997⁷⁹, p.4). Por exemplo, 'cause' tem uma prosódia semântica negativa, pois associa-se a palavras desfavoráveis como 'problem(s)', 'damage', 'death(s)', 'disease', 'concern' e 'cancer'. Já 'provide' possui uma prosódia semântica positiva ou neutra, já que se associa a palavras deste tipo, tais como 'assistance', 'care', 'jobs', 'opportunities' e 'training' (Stubbs, 1995⁸⁰). (BERBER SARDINHA, 2000: 359-360).

Por fim, Koller (2004a: 247) afirma que existem muitas outras dimensões conotativas, tais como os significados intralinguísticos, socioculturais e intertextuais. Essas conotações ocorrem no nível textual e/ou comunicativo, razão pela qual o autor opta por abordá-las somente na seção em que discute as diferenças entre textos ficcionais (*Fiktivtexte*) e não ficcionais (*Sachtexte*) (cf. KOLLER, 2004a: 287ss.). Koller considera essas dimensões conotativas como diferenças de caráter *gradual* entre esses dois tipos de texto. Isso quer dizer que, embora seja possível encontrar tais significados em textos ficcionais e não ficcionais, eles têm, em geral, maior impacto na tradução de textos ficcionais. Não me estenderei aqui na exposição das particularidades de cada uma dessas dimensões conotativas, mas cabem algumas considerações sobre algumas de suas implicações para a tradução.

⁷⁹ HOEY, Michael. From concordance to text structure: New uses for computer corpora. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara; MELIA, Patrick James (Org.). **PALC'97: Practical Applications in Language Corpora**. Lodz: Lodz University Press, 1997. p. 2-22.

⁸⁰ STUBBS, Michael. Corpus evidence for norms of lexical collocation. In: COOK, Guy; SEIDLHOFER, Barbara (Orgs.). **Principle & Practice in Applied Linguistics: Studies in Honour of H. Widdowson**. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 245-256.

O que Koller denomina “significados intralinguísticos” (*intralinguistische Bedeutungen*) são associações entre unidades linguísticas que resultam de semelhanças fonéticas, grafemáticas, morfológicas ou lexicais, como jogos de palavras (por exemplo: “*Sem concerto do piano não há concerto*”⁸¹). Tais associações costumam ser mais frequentes em textos ficcionais porque, neles, as relações sintagmáticas entre os signos ganham primazia sobre a relação destes com os fatos extralinguísticos (cf. KOLLER, 2004a: 287). Também por esse motivo, não é incomum, na tradução literária, que se “altere” o conteúdo na tentativa de recriar um aspecto formal do original, o que em geral não é aceitável em textos não ficcionais. Isso porque estes geralmente têm uma função instrumental, e a alteração do conteúdo em prol da forma poderia engendrar consequências bastante práticas para o tradutor⁸². Pensemos, por exemplo, na tradução juramentada. Ao final do texto traduzido, o tradutor tem de “dar fé” de que a informação veiculada na tradução corresponde, na medida do possível, à informação veiculada no texto original. Se isso não acontece, o tradutor é responsabilizado pelo não cumprimento de seu juramento, e a validade do documento traduzido pode vir a ser questionada, causando prejuízos também à pessoa que fará uso daquela tradução.

À categoria dos significados intralinguísticos Koller inclui também os significados intratextuais (*intratextuelle Bedeutungen*), que correspondem às relações estruturais ou temáticas estabelecidas dentro de um mesmo texto, como a recorrência de determinados motivos ao longo do enredo, por exemplo (cf. KOLLER, 2004a: 289). Os significados intralinguísticos e a importância destes para textos ficcionais e não ficcionais são abordados em mais detalhes por Koller no tópico dedicado à quinta e última categoria de Equivalência, a Equivalência estético-formal (cf. item 3.1.5 desta dissertação).

Já os chamados “significados socioculturais” (*soziokulturelle Bedeutungen*) são aqueles que são fortemente determinados pela cultura, um país, grupo social ou comunidade religiosa em que são veiculados. Em geral, esses significados estão implícitos no texto de partida, mas, na tradução literária, é comum que tenham de ser explicitados, pois o receptor provavelmente não os conhece de antemão. No caso de textos não ficcionais (em especial textos técnicos), por outro lado, o público da tradução é, em geral, mais homogêneo e compartilha de mais informações do que os leitores de uma tradução literária, que não necessariamente pressupõe o compartilhamento de algum conhecimento prévio. Veja-se a

⁸¹ Exemplo encontrado por mim. Extraído de: <<http://radames.manosso.nom.br/linguagem/retorica/recursos-retorica/trocadilho/>>. Acesso em 08 jul. 2018.

⁸² A esse respeito, veja-se ainda o comentário de Azenha Jr. (1996: 140): “A aplicabilidade imediata do que se entende (ou não) a partir da leitura de um texto técnico traduzido sublinha a questão do erro de tradução, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a responsabilidade do tradutor e para as possíveis consequências da atividade de traduzir sobre o dia-a-dia das pessoas”.

seguinte citação, extraída do texto *Linguistik und kulturelle Dimension der Übersetzung – in den 70er Jahren und heute* [A Linguística e a dimensão cultural da tradução – nos anos 70 e hoje] (2001):

Ainda que a especificidade cultural – e os problemas tradutórios de mediação vinculados a ela – de textos técnicos não deva ser subestimada, pode-se presumir que uma parte considerável dos textos técnicos e das ciências naturais é produzida e recebida por membros de uma comunidade internacional técnico-científica, que têm formações semelhantes, bem como papéis e funções técnicas semelhantes⁸³ (KOLLER, 2001: 116).

No excerto acima, Koller reconhece que a especificidade cultural não é exclusividade dos textos ficcionais, uma ideia pré-concebida muito recorrente, “segundo a qual os textos técnicos, diferentemente de outros tipos de texto, seriam unívocos, ‘universais’” (AZENHA JR., 1996: 140). Apesar de o autor reconhecer que textos não ficcionais também estão sujeitos a condicionantes culturais, no quadro teórico de Koller, elas têm sua importância diminuída quando se trata da tradução técnica. A prática de tradução, no entanto, mostra que essa distinção nada mais é do que uma idealização, como observa Azenha Jr. (1996):

A experiência de trabalho com a tradução de textos técnicos, porém, nos mostra que os tipos textuais são instáveis, que os textos são formas híbridas, que todos os textos estão sujeitos a um número elevadíssimo de variáveis e que a terminologia, longe de ser algo estático, é dinâmica e reconhece sua dificuldade em controlar a subjetividade no tratamento de seu objeto, a linguagem. (AZENHA JR., 1996: 141).

Finalmente, os “significados intertextuais” (*intertextuelle Bedeutungen*) dizem respeito a referências (implícitas ou explícitas) a outros textos ou autores, sejam eles pertencentes à mesma cultura ou a uma cultura diferente daquela em que o texto foi produzido. Um dos exemplos fornecidos por Koller provém de uma propaganda da grife de sapatos Ferragamo, na qual se lê: “*There is no business like shoe business*” [“Não há negócio como o negócio dos sapatos”]. De acordo com o teórico, a compreensão do jogo de palavras, neste caso, pressupõe a familiaridade do leitor com o bordão “*There is no business like show*⁸⁴ *business*” (cf. KOLLER, 2004a: 262-263).

Para esse tipo de significado, assim como para os demais, vale o “princípio da progressividade da tradução” (*Prinzip der Progressivität der Übersetzung*):

⁸³ Wenn auch die Kulturspezifität und die damit verbundenen übersetzerischen Vermittlungsprobleme bei Fachtexten nicht unterschätzt werden sollten, kann davon ausgegangen werden, dass ein bedeutender Teil der naturwissenschaftlichen und technischen Texte von Mitgliedern einer internationalen wissenschaftlich-technischen Gemeinschaft produziert und rezipiert werden, die auf ähnliche Weise ausgebildet sind und ähnliche fachliche Rollen und Funktionen innehaben.

⁸⁴ Este também é um exemplo de significado intralinguístico, na medida em que se realiza um jogo de palavras baseado na semelhança fonológica entre as palavras *show* e *shoe*, em inglês.

[T]oda solução experimental parcialmente bem-sucedida e sempre apenas aproximativa, de um problema de tradução reduz o grau da intraduzibilidade e é um passo em direção à utopia da veiculação completa do original, à tradução ‘ideal’ (impossível tanto na teoria quanto na prática)⁸⁵ (KOLLER, 2004a: 291).

Depreende-se da citação acima que, para Koller, a intraduzibilidade não é somente relativa, como vimos no subtópico dedicado à Equivalência denotativa, mas também provisória. O autor reconhece o caráter experimental de qualquer solução de tradução, que nunca pode ser definitiva porque não há possibilidade (nem teórica, nem prática) de se reproduzir integralmente, em uma tradução, os significados presentes no texto original, o que aponta para uma concepção antiuniversalista de tradução e da própria Equivalência.

3.1.3 Equivalência textual-normativa

No que diz respeito à escolha e ao modo de utilização de meios linguísticos nos âmbitos sintático e lexical, textos contratuais, manuais de instruções, cartas comerciais, textos científicos etc. seguem determinadas normas linguísticas (normas de estilo), cuja observância, na tradução, implica a *produção de Equivalência textual-normativa*⁸⁶ (KOLLER, 2004a: 247).

A Equivalência textual-normativa (*textnormative Äquivalenz*) está, portanto, atrelada às convenções específicas dos diversos gêneros textuais nas diferentes línguas (cf. KOLLER: 247). Isso significa que, para que o leitor da tradução identifique determinada tradução como pertencente ao gênero textual A ou B, é necessário que o tradutor se atenha a determinadas normas, que abrangem desde o vocabulário e a sintaxe até a própria estruturação do texto (tradicionalmente, uma dissertação é organizada em introdução, desenvolvimento e conclusão, necessariamente nessa ordem). Um exemplo prático: o leitor dificilmente reconheceria um texto como uma carta se este não apresentasse um cabeçalho com data e local de redação do texto, um vocativo e uma despedida, seguida da assinatura do remetente.

Koller diz que, a fim de produzir esse tipo de Equivalência, o tradutor deve respeitar as normas linguístico-estilísticas da LC. Tais normas são, de acordo com o teórico, “as condições do gênero textual” (KOLLER, 2004a: 247). A referência à convencionalidade das propriedades dos gêneros textuais em diferentes línguas é importante porque dá a ver o caráter culturalmente determinado dessas normas. Entretanto, Koller não discorre explicitamente sobre a questão da influência de questões culturais sobre essas normas. Com efeito,

⁸⁵ [...] jede teilweise geglückte, sich immer nur annähernde, tentative Lösung einer Übersetzungsproblems vermindert den Grad der Unübersetzbarkeit und ist ein Schritt auf dem Weg zur Utopie der vollkommenen Vermittlung des Originals, der (theoretisch wie praktisch unmöglichen) „idealen Übersetzung“.

⁸⁶ Vertragstexte, Gebrauchsanweisungen, Geschäftsbriefe, wissenschaftliche Texte etc. folgen hinsichtlich Auswahl und Verwendungsweise sprachlicher Mittel im syntaktischen und lexikalischen Bereich bestimmten sprachlichen Normen (Stilnormen), deren Einhaltung in der Übersetzung *Herstellung textnormativer* Equivalência bedeutet.

interessam-lhe somente as implicações linguístico-textuais dessas convenções, isto é, a maneira pela qual elas se refletem no texto em si e qual é a sua relevância para a tradução.

Note-se, de passagem, que a noção de norma de Koller não coincide com o conceito proposto por Toury no âmbito dos EDT. Como vimos no capítulo anterior, para Toury, tornar-se um tradutor pressupõe a aquisição de um conjunto de normas, isto é, práticas sociais que caracterizam e condicionam o fazer tradutório. Segundo Toury (1995: 55), normas são “a conversão de valores ou ideias gerais compartilhados por uma comunidade [...] em instruções de performance que são apropriadas e aplicáveis a determinadas situações”. Diferentemente de Koller, portanto, a Toury interessam as coerções de cunho social e cultural que incidem sobre o traduzir e as traduções.

Dito isso, voltemos a Koller. De acordo com o autor, em geral, a adequação da tradução às normas de estilo (*Stilnormen*) vigentes na LC é necessária para que o texto traduzido exerça a mesma função desempenhada pelo texto original no contexto da LP. Essas normas, às quais Koller também se refere como “normas de uso” (*Gebrauchsnormen*), podem levar o tradutor a empreender mudanças no texto que não se justificam por diferenças estruturais entre as línguas, ou seja, no plano da *langue*, mas por diferenças convencionadas justamente no plano do uso linguístico (*parole*), como se vê na citação abaixo:

R. van den Broeck (1986⁸⁷) assinala que, via de regra, traduções não modificam a função e a pragmática do texto, mas de fato modificam-se propriedades estilístico-funcionais e convencional-textuais. As normas textuais (normas de uso) vigentes na LC são responsáveis pelo fato de o tradutor empreender determinadas mudanças linguísticas que não podem ser explicadas por diferenças entre a LP e a LC⁸⁸ (KOLLER, 2004a: 247-248).

De acordo com Chesterman (1989: 99), a Equivalência textual-normativa de Koller tem “pontos de contato próximos” com a abordagem de Reiss, um dos principais nomes da vertente funcionalista dos estudos de tradução, que, ainda na década de 1970, elaborou uma tipologia textual orientada para a tradução. Com base na teoria funcional de Karl Bühler (1934), que propõe três funções para a linguagem (representativa, expressiva e operativa), o modelo de Reiss “vincula as três funções às suas ‘dimensões’ linguísticas correspondentes e

⁸⁷ BROECK, Raymond van den. Contrastive Discourse Analysis as a Tool for the Interpretation of Shifts in Translated Texts. In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana (Eds.). **Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies**. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 37-47.

⁸⁸ R. van den Broeck (1986) weist darauf hin, daß Übersetzungen in der Regel nicht die Textfunktion und –pragmatik verändern, wohl aber verändern sich funktional-stilistische und textkonventionelle Eigenschaften. In der ZS geltende Textnormen (Gebrauchsnormen) sind dafür verantwortlich, daß der Übersetzer bestimmte sprachliche Veränderungen vornimmt, die nicht aus Unterschieden zwischen AS und ZS erklärt werden können [...].

aos gêneros textuais ou situações comunicativas em que são usadas” (MUNDAY, 2008: 72). A partir disso, a autora sugere métodos de tradução específicos para cada gênero textual.

A questão da tipologia textual é abordada também em Koller, na medida em que ele afirma que cabe à “Ciência da Tradução voltada para o par de línguas” e à “Ciência da Tradução voltada para o texto” a tarefa de analisar tanto traduções quanto textos paralelos (textos de um mesmo gênero textual) a fim de determinar quais são as normas vigentes nas diferentes línguas, para os diferentes gêneros textuais (cf. KOLLER, 2004a: 248).

Ainda outro “ponto de contato” entre Koller e os funcionalistas encontra-se justamente no emprego do conceito de textos paralelos (*Paralleltexte*). Nord (2010), por exemplo, vê nos textos paralelos uma ferramenta importante para a didática de tradução, na medida em que podem ser utilizados no processo de construção da chamada “competência textual comparativa”. De acordo com a autora, esse tipo de competência é fundamental em uma abordagem funcionalista da tradução, na medida em que auxilia na identificação da função comunicativa que o texto deve exercer na língua e na cultura de chegada. Veja-se a citação abaixo:

O que é necessário ao tradutor é uma “competência textual comparativa”. Sem ela, ele não seria capaz de antecipar a funcionalidade e o efeito que o texto-meta pode ter sobre seus receptores. Os tradutores profissionais que vivem na cultura-meta terão adquirido essa competência por sua própria experiência, mas os tradutores inseridos na cultura-base, ou os novatos que ainda não dispõem dessa experiência textual, têm de estudar as normas e convenções de estilo da outra cultura (e, na maioria dos casos, as de sua própria cultura também) (NORD, 2010: 10).

Ainda segundo Nord, textos paralelos são uma excelente fonte de informação cultural e linguística para futuros tradutores. Informações culturais são aquelas que dizem respeito às “convenções e normas do comportamento verbal e não verbal específicas de uma determinada cultura” (NORD, *ibid.*: 15). Incluem-se aí as convenções de estilo e de gênero textual, por exemplo. As informações linguísticas, por sua vez, referem-se às “especificidades sistemáticas (por exemplo, colocações, frases feitas, fraseologia)” (*idem*, *ibid.*: 16). De um ponto de vista metodológico, portanto, a análise contrastiva⁸⁹ de textos paralelos nas línguas (e culturas) de partida e de chegada é de grande relevância para o exercício da competência textual comparativa.

Do que foi dito até aqui, depreende-se que, embora a Equivalência textual-normativa seja produzida no plano textual, ela traz à luz um aspecto pragmático importante, na medida

⁸⁹ O tipo de análise a que Nord se refere não diz respeito ao sistema linguístico, como na Linguística Contrastiva, e sim ao uso, à “comunicação real”, com ênfase sobre “as preferências culturais com respeito a certas formas de expressão” (NORD, 2010: 12).

em que pressupõe a observância não somente de características linguístico-textuais dos diferentes gêneros textuais, mas também da função comunicativa da tradução. A dimensão pragmática da tradução será abordada também na quarta categoria de Equivalência proposta por Koller, a Equivalência pragmática.

3.1.4 Equivalência pragmática

Como exposto por Koller em sua explicação sobre os cinco possíveis quadros de referência, a Equivalência pragmática (*pragmatische Äquivalenz*) diz respeito ao destinatário, ou seja, ao receptor da tradução. Na produção desse tipo de Equivalência, o tradutor visa, acima de tudo, assegurar a compreensão do texto pelo seu leitor. Isso, porém, só pode ocorrer se o contexto comunicativo do texto de chegada for levado em conta. Um exemplo fornecido por Koller é o de um panfleto turístico bilíngue de Bergen, no qual, em norueguês, se lê “bem-vindos à cidade dos *seus* antepassados”, ao passo que, em inglês, os turistas encontram a frase “bem vindos à cidade dos *nossos* antepassados” (cf. KOLLER, 2004a: 251, grifos meus). Nesse caso, o tradutor entendeu que, para o leitor anglófono, o pronome “seus” não faria sentido, e adaptou o texto de modo a priorizar a compreensão por parte do público-alvo da sua tradução.

De acordo com Koller, a produção de Equivalência pragmática está vinculada ao “horizonte de expectativas” (*Erwartungshorizont*) dos receptores. Como se vê no seguinte excerto, para o teórico, a recepção de qualquer texto (traduzido ou não) está condicionada às expectativas dos leitores, ou seja, ao seu conhecimento prévio e às suas leituras anteriores:

O texto original *funciona* no contexto comunicativo da comunidade linguística e cultural em questão; ele está *implantado* nesse contexto. Simultaneamente, isso significa que o texto é *recebido* diante do pano de fundo de determinadas *normas de expectativas*, que constituem o *horizonte de expectativas* dos receptores⁹⁰ (KOLLER, 2004a: 108).

Koller, porém, reconhece que nem todos os indivíduos inseridos em determinado contexto linguístico compartilham de um único horizonte de expectativas: “As normas de expectativas, por sua vez, não são, de maneira alguma, idênticas para todos os receptores em

⁹⁰ Der Original-Text *funktioniert* im kommunikativen Zusammenhang der betreffenden Sprach- und Kulturgemeinschaft; er ist *eingebettet* in diesen Zusammenhang. Das heißt zugleich, daß der Text vor dem Hintergrund bestimmter *Erwartungsnormen*, die den *Erwartungshorizont* der Empfänger bilden, rezipiert wird. Die „Einstellung“ des Textes durch den Textautor und der Erwartungshorizont der Empfänger stehen in einem wechselseitigen *Bedingungsverhältnis*: die Erwartungsnormen des Empfängers bedingen die Schreibnormen des Autors, die Schreibnormen des Autors beziehen sich auf Erwartungsnormen der Leser und bestätigen sie, widersprechen ihnen und verändern sie gegebenenfalls.

uma língua (comunidade linguística)⁹¹” (KOLLER, 2004a: 108). Na verdade, o grupo social em que estão inseridos, conhecimentos prévios, nível de escolaridade e conhecimento da língua e a situação histórico-social em que se encaixam os receptores, por exemplo, são alguns dos fatores condicionantes da recepção de qualquer texto, traduzido ou não (cf. idem, *ibid.*: 108).

Ao falar em “horizonte de expectativas”, Koller estabelece um diálogo com outras linhas de pensamento, mais especificamente, com os estudos de Estética da Recepção, no âmbito da teoria literária. Para Jauss (1994), um dos principais representantes dessa vertente, a recepção de uma nova obra literária está sempre condicionada ao conhecimento prévio dos leitores, às experiências anteriores à leitura daquela obra específica, ou seja, ao seu horizonte de expectativas. Veja-se a citação abaixo:

[...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores (JAUSS, 1994: 28).

O termo “horizonte de expectativas” designa, assim, o conjunto de conhecimentos prévios compartilhados por determinado grupo de indivíduos, inseridos em determinado contexto de recepção de uma obra literária. Esse conjunto de indivíduos, com base em suas vivências e leituras anteriores, formula suas hipóteses e reage emocionalmente à obra recebida. Dessa maneira, o horizonte de expectativas influencia diretamente as preferências literárias desse grupo e a sua interpretação da obra em questão.

De acordo com Jauss (1979: 55), o conceito de “fusão de horizontes”, proposto por Gadamer no âmbito da hermenêutica, foi fundamental para o desenvolvimento da noção de horizonte de expectativas. Ao discorrer sobre a tradução, Gadamer (2010) afirma que traduzir é sempre um ato de interpretação, pois o significado do texto original não é, de maneira alguma, pré-determinado. O teórico compara a significação a um diálogo, entre texto e tradutor, no qual ambos contribuem para o estabelecimento de um “denominador comum”, a partir do qual pode haver um entendimento. A esse processo, Gadamer dá o nome de “fusão de horizontes”:

⁹¹ Die Erwartungsnormen ihrerseits sind keineswegs identisch für alle Empfänger in einer Sprache (Sprachgemeinschaft) [...].

[...] o significado de um texto não pode ser comparado a um ponto de vista imóvel e inexoravelmente fixado, que apenas coloque àquele que o quer entender uma única questão: como o outro pôde chegar a uma opinião assim absurda? Nesse sentido, na compreensão não se trata, com efeito, de uma “compreensão histórica”, que reconstrói as etapas de produção do texto. Pelo contrário, pretende-se *compreender o texto ele mesmo*. Isso significa que os próprios pensamentos do intérprete estão sempre inseridos no processo de reavivar o sentido do texto. Destarte, o horizonte do intérprete é determinante, mas não como um ponto de vista pessoal que se mantém ou se impõe, antes como uma opinião e uma possibilidade que entram em jogo e que ajudam a incorporar verdadeiramente o que está dito no texto. A esse processo chamamos de fusão de horizontes. Neste ponto passamos a reconhecer *a forma como procede o diálogo*, no qual o assunto ganha expressão, e que não é só meu ou de meu autor, mas algo comum a ambos (GADAMER, 2010: 245, 247)

Para Gadamer, toda tradução é um diálogo entre dois interlocutores (o autor do original e o leitor da tradução), e só difere de textos não traduzidos pelo fato de o tradutor assumir um papel de mediador, encarregado de construir a ponte entre o autor do original e o leitor da tradução. Nas palavras do autor: “A necessidade de tradução por um tradutor-intérprete é um caso extremo que duplica o processo hermenêutico, o diálogo: é o diálogo do intérprete com a outra parte e o nosso com o intérprete” (GADAMER, 2010: 238). Por isso, Gadamer afirma: “A tarefa de recriação tocante ao tradutor não difere de forma qualitativa, mas sim gradual da tarefa hermenêutica geral imposta por todo texto” (idem, *ibid.*: 243, 245).

Mais à frente na *Einführung*, Koller aplica essa mesma lógica às dificuldades de compreensão implicadas na compreensão de textos traduzidos:

As dificuldades que se apresentam na compreensão de textos traduzidos *não são qualitativa*, mas “apenas” *gradualmente* diferentes das dificuldades de qualquer compreensão textual (“apenas” entre aspas porque, da perspectiva do tradutor, essas diferenças graduais podem representar grandes problemas práticos de tradução). *Gradualmente* quer dizer aqui que textos traduzidos podem causar novas e maiores dificuldades de compreensão do que textos originais, que estão melhor “ajustados” às normas de expectativas de seus leitores⁹² (KOLLER, 2004a: 178).

De acordo com Koller, essa diferença gradual se deve ao fato de a tradução 1) pertencer a outro contexto linguístico, ou seja, o tradutor faz uso de meios linguísticos diferentes dos meios da LP; 2) estar inserida em outro universo textual (*Textuniversum*), na medida em que estabelece relações de intertextualidade diferentes do texto original (com outras traduções na língua de chegada e traduções para outras línguas, por exemplo); 3) ser lida em uma situação sociocultural diversa, o que significa que o leitor da tradução nem sempre fará as mesmas associações que o leitor do original, ou que determinadas passagens,

⁹² Die Schwierigkeiten, die sich beim Verstehen übersetzter Texte ergeben, sind nicht *qualitativ*, sondern „nur“ *graduell* von den Schwierigkeiten jeden Textverstehens verschieden („nur“ in Anführungszeichen, weil diese graduellen Unterschiede aus der Sicht des Übersetzers große praktische Übersetzungsprobleme darstellen können). *Graduell* meint hier, daß Übersetzungstexte ihren Lesern zusätzliche und größere Verstehensschwierigkeiten bereiten können als Originaltexte, die besser auf die Verstehensvoraussetzungen ihrer Leser „eingestellt“ sind.

obviedades para o leitor do original, talvez precisem ser explicadas pelo tradutor em notas de rodapé ou prefácios etc. (cf. KOLLER, 2004a: 109).

Em última instância, portanto, a produção da Equivalência pragmática está diretamente relacionada ao grau de explicitação que o tradutor adota em seu texto: “Para o tradutor, nesse contexto, sempre volta a se colocar a seguinte questão: até que ponto ele pode e deve interferir no texto, ao ‘ajustá-lo’ ao destinatário da LC⁹³” (KOLLER, 2004a: 249). A criação da Equivalência pragmática pressupõe, assim, que o tradutor seja capaz de mensurar o quão explicativo seu texto deve ser para que o leitor entenda as informações que lhe são apresentadas. E, nesse cenário, o tradutor corre dois riscos: superestimar o leitor da tradução, deixando de fornecer informações suplementares necessárias à compreensão, ou subestimá-lo, exagerando na quantidade dessas informações.

A Equivalência pragmática também está ligada às fronteiras entre reprodução e produção textual, que são, para Koller, fundamentais para a delimitação do objeto de pesquisa dos estudos de tradução. Segundo o autor, adaptações infantil e juvenis de livros (originalmente destinados para o leitor adulto), por exemplo, não podem ser consideradas traduções do ponto de vista da Equivalência pragmática. Ainda que tenham sido traduzidas, o público-alvo dessas adaptações e o seu horizonte de expectativas são imensamente diferentes dos leitores do texto de partida (cf. KOLLER, 2004a: 249). Diante disso, Koller diz: “Embora os limites sejam fluidos, deve-se diferenciar entre *traduções que contêm elementos adaptantes* e *adaptações que contêm elementos/partes traduzidos/as*⁹⁴” (KOLLER, 2004a: 250). Conforme o teórico, as adaptações infantis e juvenis pertencem à última categoria, ao passo que o panfleto bilíngue de Bergen pode ser considerado uma tradução com elementos adaptantes.

Sobre a tradução de literatura infantil e juvenil, Azenha Jr. (2005) diz que esta “é um campo fértil em que o tradutor é convidado, continuamente, a recriar”. No entanto, sobretudo no senso comum, o traduzir nem sempre é visto como um ato criativo, o que enseja uma distinção ilusória entre tradução e adaptação que, no entanto, não pode ser identificada objetivamente. Essa falsa impressão tem consequências tanto para a teoria quanto para a prática da tradução, na medida em que se reflete também nas práticas editoriais. Veja-se o comentário do autor a esse respeito:

⁹³ Für den Übersetzer stellt sich in diesem Zusammenhang immer wieder die Frage, wie weit er in den Text eingreifen darf und soll, wenn er ihn auf den ZS-Empfänger „einstellt“.

⁹⁴ Obwohl die Grenzen fließend sind, ist zu unterscheiden zwischen *Übersetzungen, die bearbeitende Elemente enthalten*, und *Bearbeitungen mit übersetzten Elementen/Teilen*.

No Brasil, é comum encontrarmos livros traduzidos e retraduzidos a partir de sagas, lendas e mitos milenares com a indicação '[história] recontada por...', ou então 'adaptada do original alemão por...'. Via de regra, as histórias 'recontadas' ou 'adaptadas' são aquelas que já se encontram no domínio público; são os clássicos ou 'tesouros' da literatura infantil e juvenil (os contos de Grimm e de Andersen, por exemplo, ou as sagas e mitos recolhidos da oralidade). Tais indicações presentes nas obras traduzidas, que podemos entender como ressalvas, não apenas reforçam a noção de que pode haver um limite, passível de demonstração objetiva, entre tradução e adaptação, como também parecem desconsiderar as características que marcam a tradução de LIJ [literatura infantil e juvenil]⁹⁵: nesse domínio, todos os textos traduzidos são, forçosamente, recontados e adaptados ao seu ambiente de recepção (AZENHA JR., 2005: 379).

Observamos, neste ponto, mais uma contradição no discurso de Koller. Ao passo que o autor afirma que a Equivalência é um valor a ser produzido – assim considerando o tradutor como um sujeito criador de significados, como será discutido mais detidamente no subtópico 2.2 –, ele também sugere que haja uma maneira objetiva de diferenciar a tradução da adaptação. Nesse sentido, a fala de Koller se assemelha à dos teóricos da Ciência da Tradução, que “relegou as adaptações para uma área que não merece ser estudada” (MILTON, 2015: 18) por não satisfazerem as exigências de equivalência estipuladas por esses mesmos teóricos.

Mais recentemente, contudo, observa-se a tendência de aproximar cada vez mais as noções de tradução e adaptação. No que respeita à teoria, nas últimas décadas, as adaptações foram incorporadas às pesquisas desenvolvidas no âmbito de vertentes mais recentes nos estudos de tradução, que buscaram interseções com outras áreas, tais como o pós-colonialismo, a desconstrução, os estudos da interpretação etc. (cf. MILTON, 2015: 19). Já no âmbito das práticas de tradução, um exemplo ilustrativo da aproximação entre tradução e adaptação é assinalado por Mundt (2008: 1), que diz que, no Brasil, “a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por exemplo, fundiu numa só categoria, em 2005, as premiações de tradução e adaptação, entendendo que não se pode estabelecer a priori fronteiras rígidas entre uma e outra”.

Para além da tradução de literatura infantil e juvenil, com a globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias, vemos crescer cada vez mais a necessidade pelo trabalho de localização, por exemplo, “que envolve a produção de textos em formato eletrônico em diferentes línguas para serem utilizados por públicos de diversas regiões sociolinguísticas” (STUPIELLO, 2015: 310). Geralmente, o termo “localização” remete à tradução de sites, videojogos ou softwares. Nesse contexto: “Conforme os sistemas de softwares se tornam cada vez mais flexíveis, as empresas os reescrevem para cada língua ou

⁹⁵ Os colchetes são meus.

país, levando em consideração preferências, gostos e culturas locais” (MILTON, 2015: 21). Tradução e adaptação mostram-se, assim, cada vez mais indissociáveis.

Diante disso, conclui-se que a afirmação de Koller a respeito da necessidade de se diferenciar tradução e adaptação não é coerente com a sua própria proposta de Equivalência pragmática. Se considerarmos que, para produzir esse tipo de Equivalência, o tradutor leva em conta o contexto de recepção e o “horizonte de expectativas” dos leitores da tradução, então, como afirmara Azenha Jr. (2005) a respeito da literatura infantil e juvenil traduzida, todo ato de tradução pressupõe, necessariamente, um ato de adaptação.

3.1.5 Equivalência estético-formal

A quinta e última categoria de Koller é a Equivalência estético-formal (*formal-ästhetische Äquivalenz*). Para o autor, a criação desse tipo de Equivalência pressupõe uma “analogia da configuração” (*Analogie der Gestaltung*), “por meio do aproveitamento das possibilidades de configuração artística dadas na LC ou, eventualmente, por meio da criação de novas formas de configuração [...]”⁹⁶ (KOLLER, 2004a: 252). Ou seja: na produção de Equivalência estético-formal, o tradutor recria elementos formais do original a partir dos meios linguístico-estilísticos oferecidos pela LC, ou da invenção de novos meios, de maneira a produzir um efeito estético análogo ao do texto de partida.

Alguns exemplos de “meios de configuração estético-formais” (*formal-ästhetische Gestaltungsmittel*) são: rimas, versificação, ritmo e “formas estilísticas particulares de expressão na sintaxe e no léxico (também características do estilo individual ou de uma obra específica)”⁹⁷ (KOLLER, 2004a: 253), além de jogos de palavras e metáforas. Tais meios têm um papel de destaque sobretudo na tradução literária, que se diferencia da tradução de textos não ficcionais principalmente pela importância do efeito estético. Segundo Koller (2004a):

Meios de configuração e formas de expressão estético-formais, é claro, não se encontram somente em textos literários: quando surgem em textos não literários, eles têm, em geral, outro estatuto. Qualidades estético-formais são *constitutivas* para textos literários, ou seja, um texto literário que é destituído dessas qualidades perde a sua literariedade. Via de regra, o mesmo não se aplica a textos não ficcionais, que, mesmo em uma forma “des-estetizada”, estão aptos a exercer suas funções como textos não ficcionais⁹⁸ (KOLLER, 2004a: 253).

⁹⁶ Herstellung *formal-ästhetischer* Equivalência im ZS-Text bedeutet – unter Ausnutzung der in der ZS vorgegebenen Gestaltungsmöglichkeiten, ggf. unter Schaffung neuer Gestaltungsformen – „Analogie der Gestaltung“.

⁹⁷ [...] besondere stilistische (auch individualstilistische und werkspezifische) Ausdrucksformen in Syntax und Lexik [...].

⁹⁸ Formal-ästhetische Gestaltungsmittel und Ausdrucksformen finden sich selbstverständlich nicht nur in literarischen Texten; treten sie in nicht-literarischen Texten auf, haben sie dort in der Regel einen anderen

Segundo Koller, portanto, a Equivalência estético-formal adquire muito mais importância na tradução literária, razão pela qual o autor opta por ilustrar suas observações com diversos exemplos extraídos, em sua maioria, de textos literários (cf. KOLLER, 2004a: 257-266). Neste ponto, cabe assinalar que, embora recursos estilísticos como metáforas e jogos de palavras em textos não-literários tenham sua importância reduzida no quadro de trabalho de Koller, eles são muito utilizados nas áreas da publicidade e do jornalismo, por exemplo. O estudo de Kinouchi, Kinouchi e Mandrá (2010) mostrou a recorrência de metáforas com termos provenientes da física em textos jornalísticos, nos quais é frequente a utilização de expressões como “correlação de forças”, “movimentos sociais”, “turbulência financeira”, “tensão social”, “inércia governamental”, entre outros (cf. KINOUCI; KINOUCI; MANDRÁ, 2010: 6-7).

Ao discorrer sobre a questão das metáforas, Koller utiliza a classificação de Broeck (1981), dividida em três tipos: 1) metáforas lexicais⁹⁹, “que foram incorporadas há tanto tempo pela linguagem comum e mesmo pelo léxico oficial que perdem grande parte de seu impacto de novidade semântica, de reorganização criativa do pensamento”, como “pé da mesa” ou “folha de papel” (KINOUCI; KINOUCI; MANDRÁ, *ibid.*: 4); 2) metáforas convencionais, de uso já consagrado na comunidade linguística ou cultural, como “lutar com unhas e dentes”, “a ponta do *iceberg*” etc.; 3) metáforas particulares, por fim, são criações individuais, presentes na obra de um autor específico, por exemplo.

De acordo com Broeck, as metáforas particulares seriam mais simples de traduzir porque contêm pouca ou nenhuma informação culturalmente específica. As metáforas convencionais também possuem alto grau de traduzibilidade, pois frequentemente pertencem a um repertório cultural/literário universal. O verdadeiro desafio seriam as metáforas lexicalizadas, pois, em geral, são específicas da língua e da cultura de partida, além de estarem profundamente enraizadas no contexto original (cf. KOLLER, 2004a: 254).

No estudo realizado por Kjær (1988), são analisadas cerca de 1200 ocorrências de metáforas verbais particulares (ou “ocasionais”, em sua nomenclatura) nas traduções suecas de diversos romances alemães, como *Die Blechtrommel* (traduzido para o português como *O tambor*), *Der Butt*, ambos de Günter Grass, e *Stiller*, de Max Frisch. Metáforas verbais são

Stellenwert. Formal-ästhetische Qualitäten sind *konstitutiv* für literarische Texte, d.h. ein literarischer Text, der dieser Qualitäten verlustig geht, verliert seine Literarizität. Das gilt in der Regel nicht für Sachtexte, die auch in „ent-ästhetisierter Form ihre Sachtextfunktion(en) erfüllen können.

⁹⁹ Kinouchi, Kinouchi e Mandrá (2010: 4-5) optam pela designação “metáforas invisíveis”, em concordância com Lakoff e Johnson (1980). Os autores propõem uma categorização binária, entre metáforas invisíveis e visíveis, na medida em que estas “ainda produz[em] um choque semântico consciente, gerando novas percepções, analogias e mudanças conceituais”. Porém, na literatura sobre o assunto também é possível encontrar a diferenciação entre “metáforas mortas” e “metáforas vivas”, respectivamente.

aquelas cujo núcleo é um verbo, como no seguinte trecho de *Stiller*: *Und das Schweigen wucherte, ein Schweigen, das schlimmer war als Zank* [E o silêncio se alastrou, um silêncio que era pior do que um bate-boca]. Sobre o verbo *wuchern*, Koller (2004a: 258) diz que, em um contexto não metafórico, a palavra é geralmente acompanhada por lexemas como *Unkraut* [erva daninha] e *Geschwulst* [tumor]¹⁰⁰. Na tradução sugerida por mim, optei pelo verbo “alastrar-se”, pois pode ser utilizado para se referir tanto a plantas (como no caso de *Unkraut*), quanto a enfermidades (como em *Geschwulst*), como se lê no verbete de “alastrar” no dicionário Houaiss:

4 t.d. e pron. fazer crescer o raio de ação ou a incidência de, ou exacerbar-se rapidamente (um agente infeccioso, uma enfermidade etc.); propagar(-se), proliferar(-se) <os ventos alastraram a gripe> <a aids alastra-se em ritmo alarmante entre as mulheres> [...] 6 t.d. e pron. revestir(-se) [de folhas ou flores]; juncar(-se) <a erva ruim alastrou a sementeira> <o canteiro alastrou-se de flores> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 136).

Em minha tradução, portanto, procurei recriar, no português, a originalidade da combinação da palavra *Schweigen* [silêncio] com um verbo que geralmente aparece em outros contextos, como é o caso de *wuchern*. Dentre os procedimentos identificados por Kjär (1988) nas traduções desse tipo de metáfora do alemão para o sueco, minha opção corresponderia ao primeiro: 1) traduzir uma metáfora ocasional como metáfora ocasional na LC. Os demais procedimentos listados por Kjär são: 2) trocar a metáfora ocasional por uma metáfora convencional (ou “usual”) na LC; 3) neutralizar, ou seja, não traduzir a metáfora; 4) compensação: traduzir um elemento originalmente não metafórico por uma metáfora (cf. KOLLER, 2004a: 255).

A partir do seu exame das soluções de tradução encontradas em seu *corpus*, Kjär levanta os seguintes dados: o primeiro procedimento é utilizado em quase metade dos casos; o segundo, em pouco menos de um quinto das ocorrências. Em geral, em dois terços dos casos, as metáforas do original são traduzidas por metáforas; em quase 25% das vezes, as metáforas são neutralizadas e, em 1/8 dos casos, opta-se por traduções livres¹⁰¹, omissões e outros casos de difícil classificação. Não foram obtidos dados sobre a utilização do quarto procedimento (cf. KOLLER, 2004a: 255-256).

¹⁰⁰ Vemos aqui que, em alemão, o verbo tem uma conotação negativa. Nesse sentido, minha sugestão de tradução é uma tentativa de produzir, além da Equivalência estético-formal, Equivalência conotativa. Em português, o verbo “alastrar-se” também costuma ser dotado de uma conotação negativa, na medida em que é geralmente associado a incêndios (“o fogo se alastrou”) e a doenças (“o câncer se alastra pelo corpo”), por exemplo.

¹⁰¹ Koller (2004a: 256) não explica nem exemplifica o que Kjär quer dizer por “traduções livres” (*freie Übersetzungen*).

Enquanto Kjär (1988) utiliza esses resultados como argumento contra a ideia de que metáforas são intraduzíveis, Koller opta por destacar o fato de apenas metade das metáforas ocasionais ter sido traduzida de modo a produzir o mesmo efeito da imagem original. Isso, segundo o autor, indica que há realmente um “aplainamento” das traduções em relação aos originais, pelo menos no que diz respeito às metáforas, com quais os tradutores procedem com demasiada cautela (cf. KOLLER, 2004a: 257-258). Ademais, o estudo de Kjär permite entrever que os tradutores se comportam de maneiras muito diferentes diante do desafio das metáforas ocasionais, o que indica que todo tradutor tem seu próprio conceito de fidelidade ao original (cf. idem, *ibid.*: 257).

Em seguida, Koller trata dos jogos de palavras, que, para o autor, representam um problema de tradução apenas parcialmente solucionável ou até insolúvel. Isso porque, frequentemente, esse tipo de “brincadeira” só funciona no idioma específico. Afinal, jogos de palavra geralmente se baseiam na polissemia lexical ou sintática, nos significados (literais ou figurados) de expressões ou lexemas, em similaridades na escrita ou na pronúncia etc. (cf. KOLLER, 2004a: 258).

Para ilustrar a dificuldade implicada na tradução de jogos de palavras, Koller cita um trecho de *Ulisses*, de James Joyce: “*Father Coffey. I knew his name was like a coffin*” [“Padre Coffey. Eu sabia que seu nome era parecido com um caixão”]. Visto que o nome do padre faz uma referência jocosa ao local onde ele trabalha (um cemitério), o tradutor provavelmente precisará inventar um novo nome, se não quiser que essa associação se perca na tradução (cf. KOLLER, 2004a: 259). Koller também extrai exemplos de obras literárias, como *O tambor* e *Alice no País das Maravilhas*, que, no entanto, são citados apenas a título de ilustração, sem serem analisados detidamente.

Jogos de palavras também podem servir de base ao efeito humorístico de determinadas piadas. Esse gênero tende a trabalhar com estereótipos, o que significa que os jogos de palavras também têm um significado sociocultural que dificulta a sua tradução. Como em outros casos, o tradutor pode optar por comentários para esclarecer os jogos de palavras, mas, se a “brincadeira” for uma qualidade estético-formal decisiva para o texto, o recurso ao comentário prejudicaria a identidade estética do original (cf. KOLLER, 2004a: 264). Assim como uma piada, um jogo de palavras que tem de ser explicado não é um bom jogo de palavras.

A tipologia de Equivalência de Koller se encerra, assim, com a Equivalência estético-formal. As considerações feitas até aqui servirão de base, no subtópico a seguir, à discussão a respeito de alguns aspectos da noção de Equivalência proposta pelo autor que, a meu ver, são

indicativos de uma atitude relativista frente à língua e à tradução e que sugerem um novo ângulo de observação da obra desse teórico da tradução.

3.2 A abordagem de Koller: mais do mesmo?

Como vimos no subtópico anterior, a Equivalência constitui o cerne da abordagem de Koller. Para o autor, é ela que define o que é tradução e, diante da dificuldade de chegar a um consenso a respeito do objeto de pesquisa dos estudos de tradução, esse conceito seria indispensável para seu estabelecimento como disciplina acadêmica autônoma.

Em *Introducing Translation Studies* [Apresentando os estudos de tradução], Jeremy Munday situa a *Einführung* no mesmo patamar das obras de linguistas como Roman Jakobson, Eugene Nida e Peter Newmark, uma vez que o fio condutor que perpassa todas elas é a noção de equivalência. De acordo com Munday (2008: 36), o autor suíço teria sido um dos muitos estudiosos influenciados pelo impulso cientificizante de Nida, que poucos anos antes havia dado os primeiros passos em direção ao estabelecimento de uma Ciência da Tradução.

Há de se ressaltar, porém, que Munday não consultou a obra original de Koller, pois, até hoje, a *Einführung* não foi vertida integralmente para o inglês. Das suas referências bibliográficas consta a tradução, de autoria de Andrew Chesterman (1989), de apenas algumas páginas da primeira edição da *Einführung*. Segundo Pym (1997: 2), o que está disponível em língua inglesa são somente as “seis páginas (186-191), bastante maçantes e desprovidas de exemplos” em que Koller aborda diretamente a questão da Equivalência. Visto que o nome do teórico suíço é frequentemente associado ao termo, e que a noção de equivalência de fato desempenha um papel fundamental na sua obra, Pym, que ainda era estudante de tradução à época do lançamento do original de 1979, diz ter ficado bastante surpreso ao deparar com uma exposição tão sintética desse conceito. Como vimos, contudo, o capítulo dedicado à Equivalência foi consideravelmente expandido ao longo das décadas e, na sétima edição da *Einführung*, ocupa mais de cento e quarenta páginas.

No livro de Chesterman, *Readings in Translation Theory* [Leituras em teoria da tradução], a tradução do trecho mencionado por Pym está localizada no capítulo *Equivalence in Translation Theory* [Equivalência na teoria da tradução]. Em uma breve introdução à figura de Koller (que ocupa menos de meia página), o autor destaca a sua importante contribuição para a diversificação do conceito de equivalência. De acordo com Chesterman, ao propor uma tipologia dividida em cinco categorias, Koller aponta para a necessidade de repensar a equivalência, coadunando-se com uma nova orientação no tratamento dessa noção:

Atualmente, o consenso geral parece ser o de que não é proveitoso pensá-la [a equivalência] como uma noção uniforme, indiferenciada. Em vez disso, há diversos tipos de equivalência, alguns mais importantes que outros, alguns aplicáveis a um tipo de texto e outros a outros tipos (CHESTERMAN, 1989: 99).

Ainda segundo Chesterman (1989: 99), Koller teria dado continuidade ao trabalho de Nida, mas sua proposta de tipologia é mais abrangente, tendo assim contribuído “para esclarecer grande parte da confusão acerca desse conceito”.

A vinculação de Koller ao nome de Nida é reiterada na obra *Übersetzungstheorien: eine Einführung* [Teorias de tradução: uma introdução], em que a autora Stolze (1994) empreende uma ampla seleção de teorias de tradução, desde os estudos linguísticos até a abordagem hermenêutica. A pesquisadora divide a produção dos autores contemplados em quatro eixos temáticos: o olhar sobre o sistema linguístico; o olhar sobre os textos; o olhar sobre o agir e o olhar sobre o tradutor. A obra de Koller se encaixa na segunda categoria, a das teorias orientadas para o texto; mais especificamente, no capítulo intitulado *Die Übersetzungswissenschaft im Zeichen der Äquivalenzdiskussion* [A Ciência da Tradução em função da discussão sobre a equivalência].

No capítulo em questão, após uma síntese dos fundamentos da teoria de Nida e de seu modelo tradutório, a autora comenta o conceito de equivalência de Koller e o diferencia da categorização binária proposta por Nida. De acordo com Stolze, ainda que ambas as abordagens sejam centradas no texto e baseadas no conceito da equivalência, “[a] ciência linguística da tradução de Koller supera a abordagem de Nida no que diz respeito à amplitude” (STOLZE, 1994: 92).

O nome de Koller aparece também em outra seção do livro de Stolze, ainda no eixo orientado para o texto, mas no interior do capítulo a respeito de tipologias textuais aplicáveis à tradução, no tópico intitulado *Übersetzungsrelevante Textgattungen* [Gêneros textuais relevantes para a tradução], no qual a autora comenta a distinção que Koller faz, na *Einführung*, entre textos ficcionais e não ficcionais (cf. STOLZE, 1994: 114-118). Dessa maneira, Stolze reconhece que a obra do autor suíço não se limita à discussão da equivalência, embora esta seja um tema central para a sua discussão do fenômeno da tradução.

A partir desta breve revisão da crítica à obra de Koller, depreende-se que, de maneira geral, a historiografia da tradução atribui a Koller o estatuto de representante de uma longa tradição. Por recorrer ao conceito de Equivalência para explicar o fenômeno tradutório, Koller é frequentemente equiparado a teóricos que, como vimos no capítulo anterior, enxergam a tradução por um viés universalista, como um ato que pressupõe acessar um significado

“transcendental”, independente da forma linguística, para transportá-lo o mais exatamente possível para outro idioma e outra cultura.

Nas páginas a seguir, proponho uma releitura da obra de Koller, no sentido de questionar a associação do teórico a essa linha de pensamento que, como vimos marcou a recepção do autor até o presente momento. O fio condutor da discussão aqui proposta é a dicotomia, elucidada por Kopetzki, entre universalismo e relativismo. Tendo em mente essas duas atitudes, investigo de que maneira o autor se posiciona frente a questões como a diversidade das línguas, a traduzibilidade e a própria Equivalência. Para isso, foram selecionados trechos de quatro obras de Koller, aqui traduzidos para o português: a própria *Einführung* (2004a) e os artigos *Die literarische Übersetzung unter linguistischem Aspekt. Bedingungsfaktoren der Übersetzung am Beispiel Henrik Ibsens* [A tradução literária sob o aspecto linguístico – fatores condicionantes da tradução a exemplo de Henrik Ibsen] (1988), *Linguistik und kulturelle Dimension der Übersetzung – in den 70er Jahren und heute* [A Linguística e a dimensão cultural da tradução – nos anos 70 e hoje] (2001) e *Der Begriff der Äquivalenz in der Übersetzungswissenschaft* [O conceito de equivalência na Ciência da Tradução] (2004b).

Vimos anteriormente que a dimensão linguística da tradução ocupa o primeiro plano da obra de Koller. À vista disso, é certo que a maneira como o autor se posiciona diante da língua (ou da linguagem) é determinante para o seu entendimento da natureza da atividade tradutória. Já no início da *Einführung*, Koller (2004a) afirma:

Por meio do e traduzir e de traduções, são superadas *barreiras linguísticas e culturais*. O conceito de barreira linguística vem conscientemente em primeiro lugar: o primeiro obstáculo comunicativo é a diversidade das línguas, nela, o entendimento fracassa já de saída¹⁰² (KOLLER, 2004a: 26).

Por si só, no entanto, o fato de Koller aceitar a diversidade das línguas como um fato inexorável pouco diz sobre a maneira como ele entende a língua em si. O autor só se manifestará mais claramente a esse respeito mais adiante, já na segunda metade do livro, no tópico denominado *Sprache, Denken und Kultur – Kulturspezifität der Übersetzung* [Língua, pensamento e cultura – a especificidade cultural da tradução], onde se lê:

No processo de confrontação com o “mundo” (nas socializações primária e secundária, no processo do trabalho, nas parcerias e na família etc.), o ser humano se apropria de modos de ver desse “mundo”: padrões ou modelos da *interpretação da realidade*. Aprende-se a observar e avaliar situações como casamento, sexualidade,

¹⁰² Mittels Übersetzen und Übersetzungen werden *Sprach- und Kulturbarrrieren* überwunden. Der Begriff der Sprachbarriere steht bewußt an erster Stelle: Das primäre kommunikative Hindernis ist die Sprachverschiedenheit, an ihr scheitert die Verständigung schon im Ansatz.

morte, trabalho etc., de determinada(s) maneira(s). A *língua* tem uma participação importante (juntamente com a confrontação prática, não verbal, com a realidade) no desenvolvimento e na fixação desses modos de ver: com a língua, comunica-se sobre a realidade e sobre as interpretações da realidade. Na mesma medida em que as interpretações da realidade são condicionadas culturalmente, isto é, histórica e socialmente, os modos de falar sobre essas interpretações da realidade também são condicionados *histórica e socialmente*. As interpretações da realidade se manifestam na língua e, ao mesmo tempo, são *transmitidas* pela língua¹⁰³ (KOLLER, 2004a: 162).

No excerto acima, chama a atenção o emprego da palavra “mundo” (*Welt*) entre aspas. O autor relativiza aqui a existência de um referente concreto ao qual nos referimos na comunicação cotidiana. Em vez de um conceito de mundo como um conjunto de objetos física e objetivamente apreensíveis, sobre os quais colocamos “etiquetas” na forma dos signos da nossa língua-materna, Koller prefere falar em “interpretações da realidade”, representações mentais daquilo que apreendemos como “real”. Essas interpretações da realidade são moldadas, tanto por nossa vivência não verbal do “mundo”, quanto por nossa própria língua, na medida em que usamos essa língua para nos comunicarmos sobre tais interpretações. E, assim como o modo de ver a realidade é específico para cada cultura, a maneira de falar sobre essa realidade também é condicionada histórica e socialmente.

De acordo com Koller, a interdependência entre a língua e as interpretações da realidade se mostra sobretudo quando falamos sobre experiências comuns a diferentes línguas e culturas, tais como a morte. Para o autor, a maneira como falamos sobre a morte é indicativa do modo como a interpretamos. Ele menciona como exemplo a linguagem dos obituários, nos quais predominam expressões eufemísticas como “partir”, “deixar-nos”, “descansar” etc., que procuram suavizar, no plano verbal, um evento que nem sempre se dá de maneira tão tranquila e pacífica como se poderia supor pela escolha dos termos. Assim:

Aprendemos a enxergar e lidar com (ou reprimir) os acontecimentos que envolvem o morrer e a morte de determinada(s) maneira(s); as fórmulas linguísticas (estereótipos e esquematismos), que se referem a essas maneiras de enxergar e lidar, e voltam

¹⁰³ Im Prozeß der Auseinandersetzung mit der „Welt“ (in der primären und sekundären Sozialisation, im Arbeitsprozeß, in Partnerschaft und Familie etc.) eignet sich der Mensch Sehweisen dieser „Welt“ an: Muster oder Modelle der *Wirklichkeitsinterpretation*. Man lernt, Sachverhalte wie Ehe, Sexualität, Tod, Arbeit etc. auf bestimmte Weise(n) zu betrachten und zu beurteilen. An der Entwicklung und Festigung dieser Sehweisen hat die *Sprache* einen wichtigen Anteil (neben der praktischen, nicht-verbalen Auseinandersetzung mit der Wirklichkeit): mit Sprache kommuniziert man über die Wirklichkeit bzw. die Wirklichkeitsinterpretationen. In dem Maße, wie die Wirklichkeitsinterpretationen kulturbedingt, d.h. historisch-gesellschaftlich bedingt sind, sind auch die Weisen, über diese Wirklichkeitsinterpretationen zu sprechen, *historisch-gesellschaftlich* bedingt. In der Sprache schlagen sich die Wirklichkeitsinterpretationen nieder und mit der Sprache werden sie zugleich vermittelt.

sempre a confirmá-las, nos ajudam de maneira decisiva nesse processo¹⁰⁴ (KOLLER, 2004a: 163).

Koller defende que, principalmente no que diz respeito a “temas tabu”, como a morte e a sexualidade, expressões linguísticas do cotidiano refletem um determinado posicionamento diante daquele tema, válido para aquela cultura, ou então para o contexto comunicativo em questão. Mas, segundo o teórico, há também muitos casos em que o aspecto cultural e o linguístico se confundem totalmente, como acontece com as fórmulas de saudação, despedida, agradecimento e desculpas, bem como com determinados atos de fala (exigência e ordem, por exemplo) e meios retóricos das diversas línguas (cf. KOLLER, 2004a: 164).

Alguns exemplos de como expressões cotidianas refletem a indissociabilidade entre língua e cultura a que Koller se refere podem ser encontrados no estudo de Glenk (2007), no qual a pesquisadora demonstra de que maneira tais fórmulas “dão evidência de padrões convencionais de interação e também os inicializam” (GLENK, 2007: 189). Abaixo, o comentário da autora a respeito das fórmulas de agradecimento:

Enquanto que na França agradece-se ao vendedor pela compra da mercadoria, não se age dessa maneira em muitos países asiáticos, já que a partir do momento em que o cliente paga, ele não tem mais a obrigação de exprimir reconhecimento particular. Ao trocarem objetos ou presentes entre si, pessoas proximamente relacionadas (amigos ou membros da família) não agradecem, ou melhor: não lhes é permitido agradecer: é assim na Índia, Coréia, Japão, Zaire etc., completamente diferente da maioria dos países ocidentais. Mas também as maneiras de expressar agradecimento podem ser surpreendentemente diferentes: os japoneses usam fórmulas que na verdade são pedidos de desculpas, para agradecer outras pessoas (quem recebe um presente, sente-se na posição de devedor, logo, culpado) (GLENK, 2007: 201-202).

Vê-se nos exemplos citados por Glenk que é possível inferir algumas características de determinada cultura a partir da língua falada por membros dessa comunidade específica. Esse vínculo entre língua e cultura é, inclusive, motivo de situações constrangedoras para quem viaja ao exterior e não domina bem o idioma falado em certo lugar. Quando viajei à Alemanha como intercambista, minha colega de quarto me alertou para o fato de que quando, durante as refeições, alguém me desejasse “bom apetite”, eu deveria repetir a frase ou dizer “para você também”, e não apenas agradecer à pessoa, como vinha fazendo até então. Para os alemães, portanto, o mero agradecimento, sem desejar a recíproca, pode ser considerado uma indelicadeza, ao passo que um interlocutor brasileiro dificilmente interpretaria semelhante resposta da mesma maneira. Diante de fatos como esse, Koller conclui:

¹⁰⁴ Wir lernen, die Vorgänge um Sterben und Tod auf bestimmte Weise(n) zu sehen und zu bewältigen (bzw. zu verdrängen); in entscheidendem Maße helfen uns dabei die sprachlichen Formeln (Stereotype und Schematismen), die sich auf diese Seh- und Bewältigungsweisen beziehen und diese immer wieder bestätigen.

Falar ou apropriar-se de uma língua significa, em primeiro lugar, estar sujeito às percepções da realidade conservadas nessa língua. Familiarizar-se com uma língua e uma cultura significa assumir as percepções da realidade e a língua em que essa cultura é passada adiante¹⁰⁵ (KOLLER 2004a: 163).

Se retomarmos a distinção, feita por Kopetzki (1996), entre universalismo e relativismo, podemos dizer, a partir das citações apresentadas aqui, que Koller adota uma atitude relativista em relação à linguagem. Ao falar em “interpretações da realidade”, o autor rejeita uma visão essencialista do processo significação, segundo a qual existe um significado “primordial” alheio às línguas, que, nessa visão, seriam apenas uma espécie de “rótulo” para esse significado universal. Para Koller, a língua é tanto receptáculo quanto veículo das “interpretações da realidade” construídas pelo falante e, assim como a nossa vivência direta (não verbal) da realidade está sujeita a condicionantes históricas e sociais, a língua também está. Dessa maneira, a língua para que se traduz não refletirá as mesmas interpretações da realidade da língua de partida, pois elas estão submetidas a condicionantes (às vezes radicalmente) diferentes. Dominar uma língua estrangeira pressupõe, portanto, uma adequação às interpretações da realidade adotadas pelos falantes daquele idioma e pelos membros da cultura em questão.

Como vimos no segundo capítulo desta dissertação, segundo Kopetzki, o debate sobre a relação entre língua e pensamento é também um debate acerca da possibilidade de “transportar” significados entre diferentes línguas. Em outras palavras, trata-se de uma discussão acerca da traduzibilidade. O universalismo, balizado por uma noção essencialista e logocêntrica da significação, postula a traduzibilidade absoluta, ao passo que o relativismo, se levado às últimas consequências, implicaria o oposto, a intraduzibilidade absoluta, na medida em que pressupõe a “determinação mais ou menos total da compreensão da realidade pela estrutura da(s) língua(s)”¹⁰⁶ (KOLLER, 2004a: 171). Assim, uma vez estabelecido que, para Koller, a diversidade das línguas pressupõe igual diversidade nos significados que são criados e veiculados por elas, cumpre questionar qual é a posição do autor acerca da traduzibilidade.

Embora defenda uma visão relativista da língua, o autor procura se distanciar de ambos os extremos, pois se, por um lado, os defensores da tese da intraduzibilidade absoluta “superestimam e absolutizam o papel da língua no processo de entendimento”¹⁰⁷ (KOLLER, 2004a: 186), por outro, aqueles que acreditam na traduzibilidade fundamental o subestimam.

¹⁰⁵ Eine Sprache sprechen bzw. sich eine Sprache aneignen heißt zunächst einmal, den in der Sprache konservierten Wirklichkeitsauffassungen ausgesetzt sein. Hineinwachsen in eine Sprache und eine Kultur heißt die Wirklichkeitsauffassungen und die Sprache, in der diese Kultur tradiert wird, übernehmen.

¹⁰⁶ [...] die These der mehr oder weniger totalen Determiniertheit der Wirklichkeitserfassung durch die Struktur der Sprache(n) [...].

¹⁰⁷ [...] überwerten bzw. verabsolutieren die Rolle der Sprache im Erkenntnisprozeß.

De acordo com o autor, os principais argumentos contra a hipótese da intraduzibilidade absoluta são fatores como: a possibilidade de haver comunicação (relativamente) bem-sucedida através da tradução, o caráter metacomunicativo, ou autorreflexivo, de cada língua (o tradutor pode comentar propriedades da língua ou texto-fonte em notas de rodapé ou prefácios, por exemplo), a existência do pensamento independentemente da linguagem, o fato de haver muitas culturas que compartilham uma única língua (as culturas brasileira e portuguesa e os diferentes países germanófonos, por exemplo), e de que, em contrapartida, os seres humanos de diferentes culturas têm muitas coisas em comum (como a organização em sociedade e a maneira como lidam com eventos como o nascimento, a morte e o casamento, por exemplo) (cf. KOLLER, 2004a: 172-178).

Koller também comenta as palavras ditas “intraduzíveis” nas diversas línguas (como *Geist*, *charme*, saudade etc.). Embora haja, de fato, apenas “correspondências parciais” para essas palavras em outras línguas, isso não significa que sejam incompreensíveis, pois, em geral, tais palavras e estruturas, ainda que supostamente intraduzíveis, não se encontram isoladas, mas inseridas em um contexto, e este auxilia o leitor na compreensão de tais palavras culturalmente marcadas (cf. KOLLER, 2004a: 177), o que demonstra que há sempre algum grau de traduzibilidade a ser alcançado.

No tocante à tese contrária, que prega a traduzibilidade fundamental, Koller argumenta que, se aceitarmos a existência de um significado universal, subjacente a todas as formas linguísticas, então a tradução não passa de uma “transferência puramente mecânica de unidades fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas”¹⁰⁸ (KOLLER 2004a: 180). O conteúdo semântico nem entra em jogo, já que se encontra previamente fixado na nossa cognição e, nesse sentido, a tradução não seria diferente da transliteração (“tradução” de um sistema de escrita para outro, do código Morse para o alfabeto latino, por exemplo) ou da transcrição (conversão de um texto falado em um texto escrito).

Koller afirma ainda: “A maioria dos partidários da tese da traduzibilidade fundamental a restringe a um domínio parcial da língua: à língua em *função denotativa* [...]”¹⁰⁹ (KOLLER, 2004a: 184-185). Como vimos na tipologia do teórico, a Equivalência denotativa pode ser produzida de diversas maneiras: por meio de empréstimos lexicais, empréstimos de outras traduções, neologismos, descrições e paráfrases, por exemplo (cf. idem, *ibid.*: 185). Contudo,

¹⁰⁸ Das Übersetzen wird damit letztlich als rein mechanisches Umsetzen von phonologischen, lexikalischen, morphologischen und syntaktischen Einheiten aufgefaßt [...].

¹⁰⁹ Die meisten Anhänger der These der prinzipiellen Übersetzbarkeit schränken diese auf einen Teilbereich der Sprache ein: auf Sprache in *denotativer Funktion* [...].

essas estratégias não dão conta de aspectos como as diferentes conotações das palavras e expressões, o estilo do autor, a dimensão estética do texto etc.

Dessa maneira, se admitirmos a existência de uma espécie de “inventário universal” de significados, invisibilizamos diferenças entre línguas que são relevantes para a tradução, tais como os aspectos nacional e culturalmente específicos, correspondências um-para-zero, elementos conotativamente marcados, além de fatores estético-formais e individuais específicos dos textos (cf. KOLLER, 2004a: 182). Ou seja: dizer que todas as línguas são, por princípio, mutuamente traduzíveis, implica o completo apagamento da participação do tradutor como sujeito produtor de significados. A crítica de Koller à tese da traduzibilidade fundamental se dirige, assim, justamente à “concepção estática e a-histórica de tradução e de leitura” (RODRIGUES, 2000: 35) associada à atitude universalista.

Tendo rejeitado, portanto, posições absolutizantes, Koller trilha “o caminho do meio” (FUJIHARA, 2010: 35) e advoga o que chama de **traduzibilidade relativa**. Pois, para o autor: “Da mesma maneira que a compreensão de um texto nunca pode ser absoluta, mas sempre relativa e variável, a *traduzibilidade de um texto também é sempre relativa*¹¹⁰” (KOLLER, 2004a: 178), afinal:

O leitor não se coloca diante de um texto como um objeto estático e passivo, e sim como sujeito ativo, desejoso de compreender, que *continuamente amplia* os seus requisitos de compreensão com a leitura do texto. Isso vale tanto para o leitor do original quanto para o da tradução: o potencial de compreensão e de traduzibilidade aumenta à medida que avança a leitura do texto¹¹¹ (KOLLER, 2004a: 177).

Mais à frente, Koller vai além: “Assim, a traduzibilidade não é somente *relativa*, mas também é sempre *progressiva*: à medida que se traduz, aumenta, simultaneamente, a *traduzibilidade das línguas*¹¹²” (KOLLER, 2004a: 186). Como explicita Fujihara: “Para Koller, a linguagem não apenas molda a percepção da realidade do falante, mas também é moldada por ele para preencher eventuais lacunas, e a tradução desempenharia um papel crucial nesse processo” (FUJIHARA, 2010: 36). O teórico suíço chega a afirmar que a tradução contribui para a emancipação cultural e linguística do ser humano, “na medida em que é capaz de pôr em xeque, ampliar ou romper com aquilo que é válido em uma

¹¹⁰ In gleicher Weise, wie das Verstehen eines Textes nie absolut sein kann, sondern immer nur relativ und veränderlich, ist auch die *Übersetzbarkeit eines Textes immer relativ*.

¹¹¹ Der Leser steht dem Text nicht als statisches und passives Objekt gegenüber, sondern als aktives, verstehenwollendes Subjekt, das seine Verstehensvoraussetzungen mit der Textlektüre *kontinuierlich erweitert*. Das gilt für den Leser des Originaltextes wie für den der Übersetzung: Das Verstehens- und Übersetzbarkeitspotential wird größer, je weiter die Textlektüre fortschreitet.

¹¹² Übersetzbarkeit ist damit nicht nur *relativ*, sondern immer auch *progressiv*: In dem übersetzt wird, wird die Übersetzbarkeit der Sprachen zugleich gesteigert.

comunidade linguística¹¹³” (KOLLER, 2004a: 163). Isto é, na visão de Koller, embora nossa língua materna e as visões de mundo condicionadas por ela imponham limites à nossa compreensão, esses limites são refletidos, alterados e ampliados no processo de compreensão (e de tradução), e essas modificações, por sua vez, se manifestam no uso linguístico (cf. idem, *ibid.*: 186).

Aqui, Koller filia-se ainda a outra linha de tradição no pensamento sobre tradução, a saber, a dos filósofos alemães do final do século XIX. Sua afirmação remete, por exemplo, à atitude relativista de Schleiermacher (1813), que diz:

“Ele [cada homem] não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração de seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua” (SCHLEIERMACHER, 1813 *apud* HEIDERMAN, 2010: 49).

Sob essa perspectiva, o tradutor é visto como um sujeito criador de traduzibilidade. Em *Die literarische Übersetzung unter linguistischem Aspekt* [A tradução literária sob o aspecto linguístico] (1988), texto em que Koller discute os fatores condicionantes de uma tradução, é possível encontrar mais evidências desse posicionamento. A primeira condicionante abordada por Koller é a língua, afinal, “[p]ara um linguista, é evidente considerar, em primeiro lugar, a língua – a língua-alvo, com suas circunstâncias e possibilidades – como fator condicionante primário¹¹⁴” (KOLLER, 1988: 69). Contudo:

Como essas circunstâncias e possibilidades são utilizadas e atualizadas em uma tradução não depende somente das normas linguístico-estilísticas (objetivas) vigentes, em um determinado momento, na língua de chegada, mas também da interpretação (subjettiva) dessas normas pelo tradutor e de seu propósito individual de configuração¹¹⁵ (KOLLER, 1988: 77, grifo meu).

O tradutor é, então, considerado o segundo fator condicionante da tradução, figurando inclusive antes do próprio autor do texto original, apresentado como a terceira condicionante. No que diz respeito ao tradutor, dois aspectos são determinantes para a configuração do texto traduzido: a “tradição de tradução” (*Übersetzungstradition*) na qual ele se encaixa e os “princípios de tradução” (*Übersetzungsprinzipien*) adotados por ele. Em sentido estrito, a

¹¹³ [...] indem sie [die Übersetzung] das in einer Sprachgemeinschaft Geltende in Frage stellen, durchbrechen oder erweitern kann.

¹¹⁴ Für einen Linguisten liegt es nahe, zunächst einmal die Sprache – die Zielsprache mit ihren Gegebenheiten und Möglichkeiten – als primären Bedingungsfaktor zu betrachten [...].

¹¹⁵ Wie diese Gegebenheiten und Möglichkeiten genutzt, in einer Übersetzung aktualisiert werden, ist nicht nur abhängig von den (objektiven) sprachlich-stilistischen Normen, die zu einem bestimmten Zeitpunkt in der Zielsprache gelten, sondern auch von der (subjektiven) Interpretation dieser Normen durch den Übersetzer und dessen individuellen Gestaltungswillen.

tradição de tradução corresponde às traduções já existentes da obra com a qual o tradutor trabalha; em sentido amplo, às “traduções de textos ou gêneros textuais comparáveis¹¹⁶” à obra em questão (cf. KOLLER, 1988: 77). Os princípios de tradução, por sua vez, se referem ao que, na *Einführung*, Koller chamara de “teoria de tradução” do tradutor, isto é, os preceitos particulares que cada tradutor segue na sua prática profissional individual.

Ao equiparar a tradução à compreensão, um processo individual e subjetivo, Koller reconhece o fenômeno tradutório como uma atividade hermenêutica. Compreender a tradução como um processo interpretativo e criativo, em que a leitura do texto original e a produção de uma tradução são condicionadas pela subjetividade do indivíduo-tradutor, é uma atitude característica do relativismo, como assinala Cruz (2012):

O entendimento de que a recepção seja criativa e interfira na construção da obra é corolário de um pensamento relativista, que procura escapar ao universalismo reinante nas concepções tradicionais, para as quais a recepção seria não elaboração criativa e/ou crítica da obra recebida, mas sim simples descoberta de significações e características supostamente intrínsecas dessa obra, aí contidas independentemente da vontade (ação) do receptor [...] (CRUZ, 2012: 89).

A partir disso, conclui-se que as noções de tradução e de traduzibilidade defendidas por Koller são também de caráter relativista. Para ele, a viabilidade do fenômeno tradutório não é dada de antemão, como se fosse uma propriedade intrínseca às línguas ou ao próprio pensamento humano. Na verdade, a traduzibilidade se estabelece caso a caso, a partir da compreensão e interpretação (sempre relativas) do tradutor e, quanto mais se traduz, mais traduzíveis se tornam os textos e as línguas. Assim, na visão do teórico, a traduzibilidade corresponde a algo que é produzido, na prática, pelo tradutor: “O problema teórico da traduzibilidade deve [...] ser observado em relação ao problema prático da *produção de traduzibilidade (prática)* mediante diferentes procedimentos de tradução no plano linguístico-estilístico e textual¹¹⁷” (KOLLER, 2004a: 186).

Uma vez estabelecido que, para Koller, a tradução é um processo de constante criação e recriação de significados, pode-se dizer que o autor apresenta uma concepção relativista de tradução, que se mostra coerente com a sua concepção de língua. O conceito de equivalência, porém, não parece se encaixar nesse contexto, na medida em que é geralmente associado a concepções universalistas de língua e tradução. Passemos, então, ao exame da noção de Equivalência proposta pelo autor de que tratamos aqui.

¹¹⁶ [...] Übersetzungen vergleichbarer Texte oder Textgattungen [...].

¹¹⁷ Das theoretische Problem der Übersetzbarkeit muß [...] im Zusammenhang gesehen werden mit dem praktischen Problem der *Herstellung von (praktischer) Übersetzbarkeit* mittels verschiedener Übersetzungsverfahren auf der sprachlich-stilistischen und textuellen Ebene.

Neste ponto, vale lembrar a primeira definição de tradução apresentada na *Einführung*, já citada anteriormente: “Uma tradução é o resultado de uma operação *linguístico-textual*, que conduz de um texto na LP a um texto na LC, sendo que é produzida, entre o texto na LC e o texto na LP, uma *relação de tradução (ou de Equivalência)*”. Aqui, os grifos de Koller destacam dois aspectos relevantes da sua concepção do fenômeno tradutório: em primeiro lugar, o autor, que fala a partir de uma perspectiva da Linguística Textual, adota como objeto de estudo o texto em si; em segundo lugar, Koller considera que esse texto (a tradução) é o produto das relações de Equivalência fabricadas (ou produzidas) pelo tradutor.

Aos grifos do autor, eu acrescentaria ainda um terceiro: o particípio “produzida” (*hergestellt*) me parece ser de fundamental importância para compreendermos o conceito de Equivalência defendido por Koller. Pym chama a atenção para o emprego do verbo “produzir” (*herstellen*) já na primeira edição da *Einführung*:

[...] as páginas que acabei de sintetizar repetidamente se referem à tradução como *Herstellen* (‘produção’ ou talvez ‘fabricação’) de um ou outro tipo de equivalência. Chesterman (1991 [sic]¹¹⁸: 101-103) traduz esse *Herstellen* por ‘obtenção’, que fariam com que o tradutor tentasse alcançar um objetivo pré-estabelecido, tornando Koller, em última instância, um teórico daquilo que Mossop (1983¹¹⁹), com razão, criticou como ‘a busca da equivalência’, o tipo de atividade que condena o tradutor a sempre olhar para trás. Porém, uma teoria que localiza a equivalência no nível da *parole*, uma teoria que inclui normas e leitores da língua-alvo entre os seus parâmetros, seria lida mais justamente como um conto de como tradutores efetivamente *produzem* essa especificidade chamada equivalência (PYM, 1997: 4).

A tradução de *Herstellen* por “obtenção” está diretamente ligada à ideia de equivalência geralmente atribuída às abordagens linguísticas da tradução, segundo a qual palavras e textos são vistos como “entidades” apriorísticas, detentoras de um valor intrínseco, que refletem diretamente a intenção do escritor (“o” sentido do texto), e o objetivo do tradutor deveria ser acessar essa intenção original para conseguir reproduzi-la em outro sistema linguístico, por meio de entidades de igual valor.

De acordo com Ricœur (2011), tal concepção universalista de equivalência está ligada à presunção da comensurabilidade, que é característica da teoria da tradução. O filósofo diz que o parentesco entre as línguas aplaina diferenças culturais e dá a falsa impressão de que tudo seja comensurável, de que haja “a” equivalência. Mas quanto maior a distância entre as línguas em questão, maior a dificuldade de justificar essa comparabilidade. Ou seja: quanto mais incomensurável, mais intraduzível. Contudo, essa é uma visão enganosa: “De fato, o

¹¹⁸ Pym (1997: 4) se refere, na verdade, ao livro *Readings in Translation Theory*, de 1989. Nenhuma obra de Chesterman datada de 1991 consta das referências bibliográficas de seu artigo.

¹¹⁹ MOSSOP, Brian. The Translator as Rapporteur: A Concept for Training and Self-improvement. *Meta*, Montreal, v. 28, n. 3, p.244-278, 1983. Disponível em: <<https://www.erudit.org/en/journals/meta/1983-v28-n3-meta301/003674ar/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

parentesco cultural dissimula a verdadeira natureza da equivalência, que é mais propriamente *produzida* pela tradução do que presumida por ela” (RICŒUR, 2011: 66).

O que está implícito na expressão “produzir equivalência”, utilizada tanto por Koller quanto por Ricœur, é o reconhecimento do papel do tradutor como produtor de sentido. Com o descarte de uma noção estanque e apriorística de equivalência, o tradutor é retirado da posição tradicionalmente atribuída a ele, na qual se encontra em uma relação de servidão com o texto-fonte. A partir daí, ele não mais é responsável por “alcançar” ou “obter” a equivalência, mas por construí-la, de maneira que passa a ser entendido como o que ele realmente é: um sujeito criador de significados.

Pois bem, se a tradução é entendida por Koller como um ato interpretativo, de caráter individual e subjetivo, fica então descartada a noção universalista de equivalência como igualdade de valores ou reprodução do mesmo, afinal: “Traduzir será sempre interpretar, o que fatalmente levará à criação de novas significações, nunca de reproduções” (CRUZ, 2012: 40). Assim, em concordância com as suas concepções de língua e tradução, Koller propõe uma noção relativista da própria equivalência, pois, como pondera Cruz (2012):

Se se pensa que uma relação de equivalência nunca é dada, porém estabelecida (portanto suposta como resultado, não como ponto de partida), a visada universalista perde força, e o conceito assim poderia vir a ser trabalhado com vistas a uma reflexão que se fundamente em concepções relativistas de língua, sentido e tradução (CRUZ, 2012: 130).

Outro aspecto a ser destacado do conceito de Equivalência sugerido por Koller é a pluralidade de categorias pelo autor. De acordo com Pym (1997: 3), os cinco tipos de Equivalência de Koller foram uma novidade bem-vinda em meio a modelos que enfocam exclusivamente o texto-fonte, como é o caso das tipologias binárias de Catford, e Nida, por exemplo. Pym (1997) diz:

Os cinco “quadros de equivalência” de Koller, que permaneceram estranhamente intactos ao longo dos anos [...], não têm nenhum motivo teórico consistente para dividir o bolo em apenas cinco porções, nem em 1979, nem agora. Porém, eles sugerem uma pluralidade saudável que alguns leitores se esforçaram muito por ignorar: cinco é importante porque é mais do que um (não somente texto-fonte) e mais do que dois (não somente fonte versus alvo). É verdade que os critérios orientados para o texto-fonte recebem as maiores fatias e mais atenção, mas, em 1979, as menções a diferentes normas textuais e os leitores-alvo foram importantes e progressivas no âmbito da discussão geral sobre equivalência (PYM, 1997: 3).

No artigo *Der Begriff der Equivalência in der Übersetzungswissenschaft* [O conceito de equivalência na Ciência da Tradução] (2004b), o autor diz que, tradicionalmente, o que era considerado equivalência era estabelecido de maneira completamente arbitrária, sem qualquer esforço no sentido de justificar essa escolha. Na teoria da tradução, isso levou à disseminação

da ideia de que a equivalência está fixada em um plano abstrato, e que cabe ao tradutor sair em busca dela. Veja-se a citação abaixo:

Da perspectiva da teoria linguística e da teoria da tradução, a abordagem linguística se torna problemática quando a questão acerca do critério que deve valer para a equivalência não é sequer colocada, e sim é presumida a existência (naturalmente) dada de relações de equivalência entre unidades da LC e da LP¹²⁰ (KOLLER, 2004b: 345).

Já no texto intitulado *Linguistik und kulturelle Dimension der Übersetzung – in den 70er Jahren und heute* [A Linguística e a dimensão cultural da tradução – nos anos 70 e hoje] (2001), Koller comenta mais detidamente os problemas associados à abordagem linguística da tradução. Para isso, recorre a alguns excertos da obra *Linguistik und Übersetzung* [Linguística e tradução], publicada em 1973 pelo linguista alemão Jörn Albrecht, que sustenta: “no que diz respeito à tradução, a parcela que compete à Linguística é definida pelo papel ‘atribuído à semântica no âmbito da teoria linguística em questão’” (ALBRECHT, 1973: 1 *apud* KOLLER, 2001: 117). Isso acontece porque o que Albrecht denomina “invariante da tradução” (*Invariante der Übersetzung*) se encontra na esfera do significado, do conteúdo, e se conecta, por meio da língua, ao mundo, ou seja, “às coisas e aos fatos que se dão extralinguisticamente” (ALBRECHT, *ibid.*: 6 *apud* KOLLER, *ibid.*: 117).

Albrecht então equipara a tradução a uma operação cambial: “Na troca de dinheiro, alteram-se consideravelmente a aparência e o valor numérico das notas trocadas; por outro lado, o seu ‘valor real’ deveria permanecer tão inalterado quanto possível” (ALBRECHT, *ibid.*: 5 *apud* KOLLER, *ibid.*: 117). Em outras palavras, ao traduzir, altera-se apenas a forma linguística (o significante), mas o conteúdo (o significado) deve permanecer invariável.

À parte o caráter universalista da concepção de tradução defendida por Albrecht, que Koller não comenta diretamente, o teórico considera a visão do linguista alemão demasiado restritiva, na medida em que não dá conta de aspectos fundamentais do fenômeno tradutório. Observe-se o comentário de Koller:

Se identificarmos o *tertium comparationis*, a que nos referimos ao compararmos original e tradução, a um “valor real”, que pode ser localizado fora tanto do texto original quanto da tradução, e que, como “sentido”, deve ser preservado ou mantido invariante na tradução, então de fato coloca-se o problema fundamental da tradução como um problema da semântica (ou de determinado tipo de semântica). [...] Com

¹²⁰ Aus sprach- und übersetzungstheoretischer Sicht problematisch ist der linguistische Ansatz dann, wenn die Frage, welches Kriterium für Äquivalenz gelten soll, gar nicht gestellt wird, sondern die Existenz von lexikalischen und syntaktischen Äquivalenzbeziehungen zwischen ZS- und AS-Einheiten als (natur-)gegeben vorausgesetzt wird.

isso, o compromisso da tradução com as *condições comunicativas e culturais por parte do receptor* é muito pouco considerado ou ignorado¹²¹ (KOLLER, 2001: 118).

Ao sugerir que a tradução se dê a partir da definição de determinados “quadros de referência” (*Bezugsrahmen*), o autor dinamiza o conceito de equivalência e o expande para além da relação (tradicionalmente tida como unilateral) entre texto de partida e texto de chegada. A multiplicidade de categorias da Equivalência de Koller contempla, portanto, não somente o “sagrado original” (KOLLER, 2004b: 349), como nas abordagens linguísticas tradicionais, mas também as circunstâncias em que se dá a recepção do texto traduzido, incluindo aspectos culturais¹²². Com isso, Koller busca fazer jus ao “duplo compromisso” característico da tradução, que não pode se desvencilhar do texto original (caso contrário, não poderia ser classificada como tradução), ao mesmo tempo em que deve atentar para o contexto de chegada e o público-alvo.

De acordo com Pym (1997), a proposta de Koller poderia, já nos anos de 1970, ter servido de ponte entre a matriz linguística e outras vertentes dos estudos de tradução, em especial o funcionalismo. Nas palavras do teórico: “O pluralismo de Koller era de fato promissor; essa poderia ter sido uma história sobre os teóricos alemães brincando de família feliz. Mas parece que as coisas não terminaram assim” (PYM, 1997: 3).

Pym relata ainda que Koller escreveu a maior parte de seu livro enquanto lecionava em Heidelberg, mas, quando a obra foi publicada, ele já trabalhava no Departamento de Linguística da Universidade de Bergen. No início dos anos de 1980, o distanciamento da Linguística Estruturalista em direção às teorias funcionalistas marcou uma nova tendência na pesquisa acadêmica sobre tradução, sobretudo em Heidelberg. Nesse meio-tempo, o conceito de equivalência foi posto em xeque e se tornou o foco das críticas a Koller. Então, a partir do “rompimento” com a matriz linguística dos estudos de tradução, a maior parte das reações ao

¹²¹ Identifiziert man das *tertium comparationis*, auf das man sich beim Vergleich von Original und Übersetzung bezieht, mit einem „realen Wert“, der gleichsam außerhalb von Originaltext und Übersetzung lokalisiert werden kann und der als „Sinn“ in der Übersetzung erhalten bzw. invariant bleiben soll, dann stellt sich das Grundproblem der Übersetzung tatsächlich als Problem der (bzw. eines bestimmten Typs von) Semantik dar. [...] Zu wenig berücksichtigt oder außer Acht gelassen wird dabei die Bindung der Übersetzung an die *empfängerseitigen kommunikativ-kulturellen Bedingungen*.

¹²² Embora Koller considere a discussão sobre a cultura indispensável para a teoria da tradução, ele admite que a cultura não constitui o tema central do seu trabalho, figurando em sua obra como “apenas um (importante, em todo caso) dos fatores que devem ser contemplados em uma abordagem linguística, textual e científico-comunicativa” (KOLLER, 2001: 122). Koller diz ainda que, por esse motivo, não adotou uma “teoria da cultura” específica em sua obra, de modo que seus comentários sobre a questão da cultura na tradução se limitam a referências sobre definições pré-existentes dessa noção: “Assim, abordo o “problema da cultura” não a partir de uma “teoria da cultura”; o que é entendido como ‘cultural’ ou como “problema cultural de tradução” só pode ser depreendido do texto e sistematizado a partir de textos (de um *corpus*)” (idem, *ibid.*: 123). Em outras palavras, o que lhe interessa é apenas identificar e sistematizar a maneira como questões culturais se apresentam empiricamente nas traduções.

trabalho de Koller consistiu em “simplesmente ignorá-lo ou vincular seu nome a uma lista de ‘linguistas’ e fingir dispensar a disciplina como um todo” (PYM, 1997: 5).

O problema parece mesmo ser o fato de Koller insistir em falar de equivalência, mesmo diante das alternativas apresentadas por uma nova vertente na pesquisa em tradução¹²³. Em que pese o tom relativista emprestado por Koller ao conceito de equivalência, ainda há quem enxergue a Equivalência do autor como um prolongamento da tradição, encabeçada por autores como Nida e Catford. É o caso da própria Snell-Hornby (1995), que diz: “Os cinco tipos de equivalências de Koller, [...], tal como apresentados em 1979, representam pouco mais do que um novo embaralhamento de outros tipos de equivalência, e os termos em si estão longe de serem incontestáveis” (SNELL-HORNBY, 1995: 20-21).

Pym, por sua vez, que já havia apontado para a arbitrariedade da segmentação sugerida pelo teórico suíço, afirma que “Koller não examinou de perto a relação de equivalência em si, que simplesmente se tornou um sinônimo para ‘tradução’: tão somente cortar o bolo nos diz muito pouco a respeito do que estamos de fato comendo” (1997: 3). De acordo com Pym, o autor da *Einführung* falha ao não especificar de que maneira o tradutor deve produzir a Equivalência em uma dada situação de tradução.

Nessa mesma linha, Nord (1991), de quem o próprio Koller empresta o modelo de análise do texto-fonte, afirma:

Em vez de uma tipologia, ele [Koller] apresenta diversas. Os critérios válidos são a função linguística (como em Reiss, no sentido de Bühler), características de conteúdo, características linguístico-estilísticas, estético-formais e pragmáticas. Com isso, o princípio (em todo caso, questionável) de uma classificação em “gavetas” (um texto é analisado, classificado e colocado na “gaveta” do método ou da estratégia de tradução correspondente) é levado completamente *ad absurdum*: diante de cinco gavetas diversas, em diferentes estantes (leia-se: categorias classificatórias), mal se pode falar em uma “regra” de tradução sistemática (NORD, 1991: 23).

Ainda que verdadeiro, o argumento de que à obra de Koller faltariam instruções um tanto quanto prescritivas, como parecem sugerir Pym e Nord, vai de encontro ao objetivo da própria *Einführung*. Relembro aqui a afirmação de Koller a respeito da relevância da teoria para a prática de tradução: “Em minha opinião, não pode, de maneira alguma, ser tarefa da teoria da tradução prescrever aos tradutores como têm de traduzir [...]” (KOLLER, 2004a: 13). Na verdade, o que o autor objetiva com a discussão sobre teoria da tradução é “que o

¹²³ Note-se que os funcionalistas Reiss e Vermeer (1984) também não abrem mão do termo “equivalência”. Os autores a entendem, no entanto, como uma espécie de adequação (*Adäquatheit*), neste caso, a adequação do texto traduzido com o propósito (*Skopos*) que este deve cumprir na cultura de chegada. Assim: “A equivalência é, em nossa definição, um tipo especial de adequação, mais especificamente a adequação estabelecida entre texto de partida e texto de chegada, mantida a função constante” (REISS; VERMEER, 1984: 139s., trad. MOREIRA, 2014: 167).

tradutor reconheça, em pelo menos parte dos problemas dos quais a Ciência [de Tradução] se ocupa, os problemas com os quais ele se depara cotidianamente em sua prática¹²⁴ [...]” (idem, *ibid.*: 13).

Nesse sentido, o modelo de Koller não pode ser utilizado como um instrumento de análise crítica de traduções, pois não fornece parâmetros normativos para esse tipo de estudo. A *Einführung* tampouco deve ser encarada como um “manual do traduzir”. No texto de Koller, as cinco categorias de Equivalência de Koller não são apresentadas como mandamentos, destinados a “moldar” a prática tradutória; o autor as compreende antes como um instrumental teórico que capacite o (futuro) tradutor a entender melhor a sua prática, para melhor poder defendê-la, quando e se necessário. No plano teórico, afirma o autor, o conceito de Equivalência pode ajudar a definir mais precisamente qual é o objeto de pesquisa dos estudos de tradução. E, como vimos, Koller acredita que isso seja fundamental para o seu estabelecimento como disciplina autônoma.

Ainda segundo Pym, Koller não define satisfatoriamente o que se entende por não-tradução, algo que, para o autor australiano, é ainda mais urgente no âmbito dos estudos de tradução do que a definição da tradução “propriamente dita” (cf. PYM, 1997: 7). Koller diz apenas que a tradução é governada pela equivalência; a produção textual não seria. Contudo, ressalva Pym, os teóricos que o criticaram não tiveram mais sucesso na definição da não-tradução, e o fato de Koller dizer, já no final da década de 1970, que isso precisa ser feito é digno de louvor. Nesse sentido:

A pergunta se essa diferença precisa ou não ser descrita nos termos da equivalência é menos importante para mim do que a busca pela diferença em si. O problema é que teorias que procuram evitar a equivalência o fazem usando definições irrestritas de tradução e, dessa maneira, pouco contribuem para impedir que o termo ‘tradução’ seja aplicado a qualquer texto que seja produzido a partir de um texto anterior, o que poderia ser estendido logicamente a todos os momentos de intertextualidade e, assim, a todo texto, com exceção talvez da Palavra de Deus (PYM, 1997: 7).

Ao comentar a concepção de tradução de acordo com o senso comum e no contexto profissional, em que a competência tradutória é muitas vezes confundida com a competência em língua estrangeira – situação que o autor sintetiza na fala de um chefe hipotético: “Senhora Meier, faça o favor de traduzir rapidamente este texto para mim, afinal a senhora sabe falar inglês¹²⁵” (KOLLER, 2004a: 24) – Koller cita Wilss (1988):

¹²⁴ Zu hoffen ist, daß der Übersetzer wenigstens in einem Teil der Probleme, mit denen sich die Wissenschaft beschäftigt, seine eigenen erkennt, mit denen er es in seiner täglichen Praxis zu tun hat [...].

¹²⁵ „Frau Meier, übersetzen Sie mir mal schnell diesen Text. Sie können ja Englisch.“

[...] alguns empregadores obviamente associam noções turvas, não raro até inapropriadas ou irrelevantes, ao ofício do traduzir, a seus pré-requisitos, possibilidades e características específicas. Para muitos empregadores, a atividade dos tradutores é um mal necessário, e ignora-se demasiado facilmente o fato de haver, no âmbito da tradução e da interpretação, funções qualitativamente muito matizadas, que não se pode uniformizar (WILSS, 1988¹²⁶: 16-17 *apud* KOLLER, 2004a: 25-26).

Como vimos anteriormente, para Koller, o tradutor competente deve estar familiarizado não somente com terminologias técnicas, propriedades estruturais das línguas em questão e características estéticas dos textos com que trabalha; a competência tradutória também abrange a criatividade e a capacidade de criar relações de Equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada. Ao propor considerar o tradutor como produtor de equivalência(s) (e, portanto, de sentido) Koller enfatiza o fato de que a atividade do profissional de tradução difere significativamente da atividade de outros profissionais que trabalham com línguas estrangeiras, como secretárias bilíngues e professores, por exemplo.

Semelhante tomada de consciência tem consequências bastante práticas para os tradutores, na medida em que é imprescindível para o reconhecimento e a valorização dos profissionais da área de tradução, em termos de salário, de condições de trabalho e *status* social. Veja-se a citação de Pym (1997) a esse respeito:

Enquanto as empresas e a política enxergarem a tradução, especificamente a tradução baseada na equivalência, como a principal solução para seus problemas de comunicação, enquanto governos estiverem dispostos a pagar tradutores e intérpretes para manter a ilusão de que nossas línguas, as grandes, têm status idêntico, então essa tradução idealizada precisa ser nomeada, objetificada, criticada e localizada como uma solução de luxo, custando, esperançosamente, um preço à altura (PYM, 1997: 8).

Mais recentemente, o décimo congresso LICTRA (*Leipzig International Conference on Translation & Interpretation Studies*), ocorrido em março de 2017, na cidade de Leipzig, Alemanha, e intitulado *Translation 4.0 – Translation im digitalen Zeitalter* [Tradução 4.0 – Tradução na era digital], propôs discutir o papel dos estudos de tradução e interpretação no contexto profissional atual, caracterizado pelo crescente desenvolvimento de tecnologias computadorizadas aplicáveis à tradução e à interpretação (como ferramentas de tradução assistida por computador e de reconhecimento de voz, por exemplo).

Uma seção denominada *Veränderung der Forschungsparadigmen, Linguistic (Re)Turn und Verschränkung von Ansätzen in der Translationswissenschaft* [Mudança dos paradigmas de pesquisa, (o retorno da) virada linguística e limitação de abordagens na

¹²⁶ WILSS, Wolfram. **Kognition und Übersetzen**: Zu Theorie und Praxis der menschlichen und maschinellen Übersetzung. Tübingen: Niemeyer, 1988 (Konzepte der Sprach- und Literaturwissenschaft, v. 41).

Ciência da Translação]¹²⁷, foi inteiramente dedicada à retomada do debate sobre questões como a relação entre homem e máquina – que, como vimos, esteve muito em voga na época do apogeu da Ciência da Tradução – e de que maneira esse cenário altera o papel do tradutor ou intérprete e como essas novas tecnologias podem auxiliar o profissional de tradução no seu dia-a-dia. Devido a limitações de tempo e financiamento, cursos universitários já não conseguem dar conta do ritmo vertiginoso em que novas tecnologias são lançadas no mercado, e à medida que cresce a oferta de cursos de formação continuada e de especializações, torna-se cada vez mais heterogênea a imagem do profissional da área. Dessa maneira, como consta do resumo correspondente à seção: “Após décadas de rejeição às abordagens linguísticas à translação, nos últimos anos tornou-se mais pronunciada a exigência de se levar mais em consideração soluções, questionamentos e modelos linguísticos”.

A existência de uma seção dedicada exclusivamente a esses questionamentos em um congresso de uma conceituada universidade alemã é uma evidência da necessidade, apontada pelo próprio Koller, de circunscrever o que vem a ser traduzir no contexto contemporâneo. A meu ver, essa discussão passa pela reconsideração do conceito de equivalência.

É, de fato, necessário problematizar uma noção de equivalência teórica e abstrata, calcada em concepções universalistas de linguagem e tradução, que preconizam a imutabilidade do sentido e uma percepção errônea da tradução como uma operação mecânica, de transporte desse significado unívoco entre duas ou mais línguas. No entanto, do ponto de vista prático, a equivalência é perfeitamente aceitável e até útil, como se vê em A. R. de Oliveira (2007):

Não há dúvida de que a equivalência não deve ser encarada de forma tão cartesiana quanto quer Catford, tampouco há discussão acerca da existência de nuances de significado que um texto ou uma unidade linguística menor pode apresentar. Pode-se dizer que a visão essencialista de uma leitura única foi bastante relativizada. No entanto, o termo ‘equivalência’, em um sentido mais voltado à função do texto de chegada e aos aspectos culturais envolvidos na tradução, mantém sua relevância (OLIVEIRA, A. R. de, 2007: 110).

P. Oliveira (2005), por sua vez, recorre à sua experiência como tradutor profissional para endossar a relevância do conceito de equivalência de um ponto de vista pragmático. No artigo em que o autor discute a suposta incompatibilidade das abordagens sociológicas da tradução (em especial os EDT) com o relativismo advogado pelo desconstrutivismo de matriz derridiana (cf. capítulo 2.2 desta dissertação), P. Oliveira rebate a crítica de Rodrigues (2000)

¹²⁷ Resumo completo (em alemão) disponível em: <<https://ialt.philol.uni-leipzig.de/forschung/konferenzen/lictra-2017/themenbereiche/#c21494>>. Acesso em 22 mar. 2018.

ao uso que Lefevere faz do termo “equivalência” ao dizer que aspirantes a tradutores podem se valer de dicionários bilíngues para traduzir de maneira satisfatória. Abaixo, o testemunho do tradutor:

[...] não vejo o menor problema em admitir a possibilidade de um “equivalente exato” em termos de *uso*, o que não significa dizer que essa “equivalência” seria resultante de um significado transcendental, nos moldes tradicionais. Pessoalmente, recorro com frequência a dicionários bilíngues em minha prática tradutória, e bem sei que essas obras não espelham significados transcendentais, sendo antes repositórios de convenções – convenções essas perfeitamente *operacionais* dentro das *formas de vida* em questão (OLIVEIRA, P., 2005: 21).

Alinhando-se a uma “ótica anti-essencialista tributária de Wittgenstein” (OLIVEIRA, P., 2005: 21) – filósofo alemão do século XX que enxerga a linguagem como uma prática social na qual o significado dos signos é determinado pelo seu uso, por uma espécie de acordo tácito que se estabelece entre os interlocutores no “jogo da linguagem” – P. Oliveira argumenta em artigo posterior:

[...] o critério que define a existência *operacional* de algo, como *conceito* norteador do nosso agir, da nossa atribuição de sentidos, não depende de uma internalidade específica qualquer de algo privado, pelo contrário. Esse critério é público. Convencional. Partilhado (OLIVEIRA, P., 2007a: 245).

De passagem, cabem aqui alguns esclarecimentos a respeito das noções de “formas de vida” e “jogos de linguagem” na obra de Wittgenstein. De acordo com Santos (2016), o termo “formas de vida” (*Lebensformen*) aparece apenas nove vezes nos escritos de Wittgenstein e é um “termo de difícil apreensão” na obra do filósofo alemão, parecendo referir-se “ao conjunto maior de práticas linguísticas e não linguísticas que delimitam a nossa natureza humana” (SANTOS, 2016: 25). Já a expressão “jogos de linguagem” é utilizada pelo filósofo para ressaltar o caráter convencional da comunicação verbal. As convenções e regras às quais esse jogo está submetido, porém, não são estabelecidas de antemão, mas ao longo da interação. Logo, o conceito de jogos de linguagem tem o seguinte propósito:

[...] mostrar que nosso comportamento linguístico não pode ser sobredeterminado, muito menos previsto, mas apenas observado quando jogamos. Nossos jogos de linguagem são irredutivelmente múltiplos: ‘[c]hamarei também de ‘jogos de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada’ (PU §7). Igualmente irredutíveis e múltiplas são as regras aplicáveis a eles (SANTOS, 2016: 24).

Se aplicarmos, portanto, a noção de jogos de linguagem proposta por Wittgenstein à discussão sobre a equivalência, pode-se dizer que, desde que entendida a partir dessa mesma ótica antiessencialista (ou antiuniversalista), falar em equivalência não significa afirmar que X seja igual a Y em um plano epistemológico, ou metafísico; ela é simplesmente admitida como

tal, no plano pragmático. A prova de que a equivalência é *socialmente* aceita como um conceito válido no âmbito da reflexão sobre a atividade tradutória é a sua inquestionável consagração entre estudiosos e profissionais de tradução. Mesmo atualmente, quando as reflexões pós-modernas fizeram cair por terra muitos dos pressupostos que, tradicionalmente, serviram de base à noção de equivalência, é difícil prescindir dela no cotidiano. Como assinala A. R. de Oliveira (2007: 110): “O próprio uso do termo por profissionais e por estudantes demonstra a presença da idéia na vida dos tradutores. O tradutor o utiliza para designar o que busca para seu trabalho, o ‘equivalente’ no seu sentido mais pragmático”. E Cruz (2012) completa:

Como pondera Umberto Eco, “mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer quase a mesma coisa” (2007¹²⁸: 10). Vale para a tradução o que se admite para o estilo: se é impossível dizer uma mesma coisa de modos diferentes, é preciso ao menos convir que existem modos bem diferentes de dizer coisas muito semelhantes, e vice-versa. Como não existe nunca igualdade, porém, sempre alguma semelhança pode ser estabelecida, vem a ser útil e até necessário falar em “equivalência” na relação entre uma tradução e seu original (CRUZ, 2012: 123).

Assim, o que P. Oliveira (2007a) afirma sobre a noção de imagem de um texto baseada em sua reescritura, como proposta por Lefevere no âmbito dos EDT, se aplica também à equivalência: “independentemente da existência factual de uma tal essência, há um *uso*, uma *função* para esse conceito” (OLIVEIRA, P., 2007a: 240-241). Dessa maneira, falar em equivalência não significa, necessariamente, pregar um retorno àquelas abordagens pretensamente científicas que, no intuito de objetivar ao máximo o processo tradutório, acabaram por propagar concepções universalistas de linguagem e tradução.

Diante disso, finalizo este capítulo com a defesa da Equivalência de Koller como uma ferramenta, um conceito teórico (operacional, não epistemológico) que norteie o tradutor em sua prática e que o ajude, quando necessário, a justificar suas decisões de tradução. Tendo, até aqui, discutido a maneira pela qual essas questões se apresentam no quadro teórico desenvolvido por Koller, pretendo demonstrar, nos capítulos que se seguem, de que maneira a reflexão sobre a aplicabilidade de uma noção operacional de Equivalência pode ser desenvolvida com base em um exemplo prático. Cabe ressaltar aqui que a presente pesquisa é de natureza eminentemente teórica, na medida em que propõe a revisão da obra de Koller e um novo ângulo de análise para sua recepção. Nesse sentido, a porção prática deste trabalho – a saber, o quinto capítulo desta dissertação – consiste apenas em um breve exemplo (a bem

¹²⁸ ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

dizer, uma sugestão) de operacionalização da tipologia de Equivalência de Koller à luz de um par de textos empíricos.

O *corpus* selecionado é composto do primeiro romance de Thomas Mann, *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), e a sua tradução para o português, de autoria de Herbert Caro, intitulada *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942). Em face da robusta fortuna crítica disponível a respeito do romance de Mann, que como afirma Galle (2016: 681) já foi objeto de incontáveis pesquisas, optei por restringir minhas considerações a um recorte específico da obra, a saber, a tradução das ocorrências de cores presentes no romance. Esse recorte será abordado em detalhes no capítulo quarto desta dissertação, no qual também apresentarei as características do *corpus* e a metodologia seguida para a obtenção dos dados a partir dos quais pretendo ilustrar o argumento defendido nesta seção.

A seleção de uma obra literária, escrita por um autor canônico, tem como objetivo questionar ainda outro estigma associado à noção de equivalência: a ideia de que a sua utilidade prática se esgota no trabalho com textos ditos “pragmáticos”, ou seja, não literários. Como comentei mais extensamente no segundo capítulo desta dissertação, no contexto histórico em que se desenvolveram as abordagens de base linguística, a busca por aquilo que o ato tradutório tinha de regular e de reprodutivo era necessária para a progressiva automatização do processo tradutório. Por esse motivo, os teóricos dessa época (como os membros da já mencionada Escola de Leipzig) elegeram como seu único objeto de estudo textos técnicos, negligenciando a tradução literária devido ao seu caráter “artístico”, criativo, em função do qual são criados equivalentes que não obedecem à regularidade exigida para a mecanização da tradução. Como afirma Cruz (2012: 51): “na perspectiva universalista, vem a ser necessário diferenciar textos ‘pragmáticos’ de ‘literários’, para que sejam salvas a concepção racionalista de língua, e a noção de tradução como transporte de conteúdos”.

É justamente aí, segundo Koller, que fracassa a “abordagem linguisticamente estreita”: “Quanto mais se sobressai o aspecto *produtivo* (ou ‘criativo’) da tarefa da tradução em relação ao aspecto *reprodutivo* (frequentemente caracterizado pela ‘rotina’) (cf. Wilss 1992¹²⁹), tanto mais limitada se torna a abordagem orientada para a equivalência¹³⁰” (KOLLER, 2004b: 347). Para o autor, porém, a tradução literária não é incompatível com os estudos de tradução de orientação linguística. Segundo Koller, é claro que toda ciência empírica precisa determinar

¹²⁹ WILSS, Wolfram. *Übersetzungsfertigkeit*: Annäherung an einen komplexen übersetzungspraktischen Begriff. Tübingen: Gunter Narr, 1992 (Tübinger Beiträge zur Linguistik, 376).

¹³⁰ Je stärker der *produktive* (auch *schöpferische*) Aspekt der Übersetzungsaufgabe gegenüber dem *reproduktiven* (häufig durch ‚Routine‘ gekennzeichneten) Aspekt hervortritt (vgl. dazu Wilss 1992), desto beschränkter erweist sich der äquivalenzorientierte Ansatz.

com certa precisão o seu objeto de estudo, mas excluir completamente textos literários da área de interesse da Ciência da Tradução seria restringir demais o seu campo de ação, visto “que aspectos essenciais da tradução podem ser esclarecidos justamente – e, em parte, somente – por meio da análise desses tipos de texto¹³¹” (KOLLER, 2004b: 345).

Koller também sustenta que até mesmo linguistas frequentemente encontram nas traduções literárias um campo de estudo fértil no que diz respeito à Equivalência, precisamente porque textos literários têm um vínculo bastante específico com as formas literárias e estéticas do texto de partida (cf. KOLLER, 2004a: 115-116). O autor então conclui a *Einführung* com as seguintes palavras:

Sem dúvidas seria fundamentalmente equivocado concluir, a partir dessas descobertas, que não é possível uma aproximação linguística aos textos literários [...]; porém, é fato que a – indispensável – análise linguística (especialmente como ponto de partida de uma crítica científica da tradução) precisa estar ciente das suas limitações (mas também, é claro, das suas possibilidades, que advêm nomeadamente da diferenciação do conceito de Equivalência), e isso significa que ela tem de tratar do conjunto de condições, muitíssimo complexo, no qual se encontram as traduções de textos literários. Para reiterar o que foi destacado na *Introdução*: uma tradução não se resume à confrontação de um texto de partida com os meios e possibilidades linguísticos e estilísticos de uma língua de chegada; como operação linguística e textual, ela também o é – a saber, independentemente do fato de se tratar de textos não ficcionais ou literários. Levar em consideração as condições e os fatores de natureza linguístico-textual e extralinguística – que diferem para os dois gêneros textuais, em parte gradualmente e em parte intrinsecamente – é de fundamental importância para um trabalho frutífero com o fenômeno tradução¹³² (KOLLER, 2004a: 300).

Da escolha de textos literários como *corpus* do presente trabalho não se deve depreender, no entanto, que minha confrontação com as obras tenha qualquer pretensão de elucidar aspectos especificamente ligados à teoria literária. A discussão que proponho nesta dissertação se restringe ao domínio dos estudos de tradução, na medida em que o foco recai sobre a questão da Equivalência.

¹³¹ [...] dass essentielle Aspekte der Übersetzung gerade dann – und zum Teil nur dann – erhellt werden können durch die Analyse eben dieser Textsorten.

¹³² Aus diesen Befunden den Schluss zu ziehen, daß sich ein linguistisches Herangehen an literarische Texte verbietet, wäre freilich grundfalsch [...]; wohl aber muß sich die – unverzichtbare – linguistische Analyse (gerade auch als Ausgangspunkt einer wissenschaftlichen Übersetzungskritik) ihrer Grenzen (aber selbstverständlich auch ihrer Möglichkeiten, die sich nicht zuletzt aus der Differenzierung des Äquivalenzbegriffs ergeben) bewußt sein, und das heißt: sie muß sich mit dem überaus komplexen Bedingungsgefüge, in dem Übersetzungen literarischer Texte stehen, beschäftigen. Um zu wiederholen, was in der *Einführung* hervorgehoben wurde: Eine Übersetzung ist nicht nur die Konfrontation eines Ausgangstextes mit den sprachlich-stilistischen Mitteln und Möglichkeiten einer ZS; als *sprachlich-textuelle Operation* ist sie das aber auch – und zwar unabhängig davon, ob es sich um Sachtexte oder literarische Texte handelt. Die Berücksichtigung der für die beiden Haupt-Textgattungen zum Teil graduell, zum Teil wesensmäßig unterschiedlichen Bedingungen und Faktoren sprachlich-textueller und außersprachlicher Art ist dabei von fundamentaler Bedeutung für eine fruchtbare Arbeit mit dem Phänomen Übersetzung.

Além disso, como explicitado em minha síntese dos principais aspectos da obra de Koller, a sua tipologia não é um modelo de análise, uma vez que o autor não fornece instruções práticas a respeito de como se deve traduzir ou avaliar traduções já existentes. Isso significa que, por si só, o instrumental desenvolvido nesta pesquisa não é capaz de oferecer explicações ou emitir juízos de valor sobre as decisões tomadas pelo tradutor Herbert Caro. Para tal, seria necessário unir o aparato teórico apresentado aqui com outras matrizes, em especial as de caráter literário ou simbólico. Isso, porém, é uma tarefa para pesquisas futuras, que – espero – possam derivar das considerações tecidas nesta dissertação.

4 **CORPUS E MÉTODO**

No capítulo anterior, procurei argumentar que a noção de Equivalência defendida por Werner Koller não traz “mais do mesmo” ao debate sobre a equivalência em tradução. O conceito proposto pelo teórico suíço e sua tipologia dividida em cinco categorias trazem à luz aspectos fundamentais do fenômeno tradutório, podendo servir de orientação prática ao tradutor e ao estudioso da tradução. A fim de exemplificar de que maneira a noção de Equivalência de Koller (2004a) pode ser aplicada a textos empíricos, demonstração que terá lugar no capítulo quinto desta dissertação, selecionei dois textos literários: o romance *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), de Thomas Mann, e sua tradução para o português brasileiro, de autoria de Herbert Caro e lançada no Brasil sob o título *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942).

O presente capítulo traz, portanto, uma apresentação sucinta do *corpus* escolhido como base para as considerações a serem desenvolvidas no capítulo quinto. O subitem 4.1 consiste em uma breve síntese do enredo da obra, acompanhada de algumas observações sobre o contexto histórico em que se deu a publicação do romance traduzido por Herbert Caro. Tal contextualização tem como objetivo ressaltar a importância da figura do tradutor, à vista da própria noção de Equivalência como um valor a ser produzido por ele, entendido como um indivíduo dotado de subjetividade e sujeito a condicionantes históricas, sociais e políticas, entre outras. Assim, embora a abordagem de Koller priorize questões linguísticas, um estudo tradutológico não pode ignorar que toda tradução está inserida em um contexto, que não é um objeto estático, “descolado” do tempo e do espaço em que é produzido. Por fim, na mesma seção, apresento o recorte escolhido para demonstrar a validade do conceito de Equivalência e sua aplicabilidade ao *corpus* selecionado, a saber, os vocábulos cromáticos presentes no romance alemão e na tradução brasileira.

O subitem 4.2, por sua vez, é dedicado à metodologia do projeto, baseada principalmente em ferramentas provenientes da Linguística de *Corpus*. Aqui, serão apresentados alguns conceitos fundamentais dessa abordagem e o passo a passo seguido na compilação dos *corpora* e na coleta dos dados utilizados nesta pesquisa. O subtópico em questão também inclui imagens (capturas de tela) dos softwares e explicações sobre as principais funcionalidades dos programas utilizados por mim, bem como definições e

elucidações dos termos provenientes da área de Linguística de *Corpus* que forem relevantes para a presente dissertação.

De antemão, vale lembrar que o foco deste estudo está na reconsideração sobre o conceito de Equivalência, explicitado e analisado no capítulo terceiro. O *corpus* descrito na presente seção servirá, nesta dissertação, como pano de fundo para a discussão da noção proposta por Koller, de maneira que as considerações a serem tecidas sobre o romance, no capítulo a seguir, devem ser encaradas como um breve exemplo de como o instrumental desenvolvido nesta pesquisa – a saber, a teoria de Koller em conjunto com ferramentas da Linguística de *Corpus* – pode contribuir para a investigação de um aspecto específico (neste caso, as cores) do *corpus* selecionado sob uma nova ótica. Nesse sentido, pode-se dizer que o presente capítulo consiste em uma etapa preparatória para futuros trabalhos, que exigirão, como vimos ao final do capítulo terceiro, a junção do aparato teórico e metodológico desenvolvido aqui com outras áreas do conhecimento, como os estudos literários.

4.1 Descrição do *corpus* de estudo

Thomas Mann, um dos mais proeminentes autores alemães, viveu entre 1875 e 1955. Nascido em Lübeck, no norte da Alemanha, Mann foi membro da redação do jornal em seu colégio e, ao se mudar para Munique após a morte do pai e a dissolução da empresa da família, escreveu para o periódico satírico *Simplicissimus* e continuou a trabalhar em outras criações literárias (cf. KLING, 2011: 3s.). Em 1898, chegou a publicar uma pequena novela, intitulada *Der kleine Herr Friedemann*, mas foi com o seu primeiro romance, *Buddenbrooks: Verfall einer Familie*, originalmente lançado em 1901, que Mann “[...] ganhou acesso aos círculos literários elevados e aos *salons* da cidade” (KLING, *ibid.*: 4, grifo meu).

Do segundo volume da edição comentada de 2002 de *Buddenbrooks*, consta a transcrição de uma carta que Samuel Fischer, fundador da editora S. Fischer, escreve a Mann em 1897, a propósito de um volume de novelas que o escritor lhe havia enviado para publicação. Na carta, o editor afirma ter gostado imensamente das histórias criadas pelo jovem autor, mas diz que não poderá pagar-lhe um bom honorário, pois as novelas seriam vendidas a um preço módico. Diante disso, Fischer convida Mann a enviar-lhe uma obra em prosa mais longa, já que uma publicação desse tipo lhe permitiria repassar honorários bem mais alentados ao escritor (cf. MANN, 2002: 10).

Mann, então com pouco mais de vinte anos, trabalhava havia alguns meses em uma “novela de rapaz” (*Knabennovelle*), e aproveitou a oportunidade para expandi-la e transformá-la em um romance. Sobre a trama, não restavam dúvidas: “Mann tinha certeza de

que o material do romance só podia ser a história da sua própria família” (GALLE, 2016: 682). Por parte de pai, o escritor descendia de uma estirpe de comerciantes. Lübeck, a cidade-natal do escritor, foi capital da Liga Hanseática¹³³ durante a Idade Média e concentrou grande parte da riqueza gerada pela intensa atividade comercial da época. Ao que tudo indica, o tema também já fora definido desde o início: em uma carta escrita por Mann, lê-se que a ideia original para o título do romance era *Abwärts* [Decaindo] (cf. idem, *ibid.*: 682). No posfácio à tradução revista de *Buddenbrooks*, publicada em 2016 pela editora Companhia das Letras, Galle escreve:

Ainda que o material autobiográfico e a memória familiar garantissem, de certa maneira, a trama e o tema, o jovem teve grande respeito pela extensão de um romance, que exigiu uma composição mais complexa e um pano de fundo mais denso do que uma novela. Sentindo a necessidade de apoiar seu trabalho em uma base de dados maior, buscou ampliar seus conhecimentos através de pesquisas abrangentes tanto sobre as biografias dos seus parentes quanto sobre a cidade natal e os assuntos do comércio (GALLE, 2016: 682).

A varredura que Mann empreendeu na história de sua própria família resultou em uma trama que se estende por quatro décadas (de 1835 a 1877) e compreende quatro gerações da dinastia Buddenbrook. O romance se inicia com o apogeu social e econômico da família de comerciantes de cereais, então encabeçada pelo patriarca Johann Buddenbrook Sênior, e se encerra com a morte precoce do último herdeiro, apelidado de Hanno e bisneto de Johann, em cuja homenagem fora batizado. A decadência da firma Buddenbrook e da família que lhe empresta o nome é marcada por uma série de infelizes decisões econômicas, escândalos sociais e uma crescente propensão, por parte dos herdeiros masculinos, às artes e à literatura, em detrimento do exercício comercial. Dessa maneira:

A história da família Mann se convertera, nas mãos do autor, numa narrativa realista e, ao mesmo tempo, simbólica, de dimensões épicas – que ele mesmo chamou, anos depois, de “um pedaço da história da alma da burguesia europeia” (GALLE, 2016: 282-283).

Na Alemanha, a primeira edição do romance foi publicada em 1901, e não demorou muito para que Thomas Mann caísse nas graças do público. De acordo com Thimann: “Já no ano de 1918 haviam sido vendidos mais de 100.000 exemplares da obra – em 1930 já passavam de um milhão – e a reputação de seu autor como um literato proeminente começou a se estabelecer internacionalmente nos anos que se seguiram” (THIMANN, *ibid.*: 88). Hoje, mais de 115 anos após o lançamento de sua primeira edição, *Buddenbrooks* é conhecido como

¹³³ A Liga Hanseática (*Hanse*, em alemão), foi uma associação de cidades mercantis que, do século XII ao século XV, manteve o monopólio das atividades comerciais na região norte da Europa e do Mar Báltico.

a obra que consagrou a fama de Thomas Mann na Alemanha e na Europa e que ensejou a sua premiação com o Nobel de Literatura em 1929. Além disso, o romance de estreia de Mann permanece “seu livro mais popular, particularmente na Alemanha, com vendas de mais de 5 milhões de exemplares, quatro adaptações para o cinema e traduções em 42 línguas” (GALLE, 2016: 681).

Thimann, que em sua tese de doutorado analisou a recepção de literatura alemã em prosa no Brasil, afirma que Thomas Mann foi um dos primeiros autores alemães a ter romances e contos publicados no país (cf. THIMANN, 1989: 63). Além disso, a biografia de Mann tem laços com o nosso país. Conforme Thimann, a crítica brasileira enfatizava, sempre que possível, a origem da mãe do autor, em solteira, Júlia da Silva Bruhns, nascida em Paraty, Rio de Janeiro: “Não se pode ignorar, nos críticos literários da época, um certo orgulho suprimido por ter uma ‘participação’ na obra e na consagração desse escritor” (idem, *ibid.*: 64).

O fato de Thomas Mann ter se tornado um autor aclamado em terras brasileiras, porém, certamente não se deve apenas às raízes maternas. Muito mais relevante para a consagração de Mann no mercado literário brasileiro parece ter sido a contribuição do tradutor e crítico Herbert Caro (1906-1991), responsável por verter *Buddenbrooks* para o português.

Nascido em Berlim, Caro exilou-se no Brasil em 1935, fugido da perseguição nacional-socialista na Alemanha. Em 1933, assim como muitos outros judeus, ele havia sido proibido pelos nazistas de exercer a profissão de advogado, e chegou inclusive a ser destituído do cargo de diretor da Federação Alemã de Tênis de Mesa, mesmo após ter jogado seis anos pela seleção do país. Já no Brasil, em 1936, Caro foi um dos membros fundadores Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), uma associação religiosa que tinha como objetivo promover o convívio dos praticantes do judaísmo e a integração dos imigrantes judeus à sociedade brasileira¹³⁴.

Caro logo se inseriu no cenário cultural e literário de sua nova pátria. Em 1938, é contratado pela então Livraria do Globo, de Porto Alegre, para trabalhar como tradutor, dicionarista e pesquisador. Apenas um ano depois, recebe o convite para trabalhar na famosa Sala dos Tradutores da editora, que já contava com nomes como Erico Veríssimo e Mário Quintana (cf. CANDELORO, 1995). Caro também foi colaborador da Revista do Globo e, mais tarde, do jornal gaúcho Correio do Povo, que veicularam seus ensaios, crônicas e críticas literárias. Mas foi sobretudo graças à sua atuação como tradutor que Herbert Caro se tornou

¹³⁴ Cf.: <<https://www.sibra.org.br/quem-somos/historia/>>. Acesso em 23 abr. 2018.

amplamente conhecido e respeitado no Brasil. Além de Mann, traduziu obras de Hermann Hesse e Elias Canetti, também representantes do cânone alemão, sendo considerado “o mais conhecido tradutor de literatura alemã no Brasil” (KESTLER, 1992: 74 *apud* WEISE, 2012: 28).

Em um intervalo de apenas cinco anos desde a sua chegada ao Brasil, Caro se lança à desafiadora tarefa de traduzir *Buddenbrooks*. Em carta a Mann, de outubro de 1941, o tradutor informa a seu compatriota que insistiu, junto à Livraria do Globo, para que a tradução de *Buddenbrooks* fosse publicada antes de outro romance do autor, *A montanha mágica*, que já era um grande sucesso nos Estados Unidos, onde Mann se encontrava exilado. Embora traduções de algumas novelas de Mann já circulassem no Brasil desde 1934 (cf. BOTTMANN, 2013), nenhum de seus romances havia sido publicado em língua portuguesa. No início da década de 40, o escritor alemão ainda era, segundo o próprio Caro, “uma incógnita para grande parte do nosso público literário” (CARO, 1975: 16 *apud* WEISE, 2009: 28). Não obstante, o tradutor assegura a Mann que seu primeiro romance seria amplamente acolhido pelo público brasileiro:

Nessa oportunidade, eu não gostaria de deixar de manifestar em minha tradução que, com seu conteúdo humano e profundo e com seu retrato tão cuidadoso do *milieu*, o *Buddenbrook* terá boa recepção também no Brasil. Naturalmente que há bastantes elementos estranhos a este jovem país, e por ora sem tradição, que estão nesse livro extraordinariamente alemão e nórdico. Alguns leitores encontrarão nele algum encanto de estranheiridade exótica, que os retratos de países distantes exercem sobre os europeus. Alguns serão capazes para além disso de preencher a profundidade psicológica desse romance magnífico. Eu aconselhei a Livraria do Globo, que hesitou entre publicar primeiro *A montanha mágica* ou *Os Buddenbrook*, a começar com esse último, e espero que isso também esteja de acordo com o senhor (CARO, 1941 *apud*. KUSCHEL; MANN; SOETHE, 2013: 281).

Com efeito, a editora acatou o pedido de Herbert Caro e a decisão se mostrou acertada. Lançado em 1942, justamente no ano em que o Brasil declara guerra contra a Alemanha, em meio a uma conjuntura política particularmente desfavorável à disseminação da literatura e da cultura alemãs, a tradução do romance se tornou, surpreendentemente, um sucesso de crítica e de público¹³⁵, tal como havia vaticinado o crítico Anatol Rosenfeld, que, ao comentar a qualidade dos livros de Mann, afirmara que se pode “esperar que sua obra, até agora quase desconhecida no Brasil, também aqui venha despertar vivo interesse no futuro, graças à tradução do romance *Os Buddenbrooks* [sic]” (ROSENFELD, 1994: 107 *apud* WEISE, 2009: 29).

¹³⁵ Algumas considerações especificamente referentes à recepção pela crítica e ao contexto histórico em que foi publicada a tradução de Caro encontram-se em Minchin (2017).

A tradução de Caro ainda seria reeditada diversas vezes, por editoras como Bruguera, Círculo do Livro e Nova Fronteira (cf. BOTTSMANN, 2013). Mais recentemente, em 2016, a Companhia das Letras lançou uma edição especial e revista de sua renomada tradução d'*Os Buddenbrook*, que integra uma coleção de obras-primas de Thomas Mann que inclui outras quatro reedições de traduções do próprio Caro: *As cabeças trocadas* (2017), *A montanha mágica* (2016), *A morte em Veneza* (2016) e *Doutor Fausto* (2015).

É inegável, portanto, a importância da tradução de Caro para a inserção e consagração de Thomas Mann no mercado literário brasileiro. De fato, segundo Thimann (1989: 101):

[...] o romance aqui discutido superou em muito o sucesso das novelas da década de 30¹³⁶. A tradução fiel e acurada de Herbert Caro preservou, na edição de *Buddenbrooks* publicada no Brasil, o máximo de suas características originais, isto é, superficialmente, de seu caráter alemão e, em profundidade, da sua universalidade no tocante a mensagem, temática e validade. Devido ao fato de Caro não ter inserido quaisquer variantes sul-americanas, nem mesmo as mais sutis, e de não ter reduzido o romance a eventuais comportamentos especificamente brasileiros, foi possível a *Os Buddenbrooks* [sic], por um lado, conquistar sua independência de circunstâncias espaciais e temporais e, por outro, tornar-se uma fonte literária da força e da esperança em tempos politicamente problemáticos.

Como aponta Dornbusch (1992: 3), é discutível a associação d'*Os Buddenbrook*, um romance da decadência, a uma mensagem de força e esperança. Além disso, ainda que Thimann ilustre suas observações com alguns poucos excertos da tradução brasileira, não fica claro exatamente o que a autora quer dizer com a suposta “redução” ao contexto brasileiro, que teria sido evitada por Caro. A pesquisadora tampouco explica o que entende por “tradução fiel”, embora o conceito de fidelidade seja tão controverso quanto longo na teoria sobre tradução. De todo modo, o que o comentário de Thimann deixa patente é a influência que a tradução elaborada por Caro exerceu na incorporação de Thomas Mann ao cânone literário brasileiro. A política de nacionalização do governo Vargas, que já na década de 1930 proibira o ensino de língua alemã nos âmbitos domiciliar e escolar, certamente não contribuía para a formação de mão de obra qualificada para a tradução de literatura alemã para o português. Diante disso, “foi uma sorte para o romance aqui discutido que Herbert Caro tenha assumido a tradução e que tenha entregado uma versão portuguesa predominantemente coerente do texto” (THIMANN, 1989: 88).

Desta breve contextualização depreende-se que o romance *Buddenbrooks* e sua tradução brasileira são obras de grande relevância no cenário literário e cultural dos países em que foram publicadas. De acordo com Galle (2016: 681): “*Os Buddenbrook* foi objeto de

¹³⁶ De acordo com Bottsmann (2013), desde 1934, já haviam sido publicadas traduções brasileiras de três novelas de Mann: *Tonio Kröger*, *A morte em Veneza* e *Mário e o mágico*.

inúmeros artigos, monografias e manuais de pesquisa que documentaram sua relevância e atualidade”. Vê-se, assim, que o romance já foi examinado a partir dos mais diversos pontos de vista, de modo que me parece necessário delimitar qual o recorte adotado nesta dissertação, que será explicitado no subitem a seguir.

4.1.1 As cores no romance

Devido à grande extensão da obra e à rica fortuna crítica disponível a respeito do primeiro romance de Thomas Mann, escolhi restringir minha investigação apenas ao que chamarei aqui de **vocábulo cromáticos**, ou seja, lexemas que contêm designações de cores em sua estrutura morfossintática, como substantivos (exemplo: “o azul do céu”), adjetivos (exemplos: “azulado” ou “esverdeado”) e verbos (“amarelar” ou “ruborizar”).

A respeito da denominação “vocábulo”, Bizzocchi (1999: 89) afirma que unidades lexicais, “que costumam ser identificadas ao conceito intuitivo e nebuloso de ‘palavra’”, podem ser classificadas tanto no nível do sistema linguístico, quanto no nível do discurso. Ao primeiro nível, corresponde a denominação “lexia”. Já no nível do discurso, as unidades lexicais recebem o nome de “vocábulo”, definidos por Bizzocchi (ibid.: 91) como “uma lexia que se atualiza num discurso determinado”.

Se retomarmos a distinção, feita por Koller (2004a: 217ss.), entre Equivalência – objeto de pesquisa dos estudos de tradução, produzida pelo tradutor no plano da *parole* – e Correspondência – situada no plano do sistema, da *langue*, objeto de pesquisa da Linguística Contrastiva –, então o que interessa à presente dissertação são os vocábulos, uma vez que estes são a manifestação efetiva de determinada lexia no plano do discurso, isto é, do uso linguístico. Por essa razão, opto pelo termo “vocábulo” para me referir ao recorte do *corpus* aqui abordado.

Ainda de acordo com Bizzocchi, os vocábulos costumam ser classificados em três categorias, que espelham a subdivisão idealizada por Pottier (1974) para as lexias: simples, compostos e complexos. O **vocábulo lexical**¹³⁷ **simples** é formado por um único lexema e qualquer número de morfemas gramaticais, como flexões de número e gênero (exemplos: mão, coelho, belo). O **vocábulo lexical composto** é constituído por dois ou mais vocábulos simples, que devem estar aglutinados ou ligados por hífen. Por fim, o **vocábulo lexical complexo** é formado por dois ou mais vocábulos simples e, em alguns casos, vocábulos

¹³⁷ Em oposição aos vocábulos gramaticais (como preposições e artigos, por exemplo), vocábulos lexicais contêm um ou mais lexemas em sua estrutura morfossintática (cf. BIZZOCCHI, 1999).

gramaticais que estabelecem a relação entre os vocábulos lexicais (exemplos: cesta básica, fita isolante, bicarbonato de sódio etc.) (cf. BIZZOCCHI, 1999: 91).

Visto que, nesta dissertação, não pretendo realizar um estudo lexicológico dos vocábulos cromáticos, não cabe aqui uma longa discussão sobre a adequação da terminologia e da categorização emprestada de Pottier (para isso, cf. BIZZOCCHI, 1999, e MARTINS, 2002). Como se verá mais adiante, a subdivisão em vocábulos simples, compostos e complexos tem como único objetivo elucidar aspectos pertinentes à metodologia seguida nesta pesquisa. Além disso, tal classificação pode trazer à luz propriedades morfossintáticas do alemão e do português eventualmente relevantes para a tradução de vocábulos cromáticos nesse par linguístico. Dessa maneira, considero que, para os propósitos deste estudo, a classificação supracitada será suficiente para diferenciar os vocábulos cromáticos encontrados no *corpus*.

A título de ilustração, apresento na tabela abaixo alguns exemplos de vocábulos cromáticos encontrados no *corpus*, em alemão (AL) e em português (PT). Note-se que os vocábulos não são traduções uns dos outros, mas encontram-se divididos com base na classificação em vocábulos simples, compostos e complexos.

Vocábulos simples		Vocábulos compostos		Vocábulos complexos	
AL	PT	AL	PT	AL	PT
<i>schwarz, rot, blau, rosig, erröten, gebräunt etc.</i>	azul, amarelo, vermelho, enrubescera, embranquecer, enegrecida etc.	<i>blitzschwarz, Braunbier, fuchsrot, rotblond, graublau etc.</i>	cor-de-cinza, cor-de-rato, furtacor, azul-celeste etc.	<i>goldgelber Farbe, hellgrauer Farbe, graugrüner Farbe etc.</i>	cor de ouro, cor de cânhamo, vermelho escuro etc.

Tabela 1: Exemplos de vocábulos cromáticos encontrados no romance em alemão (AL) e na tradução em português (PT), classificados em simples, compostos e complexos.

Neste ponto, vale lembrar que, no presente estudo, os vocábulos cromáticos serão estudados sob um viés tradutológico, uma vez que servirão de base para a reconsideração da noção de Equivalência proposta por Koller. No entanto, esse recorte específico de *Buddenbrooks* já foi estudado a partir de outros prismas. Um exemplo é o artigo *Zur Charakteristik der Farbbezeichnungen (an Beispielen des Romans “Buddenbrooks”, von Th. Mann)* [Sobre as características das designações de cores (à luz de exemplos do romance “Buddenbrooks”, de Th. Mann)], no qual Kurnickiené e Šapaliené investigam, de um ponto de

vista morfológico e semântico, a formação de substantivos e adjetivos com cores no romance¹³⁸, palavras que as autoras denominam “sememas cromáticos” (*Farbsememe*).

Nas palavras das pesquisadoras: “Quando uma palavra cromática se torna produto de uma conversão¹³⁹ ou componente de um composto lexical, na forma de prefixo ou sufixo, surge um novo semema cromático” (KURNICKIENÉ; ŠAPALIENÉ, 2001: 10). Em Linguística, o termo “semema” designa a unidade de significação que compreende um conjunto de semas atribuído a uma palavra ou a um morfema. De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos do Portal da Língua Portuguesa (online), semas são:

[...] traços distintivos dos sememas e estruturam os campos lexicais em termos de oposição entre os seus membros. Assim, “cadeira” e “banco” distinguem-se pelo sema “com costas”, que se encontra presente em “cadeira”, embora ambos sejam constituídos pelos semas “sobre pernas”, “para sentar”, “para uma só pessoa”¹⁴⁰.

O artigo de Kurnickiené e Šapaliené contempla somente oito cores, para as quais foram encontradas 827 ocorrências de sememas cromáticos, distribuídos pelo romance da seguinte maneira:

Cor	Ocorrências
<i>Rot</i> [vermelho]	166
<i>Weiß</i> [branco]	165
<i>Schwarz</i> [preto]	105
<i>Blau</i> [azul]	102
<i>Grau</i> [cinza]	96
<i>Braun</i> [marrom]	86
<i>Gelb</i> [amarelo]	55
<i>Grün</i> [verde]	52
	Total: 827

Tabela 2: Ocorrências de sememas cromáticos derivados das oito cores contempladas no levantamento de Kurnickiené e Šapaliené (2001).

Outro trabalho a respeito das cores em *Buddenbrooks* é de autoria de Carina Schumann, que enfocou questões pertencentes ao domínio da teoria literária, a saber, a hipótese da existência de *Leitmotive* associados às diversas cores presentes no romance. A autora, que examinou a 57ª edição do livro (editora S. Fischer), identificou aproximadamente

¹³⁸ No estudo em questão, foi utilizada a edição de bolso de *Buddenbrooks*, lançada em 1995 pela editora S. Fischer.

¹³⁹ A conversão (*Konversion*), denominada “derivação imprópria” na gramática tradicional, corresponde a um processo morfológico que leva à criação de novos lexemas. É por meio da conversão que adjetivos se tornam substantivos (“capital” ou “veneziana”) e vice-versa (“burro”), verbos se tornam substantivos (“afazer” ou “jantar”), entre outros (cf. CORREIA, 2002: 19-20).

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1365>>. Acesso em 28 mai. 2018.

1.200 expressões com cores espalhadas pelas cerca de 750 páginas do romance (cf. SCHUMANN, 2013: 15).

A discrepância em relação ao número levantado por Kurnickienė e Šapalienė se deve a diferenças no escopo e na extensão dos dois trabalhos. A autora não fornece informações precisas a esse respeito, mas, ao que tudo indica, Schumann contabilizou em sua dissertação de mestrado todas as cores presentes no romance; já o estudo de Kurnickienė e Šapalienė, publicado em forma de artigo científico, se restringe a apenas oito cores, além de ter contemplado exclusivamente substantivos e adjetivos.

Em que pesem as diferenças supracitadas, ambas as pesquisas sobre o tema sugerem que haja uma quantidade considerável de vocábulos cromáticos no romance alemão. Contudo, assim como Kurnickienė e Šapalienė, Schumann não descreve o método utilizado na coleta dos dados. Esta última tampouco fornece um número exato de ocorrências. Em face disso, bem como da extensão do romance em alemão e da tradução brasileira – cerca de 750 e 650 páginas, respectivamente –, escolhi utilizar ferramentas de Linguística de *Corpus* em minha pesquisa, a fim de agilizar o processo de coleta das ocorrências e de obter dados quantitativos mais precisos a respeito do *corpus* a ser analisado.

Cabe ressaltar, neste ponto, que o que pretendo apresentar nesta dissertação é apenas um breve exemplo de como as metodologias selecionadas aqui – a saber, a junção entre a Linguística de *Corpus* e a noção de Equivalência de Koller – podem lançar uma nova luz sobre o tema “cor” no romance. Como veremos também no capítulo seguinte, as considerações a serem desenvolvidas neste trabalho não têm como objetivo esgotar a temática, mas complementar o que já foi feito e, eventualmente, encorajar novas pesquisas a respeito desse aspecto específico de *Buddenbrooks*. Dito isso, os recursos utilizados e a metodologia adotada na presente pesquisa serão descritos em detalhes no subtópico a seguir.

4.2 Metodologia: Linguística de *Corpus* e tradução

Nas palavras de Gonçalves (2006), a Linguística de *Corpus* não é apenas uma metodologia, mas uma abordagem, pois permite enxergar determinado texto ou conjunto de textos sob uma nova ótica. Observe-se a citação a seguir:

A utilização de um computador nos permite observar uma grande quantidade de dados, o que possibilita a identificação de padrões de ocorrência no texto. A forma de manipular os dados obtidos é também nova, devido ao tratamento estatístico e à capacidade de o computador fornecer, em questão de segundos, informações difíceis, ou mesmo impossíveis, de se coletar manualmente de forma acurada, como por exemplo todas as ocorrências de uma palavra com seus contextos, ou as palavras

distintas de um texto por ordem de frequência, entre outras informações (GONÇALVES, 2006: 5).

Quando se fala em Linguística de *Corpus*, portanto, entende-se o estudo de textos em formato eletrônico, com o auxílio de ferramentas computacionais que possibilitem a manipulação desses textos. A esses textos, dá-se o nome de “*corpus*”, que são definidos, no âmbito dessa abordagem, da seguinte maneira:

Um *corpus* é uma coleção de textos, selecionados e compilados de acordo com critérios específicos. Os textos são mantidos em formato eletrônico – i.e., em forma de arquivos computacionais –, de maneira que várias ferramentas de *corpus* – i.e., softwares – possam ser utilizadas para analisá-los. O estudo da linguagem usando *corpora* é o domínio da Linguística de *Corpus* (OLOHAN, 2004: 1, grifos meus).

Nos últimos anos, o desenvolvimento de novos softwares de Linguística de *Corpus* vem ampliando cada vez mais a aplicabilidade dessa abordagem em diversas áreas do conhecimento. Métodos provenientes da Linguística de *Corpus* vêm sendo utilizados nas áreas de Lexicografia, Linguística Aplicada, Processamento de Língua Natural (PLN) (cf. AGUIAR, 2010: 22) e, mais recentemente, no ensino de línguas estrangeiras (cf. MEUNIER, 2002, e MAHLBERG, 2006) e na didática de tradução (cf. ZANETTIN, 2012: 11ss.). No início dos anos 2000, diz Olohan (2004: 13), já havia ampla bibliografia a respeito das possibilidades de aplicação de ferramentas de *corpus* desde a Semântica, Pragmática e Análise do Discurso, passando pela Linguística Textual e histórica, até chegar à Psicolinguística. A interface com os estudos de tradução, contudo, ainda deixava a desejar. Segundo a autora:

A falta de atenção aos estudos de tradução pode se dever ao fato de que o uso de *corpora* nos estudos de tradução é relativamente novo (inicialmente advogado por Mona Baker em 1993), ou talvez ao fato de que o intercâmbio de conhecimentos entre Linguística e estudos de tradução tendeu a ser bastante unidirecional. Além disso, tradicionalmente, a percepção de traduções não tem sido particularmente favorável na Linguística; (OLOHAN, 2004: 13).

A pesquisadora afirma que, de modo geral, traduções não são consideradas representativas do uso linguístico, pois “não são vistas como textos que existem e funcionam por si sós no sistema da língua-alvo” (idem, *ibid.*: 13). Ainda de acordo com Olohan, um exemplo ilustrativo da imagem desfavorável atribuída pela Linguística à tradução seria a ausência de textos traduzidos em um dos maiores *corpora* de língua geral, o *British National Corpus* (BNC), um *corpus* de referência em inglês britânico de mais de 100 milhões de palavras, lançado originalmente em 1994¹⁴¹.

¹⁴¹ Mais informações sobre o BNC disponíveis em: <<http://www.natcorp.ox.ac.uk/>>. Acesso em 30 mai. 2018.

Mais recentemente, porém, tem crescido o interesse pelo trabalho com *corpora* no âmbito dos estudos de tradução. O levantamento feito por Gonçalves (2006: 10) indica que, desde a década passada, tem-se desenvolvido – inclusive no Brasil – um cenário mais otimista para pesquisas feitas nessa interface. A essa nova vertente no trabalho com traduções, Tymoczko dá o nome de *Corpus Translation Studies* (CTS), ou Estudos da Tradução¹⁴² com *Corpus*. De acordo com a autora, os estudos de tradução têm de se ajustar às circunstâncias impostas pela época em que vivemos, e as pesquisas com *corpora* são fundamentais para essa evolução. Veja-se a citação abaixo:

A era da informação trouxe consigo uma explosão na quantidade e na qualidade de informação que se espera que dominemos. Paralelamente ao desenvolvimento de modos eletrônicos de armazenar, recuperar e manipular essa informação, isso significa que qualquer disciplina que deseje se sustentar no século XXI precisa adaptar seu conteúdo e seus métodos. Os Estudos da Tradução com *Corpus* são centrais para que os estudos de tradução se mantenham vitais e avancem enquanto disciplina. [...] Os Estudos da Tradução com *Corpus* nos permitem, por exemplo, codificar – em formas compactas e eficientes –, acessar e interrogar grandes quantidades de dados – mais dados do que qualquer ser humano seria capaz de compilar ou examinar em sua vida produtiva sem assistência eletrônica (TYMOCZKO, 1998: 1).

Nesta pesquisa, portanto, o recurso às ferramentas de Linguística de *Corpus* que serão descritas mais adiante teve como objetivo facilitar a coleta e a visualização dos dados, tendo em vista a extensão do *corpus* de estudo e a quantidade considerável de vocábulos cromáticos que, segundo sugere a literatura disponível sobre o assunto, se encontra no romance em alemão. Em minha investigação do *corpus*, foram utilizados os softwares *AntConc*, para o levantamento dos primeiros dados estatísticos e para a geração de palavras-chave, e *AntPConc*, destinado ao alinhamento das ocorrências em alemão e em português. Nos subitens que se seguem, serão descritas mais detidamente as funcionalidades de ambos os programas que forem relevantes para a metodologia seguida nesta pesquisa, bem como o passo a passo seguido, a começar da compilação do *corpus* de estudo, passando pela coleta de dados e de palavras-chave, até o alinhamento do original e da tradução.

4.2.1 Compilação do *corpus* de estudo

Anteriormente, o termo *corpus* foi definido como um conjunto de textos em formato eletrônico, de maneira que o primeiro passo da minha metodologia consistiu em converter o *corpus* para o formato adequado. No caso do original alemão, já existia uma versão digital do romance, obtida por meio da iniciativa *Project Gutenberg*, uma biblioteca digital que permite

¹⁴² Utilizo a expressão em letras maiúsculas por se tratar de uma vertente específica de pesquisa na área.

o acesso a mais de 56 mil e-books, em sua maioria, obras que já se encontram em domínio público. Nos termos da licença do projeto, o usuário tem a permissão de utilizar os textos da plataforma para quaisquer fins, desde que sem exploração econômica. Trata-se de uma edição de *Buddenbrooks* datada de 1909, em volume único e de capa dura, publicada pela editora Deutsche Buch-Gemeinschaft.

Lançado na página do *Project Gutenberg* em janeiro de 2011, o e-book de *Buddenbrooks* pode ser lido online (em HTML), mas também é possível realizar o download do texto em dois formatos diferentes (EPUB e Kindle), com ou sem imagens. O leitor também tem a opção de fazer o download, separadamente, das digitalizações em PDF das páginas do original separadamente, em uma pasta zipada (extensão “.zip”). Para obter o arquivo no formato “.txt” – única extensão aceita pelos programas de Linguística de *Corpus* utilizados por mim – bastou copiar o texto disponível em HTML para, em seguida, colá-lo no bloco de notas. Nessa etapa, optei por utilizar o programa *Notepad++* (versão 6.7.7) como alternativa ao *Microsoft Wordpad*, pois ouvi relatos de usuários que tiveram problemas com o software de fábrica do Windows ao carregar os arquivos de texto para programas de Linguística de *Corpus*.

No tocante à tradução para o português, não tenho conhecimento, até o presente momento, de nenhuma versão digital do romance, de modo que foi necessário digitalizar o livro físico. Nesta pesquisa, foi utilizado um exemplar da primeira edição, de 1942, publicada pela Livraria do Globo, portanto, a primeira tradução de autoria de Herbert Caro. O livro teve de ser digitalizado na íntegra, e o arquivo, em formato PDF, foi submetido a um programa de reconhecimento ótico de caracteres¹⁴³ (doravante OCR, sigla em inglês para *optical character recognition*), uma tecnologia que permite reconhecer caracteres a partir de um arquivo de imagem. O software de OCR utilizado com este fim foi o *ABBYY FineReader* (versão 12.1.6 para Mac). O programa é pago, mas é possível solicitar o download de uma versão teste gratuita na página do desenvolvedor¹⁴⁴. A partir daí, é possível converter o texto do arquivo em PDF para o formato “.txt”, simplesmente copiando-o no bloco de notas.

No caso do *corpus* em português, além do processo de digitalização e reconhecimento de caracteres, foi necessário incluir mais uma etapa metodológica: a revisão ortográfica. Embora bastante eficiente, o OCR não é cem por cento exato e, na conversão do arquivo de

¹⁴³ Deixo aqui registrados meus sinceros agradecimentos ao meu colega de pós-graduação, Márcio Longaray, que não somente me informou da existência da versão digital do romance em alemão, como também cedeu, muito gentilmente, uma digitalização completa da tradução em português, já submetida ao software de OCR, além dos próprios documentos em formato de texto.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://www.abbyy.com/pt-br/finereader/>>. Acesso em 9 abr. 2018.

imagem para o arquivo de texto, esse tipo de programa pode confundir certos caracteres. Nesse processo, a justaposição “rn” pode transformar ambas as letras em “m”, por exemplo, fazendo-se assim necessária uma revisão dos textos submetidos ao software. Diferentemente do texto alemão, que não continha erros evidentes de ortografia¹⁴⁵, o texto em português apresentou bastantes problemas desse tipo. A etapa de revisão da tradução brasileira ocupou grande parte do cronograma da minha pesquisa, pois todo o processo foi feito manualmente, contando apenas com a ajuda do recurso do *Microsoft Word* que sublinha os eventuais erros de ortografia presentes no documento.

Concluídas as etapas de compilação e conversão do *corpus* para o formato eletrônico, passei ao trabalho com o primeiro software de Linguística de *Corpus* utilizado em minha pesquisa, o *AntConc* (versão 3.4.4w).

4.2.2 Coleta dos dados com o programa *AntConc*

Desenvolvido por Laurence Anthony, professor no Centro de Educação em Língua Inglesa para a Ciência e a Engenharia da Universidade de Waseda, Japão, o *AntConc* é considerado “o melhor concordanciador *gratuito* para Windows, Mac OS X e Linux” (WEISSER, 2016). Embora só esteja disponível em inglês, o software oferece uma interface simples e amigável para o usuário, além de ser inteiramente gratuito. Ademais, há na Internet uma série de vídeos tutoriais (também em inglês), feitos pelo próprio Laurence Anthony, que fornecem instruções e demonstrações de como utilizar algumas das ferramentas básicas e avançadas do programa¹⁴⁶.

Para começar a utilizar o programa, é necessário carregar o *corpus* (em formato “.txt”) no programa. Para isso, basta clicar, no canto superior esquerdo da tela inicial do software, na aba “*File*” (arquivo). Em seguida, o usuário pode escolher entre abrir um arquivo individual (“*Open file(s)*”) ou abrir uma pasta (“*Open Dir.*”). Na sequência, o programa criará uma janela para que o usuário selecione a pasta ou o arquivo desejado. A partir daí, o pesquisador pode utilizar todos os recursos básicos do *AntConc*, cujas principais características são sintetizadas na lista a seguir:

¹⁴⁵ A própria curadoria do *Project Gutenberg* fornece, ao final do e-book em formato HTML, uma lista das inconsistências ortográficas encontradas no original e que foram mantidas na versão digital. Cf. <<http://www.gutenberg.org/files/34811/34811-h/34811-h.htm>>. Acesso em 9 abr. 2018.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3ukHC3fyuc&list=PLiRIDpYmiC0Ta0-Hdvc1D7hG6dmiS_TZj>. Acesso em 10 abr. 2018.

- *Concordance*: nesta aba, o programa gera concordâncias, ou seja: “Uma lista formatada/ordenada de todas as ocorrências de um *item de busca* (palavra/frase) em um *corpus*, geralmente em um formato ‘KWIC’ [sigla em inglês para *keyword in context*, “palavra-chave em contexto”¹⁴⁷], com o termo de busca no centro da página ou tela” (WEISSER: *ibid.*). Daí o nome “concordanciador”;

Figura 3: Aba *concordance* do *AntConc* exibe, em formato KWIC, as linhas de concordância em que ocorre o item de busca “azul”.

- *Concordance plot*: permite visualizar, graficamente, a distribuição do termo buscado ao longo do texto. Cada ocorrência é representada por uma linha preta em um fundo branco, formando uma espécie de “código de barras”;
- *File view*: destaca o termo pesquisado no arquivo de texto como um todo, permitindo obter um contexto maior para a ocorrência buscada;
- *Clusters*: mostra o item de busca combinado com outras palavras que ocorrem com determinada frequência no *corpus*. É possível optar pela quantidade de palavras a serem exibidas (duas ou mais) e por lexemas que se encontram à direita ou à esquerda do item de busca. Os resultados também podem ser exibidos por ordem de frequência, alfabética (pela letra inicial ou final) e de probabilidade;

¹⁴⁷ Neste caso, a denominação “palavra-chave” se refere simplesmente ao termo de busca, e não deve ser confundida com conceito homônimo a ser explicitado mais adiante, quando for apresentada a ferramenta *keyword list* do *AntConc*.

- *Collocates*: enquanto a ferramenta *clusters* exhibe as palavras que efetivamente coocorrem no *corpus*, a aba *collocates* gera uma lista das palavras que, estatisticamente, têm mais probabilidade de coocorrer com o item de busca. Trata-se aqui das associações de palavras com maior “força colocacional” (*collocation strength*). Em outras palavras, a ocorrência da palavra ou expressão A em determinado local aumenta a probabilidade de que a palavra ou expressão B ocorra próxima a ela em relação à probabilidade de que esta ocorra em outro contexto (cf. HARDIE, 2015);
- *Word list*: exhibe todas as palavras do *corpus* por ordem de frequência ou alfabética (pela letra inicial ou final);
- *Keyword list*: permite comparar dois *corpora*, o *corpus* de estudo e um *corpus* de referência. Exhibe uma lista de palavras-chave para o *corpus* de estudo. Os conceitos de *corpus* de referência e de palavra-chave serão explicados mais adiante.

Neste capítulo, limito-me a descrever mais detidamente as ferramentas que foram mais úteis para esta pesquisa, a saber, os recursos *word list* e *keyword list*. Aos interessados em saber mais sobre as demais funcionalidades do programa, na página do projeto COMET (*Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução*), da FFLCH/USP, encontram-se instruções detalhadas de uso de todos os recursos supracitados, em língua portuguesa¹⁴⁸.

A *word list* foi utilizada, na metodologia adotada neste estudo, para quantificar as todas palavras contidas no *corpus*. Esse número serviria de base, como se verá, à construção dos meus *corpora* de referência, sobre os quais falarei mais adiante. Na aba *word list*, optei por ordenar as ocorrências conforme a frequência com que aparecem nos dois textos que compõem o meu *corpus*. Quando se opta pelo critério da frequência, o usuário vê três colunas na tela, da esquerda para a direita: “*Rank*” (classificação), “*Freq.*” (frequência) e “*Word*” (palavra). A primeira delas mostra em que posição da lista se encontra determinada palavra. Geralmente, a palavra mais frequente do *corpus* ocupa a primeira posição, mas o pesquisador também pode optar por inverter essa ordem, de maneira que a palavra menos frequente seja exibida no topo. Na coluna central, encontra-se o número de ocorrências das palavras e, por fim, na última coluna, leem-se as palavras presentes no *corpus*, como se vê na imagem a seguir:

¹⁴⁸Cf. <http://comet.fflch.usp.br/sites/comet.fflch.usp.br/files/u30/AntConc_Instala%C3%A7%C3%A3o%20e%20uso2014.pdf>. Acesso em 16 jun. 2018.

Figura 4: Word list (de acordo com a frequência) e número de *types* e *tokens* no *corpus* alemão.

Como indicam as setas na figura 2, no *corpus* alemão, foram contabilizados 24.904 *types* e 228.526 *tokens*. O número de *types* corresponde à quantidade de palavras diferentes que existem em um *corpus*. O número de *tokens*, por sua vez, diz respeito ao total de palavras presentes no *corpus*. É a quantidade de *tokens* que determina o tamanho do *corpus* pesquisado. Assim, mesmo que haja mais de nove mil ocorrências (*tokens*) da palavra *und*, por exemplo, esta conta como apenas um *type*.

O que chama atenção na lista de palavras do *corpus* alemão é a predominância dos chamados vocábulos gramaticais, como preposições (*in*, *mit*, *zu*, *von*, *auf*), artigos (*die*, *der*, *das*, *dem*, *den*) e pronomes (*er*, *sie*, *sich*, *es*, *ein*, *ich*). A palavra mais frequente no *corpus* é também um vocábulo gramatical: a conjunção “e” (*und*). Essa não é uma característica exclusiva desse *corpus* específico; no *corpus* Duden¹⁴⁹, por exemplo, os vocábulos gramaticais são mais recorrentes do que vocábulos lexicais, isto é, aqueles que possuem um significado próprio (como substantivos, verbos e adjetivos).

¹⁴⁹ Cf. <<https://www.duden.de/sprachwissen/sprachratgeber/Die-haufigsten-Worter-deutschsprachigen-Texten>>. Acesso em 12 abr. 2018.

É possível identificar o mesmo fenômeno no *corpus* em português, que totalizou 20.175 *types* e 234.221 *tokens* (cf. figura 3). Na imagem abaixo, observa-se que, assim como no original em alemão, na tradução brasileira também são mais frequentes vocábulos gramaticais.

Figura 5: Word list (de acordo com a frequência) e número de *types* e *tokens* no *corpus* em português.

Tendo em mãos o total de palavras presentes nos *corpora* em alemão e em português, passei à quantificação dos vocábulos cromáticos propriamente ditos. Inicialmente, esse processo se deu de forma manual, isto é, li ambas as *word lists* na íntegra para compilar todos os vocábulos cromáticos que o *corpus* apresentava. Em um segundo momento, para verificar a precisão do número de ocorrências obtido manualmente, optei por utilizar as chamadas *wildcards* do AntConc.

Wildcards são caracteres especiais que, se incluídos no campo de busca, podem filtrar os resultados de maneiras diferentes. Com o sinal “+”, por exemplo, é possível pesquisar um item de busca acrescido de zero ou um caractere. O símbolo “?”, por sua vez, permite ao programa listar o item de busca acrescido de um único caractere (muito útil em pesquisas em português, já que alguns adjetivos apresentam marcações de gênero, como “vermelho/a”), entre outros. O usuário pode ver uma lista completa desses atalhos e das suas respectivas

funções ao clicar em “*Global settings*”, a segunda aba do canto esquerdo superior na tela inicial. O software abrirá automaticamente uma janela na qual é possível redefinir uma série de configurações do programa, além de consultar as *wildcards*, o último item da lista à esquerda¹⁵⁰.

Em ambos os *corpora*, em português e em alemão, escolhi utilizar a *wildcard* do asterisco (*), que faz o programa listar as ocorrências do item de busca acrescido de zero ou mais caracteres. No que respeita à tradução brasileira, essa opção permitiu ao programa listar todas as flexões de gênero e número de um determinado item pesquisado em uma única consulta, sem a necessidade de realizar buscas individuais para cada flexão. No caso do *corpus* alemão, além das flexões de gênero e número, o asterisco, quando adicionado ao final da palavra, também facilitou o meu trabalho com as declinações de caso (nominativo, acusativo, dativo e genitivo), terminações que mudam de acordo com a função sintática que determinada palavra exerce na oração.

Também optei por inserir um asterisco no início de cada palavra para garantir que o programa coletaria, no *corpus* em português, ocorrências como “avermelhado/a”, “esverdeado/a”, “enegrecido/a” etc. Em alemão, era preciso considerar, além dos eventuais prefixos, os compostos lexicais (*Komposita*). Em vez de construções como “verde claro” ou “azul escuro”, por exemplo, o idioma alemão geralmente apresenta uma forma sintética (um vocábulo composto, na terminologia definida anteriormente), que condensa a cor e a tonalidade em um único item lexical: *Hellgrün* e *Dunkelblau*, respectivamente. No *corpus* alemão, é também marcante a presença de vocábulos compostos nos quais uma cor é justaposta a outra, como em *Graugrün*, que, em português, poderia ser traduzido por “verde acinzentado”, um vocábulo complexo¹⁵¹.

Por esse motivo, nas tabelas a seguir, por dividir as ocorrências encontradas em dois grupos, a fim de evitar repetições. O primeiro grupo, representado na tabela 3, é composto do que chamarei de designações simples, todas as palavras que trazem apenas uma cor em sua configuração morfossintática. A segunda categoria, a que dou o nome de designações mistas,

¹⁵⁰ Para um tutorial (em inglês) sobre o uso de *wildcards* no *AntConc*, cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=ryYKHbPQof8>>. Acesso em 16 abr. 2018.

¹⁵¹ O uso do asterisco também acarretou alguns problemas. No caso da palavra *rot*, por exemplo, designação da cor vermelha em alemão, o programa listou diversas ocorrências de palavras como *Brot* (pão) e *Bankrott*. O mesmo aconteceu com *weiß*, que pode ser não somente a designação da cor branca, mas também a forma da terceira e da primeira pessoa do singular do verbo “saber” (*wissen*). Já no *corpus* em português, um exemplo desse tipo ocorrência é o item *castanh*, que retornou palavras como “castanheiro” e “castanholas”. Para solucionar esses problemas, recorri à aba *concordance*, li todas as linhas de concordância e excluí, manualmente, as ocorrências que não faziam parte do campo lexical que me interessa.

compreende os vocábulos que justapõem mais de uma cor. As ocorrências deste último tipo são listadas na tabela 4.

Os quadros a seguir trazem os resultados em ordem decrescente, de acordo com o número de ocorrências encontradas no *corpus* alemão. Na seção “Anexo 1” desta dissertação, encontram-se tabelas mais completas, das quais constam todas as formas dos vocábulos cromáticos encontrados no *corpus* alemão, divididos em quatro grandes classes morfológicas: substantivos, adjetivos, verbos e participípios. Os substantivos e adjetivos se subdividem nas três categorias definidas para a classificação dos vocábulos no presente trabalho: simples, compostos e complexos. Também nessas tabelas, as ocorrências se encontram organizadas conforme a frequência com que aparecem no *corpus*.

Cor	Nº de ocorrências	Cor	Nº de ocorrências
<i>Rot</i> [vermelho]	186	<i>Grün</i> [verde]	66
<i>Weiß</i> [branco]	184	<i>Gold</i> [dourado]	56
<i>Schwarz</i> ¹⁵² [preto]	127	<i>Blond</i> [loiro]	34
<i>Blau</i> [azul]	106	<i>Silber</i> [prateado]	24
<i>Grau</i> [cinza]	101	<i>Rosig</i> [rosado]	17
<i>Braun</i> [marrom]	88	<i>Lila</i> [lilás]	4
<i>Gelb</i> [amarelo]	68		Total: 1.061

Tabela 3: Designações simples encontradas no *corpus* alemão e os respectivos números de ocorrências.

Cor	Nº de ocorrências	Cor	Nº de ocorrências
<i>goldgelb</i>	13	<i>gelbbraun</i>	1
<i>goldbraun</i>	12	<i>gelbgrün</i>	1
<i>rötlich(-)blond</i>	6	<i>graugrün</i>	1
<i>graublau</i>	5	<i>grauweißlich</i>	1
<i>rotblond</i>	5	<i>rotbräunlich</i>	1
<i>rötlich(-)gelb</i>	3	<i>rotgold</i>	1
<i>grüngelb</i>	2	<i>rötlichbraun</i>	1
<i>rotbraun</i>	2	<i>schwarz-weiß</i>	1
<i>rotgelb</i>	2	<i>schwarzgold</i>	1
<i>silberweiß</i>	2	<i>schwarzgrün</i>	1
<i>blaugrau</i>	1	<i>weißgold</i>	1
<i>blaurot</i>	1	<i>weißgrau</i>	1
<i>braungrau</i>	1		Total: 67

Tabela 4: Designações mistas e seus respectivos números de ocorrências no *corpus* alemão.

¹⁵² Inclui-se aqui uma ocorrência da grafia “swärz”, que se encontra na passagem em que Christian satiriza a maneira como o professor Marcellus Stengel pronuncia “schwarz”.

Como se vê nas tabelas 3 e 4, a pesquisa de *corpus* forneceu, para o texto em alemão, 1.128 ocorrências de vocábulos cromáticos. Os resultados representam, assim, aproximadamente 0,5% do total de *tokens* presentes no *corpus* alemão (228.526), e coincidem com a estimativa de Schumann, que havia contabilizado cerca de 1.200 ocorrências de cores no romance de Mann (cf. SCHUMANN, 2013: 15).

Neste ponto, cabem alguns esclarecimentos acerca da escolha dos vocábulos contemplados neste levantamento. Os dados apresentados nas tabelas acima incluem nomes de comidas e bebidas¹⁵³, como *Rotwein* [vinho tinto], *Rote Grütze* [doce de frutas vermelhas] e *Brauner Kuchen* [bolo marrom], bem como nomes de animais (*Braunbär* [urso pardo] e *Goldfisch* [peixe dourado] e *Kohlweißling* [borboleta branca da couve], por exemplo). Considerei também as ocorrências dos substantivos *Graue Schwester* [irmãs cinza] e *Schwarze* [pretas], que se referem a duas ordens religiosas diferentes, a primeira católica e a segunda, protestante. Os vocábulos cromáticos remetem às cores dos hábitos usados pelas irmãs de cada ordem.

Por outro lado, não foram contabilizados nomes próprios de personagens, como Grünlich (286 ocorrências), Schwarzkopf (48 ocorrências) e Dr. Goldener (3 ocorrências). Também foram desconsideradas muitas ocorrências de *Silber* [prateado] e *Gold* [dourado], pois, em alemão, esses vocábulos podem se referir tanto a cores quanto aos metais preciosos, prata e ouro. A fim de determinar quais vocábulos cromáticos seriam contabilizados neste capítulo, recorri à ferramenta *concordance* do *AntConc*, que permite visualizar as ocorrências em contexto (formato KWIC). Assim, os números da tabela 3 não incluem as ocorrências de *Silberzeug* [prataria], *silberne Hochzeit* [bodas de prata], *Vergoldung* [douração] e *Goldschmiedebuden* [barracas de ourivesaria] etc. Para *Silber* e *Gold*, portanto, foram desconsideradas 24 e 31 ocorrências, respectivamente. Também por esse motivo foi desconsiderada a única ocorrência de *Bronze* [bronze] encontrada no *corpus*.

Os mesmos critérios foram utilizados para a extração de vocábulos cromáticos do *corpus* em português, que forneceu 1.033 ocorrências de palavras desse tipo. Além dos vocábulos indicados na tabela 5, o texto traduzido apresenta 23 ocorrências de vocábulos compostos (hifenizados) e complexos que contêm a palavra “cor” em sua estrutura morfossintática: cor de cinza/cor-de-cinza (6) cor-de-tijolo (2 ocorrências), cor de ouro/cor-de-ouro (2), cor-de-ervilha (2), cor-de-azeitona (2), cor-de-safira (2), cor-de-canela (1), cor-de-rato (1), cor-de-manteiga (1), cor de cânhamo (1), cor-de-café (1), cor-de-azeite (1), cor-

¹⁵³ Schumann afirma não ter considerado esse tipo de ocorrência em seu levantamento (cf. SCHUMANN, 2013: 15, nota de rodapé).

de-trigo (1). Assim como no caso do *corpus* alemão, disponibilizo todas as formas encontradas no *corpus* em português em formato tabelar, nos anexos desta dissertação (Anexo 2).

Cor	Nº de ocorrências	Cor	Nº de ocorrências
branco	143	tinto	15
azul	110	marrom/marron	12
preto	105	rosado	9
vermelho	94	rubro	8
amarelo	71	jalde/jalne	3
verde	63	prateado	3
dourado	56	alabastrina	2
cinza	54	cerúleo	2
castanho	48	lilás	2
alvo	45	roxo	2
loiro/louro	39	opalinas/opalescentes	2
ruivo	38	alaranjadas	1
grisalho	34	fulvo	1
negro	26	morenas	1
pardo	21		Total: 1.010

Tabela 5: Designações simples encontradas no *corpus* em português e os respectivos números de ocorrências.

Devido à grande quantidade de dados obtidos na pesquisa de *corpus* e, uma vez que o objetivo deste trabalho não é realizar uma apreciação detalhada de todos os vocábulos cromáticos encontrados, e sim utilizar os vocábulos cromáticos como um breve exemplo de aplicação do conceito de Equivalência de Koller, optei por criar listas de palavras-chave para o romance em alemão e para a tradução do português. Essas listas possibilitaram a identificação das palavras estatisticamente mais significativas para cada um dos *corpora*, de maneira que uma amostra inicial de mais de 2.000 ocorrências pudesse ser reduzida às cinco palavras de maior chavacidade em cada uma das obras em questão, obtidas mediante os procedimentos a serem descritos no subtópico a seguir.

4.2.3 Compilação dos *corpora* de referência e *keyword list*

O segundo recurso do *AntConc* utilizado por mim foi a ferramenta *keyword list*, que lista as palavras-chave presentes no *corpus*. Conforme Tagnin (2010), palavras-chave são:

[...] resultados da comparação entre o *corpus* de estudo e um *corpus* de referência. Essa comparação elimina palavras com frequência relativa similar nos dois *corpora* de modo que restem as palavras cuja frequência é estatisticamente significativa. As

que restam no *corpus* de estudo são denominadas ‘palavras-chave positivas’, enquanto as que sobram no *corpus* de referência, ‘palavras-chave negativas’ (TAGNIN, 2010: 359).

A chavicidade de determinada palavra é definida, portanto, a partir da comparação do *corpus* de estudo com um *corpus* de referência, que permitirá ao software utilizado descartar as palavras que ocorrem com frequência semelhante nos dois *corpora*, restando assim apenas as palavras estatisticamente mais significativas do *corpus* de estudo. A imagem abaixo mostra que, nos meus *corpora* de estudo, por exemplo, as primeiras posições de ambas as listas de palavras-chave são ocupadas, em sua maioria, por nomes próprios e títulos das personagens do romance.

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates					Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates				
Types Before Cut: 24903		Types After Cut: 20608			Types Before Cut: 20209		Types After Cut: 15519		
Rank	Freq	Keyness	Keyword	Search I	Rank	Freq	Keyness	Keyword	Search I
1	506	1386.393	buddenbrook		1	645	1796.533	buddenbrook	
2	453	1228.030	konsul		2	543	1512.430	tony	
3	421	1205.095	tony		3	542	1464.628	cônsul	
4	294	841.563	thomas		4	586	1139.510	sr	
5	284	812.938	konsulin		5	345	960.936	thomas	
6	269	770.001	permaneder		6	303	843.953	christian	
7	256	720.241	grünlich		7	303	843.953	hanno	
8	262	718.750	christian		8	298	830.026	consulesa	
9	238	681.265	senator		9	294	818.885	permaneder	
10	217	621.153	hanno		10	290	807.743	grünlich	
11	209	598.254	tom		11	301	671.699	senador	
12	3237	541.589	mit		12	190	529.211	gerda	
13	164	469.443	gerda		13	168	467.934	johann	
14	170	443.940	johann		14	157	377.835	firma	
15	131	355.316	ida		15	160	375.299	ida	
16	9581	328.122	und		16	254	372.020	tom	
17	110	314.870	buddenbrooks		17	120	334.239	hagenström	
18	99	283.383	jungmann		18	118	328.668	kröger	
19	93	255.679	erika		19	169	319.096	sra	
20	87	249.034	hagenström		20	261	317.314	durante	

Figura 6: Primeiras posições das listas de palavras-chave em alemão e em português, respectivamente.

Para que a comparação entre os *corpora* forneça resultados precisos, o *corpus* de referência deverá ser consideravelmente maior do que o *corpus* de estudo (considerando-se o número de *tokens*, isto é, o total de palavras nele contidas). Do artigo *A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras-chave usando o programa computacional Wordsmith Tools* (2005), em que o autor Berber Sardinha compara o número de palavras-chave obtido com *corpora* de referência de tamanhos diferentes, conclui-se que *corpora* de referência duas, três e cinco vezes maiores do que o *corpus* de estudo fornecem um número maior de palavras-chave, como se vê no seguinte trecho:

Numericamente, há uma tendência de cerca de 7% do vocabulário do *corpus* ser palavras-chave em um *corpus* de estudo, se o seu *corpus* de referência tiver o dobro do seu tamanho. Com um *corpus* de referência que é 3 ou 4 vezes maior, por volta de 9% das palavras do *corpus* de estudo tenderão a ser chave; e com um *corpus* de referência 5 vezes maior ou mais, por volta de 14% do vocabulário do *corpus* de estudo tenderá a se constituir de palavras-chave (BERBER SARDINHA, 2005: 197).

Com base no número de *tokens* presentes nos *corpora* de estudo em alemão e em português – respectivamente 228.526 e 234.221 – passei, então, à compilação dos meus *corpora* de referência.

Para o *corpus* alemão, recorri à página do Projeto DWDS (sigla para *Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache* [Dicionário Digital da Língua Alemã]) do *Institut für Deutsche Sprache* (IDS) de Mannheim, Alemanha. Além de disponibilizar um dicionário virtual de língua alemã, o projeto também permite o acesso a 12 *corpora* diferentes, incluindo *corpora* de referência de três períodos distintos: *DWDS-Kernkorpus* (1900–1999), *DWDS-Kernkorpus 21* (2000–2010) e *Deutsches Textarchiv* (1473–1927). Todos os três *corpora* permitem ao usuário realizar o download dos textos já em formato “.txt”.

Considerando-se que a geração de uma lista de palavras-chave tem a função de eliminar da pesquisa as palavras que têm uma frequência muito similar no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência, optei por compilar um *corpus* de referência que fosse o mais contemporâneo possível à edição alemã de *Buddenbrooks* utilizada nesta dissertação, publicada em 1909. Por isso, escolhi o *Deutsches Textarchiv* como fonte e incorporei ao meu *corpus* de referência apenas obras publicadas em um intervalo de no máximo 50 anos antes do lançamento do romance de Thomas Mann, ou seja, entre 1859 e 1909. Também com o intuito de tornar o *corpus* de referência o mais comparável possível ao *corpus* de estudo, selecionei exclusivamente textos literários para a composição do meu *corpus* de referência.

Na página do *Deutsches Textarchiv*, é possível realizar buscas por palavras ou expressões em todos os textos do *corpus*, e o usuário pode filtrar sua pesquisa de acordo com data de publicação, intervalo de tempo, autor e/ou gênero textual específicos. Para fazer buscas refinadas no site, basta utilizar alguns códigos e caracteres especiais¹⁵⁴. Quem deseja encontrar determinada palavra em textos publicados entre 1859 e 1909, por exemplo, só precisa inserir na barra de busca do site o item de pesquisa, acompanhado de “#less_by_date[1859,1909]”.

¹⁵⁴Para instruções (em alemão) sobre como fazer buscas refinadas no *Deutsches Textarchiv*: <http://deustextarchiv.de/doku/DDC-suche_hilfe#inhaltliche_kon0>. Acesso em 28 abr. 2018.

Já para pesquisas conforme o gênero textual, deve-se inserir o item de busca junto do seguinte código: “#has[textClassDTA,/Belletristik/]”. Entre as barras, é indicado o gênero textual desejado. O próprio site apresenta uma lista das nomenclaturas dos respectivos gêneros textuais e dos subgêneros pertencentes a cada categoria¹⁵⁵. À categoria *Belletristik*, que abarca os textos literários, pertencem gêneros textuais como drama, epopeia, novela, romance, (auto)biografia, literatura infanto-juvenil e literatura de viagem. Novamente, a fim de tornar meu *corpus* de referência tão comparável ao *corpus* de estudo quanto possível, optei por selecionar apenas romances.

Visto que, para a montagem do *corpus* de referência aqui descrito, não buscava uma palavra ou expressão em particular, optei por realizar buscas pela palavra mais frequente no *corpus* de estudo: a conjunção *und* (“e”, em alemão). Isso me permitiu encontrar uma grande quantidade de textos, uma vez que esse é um vocábulo gramatical muito frequente na língua alemã. Assim, para compilar meu *corpus* de referência, inseri na barra de busca as seguintes palavras: “und #less_by_date[1859,1909] #has[textClassDTA,/Belletristik::Roman]”.

Tal pesquisa produziu um grande número de resultados e, inicialmente, minha intenção era compilar um *corpus* de referência cinco vezes maior do que o meu *corpus* de estudo, pois, de acordo com Berber Sardinha (2005: 196): “Um *corpus* de referência cinco vezes maior (em relação ao número de *tokens*) que o de estudo permite extrair um número maior de palavras-chave do que corpora de referência menores”, o que possibilitaria uma interpretação mais acurada dos resultados. No entanto, por questões que serão abordadas mais adiante, foi necessário reduzir o tamanho do *corpus* de referência alemão, que resultou aproximadamente 3,18 vezes maior do que o *corpus* de estudo, totalizando 727.593 *tokens*, como se vê na tabela abaixo:

<i>Corpora</i> (AL)	Número de <i>types</i>	Número de <i>tokens</i>
De estudo	24.904	228.526
De referência	54.063	727.593

Tabela 6: Comparação dos números de *types* e *tokens* nos *corpora* de estudo e de referência em alemão.

Já na tabela seguinte, apresento os oito romances do século XIX – publicados em um intervalo de, no máximo, quarenta anos antes do lançamento da edição de 1909 de *Buddenbrooks* – que compõem o *corpus* de referência alemão compilado por mim e o número de *tokens* correspondente a cada uma dessas obras. O número de *tokens* foi obtido por meio da ferramenta *word list* do *AntConc*.

¹⁵⁵ Cf. <<http://deutschestextarchiv.de/doku/klassifikation>>. Acesso em 14 mai. 2018.

Corpus de referência (AL) – Romances alemães do século XIX	
Arquivo/obra	Número de palavras (<i>tokens</i>)
<i>Stilpe. Ein Roman aus der Froschperspektive</i> (1897) - Otto Julius Bierbaum	59.465
<i>Adam Mensch</i> (1889) - Hermann Conradi	94.538
<i>Effi Briest</i> (1896) - Theodor Fontane	96.265
<i>Irrungen, Wirrungen</i> (1888) - Theodor Fontane	52.011
<i>Auf zwei Planeten</i> (1897) - Kurd Laßwitz	61.491
<i>Die Akten des Vogelsangs</i> (1896) - Wilhelm Raabe	63.742
<i>Stopfkuchen</i> (1891) - Wilhelm Raabe	92.848
<i>Die letzte Reckenburgerin</i> (1871) - Louise von François	207.233
	Total: 727.593

Tabela 7: Composição do *corpus* de referência alemão e a distribuição do número de *tokens* nas obras selecionadas.

Uma vez compilado o *corpus* de referência alemão, passei à construção do meu *corpus* de referência em português. Nessa etapa, contei com a ajuda de Nilson Roberto Barros da Silva, que compilou, para sua tese de doutorado, um *corpus* de referência com romances brasileiros do século XIX. Nilson utilizou textos disponibilizados pelo *Portal Domínio Público*, uma biblioteca digital que dispõe de um acervo “composto, em sua grande maioria, por obras que se encontram em domínio público ou obras que contam com a devida licença por parte dos titulares dos direitos autorais pendentes” (HADDAD, [s.a.]). O usuário pode fazer o download das obras gratuitamente, em formato PDF. Na página, é possível encontrar textos de diversas áreas do conhecimento e em diferentes idiomas, bem como fazer buscas por um autor ou título específico.

Muito gentilmente, Nilson me cedeu o *corpus* utilizado por ele, que continha 338.709 palavras (cf. SILVA, 2015: 90), o que corresponde a um *corpus* aproximadamente 44% maior do que o meu *corpus* de estudo em português, composto de 234.221 *tokens*. Porém, tendo em vista que, segundo Berber Sardinha (2005: 197), *corpora* de referência duas, três ou cinco vezes maiores do que o *corpus* de estudo fornecem um número maior de palavras-chave, o *corpus* disponibilizado por Nilson teria de ser expandido. Ademais, para que os *corpora* de referência em alemão e português fossem comparáveis, seria também necessário observar a data de publicação das obras que viessem a integrar o *corpus* de referência em português, uma

vez que o *corpus* de referência alemão é relativamente contemporâneo à publicação do romance original.

Tais circunstâncias me levaram, então, a acrescentar outras obras ao *corpus* de Nilson, bem como a descartar dois romances (*O cortiço* e *Os retirantes*), por não estarem inseridos no período de 50 anos antes ou depois da publicação da primeira edição d’*Os Buddenbrook* no Brasil, o mesmo intervalo definido para o *corpus* de referência alemão. Todos os romances utilizados por mim também foram retirados do *Portal Domínio Público*¹⁵⁶. Na barra de busca, escolhi a categoria “Literatura” e, a partir daí, selecionei manualmente obras que se encaixavam no período desejado. Foram necessárias algumas consultas à Internet para descobrir o ano correto de publicação das obras e para me certificar, por um lado, de que realmente se tratava de romances e, por outro, de que os autores eram mesmo brasileiros, visto que há muitas obras de autores portugueses disponíveis no site.

Uma das dificuldades encontradas nessa etapa foi determinar a data de publicação dos e-books disponibilizados no *Portal Domínio Público*, pois os documentos em PDF não fazem referência à edição que foi tomada por base e, em alguns casos, também não foi possível determinar a fonte por outros meios (consultando o site das instituições que disponibilizaram os e-books, por exemplo) para garantir que a edição utilizada se inserisse no intervalo de tempo correto. Por isso, optei por selecionar obras cuja primeira edição datasse de até cinquenta anos antes da publicação da tradução d’*Os Buddenbrook*, ou seja, até 1892. Também consultei a página Wikipédia para me informar a respeito das datas de nascimento e morte dos autores, a fim de me certificar de que a data aproximada de publicação dos livros estivesse dentro do intervalo-limite.

A data de publicação foi outro obstáculo encontrado durante a construção do *corpus* de referência em português. Segundo a legislação brasileira¹⁵⁷, uma obra só entra em domínio público após 70 anos da morte do autor, de modo que foi difícil encontrar obras de escritores brasileiros que pudessem integrar meu *corpus* de referência. Também por essa razão optei por incluir ao *corpus* uma obra que não se insere exatamente no gênero textual romance, a saber, o primeiro volume do livro *Os Sertões*, que mescla prosa jornalística e prosa ficcional. Com a incorporação da obra de Euclides da Cunha, foi atingido o número de *tokens* necessários para a obtenção de um *corpus* de referência três vezes maior do que o *corpus* de estudo.

¹⁵⁶ À exceção do romance *A profissão de Jacques Pedreira*, de Paulo Barreto, que foi encontrado no endereço: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/paulo_barreto2.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

¹⁵⁷ Artigo 41º da lei nº 9.610 (19 de fevereiro de 1998) (cf. BRASIL, 1998).

De posse de todos os documentos em PDF, foi necessário somente copiar e colar os textos no programa *Notepad++* (bloco de notas) e salvar os arquivos no formato “.txt”. Isso me permitiu, como no caso do *corpus* alemão, quantificar o número de *tokens* com o auxílio da ferramenta *word list*, no *AntConc*, que contabilizou um total de 708.647 palavras no *corpus* de referência em português, cerca de 3,02 vezes maior do que o *corpus* de estudo em relação ao número de *tokens*, como mostra a tabela abaixo:

<i>Corpora</i> (PT)	Número de <i>types</i>	Número de <i>tokens</i>
De estudo	20.175	234.221
De referência	47.449	708.647

Tabela 8: Comparação dos números de *types* e *tokens* nos *corpora* de estudo e de referência em português.

Já na tabela a seguir, apresento a relação das doze obras selecionadas para a composição do meu *corpus* de referência em português, acompanhados dos respectivos números de *tokens*.

<i>Corpus</i> de referência (PT) – Romances brasileiros do fim do século XIX e início do XX	
Arquivo/obra	Nº de palavras (<i>tokens</i>)
<i>A normalista</i> (1893) – Adolfo Caminha	61.181
<i>O bom-crioulo</i> (1895) – Adolfo Caminha	36.244
<i>A conquista</i> (1899) – Coelho Neto	90.527
<i>O turbilhão</i> (1906) – Coelho Neto	71.641
<i>Os sertões</i> (v. 1) (1902) – Euclides da Cunha	72.575
<i>A profissão de Jacques Pedreira</i> (1911) – Paulo Barreto	49.957
<i>Os bruzundangas</i> (1922) – Lima Barreto	41.587
<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> (1915) – Lima Barreto	66.371
<i>Dom Casmurro</i> (1899) – Machado de Assis	66.826
<i>Esaú e Jacó</i> (1904) – Machado de Assis	72.513
<i>O príncipe de Nassau</i> (1945) – Paulo Setúbal	51.505
<i>Os irmãos Leme</i> (1950) – Paulo Setúbal	27.720
	Total: 708.647

Tabela 9: Composição do *corpus* de referência em português e a distribuição do número de *tokens* nas obras selecionadas.

Como vimos, devido à dificuldade de encontrar obras publicadas até 50 anos antes ou depois da tradução de *Buddenbrooks*, o *corpus* de referência em português resultou pouco mais de três vezes maior do que o *corpus* de estudo. As dimensões do *corpus* de referência em português me levaram, então, a reformular o *corpus* de referência alemão que, como mencionei anteriormente, deveria ser cinco vezes maior do que o *corpus* principal. O primeiro *corpus* de referência alemão compilado por mim continha 1.498.201 palavras, mas, para que os *corpora* de referência fossem comparáveis, esse *corpus* inicial teve de ser proporcionalmente reduzido até atingir as dimensões indicadas na tabela 6.

Uma vez ajustado o tamanho dos *corpora* de referência nas duas línguas, a etapa seguinte consistiu na revisão e correção desses documentos. Em especial no *corpus* de referência alemão, havia muitas inconsistências na ortografia dos textos, como, por exemplo, a utilização de *oe* e *ue* em vez de *ö* e *ü*, como grafados no original alemão. Além disso, também havia uma grande quantidade de palavras hifenizadas, o que pode afetar os resultados da lista de palavras-chave. Tanto a revisão quanto a correção foram realizadas manualmente, apenas com o auxílio do *Microsoft Word*, de modo que essa etapa também demandou muito tempo.

Para carregar um *corpus* de referência no programa *AntConc*, o usuário deve clicar na aba “*Tool preferences*”, que abrirá uma janela em que consta o item “*Reference corpus*”. Para subir os arquivos, deve-se clicar em “*Add directory*” ou “*Add files*”, a depender se se deseja carregar uma pasta inteira ou arquivos individuais, respectivamente, e, em seguida, clicar em “*Load*”. Então, é preciso aguardar que a barra de carregamento fique totalmente verde e que apareça a palavra “*Loaded*”, à esquerda. Por fim, basta clicar em “*Apply*” para então utilizar a ferramenta *keyword list*.

Realizei esse processo duas vezes, uma para a língua de partida e outra para a língua de chegada, e com isso obtive duas listas de palavras-chave, uma para o romance em alemão e outra para a tradução brasileira, respectivamente. Ambas as listas foram geradas a partir da estatística de comparação *log-likelihood*, opção padrão do *AntConc*. Finalmente, extraí dessas duas listas os vocábulos cromáticos de maior chavacidade para as respectivas obras. Esse processo também foi feito manualmente e demandou certo tempo, pois foi necessário ler ambas as listas na íntegra para coletar as palavras-chave que pertenciam ao grupo lexical que me interessa.

A geração das listas de palavra-chave corresponde à última etapa da metodologia em que foi utilizado o *AntConc*. Nas etapas subsequentes, recorri a um segundo software de Linguística de *Corpus*, o *AntPConc*, um concordanciador concebido especificamente para a

análise de *corpora* paralelos. O funcionamento e as propriedades desse programa serão descritos no próximo subitem.

4.2.4 Alinhamento dos *corpora* e o software *AntPConc*

A expressão “*corpora* paralelos”, utilizada há pouco, designa um *corpus* “constituído de originais e suas respectivas traduções” (TAGNIN, 2010: 358). Como afirma Olohan (2004: 25): “Usuários de *corpora* paralelos estão frequentemente interessados em recuperar ocorrências de construções lexicais ou gramaticais na língua-fonte juntamente com as suas traduções”. Para facilitar o trabalho com esse tipo de dado, a Linguística de *Corpus* dispõe de softwares que possibilitam o **alinhamento** dos textos do *corpus* paralelo. Resumidamente, o alinhamento consiste no:

[...] processo semiautomático pelo qual são colocados lado a lado o original e uma ou mais de suas traduções. Por ora, o alinhamento pode ser feito por parágrafo ou por sentença. Diz-se que o processo é semiautomático porque, embora o primeiro alinhamento seja feito de modo automático, ele exige uma revisão manual (TAGNIN, 2010: 357).

Em minha pesquisa, no entanto, recorri a um software que não realiza o alinhamento automaticamente. Optei pelo *AntPConc* (versão 1.2.1) devido à facilidade de sua utilização, que, assim como o *AntConc*, oferece uma interface muito amigável e um layout claro. Também criado por Laurence Anthony e disponibilizado gratuitamente na página do desenvolvedor¹⁵⁸, o *AntPConc* possui apenas uma funcionalidade: é um concordanciador para *corpora* paralelos, o que significa que as linhas de concordância de determinado item de busca em um texto A são exibidas paralelamente às linhas de concordância correspondentes no texto B, como se vê na figura 4:

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antpconc/>>. Acesso em 5 jun. 2018.

AntPConc
File Help

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Show Nth Entry 1 Search Corpus ☒ Corpus 1 ☐ Corpus 2

bläulich*

Context Size 20 words

Sort 1: CEN Sort 2: 1R Sort 3: 2R

Sort Page Size

Target: Corpus 1 Hits: 29 100% Font Size

KWIC

Line	Corpus 1	Corpus 2
1	ch die drei Kerzen, die in silbernen Leuchtern auf der Tafel standen, alsbald entzündete.	bläulich, mit Firmenstempeln versehene Geschäftsbriefe und abgegriffene, hie und da €
2	hann sah mehr, als er sehen sollte, und seine Augen, diese schüchternen, goldbraunen, bläulich umschatteten Augen beobachteten zu gut. Er sah nicht nur die sichere Liebens	inn stand in seiner dicken Seemannsjacke mit goldenen Knöpfen neben ihm, hielt seine bläulich umschatteten Augen zu Boden gesenkt, ohne irgend jemanden anzublicken, ur
3	, mit demselben grüblerischen und nach innen gekehrten Blick, den seine goldbraunen, bläulich umschatteten Augen an der Leiche seiner Großmutter, beim Tode seines Vaters	leine Johann startete auf Hans Hermann Kilians breiten Rücken, und seine goldbraunen, bläulich umschatteten Augen waren ganz voll von Abscheu, Widerstand und Furcht ...
4	nt und das schöne, weiße Gesicht nach oben gewandt, ihre nahe beieinanderliegenden, bläulich umschatteten, seltsam schimmernden Augen von den flimmernden Glasprisme	nt und das schöne, weiße Gesicht nach oben gewandt, ihre nahe beieinanderliegenden, bläulich umschatteten, seltsam schimmernden Augen von den flimmernden Glasprisme
5	Unter dem schneeweißen Toupet waren auf Lebrecht Krögers Stirn zwei bläuliche Adern in besorgniserregender Weise geschwollen, und während die eine seine	die Wangen glühen nicht mehr wie zu Anfang rot vor Fieberhitze, sondern haben eine bläuliche Färbung angenommen. Die linsengroßen, roten Flecke auf der Brust und dem
6	Diese Hände, deren schön gepflegte ovale Fingernägel dazu neigten, eine bläuliche Färbung zu zeigen, konnten in gewissen Augenblicken, in gewissen, ein wenig	» Gesicht, und in den Winkeln der nahe beieinander liegenden braunen Augen lagerten bläuliche Schatten.
7		Reference
1	No centro da pequena peça com tapeçarias escuras, salpicadas de flores, achava-se uma mesa bastante grande, retangular e forrada de verde. Lá fora, a chuva aumentara. A escuridão estava tão grande que o sr. Grünlich acendeu logo as três velas que havia sobre a mesa em castiçais de prata. No pano verde encontravam-se cartas comerciais, azuladas, timbradas com o nome da firma e documentos gastos pelo uso, com rasgos em toda a parte, cobertos de algarismos e de assinaturas. Além disso, via-se um livro Caixa volumoso e uma combinação de tinteiro e areeiro de metal, onde se ergavam uma porção de lapis e penas de ganço bem aparadas.	
2	Mas o pequeno Johann via mais do que devia ver; seus olhos, esses olhos tímidos, castanhos e orlados de sombras azuladas observavam demasiado bem. Não somente via a amabilidade certa que o pai irradiava para todos; via também — o quanto era difícil fazê-la; via como o pai, após cada visita, se tornava mais tático e pálido, como, de olhos cerrados e pálpebras avermelhadas, se recostava contra o canto da carruagem; com o coração horrorizado notava como, no limiar da casa seguinte, deslizava uma máscara por sobre esse mesmo rosto, e como, sempre de novo, uma elasticidade repentina se apoderava desse corpo fatigado...	
3	Houve um desfile demorado. Christian Buddenbrook recebia todos os testemunhos de pêsames com aquela expressão meio-diatralda, meio-embaraçada que lhe era peculiar em ocasião de solenidades. O pequeno Johann quedava-se a seu lado, na sua espessa jaqueta de marujo. Mantinha dirigidos para o chão os olhos orlados por sombras azuladas, sem encarar ninguém. Com um trejeito melindroso, inclinava a cabeça para trás, de encontro ao vento.	
	Chorou amargamente quando chegou a hora em que teve de dizer adeus ao pequeno Johann, este abraçou-a. Depois juntou as mãos nas costas. Apoiou-se numa perna, enquanto balançava a	

Figura 7: Tela inicial do AntPConc, que mostra as linhas de concordância de *bläulich** em alemão (acima, em vermelho) e as respectivas linhas de concordância em português (abaixo).

Visto que o programa não realiza o alinhamento automaticamente, foi preciso reformatar os textos originais para que as linhas de concordância em ambas as línguas coincidissem, ou seja, para garantir que o vocábulo cromático se encontrasse no mesmo fragmento de texto, tanto no romance original quanto na tradução. Sempre que possível, seccionei o texto em parágrafos, mas, como tomei por base a estruturação do texto em alemão – e Thomas Mann é conhecido por escrever parágrafos longos –, por vezes foi necessário dividir os parágrafos em conjuntos menores de orações. Realizei o alinhamento manualmente, utilizando como orientação a régua lateral do programa *Notepad++* (bloco de notas), que exhibe o número das linhas do arquivo de texto.

Uma vez concluído o alinhamento, pude carregar os arquivos no programa. Para isso, basta clicar em “*Files*” (canto esquerdo superior) e, quando o menu surgir na tela, em “*Build/Edit corpus*”. Com isso, abrir-se-á uma nova janela, onde o usuário pode adicionar quantos *corpora* desejar, clicando em “*Add corpus*” e, em seguida, selecionando o arquivo (ou conjunto de arquivos) de texto. Para adicionar o segundo *corpus*, basta clicar novamente em “*Add corpus*” e repetir o processo. O programa abrirá uma segunda aba, com o título “*Corpus 2*” (mas o usuário também pode renomear os *corpora* como desejar). O mesmo procedimento deve ser seguido se for necessário carregar mais de dois *corpora* ao programa. No meu caso, o *Corpus 1* corresponde ao texto em alemão e o *Corpus 2*, à tradução brasileira (cf. figura 4).

A partir daí, basta inserir na barra de busca a palavra ou construção que se pretende pesquisar (é possível inclusive utilizar os mesmos caracteres especiais – *wildcards* – do *AntConc* para refinar suas buscas). Há a opção de fazer buscas em qualquer um dos *corpora* carregados para o software, de modo que, para quem trabalha com apenas dois textos, as pesquisas podem ser feitas nas duas direções: do texto-fonte para o texto-alvo ou vice-versa. Para alterar o texto em que se quer fazer a busca, só é preciso selecionar o *corpus* desejado, à direita do botão “*Search corpus*”.

Nessa última etapa da pesquisa, o *AntPConc* foi utilizado, principalmente, com a finalidade de facilitar a visualização das ocorrências em ambas as línguas, mas também recorri ao programa a fim de me certificar de que nenhum vocábulo cromático havia passado despercebido durante as minhas pesquisas com o *AntConc*. Realizei buscas nas duas direções: do alemão para o português e do português para o alemão. O *AntPConc* me permitiu, por um lado, confirmar se havia coletado todas as possíveis traduções de um mesmo vocábulo cromático em português e, por outro lado, verificar se não havia ignorado nenhum vocábulo cromático alemão por desconhecimento da palavra ou expressão na língua de partida.

Encerro este capítulo, portanto, com uma avaliação positiva dos programas usados neste trabalho. Além de terem poupado tempo e esforço, os softwares escolhidos – vale lembrar: ferramentas muito simples e gratuitas – forneceram dados quantitativos muito mais precisos do que um exame “a olho nu” dos *corpora* teria possibilitado. No que diz respeito a aspectos qualitativos, sem tais recursos, seria impossível definir, por exemplo, a chavicidade das palavras no *corpus*. Nesse sentido, a Linguística de *Corpus* de fato se comprovou – para além de uma metodologia – uma abordagem que pode ser uma grande aliada na pesquisa em tradução.

No capítulo a seguir, serão apresentados os resultados que as ferramentas de Linguística de *Corpus* possibilitaram à minha pesquisa. Como se verá, alguns dos dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio da metodologia descrita nesta seção constituem o material empírico com base no qual procurarei demonstrar, a título de exemplo, de que maneira a Equivalência de Koller pode ser utilizada como um conceito de caráter operacional.

5 EXEMPLO DE APLICAÇÃO

Encerrei o capítulo terceiro desta dissertação com a proposta de repensar a Equivalência de Koller, adotando-a não como uma noção de natureza epistemológica, mas como um conceito operacional. Em alguns momentos da teorização sobre tradução, a equivalência foi apresentada como um conceito que remetia a uma suposta “essência” do ato tradutório. O que chamo aqui de noção tradicional de equivalência, portanto, era vista como uma espécie de presença “metafísica” pela qual os tradutores deveriam buscar a fim de solucionar todos os problemas práticos ensejados pela tradução. Como vimos ao longo deste capítulo, essa visão epistemológica da equivalência está diretamente ligada a concepções universalistas de língua e tradução.

No entanto, se é verdade que, na prática, tradutores e pesquisadores da tradução não raro lançam mão da noção de equivalência como forma de orientar e justificar suas decisões tradutórias, então esse conceito é relevante no plano pragmático, na medida em que há um uso para ele. É a partir dessa perspectiva que proponho, neste capítulo, discutir alguns aspectos da Equivalência de Koller que, a meu ver, apontam para a possibilidade de operacionalização do conceito idealizado pelo autor.

Para isso, nas páginas a seguir, a reflexão sobre a Equivalência é desenvolvida à luz de dois textos empíricos. O *corpus* é composto de dois romances: *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), de Thomas Mann, e sua tradução para o português, *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942), de autoria de Herbert Caro. As principais características dos textos selecionados e a metodologia seguida na compilação do *corpus* em questão foram tema do capítulo quarto desta dissertação. Como exposto nesse mesmo capítulo, o recorte escolhido para a demonstração foram as soluções de tradução encontradas por Caro para os vocábulos cromáticos no romance alemão.

Contudo, como foi assinalado no terceiro capítulo desta dissertação, a tipologia de Koller não é um instrumental de análise, e sim um instrumental teórico que possibilita ao tradutor embasar e justificar as decisões que toma em sua prática profissional, e, ao pesquisador da tradução, desvendar as escolhas feitas por tradutores. Daí advém o caráter eminentemente teórico da presente pesquisa, que consiste, fundamentalmente, na reconsideração da obra do teórico sob uma perspectiva antiuniversalista.

Diante disso, explicações totalizantes e uma análise crítica do *corpus* de estudo só seriam viáveis mediante a junção do instrumental desenvolvido neste trabalho com outras matrizes, de caráter literário ou simbólico. Nesse sentido, as considerações a serem tecidas aqui não pretendem dar respostas definitivas sobre o romance alemão e sua tradução para o português, e devem ser vistas como um convite à reflexão e, por que não, como material de análise para pesquisas futuras (bem como as tabelas disponibilizadas nos anexos desta dissertação). Assim, admitida a inadequação do modelo de Koller a propósitos analíticos, neste capítulo, limito-me a considerações de caráter estritamente exemplar, a fim de ancorar a discussão, até aqui feita no plano teórico, em um material empírico.

Neste capítulo, parto do mais geral para o mais específico. Em primeiro lugar, discorro brevemente sobre as cinco cores de maior chavidade encontradas no romance alemão e na sua tradução para o português. À vista da grande quantidade de vocábulos cromáticos encontrados em ambos os *corpora*, uma aplicação exaustiva da tipologia de Koller a totalidade das ocorrências ultrapassaria o escopo desta dissertação. Dessa maneira, a chavidade foi adotada como critério de seleção das ocorrências a serem contempladas aqui. Nas páginas a seguir, retomo sinteticamente o conceito de palavra-chave, apresentado no quarto capítulo desta dissertação, e teço algumas considerações preliminares a respeito das diferenças encontradas entre as listas de palavras-chave de cada *corpus*.

Em seguida, ocupo-me mais extensamente dos vocábulos cromáticos que figuram na primeira posição das listas de palavras-chave em alemão e em português, respectivamente: *braunen* [“marrom(ns)”] e “azuladas”. Embora sejam apresentadas aos leitores todas as ocorrências desses dois vocábulos cromáticos, apenas alguns exemplos dessas ocorrências servem de base às considerações tecidas neste capítulo. A partir deles, faço também alguns desdobramentos que, ainda que nem sempre estejam diretamente ligados à questão das cores, são relevantes para o tema aqui discutido e para os textos que servem de *corpus* a este trabalho.

No meu entender, as ocorrências abordadas neste capítulo são representativas de algumas das questões teóricas discutidas até aqui e serão suficientes para o encaminhamento da reflexão proposta nesta dissertação. Também para não exceder o escopo deste trabalho, optei por me ater apenas às formas flexionadas de ambos os vocábulos. Em *braunen*, portanto, foi mantida a declinação *en*, e em “azuladas”, a flexão de plural e gênero feminino.

Dito isso, passemos aos dados. Na tabela 10, na página a seguir, os resultados encontram-se divididos em duas colunas principais: à esquerda estão os resultados da lista de palavras-chave do *corpus* em alemão, e à direita, em português. Cada uma dessas colunas é,

então, dividida em três: à esquerda, temos a posição do lexema entre as listas de palavras-chave, no centro, o vocábulo cromático em si, e à direita, o número de vezes que essa palavra aparece no *corpus*.

ALEMÃO			PORTUGUÊS		
Posição na lista	Cor	Número de ocorrências	Posição na lista	Cor	Número de ocorrências
110	<i>braunen</i> [marrom(ns)]	41	161	azuladas	23
155	<i>weißen</i> [branco/a(s)]	71	202	loiro	24
178	<i>grauen</i> [cinza(s)]	40	226	castanhos	28
305	<i>schwarzen</i> [preto/a(s)]	56	259	vermelho	35
312	<i>dunkelroten</i> [vermelho escuro(s)]	10	346	tinto	15

Tabela 10: Listas de palavras-chave nos *corpora* de estudo em alemão e em português.

É interessante observar, primeiramente, que os números referentes à frequência e à chavidade muitas vezes não coincidem. Isso se deve ao fato de que uma palavra muito frequente em um texto (ou conjunto de textos) não necessariamente será estatisticamente significativa para esse *corpus* específico, em comparação ao *corpus* de referência. Se relembrarmos as figuras 4 e 5 do capítulo anterior, observa-se que as palavras mais frequentes em ambos os *corpora*, em alemão e português, são vocábulos gramaticais, ou seja, artigos, preposições e pronomes, por exemplo. Como vimos no mesmo capítulo, essas palavras são mais frequentes não somente nos *corpora* utilizados nesta pesquisa, mas nas línguas em geral. Isso significa que, no momento em que comparamos o *corpus* principal a um *corpus* de referência, tais vocábulos gramaticais não se sobressaem estatisticamente, pois são muito frequentes tanto no *corpus* principal quanto no de referência.

Diferentemente das palavras mais frequentes, portanto, as palavras-chave são aquelas cujo uso é mais marcado naquele *corpus* em particular. Por isso, na figura 6, também no capítulo anterior, vemos que há uma presença marcante dos nomes próprios das personagens do romance, que se destacam na comparação com o *corpus* de referência por serem específicas do *corpus* de estudo em questão. Dessa maneira, da tabela 10, constam os vocábulos cromáticos cujo uso é mais marcado em *Buddenbrooks* e na sua tradução, em comparação aos respectivos *corpora* de referência.

A lista de palavras-chave é, assim, um importante indicativo das especificidades de determinado *corpus*. Neste estudo, um exemplo ilustrativo desse fato é o que ocorreu com as palavras-chave em português. Inicialmente, a palavra “azues”, grafada exatamente desta forma, figurava como a expressão cromática de maior chavicidade no romance traduzido, na posição 143 da lista de palavras-chave. Logo presumi que a importância estatística atribuída a essa palavra se devia somente a uma diferença na grafia, já que era provável que predominasse, no *corpus* de referência, a forma “azuis”. Uma vez alterada a grafia no *corpus* de estudo, “azuis” passou a ocupar a posição 1773 da lista de palavras-chave, o que indica que a chavicidade relativamente alta de “azues” de fato se devia exclusivamente à ortografia inusitada.

Passemos, então, à consideração dos resultados. Já na primeira observação dos dados contidos na tabela 10, os resultados vão de encontro ao que o senso comum esperaria de uma tradução, especialmente se considerarmos a noção tradicional de equivalência, da qual falamos extensamente no primeiro capítulo desta dissertação. Como vimos até aqui, em geral considera-se que admitir a equivalência significa aceitar a possibilidade de transposição, para o texto traduzido, de significados contidos no original. De um ponto de vista teórico, tal transposição só é concebível se se adota uma atitude universalista frente à natureza das línguas e do fenômeno tradutório.

Nessa perspectiva, portanto, a tradução só seria possível graças a uma suposta estabilidade dos significados. Se admitirmos tal estabilidade dos significados como verdadeira, Caro, considerado um tradutor muito competente, deveria ser capaz de acessar e “recuperar” os significados imanentes ao original na sua tradução, de maneira que as cores contidas nas listas de palavras-chave deveriam ser, senão iguais, ao menos semelhantes. Contudo, os resultados mostrados na tabela 10 sugerem o contrário: a lista de palavras-chave do *corpus* alemão traz cores que não figuram na lista do *corpus* em português, e vice-versa. Em outras palavras, as listas não são equivalentes, no sentido universalista do termo.

Os dados apontam, portanto, para a autonomia de criação do tradutor Caro. Nesse contexto, a equivalência se afigura muito mais como o *produto* da ação de um indivíduo dotado de subjetividade. Tal noção de equivalência converge para o conceito defendido por Koller, em detrimento de um referencial teórico e abstrato, alheio à linguagem, como sugeririam concepções universalistas de tradução. Nesse sentido, os dados empíricos expostos até aqui são uma indicação de que a Equivalência de Koller, vista como algo a ser *produzido*, não “obtido” ou “alcançado” na tradução, se sustenta enquanto conceito teórico de caráter mais geral.

A partir daí, resta refletir sobre aspectos mais específicos do conceito, a saber, a tipologia de Equivalência, que segmenta essa noção em cinco categorias diferentes. Como mencionei anteriormente, a fim de ilustrar minhas observações, selecionei algumas ocorrências apenas dos dois vocábulos cromáticos de maior chavicidade em cada *corpus* (*braunen* [marrom] e “azuladas”).

Começamos pelo original alemão. Para a primeira palavra-chave do *corpus*, *braunen*, foram encontradas seis soluções de tradução diferentes: “castanho/a(s)” (21 ocorrências), “pardo/a(s)” (9), “baios” (4), “marrom” (2), “queimadas” (1) e a omissão (4). Se pensarmos na tipologia de Koller, pode-se dizer que as soluções de tradução encontradas por Caro para o adjetivo *braunen* consistem em um caso de Equivalência denotativa. Trata-se, mais especificamente, de um exemplo de correspondência um-para-muitos (*Eins-zu-viele-Entsprechung*), na medida em que a LC apresenta diversas alternativas, mais ou menos sinônimas, para um único lexema na LP. Porém, como vimos no capítulo terceiro desta dissertação, a noção de Equivalência denotativa é problemática por pressupor algum grau de estabilidade do significado denotativo e a possibilidade de que este seja espelhado, de maneira mais ou menos exata, em outra língua e cultura. Enquanto conceito epistemológico, portanto, o conceito de Equivalência denotativa não se sustenta.

Considerando-se essa noção em termos operacionais, isto é, ignorando-se por um momento a problematização no nível epistemológico, a Equivalência denotativa é, muitas vezes, o que orienta a opção do tradutor por determinada solução de tradução. Diante da possibilidade de “aproximar” os “fatos extralinguísticos”¹⁵⁹ veiculados no texto de partida à “realidade” do texto, da língua e da cultura de chegada – poderíamos falar aqui na “construção de comparáveis” de Ricœur (2011) –, o tradutor provavelmente tentará essa aproximação. Isto é, havendo um consenso de que “mesa” se refere, em português, mais ou menos ao mesmo objeto ao qual se refere o alemão *Tisch*, é natural que o tradutor recorra a essa solução de tradução, uma vez que é a solução convencional.

Os “fatos extralinguísticos”, portanto, são convenções, e a eles correspondem convenções linguísticas, estabelecidas nos “jogos de linguagem” de que fala Wittgenstein (cf. item 3.2 desta dissertação). Se o tradutor não se ativer a essas convenções, existe a possibilidade de que a sua solução de tradução seja considerada um erro, muitas vezes atribuído ao desconhecimento das propriedades gramaticais e lexicais (que são, elas mesmas,

¹⁵⁹ Lembremos o trecho da *Einführung* em que Koller diz: “a Equivalência que é orientada para os fatos extralinguísticos denomino Equivalência *denotativa*” (KOLLER, 2004a: 216).

convenções) das línguas entre as quais ele traduz. É o que expõe o exemplo fornecido por Lefevere (2001):

Há um nível em que a tradução permanece uma operação prescritiva: seria um bom conselho para tradutores, curvar-se aos ditames do dicionário e não traduzir o “passer” (swallow/andorinha) de Catulo por “hippopotamus/hipopótamo”, por exemplo (LEFEVERE, 2001: 164).

Assim, embora uma concepção relativista de língua e tradução não admita a existência desses “fatos extralinguísticos”, entendidos como referenciais concretos, alheios à influência das línguas e culturas, eles adquirem, na tarefa de tradução em si, um uso, uma função. Nesse sentido, a noção de Equivalência denotativa pode ser entendida como um conceito de ordem operacional, não epistemológico.

Com isso em mente, pensemos agora na correspondência um-para-muitos. Diante desse tipo específico de correspondência, a escolha de uma dessas alternativas implica levar em consideração outras dimensões do significado, para além do sentido denotativo. Vejamos de que maneira tais questões se apresentam no *corpus*, com base em alguns exemplos concretos.

A tradução “baios” é utilizada em quatro das cinco ocorrências em que a palavra *braunen* é utilizada como um substantivo (*Braunen*). No contexto original, todas as quatro ocorrências se referem a cavalos de pelagem acastanhada. Como se pode observar nas transcrições abaixo, Caro traduziu todas as ocorrências do substantivo *Braunen* por um substantivo em português, pois, de acordo com o verbete correspondente no dicionário Houaiss, a palavra “baio” pode ser usada tanto como adjetivo – “que tem a cor castanha ou amarelo-torrado <égua baia>” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 380) – quanto como substantivo que designa o “gado equino de pelagem baia” (idem, *ibid.*). No original e na tradução, portanto, temos uma designação de caráter metonímico, na qual a parte (a cor da pelagem) é utilizada para denominar o todo (o animal).

1. Die graue Chaussee glitt flink unter den hohl und taktmäßig aufschlagenden Hufen von Lebrecht Krögers dicken Braunen aus Mecklenburg dahin, obgleich die Sonne brannte und der Staub die spärliche Aussicht verhüllte (MANN, 1909: 112, grifo meu).	A estrada cinzenta deslizava rápida sob o trotar dos dois gordos baios de Lebrecht Kröger, cavalos mecklenburgueses, cujos cascos batiam o chão com um ruído surdo e rítmico. O sol queimava, e a poeira escondia um pouco da paisagem. (MANN, 1942: 106, grifo meu).
2. Dann schnappte der Schlag ins Schloß, die dicken Braunen zogen an, und die drei Schwarzkopfs schwenkten ihre Tücher ... (MANN, 1909: 149, grifo meu).	Com isso, a portinhola fechou-se ruidosamente, enquanto os gordos baios se punham em marcha e os três Schwarzkopf abanavam com os lenços (MANN, 1942: 140, grifo meu).

3. Die Equipage bog in die Mengstraße ein und die dicken Braunen standen schnaubend und stampfend vorm Buddenbrooschen Hause (MANN, 1909: 151-152, grifo meu).	A carruagem dobrou a esquina da Mengstrasse, e os gordos baios pararam, bufando e pateando, diante da casa dos Buddenbrook (MANN, 1942: 143, grifo meu).
4. Dann klinkte das Türchen ins Schloß, Herr Longuet schnalzte mit der Zunge und stieß unterschiedliche Ho- und Hürufe aus, seine muskulösen Braunen zogen an [...] (MANN, 1909: 331-332, grifo meu).	Depois, fechou-se a portinhola; o sr. Longuet deu um estalo com a língua, proferindo vários gritos de incitamento, e os baios musculosas puseram-se em movimento (MANN, 1942: 304, grifo meu).

Neste ponto, é interessante observar que a solução encontrada por Caro satisfaz a exigência formal implicitamente formulada por Koller para a produção da Equivalência denotativa: aqui, além de uma correspondência no âmbito do significado denotativo, é estabelecida uma correspondência formal, na medida em que a classe gramatical do lexema na LP corresponde à classe gramatical do lexema na LC. O mesmo acontece, como se verá nos exemplos a seguir, em quase todas as outras ocorrências. Excetuando-se os quatro casos de omissão e um caso de *Braunen Kuchen* [“bolos pardos”], que comentarei mais à frente, nas 12 ocorrências restantes *braunen* assume a função de adjetivo, e Caro opta também por adjetivos em todas as respectivas traduções.

A solução “marrom”, utilizada em duas ocorrências, remete sempre à cor de determinados tecidos, como o pano do fraque de Edmund Pfühl e o tapete da casa de Tony e Bendix Grünlich:

5. »Dann hat Kesselmeyer also nicht Spaß gemacht ...?« fuhr sie fort, indem sie schräg vor sich hin auf den braunen Teppich starrte ... (MANN, 1909: 207, grifo meu).	— Mas então, Kesselmeyer não fez brincadeira ?... — prosseguiu, cravando os olhos no tapêto marrom , diante de si... (MANN, 1942: 193-194, grifo meu).
6. Edmund Pfühl aber, in seinem braunen Schoßrock, erschien ihm wie ein großer Engel, der ihn jeden Montag Nachmittag in die Arme nahm, um ihn aus aller alltäglichen Misere in das klingende Reich eines milden, süßen und trostreichen Ernstes zu entführen ... (MANN, 1909: 482, grifo meu).	Edmund Pfühl no seu fraque marrom parecia-lhe um grande anjo que todas as segundas-feiras o tomava nos braços para conduzi-lo longe de qualquer miséria cotidiana ao reino sonante duma seriedade branda, doce e consoladora... (MANN, 1942: 435, grifo meu).

A única tradução de *braunen* por “queimadas”, por sua vez, ocorre quando o narrador descreve as “mãos queimadas de marujo” de Diederich Schwarzkopf, o capitão do porto:

7. Herr Schwarzkopf antwortete ausschließlich dadurch, daß er seine ergrauten Augenbrauen hoch in die Stirne zog und mit beiden Händen, braunen , blondbehaarten Schifferhänden, die Armlehnen seines Stuhles ergriff (MANN, 1909: 146, grifo meu).	Schwarzkopf respondeu alçando apenas um pouco as sobrancelhas grisalhas, e apanhando com ambas as mãos — mãos queimadas de marujo com pêlos loiros — os braços da poltrona (MANN, 1942: 137, grifo meu).

Trata-se aqui de uma tradução mais explicativa que o original. No texto em alemão “*braunen, blondbehaarten Schifferhänden*”, está implícita a informação de que Schwarzkopf tem as mãos bronzeadas por estar constantemente exposto ao sol, devido à sua profissão. Na tradução, Caro opta por um adjetivo que explicita a associação da tonalidade das mãos da personagem com a exposição ao sol. Ao aumentar o grau de explicitação do adjetivo, o tradutor facilita a compreensão do que se quer dizer por parte do leitor da tradução.

O grau de explicitação adotado na tradução é especialmente relevante para a Equivalência pragmática. Como vimos no terceiro capítulo deste trabalho, segundo Koller, a produção desse tipo de Equivalência pressupõe que o tradutor pondere até que ponto é necessário explicitar as informações que estão implícitas no original (cf. KOLLER, 2004a: 249). Para isso, o tradutor se volta para o contexto de recepção e “ajusta” a sua tradução ao horizonte de expectativas dos leitores. Nesse sentido, pode-se dizer que, no caso da tradução de *braunen* por “queimadas”, estamos diante de uma estratégia que visa a produção da Equivalência pragmática.

De passagem, cabe retomar brevemente a noção de horizonte de expectativas. O conceito é adotado por Koller em sua obra (cf. item 3.1.4 desta dissertação), mas foi desenvolvido por Jauss (1994), no âmbito da Estética da Recepção, com base nos estudos de Gadamer (2010) sobre a hermenêutica. Jauss o define como o conhecimento prévio de que dispõem os receptores de determinada obra. A partir de suas vivências e leituras prévias, esse conjunto de indivíduos está predisposto a interpretar essa obra de determinada maneira, e as expectativas em relação ao novo texto podem inclusive influenciar as preferências literárias desse grupo (cf. JAUSS, 1994: 28).

Dito isso, passemos à solução “pardo/a(s)”. Em português, o lexema “pardo” designa uma cor muito mais inespecífica do que *braun*, em alemão. Do dicionário Duden Online consta a seguinte definição do adjetivo *braun*: “da cor de terra úmida¹⁶⁰”. Já no verbete do adjetivo “pardo”, no dicionário Houaiss, lê-se o seguinte: “**1** de cor escura, entre o branco e o preto **2** branco sujo, escurecido **3** de cor fosca e que pode variar do amarelo ao marrom escuro <envelopes p.> <algas p.>” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 2133).

Isso nos remete ao comentário de Koller a respeito das denominações de cores nas diferentes línguas. Segundo o autor, os nomes dados às cores seriam um exemplo prototípico de correspondência-um-para-parte, pois cada língua e cultura segmenta o espectro cromático de forma diversa (cf. KOLLER, 2004a: 236). Esse comentário é importante porque aponta

¹⁶⁰ “*Von der Farbe feuchter Erde*”. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/braun>> Acesso em: 29 jul. 2018.

para o caráter culturalmente determinado dessas denominações, que vai de encontro ao pressuposto de que haja a possibilidade de significação independentemente da língua e da cultura em que os sujeitos se inserem. Vejamos como essas diferenças de segmentação do espectro cromático podem ser observadas em alguns exemplos da solução “pardo/a(s)”.

Em três ocorrências, a palavra se refere a algum tipo de comida, sejam os “bolos pardos” ou os merengues de sorvete servidos à mesa dos Buddenbrook:

8. Er aß von seinem Teller mit Konfekt, Marzipan und Braunen Kuchen, musterte die kleineren Dinge, die Schreibutensilien und Schulhefte und vergaß einen Augenblick alles übrige [...] (MANN, 1909: 516, grifo meu).	Comeu do prato de pralinas, massapão e bolos pardos; examinou os objetos menores, utensílios de escrita e cadernos; esqueceu, por um instante, todo o resto [...] (MANN, 1942: 462, grifo meu).
9. »Bischof« gab es in unüberwindlichen Mengen und die mit Ingwer bereiteten braunen Kuchen Sesemis waren ungeheuer schmackhaft (MANN, 1909: 526, grifo meu).	Servia-se “bispo” em quantidades insuperáveis, e os bolos pardos de Sesemi, assazonados com gengibre, eram extremamente saborosos (MANN, 1942: 470, grifo meu).
10. Aber als dann, während Onkel Justus einen ölgelben, griechischen Wein in die kleinsten Gläser zu schenken begann, die Eisbaisers erschienen -- rote, weiße und braune -- wurde auch sein Appetit wieder rege. Er verzehrte, obgleich es ihm fast unerträglich weh an den Zähnen tat, ein rotes, dann die Hälfte eines weißen, mußte schließlich doch auch von den braunen, mit Schokoladeeis gefüllten, ein Stück probieren (MANN, 1909: 522, grifo meu).	Depois, quando este deitava nos copos menores um vinho grego, cor-de-azeite, apareceram os merengues de sorvete, encarnados, brancos e pardos — e o apetite de Hanno reavivou-se novamente. A-pesar-da dor de dentes quase insuportável que lhe causaram, consumiu um encarnado, e a metade de um branco; mais tarde viu-se obrigado a provar um pedaço de um dos pardos, cheios de sorvete de chocolate [...] (MANN, 1942: 467, grifo meu).

No caso da solução “bolos pardos”, Caro opta por uma estratégia de literalidade ao traduzir *Kuchen* por “bolos”. Embora a palavra em alemão designe a “iguaria assada [de tamanho maior, assada em uma fôrma] feita de farinha, gordura, açúcar, ovos e outros ingredientes¹⁶¹”, os *Braune Kuchen* [“bolos pardos”]. Típicos da região norte da Alemanha e da Escandinávia, esses “bolos” se assemelham mais a uma espécie de *Plätzchen*, pequenos biscoitos de formato achatado, como se vê na imagem na página a seguir.

¹⁶¹ “[größeres, in einer Backform gebackenes] Gebäck aus Mehl, Fett, Zucker, Eiern und anderen Zutaten“. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Kuchen>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Figura 8: *Braune Kuchen*. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Braune_Kuchen#/media/File:Freshly_baked_gingerbread_-_Christmas_2004.jpg. Acesso em: 30 jul. 2018.

Em primeiro lugar, vale notar que, na primeira ocorrência, a inicial maiúscula indica que *Braunen* é usado como substantivo, o que não ocorre no segundo exemplo, onde *braunen* desempenha a função de adjetivo. Na tradução, porém, Caro não distingue esses dois usos e traduz ambas as ocorrências pelo adjetivo “pardos”, provavelmente por entender, não obstante a diferenciação gramatical presente no original, que as duas expressões se referem ao mesmo objeto.

No tocante à cor, os *Braune Kuchen* em geral apresentam uma tonalidade mais amarelada, que se aproxima mais de uma cor de areia molhada do que da “cor de terra úmida” que caracteriza o adjetivo *braun*, de acordo com o dicionário Duden Online. Nesse sentido, a inespecificidade do lexema “pardo” em português vem a calhar, pois, segundo consta do verbete do dicionário Houaiss, essa designação também abarca tons amarelados. Na tradução de Caro, vemos, portanto, que o espectro cromático é de fato segmentado de maneiras diferentes em alemão e em português. Ao passo que o termo “pardo”, abrange desde tons mais amarelados até o marrom, a designação *braunen* parece cobrir apenas uma fração desse *continuum*.

No terceiro exemplo, em que o termo *braunen* se refere aos merengues de sorvete, é possível observar outros aspectos interessantes. Como se vê nos trechos transcritos, duas outras cores de merengue são mencionadas na descrição das sobremesas servidas aos Buddenbrook: *rote* e *weiße*, que Caro traduz por “encarnados” e “brancos”. O dicionário Houaiss apresenta a seguinte definição para o adjetivo “encarnado”: “que é da cor da carne vermelha, do sangue <blusa e.>” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 1133). O adjetivo

em alemão, por sua vez, é definido no Duden Online como “da cor de sangue fresco¹⁶²”. Vê-se, assim, que ambas as designações apresentam uma referência ao sangue, mas Caro opta por uma tradução que traz um traço semântico – a referência à carne vermelha – ausente da palavra escolhida por Mann.

Caro poderia ter optado pelo adjetivo “vermelhos” (“que tem a cor do sangue; encarnado, berne” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 2848)), de modo que, também no caso de *rot*, temos um exemplo de correspondência um-para-muitos. Diante disso, pode-se pensar que o tradutor talvez tenha dado preferência a uma designação que remete, por sua própria configuração morfológica, ao campo semântico dos alimentos. Afinal, no original, a cor é usada para caracterizar um alimento. Aqui, portanto, parece ser o cotexto – isto é, as unidades lexicais que coocorrem com a palavra em questão – que determina a escolha do equivalente, entre as alternativas mais ou menos sinônimas que a LC oferece para o lexema da LP.

Note-se também, na primeira linha do trecho em questão, a ocorrência do adjetivo *ölgelben*, usado para caracterizar a cor do vinho servido por Justus Kröger, padrinho do pequeno Hanno Buddenbrook. Em alemão, temos um vocábulo composto – conceito elucidado no capítulo quarto, item 4.1.1 desta dissertação – no qual são justapostos o substantivo *Öl* [óleo] e o adjetivo *gelb* [amarelo]. Em sua tradução, Caro opta também por um vocábulo composto, hifenizado, “cor-de-azeite”. Segundo o dicionário Houaiss, o lexema “azeite” se refere, em primeiro lugar, à “substância líquida e gordurosa extraída da azeitona, us. na alimentação, lubrificação etc.”, mas também remete, por extensão de sentido, ao “óleo extraído de outros frutos, de plantas, ou de alguns animais <a. de mamona>” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 362). Esta última definição, mais genérica, coincide com a definição de *Öl* de acordo com o Duden Online: um “líquido mais ou menos viscoso, gorduroso¹⁶³”. Não fica claro, portanto, se a tradução de Caro se refere especificamente ao azeite de oliva ou, mais genericamente, a qualquer tipo de óleo vegetal ou animal.

Outro aspecto que chama a atenção é a omissão, na tradução, da cor amarela, presente no original. Nesse caso, Caro opta por um grau mais reduzido de explicitação em sua tradução, provavelmente por julgar suficiente a referência à tonalidade da substância oleosa à qual é comparada a cor do vinho. Se recordarmos novamente a noção de horizonte de expectativas, pode-se dizer que o tradutor parte do pressuposto de que a comunidade dos

¹⁶² “von der Farbe frischen Blutes”. Disponível em: < <https://www.duden.de/rechtschreibung/rot> >. Acesso em: 31 jul. 2018.

¹⁶³ “mehr oder weniger dickflüssige, fettige Flüssigkeit”. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Oel>>. Acesso em 31 jul. 2018.

leitores da tradução compartilha desse conhecimento prévio, ou seja, que a maioria deles saberá identificar a tonalidade à qual o narrador se refere nesse trecho do romance. Partindo desse pressuposto, não há necessidade de indicar que se trata, especificamente, de um tom de amarelo. Trata-se, portanto, de mais um exemplo de Equivalência pragmática.

Voltemos, então, às demais ocorrências de *braunen*. Em outras três ocasiões, o adjetivo é associado a determinadas peças de roupa, como os vestidos usados pelas senhoras Schwarzkopf e Ida Jungmann, além do véu trajado por Tony. Na ocorrência 14, *braunen* se refere a uma peça do mobiliário da casa dos Buddenbrook, mais especificamente, à escrivaninha do cônsul Johann:

11. Frau Schwarzkopf saß mit ihrem Sohne allein am Kaffeetische, der schon teilweise abgeräumt war. Sie trug eine blaukarierte Küchenschürze über ihrem braunen Kleid (MANN, 1909: 121, grifo meu).	A senhora Schwarzkopf, em companhia do filho, estava sentada à mesa, cuja louça em parte já tinha sido retirada. Usava, por cima do vestido pardo, um avental enxadrezado de azul (MANN, 1942: 113, grifo meu).
12. Ein Stuhl ward gerückt, und Ida Jungmanns knochige, rüstige Gestalt in ihrem schlichten und unmodernen braunen Kleid erschien zwischen den Portieren (MANN, 1909: 324, grifo meu).	Movimentou-se uma cadeira, e o vulto ossudo e vigoroso de Ida Jungmann, num vestido pardo, simples e fora de moda, apareceu por entre as cortinas (MANN, 1942: 298, grifo meu).
13. Sie trägt eine Art von langem, mit braunem Pelz besetzten Abendmantel, den sie von innen mit beiden Händen zusammenhält, und ihr Gesicht ist gänzlich von einem dichten, braunen Schleier verhüllt (MANN, 1909: 398, grifo meu).	Usa uma espécie de capa de gala, comprida e forrada de peles castanhas, que se fecha por dentro com ambas as mãos; o rosto está totalmente coberto por espesso véu pardo (MANN, 1942: 360, grifo meu).
14. Um 9 Uhr, eines Sonntagmorgens, saß der Konsul im Frühstückszimmer vor dem großen, braunen Sekretär, der am Fenster stand und dessen gewölbter Deckel vermittelt eines witzigen Mechanismus zurückgeschoben war (MANN, 1942: 50).	Num domingo, de manhã, às nove horas, o cônsul estava sentado na varanda, perto da janela, em frente duma grande escrivaninha parda, cuja tampa abaulada se deixava enrolar por meio de um mecanismo engenhoso (MANN, 1942: 49, grifo meu).

Já na ocorrência transcrita abaixo, o adjetivo *braunen* acompanha o substantivo *Bär* [urso], em referência ao enorme urso pardo empalhado que o pastor Sievert Tiburtius e a esposa Klara presenteiam aos Buddenbrook:

15. Übrigens haben sie den Buddenbrooks ein prachtvolles Geschenk mitgebracht: einen mächtigen, aufrechten, ausgestopften, braunen Bären mit offenem Rachen, den ein Verwandter des Pastors irgendwo im inneren Rußland geschossen, und der jetzt, eine Visitenkartenschale zwischen den Tatzen, drunten auf dem Vorplatz steht (MANN, 1909: 382, grifo meu).	O casal acaba de fazer aos Buddenbrook um presente magnífico: um enorme urso pardo empalhado, ereto sobre as patas traseiras, que, em qualquer parte do interior da Rússia, fora morto por um parente do pastor, para ser colocado no patamar, com uma bandeja para cartões por entre as garras (MANN, 1942: 347, grifo meu).

No trecho em questão, vale atentar para o complemento “sobre as patas traseiras” ao adjetivo “ereto” (*aufrechten*, no original). Aqui, em contraste com o caso da omissão da cor

amarela em sua tradução de *ölgelben*, Caro aumenta o grau de explicitação da expressão original, na qual não há menção direta às patas traseiras do animal. É possível supor que Caro tenha desejado retratar mais claramente a imagem desse objeto de decoração, e que tenha considerado o adjetivo “ereto”, por si só, insuficiente. No que diz respeito a esse trecho, portanto, a tradução resulta mais explicativa que o original.

Por outro lado, na tradução, é omitido o sintagma “*mit offenem Rachen*¹⁶⁴” [com a bocarra aberta], que aparece em meio à descrição do urso no original. Se retomarmos a noção, proposta por Koller, de uma “hierarquia dos valores a serem obtidos/preservados na tradução” (cf. item 3.1 desta dissertação), é possível que essa omissão se deva ao fato de Caro ter considerado essa informação pouco relevante para a tradução do trecho em questão. As razões por trás dessa opção, contudo, não podem ser esclarecidas somente a partir da aplicação do instrumental teórico idealizado por Koller.

Omissões também ocorrem nas traduções de quatro ocorrências de *braunen*, como se vê nos trechos a seguir:

16. Der alte Kröger ließ die angenehmsten Scherze einfließen. Konsul Justus, sein Sohn, aber, der neben Doktor Grabow weiter unten in der Nähe der Kinder saß, hatte mit Mamsell Jungmann ein neckisches Gespräch angeknüpft; sie kniff ihre braunen Augen zusammen und hielt nach ihrer Gewohnheit Messer und Gabel gerade empor [...] (MANN, 1909: 30, grifo meu).	O velho Kröger intercalou as piadas mais oportunas, ao passo que seu filho Justus, que se encontrava com o doutor Grabow, noutra ponta da mesa, perto das crianças, começava uma conversa motejadora com Ida. Esta cerrou os olhos, mantendo, segundo o seu hábito, os talheres em posição vertical (MANN, 1942: 28).
17. [...] mit ihrem dunklen, glattgescheitelten Haar, ihren strenge und dennoch träumerisch blickenden braunen Augen [...] (MANN, 1909: 273, grifo meu).	O cabelo escuro, liso e repartido, os olhos severos e todavia sonhadores [...] (MANN, 1942: 253).
18. Ihr Wortführer spie den braunen Saft seines Kautabaks in die Stube, [...] (MANN, 1909: 467, grifo meu).	O orador cuspiu na sala o suco do fumo de mascar (MANN, 1942: 422).
19. Mit seinem braunen Haar, das er jetzt seitwärts gescheitelt und schräg von seiner weißen Stirn zurückgebürstet trug, das aber dennoch danach strebte, sich in weichen Locken tief über die Schläfen zu schmiegen, mit seinen langen, braunen Wimpern und seinen goldbraunen Augen stach Johann Buddenbrook auf dem Schulhof und auf der Straße trotz seines Kopenhagener Matrosenanzuges stets ein wenig fremdartig unter den hellblonden und stahlblauäugigen, skandinavischen Typen seiner Kameraden hervor (MANN, 1909: 596, grifos meus).	Quando, no pátio do colégio ou na rua, Johann Buddenbrook andava em companhia de seus discípulos, tipos escandinavos, de cabelos côr-de-trigo e olhos azul-ferrete, evidenciava-se, não obstante a fatiota de marujo dinamarquês que vestia, um contraste estranho entre êle e os demais. Causava-o o cabelo castanho que agora usava repartido no lado e penteado para longe da testa alva; ainda assim, tinha a tendência de estreitar-se, em anéis macios, contra as fontes; causavam-no as pestanas compridas e os olhos castanhos de brilho de ouro (MANN, 1942: 533, grifo meu).

¹⁶⁴ (der) *Rachen*: “*großes, geöffnetes Maul besonders eines Raubtieres*” [boca grande, aberta, em especial de um predador]. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Rachen>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

A primeira ocorrência é uma referência aos olhos de Ida Jungmann, a governanta da família; a segunda, aos olhos da jovem Klara Buddenbrook. O terceiro caso de omissão ocorre no trecho em que Thomas Buddenbrook, recém-eleito senador, recebe uma deputação de estivadores em sua sala. Por fim, na quarta e última ocorrência, *braunen* caracteriza as “pestanas compridas” de Hanno Buddenbrook. Levando-se em conta, de novo, a noção de “hierarquia dos valores a serem obtidos/preservados na tradução” de Koller, pode-se imaginar que, nessas quatro ocorrências, Caro não tenha considerado a cor em questão um “valor” suficientemente relevante para a tradução dos respectivos trechos, uma possível razão pela qual optou por não traduzi-la.

No último trecho, os grifos mostram que o adjetivo *braunen* ocorre duas vezes. Em uma delas, quando se refere às pestanas de Hanno, a cor é omitida na tradução; na outra ocorrência, quando o narrador descreve a cor do cabelo do jovem Buddenbrook, Caro opta pela tradução “castanhos”. O mesmo acontece em sua tradução do adjetivo *goldbraunen*, que caracteriza a tonalidade dos olhos de Hanno e é traduzido por “olhos castanhos de brilho de ouro”. Nesse caso, portanto, é possível que Caro tenha objetivado evitar uma repetição do adjetivo “castanhos”.

Neste ponto, cabe fazer algumas observações a respeito do vocábulo cromático *goldbraun*. No excerto número 29, a cor castanha dos olhos e cabelos de Hanno é usada pelo narrador para marcar o contraste entre o jovem Buddenbrook e seus colegas de escola, caracterizados por seus cabelos loiros e olhos azuis. Além desse trecho, *goldbraun* ocorre 11 vezes no *corpus* alemão. Todas as ocorrências dizem respeito a características físicas de Hanno, como se vê nos excertos a seguir:

1. In diesen Augen, deren obere Lider sehr lange Wimpern haben, ist das Hellblau der väterlichen und das Braun der mütterlichen Iris zu einem lichten, unbestimmten, nach der Beleuchtung wechselnden Goldbraun geworden; (MANN, 1909: 380, grifo meu)	Nesses olhos, cujas pálpebras superiores têm cílios muito compridos, o azul-claro da iris [sic] paterna e o castanho da materna se confundiram num castanho dourado, claro, indistinto, que cambia conforme a luz (MANN, 1942: 346, grifos meus).
2. [...]mit diesem Ausdruck, dem später der Blick seiner eigenartig goldbraunen Augen mit den bläulichen Schatten sich immer mehr anpaßte ... (MANN, 1909: 407, grifo meu)	Naquela expressão com a qual, mais tarde, os olhos de um castanho singularmente dourado, cercados de sombras azuladas, harmonizariam cada vez mais... (MANN, 1942: 368, grifos meus)
3. Im nächsten Augenblick stand der kleine Johann aufrecht im Bette, und während er unverständliche Worte stammelte, blickten seine weitgeöffneten, so eigenartig goldbraunen Augen, ohne etwas von der Wirklichkeit wahrzunehmen, starr in eine gänzlich andere Welt hinein ... (MANN, 1909: 443, grifo meu)	Um momento após, o pequeno Johann achava-se de pé sobre a cama, e enquanto gaguejava palavras incompreensíveis, os olhos de um castanho-dourado bem singular estavam largamente abertos e cravavam o olhar num mundo totalmente distante, sem nada perceberem da realidade... (MANN, 1942: 403, grifos meus)

4. [...] nichts verriet etwas von dem schmerzlichen Sichzusammenziehen seines Inneren, wenn das Kind einfach einen scheuen Blick aus seinen **goldbraunen**, umschatteten Augen zu ihm hingeleiten ließ, der nicht einmal sein Gesicht erreichte, – und sich stumm über seinen Teller beugte (MANN, 1909: 489-490, grifos meu). [...] nada traía a contração dorida do seu interior, quando a criança se limitava a deixar resvalar para ele um olhar tímido dos olhos **castanhos**, obumbrados, olhar que nem sequer lhe alcançava o rosto, para então se inclinar, muda, por cima do prato (MANN, 1942: 441-442, grifo meu).
5. Er fand nicht seinen Blick; denn Hannos lange, **goldbraune** Wimpern hatten sich tief, tief, bis auf die zart bläuliche Umschattung seiner Augen gesenkt (MANN, 1909: 524, grifo meu). Não lhe encontrou o olhar, pois as longas pestanas **castanhas** de Hanno se tinham abaixado muito profundamente sobre as sombras azuladas que lhe orlavam os olhos (MANN, 1942: 468, grifo meu).
6. Sein Kopf mit dem lockig in die Schläfen fallenden hellbraunen Haar war zur Seite geneigt, und unter zusammengezogenen Brauen blickten seine **goldbraunen**, von bläulichen Schatten umlagerten Augen blinzeln, mit einem abgestoßenen und grüblerischen Ausdruck in das Antlitz der Leiche. (MANN, 1909, 565, grifo meu). A cabeça com os ondulados cabelos castanhos que caíam por sobre as fontes, inclinava-se para o lado. Por baixo das sobrancelhas franzidas, os olhos, cingidos de sombras azuladas, miravam, com expressão de repugnância e meditação, o rosto do cadáver (MANN, 1942: 505).
7. Aber der kleine Johann sah mehr, als er sehen sollte, und seine Augen, diese schüchternen, **goldbraunen**, bläulich umschatteten Augen beobachteten zu gut (MANN, 1909: 602, grifo meu). Mas o pequeno Johann via mais do que devia ver; seus olhos, esses olhos tímidos, **castanhos** e orlados de sombras azuladas observavam demasiado bem (MANN, 1942: 538, grifo meu).
8. Und siehe da, bei diesem Klange schlug der kleine Johann seine **goldbraunen** Augen auf [...] (MANN, 1909: 624, grifo meu). Eis que, a essas palavras, o pequeno Johann abriu os olhos **castanhos de brilho dourado** [...] (MANN, 1942: 557, grifos meus).
9. Sein Kopf mit dem lockig in die Schläfen fallenden hellbraunen Haar war zur Seite geneigt, und unter zusammengezogenen Brauen blickten seine **goldbraunen**, von bläulichen Schatten umlagerten Augen blinzeln, mit einem abgestoßenen und grüblerischen Ausdruck zur Seite, einem Ausdruck, ganz ähnlich demjenigen, mit dem er an der Bahre seiner Großmutter den Blumengeruch und jenen anderen, fremden und doch so seltsam vertrauten Duft eingeatmet hatte (MANN, 1909: 635-636, grifo meu). Sob as sobrancelhas franzidas, os olhos **de brilho dourado**, orlados por sombras azuladas, dirigiam-se para o lado, com uma expressão de repugnância e meditação, expressão semelhante àquela com que, ao pé do ataúde da avó, aspirara o aroma das flores e aquele outro odor estranho e todavia conhecido (MANN, 1942: 566, grifos meus).
10. [...] mit demselben grüblerischen und nach innen gekehrten Blick, den seine **goldbraunen**, bläulich umschatteten Augen an der Leiche seiner Großmutter [...] (MANN, 1909: 672, grifo meu). Era o mesmo olhar meditativo e dirigido para a própria alma que os olhos **de brilho dourado**, orlados de sombras azuladas, tinham empregado diante do cadáver da avó [...] (MANN, 1942: 600, grifos meus).
11. Der kleine Johann starrte auf Hans Hermann Kilians breiten Rücken, und seine **goldbraunen**, bläulich umschatteten Augen waren ganz voll von Abscheu, Widerstand und Furcht ... (MANN, 1909: 704-705). O pequeno Johann fitou as largas costas de Hans Hermann Kilian, e os olhos **castanhos**, orlados de azul, estavam cheios de abomínio, resistência e medo... (MANN, 1942: 625)

Apenas no excerto número 5 o lexema *goldbraun* se refere às pestanas de Hanno; nas demais ocorrências, é usado para caracterizar a cor dos olhos do menino. Como se vê no

excerto número 1, a cor da íris de Hanno é uma mistura do azul dos olhos do pai, Thomas Buddenbrook, com o castanho dos olhos da mãe, Gerda. Na palavra em alemão, portanto, encontram-se justapostas duas cores, *gold* [dourado] e *braun* [marrom], e Caro adota diferentes estratégias em suas traduções. Passemos a elas.

No primeiro excerto, única ocorrência do substantivo *Goldbraun*, o tradutor opta também por um substantivo, “castanho”, acompanhado do adjetivo “dourado”. A mesma solução é utilizada no excerto número 2, embora no original *goldbraun* seja usado com função de adjetivo. Já no terceiro excerto, Caro cria um substantivo composto, hifenizando ambos os lexemas em português. Aqui, observa-se que o tradutor opta por uma estratégia de literalidade, na medida em que menciona, explicitamente, as duas cores que integram o composto alemão. Uma tradução menos literal seria, por exemplo, “olhos de um ouro velho”.

Alternativamente, poder-se-ia pensar em uma solução de tradução que tornasse ainda mais clara a intervenção do tradutor no texto, por exemplo, “olhos ouroacastanhados¹⁶⁵”. Ao optar por uma tradução como essa, o tradutor se tornaria mais visível, na medida em que o “sentimento do estranho” de que fala Schleiermacher (1813 *apud* HEIDERMANN, 2010: 53) é o que dá a ver que a relação que se estabelece entre o leitor da tradução e o autor do original é mediada pela atuação do tradutor. É essa a opção que Venuti defende em *A invisibilidade do tradutor* (1995a):

A tradução deve ser vista como um *tertium datum* que “soe estrangeiro” ao leitor e que apresente uma opacidade que o impeça de parecer uma janela transparente aberta para o autor ou para o texto original: é essa opacidade - um uso da linguagem que resiste à leitura fácil de acordo com os padrões contemporâneos - que tornará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena de um texto estrangeiro (VENUTI, 1995a: 118 *apud* PIUCCO, 2008: 180).

Em outros pontos deste capítulo, voltaremos a abordar a questão da visibilidade do tradutor à luz de outras traduções de vocábulos cromáticos. Neste momento, resta ainda investigar de que maneira Caro procede nas demais traduções do vocábulo cromático *goldbraun*.

Nas ocorrências 4, 5, 7 e 11, *goldbraune(n)* é traduzido simplesmente por “castanhos/as” e, no que diz respeito a esse vocábulo cromático, as respectivas traduções resultam menos específicas em comparação ao texto original. A ocorrência número 6 configura mais um caso de omissão que, de novo, provavelmente se deve à tentativa de evitar a repetição do adjetivo “castanhos, usados para caracterizar os cabelos de Hanno. Finalmente,

¹⁶⁵ Agradeço ao prof. João Azenha Jr. pelas sugestões de alternativas às traduções de Caro.

nos excertos 8, 9 e 10, o tradutor recorre ao sintagma “de brilho dourado”, mas, nas ocorrências 9 e 10, omite o adjetivo “castanhos”.

Observa-se, portanto, que nas primeiras menções à tonalidade dos olhos do pequeno Hanno, as soluções de tradução mais literais explicitam ambas as cores, *gold* e *braun*. À medida que avança a leitura, porém, as designações vão se tornando mais inespecíficas. Diante disso, pode-se pensar que, devido à frequência com que essa característica é mencionada ao longo do texto, Caro não tenha visto necessidade de reiterá-la tantas vezes quanto faz Thomas Mann. Mais à frente, neste mesmo capítulo, veremos que esse e outros traços físicos de Hanno, bem como os de sua mãe, Gerda, são retomados diversas vezes ao longo do romance original e da sua tradução. Como procurarei demonstrar, isso revela alguns aspectos interessantes do *corpus* examinado aqui.

Por ora, voltemo-nos à coocorrência do adjetivo *braunen* com o substantivo *Augen* [olhos], que nos revela ainda outros aspectos instigantes. Em 21 das 41 ocorrências extraídas do romance alemão, esses dois vocábulos aparecem no mesmo cotexto. No que diz respeito à tradução, duas das ocorrências de *braunen Augen* não são traduzidas (tratam-se dos dois primeiros casos de omissão citados anteriormente), uma delas é traduzida pelo adjetivo “pardos” e, nas 18 ocorrências restantes, Caro opta pela solução “castanhos”.

A única ocorrência da tradução “olhos pardos” se refere aos olhos de Ida Jungmann:

20. »Ei, ei, Tonychen, mein Kindchen«, sagte sie und sah sich mit kleinen, verschlafenen **braunen** Augen um; »schon so zeitig?« (MANN, 1942: 153) — Olha só. Toninha, minha filha, — disse ela, mirando-a com os pequenos olhos **pardos** e sonolentos. — Levantaste tão cedo assim? (MANN, 1942: 144, grifo meu).

Embora não esteja ligado especificamente ao vocábulo cromático *braunen*, chama a atenção o fato de Caro ter optado, no trecho em questão, por uma tradução mais explicativa. Trata-se de um excerto da cena em que Tony, despertando mais cedo que de costume, encontra-se com Ida Jungmann na cozinha. Ao passo que, no original, a governanta diz apenas “*schon so zeitig?*” [literalmente, “já tão cedo?”], na tradução, Caro inclui o verbo “levantaste”, tornando a fala da personagem muito mais explícita, se comparada à original. Assim, pode-se supor que, no que respeita à solução “Levantaste tão cedo assim?”, a opção de Caro visa a criação da Equivalência pragmática, na medida em que procura facilitar a compreensão do texto por parte dos leitores da tradução.

Passemos agora à solução de tradução mais frequente para *braunen*. A tradução “castanho/a(s)” é utilizada por Herbert Caro em 21 das 41 ocorrências do vocábulo cromático *braunen* encontradas no *corpus* alemão. 18 das 21 ocorrências da solução “castanho/a(s)”

referem-se à cor dos olhos de diferentes personagens. Em apenas três ocorrências, portanto, o adjetivo “castanho/a(s)” não caracteriza o substantivo “olhos”:

21. Er hielt seine Lider gesenkt, daß die langen, braunen Wimpern auf die bläuliche Umschattung seiner Augen fielen, und seine geschlossenen Lippen waren ein wenig verzerrt (MANN, 1909: 464, grifo meu).	Hanno mantinha as pálpebras abaixadas, de modo que as longas pestanas castanhas caíam sobre as sombras azuladas em torno dos olhos; os lábios cerrados estavam um tanto descompostos (MANN, 1942: 420, grifo meu).
22. Mit seinem braunen Haar, das er jetzt seitwärts gescheitelt und schräg von seiner weißen Stirn zurückgebürstet trug [...] (MANN, 1909: 596, grifos meus).	Causava-o o cabelo castanho que agora usava repartido no lado e penteado para longe da testa alva; (MANN, 1942: 533, grifo meu).
23. Herr Drägemüller war ein untersetzter Mann mit rundgeschnittenem Vollbart und einer braunen, glatten, billigen Perücke, die im Nacken verräterisch abstand (MANN, 1909: 716, grifo meu).	O sr. Drägemüller era homem rechonchudo, de barba redonda e aparada, e que usava peruca castanha, lisa e barata, traiçoeiramente despegada na nuca (MANN, 1942: 634, grifo meu).

Nos dois primeiros trechos citados, o narrador descreve, respectivamente, as pestanas e os cabelos de Hanno. A segunda ocorrência encontra-se também no excerto número 19, que já abordei em meu comentário sobre as omissões feitas por Caro. A ocorrência número 23, por fim, refere-se à peruca usada pela personagem Drägemüller, que é professor de desenho na escola de Hanno.

A seguir, discorrerei sobre as 18 ocorrências em que o adjetivo “castanho/a(s)” é usado para caracterizar o substantivo “olhos” (apenas no excerto número 25 é usado o diminutivo “olhinhos”). Dado o grande número de exemplos, optei por uma apresentação em formato tabelar, de maneira a facilitar a visualização dos excertos. Todas as ocorrências são apresentadas, portanto, na tabela das páginas a seguir:

	Original em alemão (MANN, 1909)	Tradução em português (MANN, 1942)
24.	[...] und Gerda Arnoldsen, die in Amsterdam zu Hause war, einer eleganten und fremdartigen Erscheinung mit schwerem, dunkelrotem Haar, nahe beieinander liegenden braunen Augen und einem weißen, schönen, ein wenig hochmütigen Gesicht. (84)	[...] e Gerda Arnoldsen, natural de Amsterdam. Esta era uma figura estranha e elegante, com bastos cabelos ruivo-escuros, olhos castanhos , pouco distantes entre si, e um belo rosto branco que denotava certa altivez. (79).
25.	[...] übrigens blickten ihre kleinen braunen Augen treu, frisch und aufmerksam (238).	De-resto, os olhinhos castanhos de Ida tinham ainda esse olhar leal, vivo e atento (219).
26.	[...] wobei er seine runden, braunen Augen so bedächtig zur Seite wandern ließ, daß er den Eindruck völliger Konfusion und Abwesenheit machte, obgleich er stets aufmerksam prüfend bei der Sache war. (243).	[...] deixando pensativamente vagarem para o lado os olhos castanhos e redondos, a ponto de dar a impressão de completa confusão e ausência, a-pesar-de sempre prestar ao assunto uma atenção perscrutadora. (228).
27.	Mit ihrem schweren dunkelroten Haar, ihren nahe beieinander liegenden, braunen , von feinen bläulichen Schatten umlagerten Augen [...] (280-281).	O basto cabelo ruivo-escuro, os olhos castanhos , pouco distantes entre si, orlados de finas sombras azuis [...] (259).
28.	Das schwere, dunkelrote Haar umrahmte das weiße Gesicht, und in den Winkeln der nahe beieinander liegenden braunen Augen lagerten bläuliche Schatten (292).	O basto cabelo ruivo orlava o rosto alvo, e nos cantos dos olhos castanhos , pouco distantes entre si, havia sombras azuladas (268).
29.	[...] und blickte den Gast sprachlos aus ihren blanken, braunen Augen an, wobei sie, ihrer Gewohnheit nach, Messer und Gabel senkrecht auf dem Tische hielt, und beides leicht hin und her bewegte (319).	Estupefata, olhava o hóspede com os brilhantes olhos castanhos , enquanto, segundo o seu costume, mantinha faca e garfo verticalmente, movimentando-os levemente. [...] (293).
30.	[...] und während sie den glatten grauen Scheitel neigte und mit ihren unermüdlich blanken braunen Augen die Stiche verfolgte, sagte sie: »Meinst du, daß er wird fragen, morgen?« (325)	Inclinando o vértice liso e grisalho, acompanhava os pontos com os olhos castanhos , brilhantes e incansáveis. Finalmente disse: — Achas que ele se declarará amanhã? (298)
31.	[...] tiefer und dunkler als sonst lagerten in den Winkeln ihrer nahe beieinander liegenden braunen Augen bläuliche Schatten ... (330).	Nos cantos dos olhos castanhos , pouco distantes entre si estendiam-se sombras azuladas, mais profundas e mais acentuadas do que habitualmente... (302-303).
32.	[...] begrüßte das junge Mädchen mit einem erstaunten und bewundernden Blick seiner kühn umherschweifenden, braunen Augen ... (420).	[...] cumprimentava a moça com um olhar pasmo e admirador dos olhos castanhos , audazes e ágeis... (383).
33.	[...] und ihre aufrechte Gestalt war so starkknochig und rüstig, ihre braunen Augen waren so frisch, klar und unermüdlich wie vor zwanzig Jahren (441).	O corpo ereto era ainda tão vigoroso e ossudo, e os olhos castanhos permaneciam tão claros, ágeis e incansáveis quanto há vinte anos (401).
34.	[...] und in ihren seltsamen, nahe beieinanderliegenden braunen Augen lag der rätselhafte Schimmer, den die Musik ihnen zu geben pflegt (455-456).	Tinha nos olhos castanhos , singulares, pouco distantes entre si, aquele cintilar misterioso que a música costumava dar-lhes (413).
35.	[...] und auch ihre Augen, diese nahe beisammen liegenden, rätselhaften, braunen Augen mit den bläulichen Schatten, lächelten heute (460).	[...] também os olhos, êsses misteriosos olhos castanhos , pouco distantes entre si, cercados de sombras azuladas, sorriam naquela manhã (417).

36.	[...] noch bemerkte er, daß Gerda, ohne den Kopf ihm zuzuwenden, ihre nahe beieinanderliegenden braunen Augen , in deren Winkeln bläuliche Schatten lagerten, fest und spähend auf ihn gerichtet hielt (594).	[...] também não reparou em Gerda que, sem dirigir para ele o rosto, firme e investigadora, fitava-o com os olhos castanhos , pouco distantes entre si, êsses olhos orlados de sombras azuladas... (531).
37.	In den Winkeln ihrer etwas zu kleinen und etwas zu nahe beieinander liegenden braunen Augen lagerten immer noch die bläulichen Schatten ... (618).	Nas comissuras dos olhos castanhos algum tanto pequenos, pouco distantes entre si, estendiam-se ainda as sombras azuladas... (553)
38.	[...] und ihre nahe beieinanderliegenden, braunen , von bläulichen Schatten umlagerten Augen blickten blinzeln, zornig, verstört und angewidert (654).	Arregalava os olhos castanhos , pouco distantes entre si e cercados de sombras azuladas, numa expressão pisca de repugnância irada e confusa (583).
39.	[...] jedes jämmerliche Härchen seines Bartes, der überall die Haut durchscheinen ließ, und seine braunen , blanken, hoffnungslosen Augen ; (709)	[...] cada miserável pêlo da barba que, em toda parte, deixava transluzir a pele, bem como os olhos castanhos , lustrosos e desesperados; (629)
40.	Während er über den Teppich schritt, blickte sie ihm mit ihren braunen , nahe beieinanderliegenden Augen entgegen [...] (717-718).	Enquanto o filho passava pelo tapêto, dirigiu para ele os olhos castanhos , pouco distantes entre si [...] (635).
41.	Und sie schüttelte ihren alten Vogelkopf mit den braunen , gescheuten, betrübten Augen (725).	Sacudiu a cabeça de pássaro velho com os olhos castanhos , inteligentes e tristes (643).

Tabela 11: Ocorrências de *braunen* + *Augen* no *corpus* alemão que foram traduzidas por “olhos castanhos” em português (grifos meus).

Antes de passarmos às considerações especificamente a respeito dos vocábulos cromáticos, vale observar que, em algumas das traduções, Caro opta por períodos mais curtos. Nos excertos 29, 30, 33, 34 e 38, o tradutor insere um ponto final entre orações que, no texto alemão, são separadas apenas pela conjunção “e” (*und*). Nesses casos, pode-se pensar que o tradutor priorizou a clareza do texto para os leitores da tradução, na medida em que intercalar diversas orações por meio de conjunções, como faz Mann nos excertos em questão, poderia resultar em um texto confuso para o público. De novo, trata-se de um exemplo da priorização da Equivalência pragmática. Aqui, esta ganha primazia sobre a Equivalência estético-formal, que está ligada, como vimos no capítulo terceiro, a aspectos estilísticos do texto.

Paralelamente, poder-se-ia pensar a opção de Caro como uma priorização da fluência do texto traduzido. Isso se relaciona, novamente, à invisibilidade do tradutor. Volto a citar Venuti (1995b), que aponta para a influência das práticas editoriais, do público e da crítica sobre as escolhas dos tradutores:

Um texto traduzido, seja prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, críticos e leitores quando a leitura é fluente, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas o faz parecer transparente, dando a aparência de que ele reflete a personalidade do autor, ou a intenção ou o significado essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é, de fato, uma tradução, mas o “original” (VENUTI, 1995b: 1).

Diante disso, cabe retomar brevemente o contexto de publicação da tradução de *Buddenbrooks* no Brasil. Como vimos no quarto capítulo desta dissertação, a tradução de Caro foi a primeira a ser publicada no Brasil, por uma editora conceituada, com a anuência de personalidades influentes no cenário editorial da época. Não bastasse isso, trata-se do primeiro romance de um autor canônico na Alemanha, um livro que já havia conquistado a crítica e o público e graças ao qual Thomas Mann foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Assim, no caso do texto aqui discutido, as circunstâncias de fato contribuem para que Caro opte por uma estratégia de fluência e da consequente invisibilização de seu próprio trabalho, nos termos de Venuti (1995a, 1995b).

Feita essa pequena digressão, voltemo-nos agora à solução “castanhos”, que é o lexema escolhido por Herbert Caro em 51% de suas traduções de *braunen*. Além da alta frequência com que essa solução é utilizada, cabe lembrar que “castanhos” está entre as cores de maior chavicidade no texto traduzido, figurando em terceiro lugar entre as palavras-chave desse *corpus*, como mostra a tabela 10. Na mesma tabela, observa-se que, no *corpus* em português, foi encontrado um total de 28 ocorrências da forma “castanhos”. Dentre essas 28 ocorrências, 26 se referem aos olhos de diferentes personagens. As duas restantes são menções à tonalidade dos cabelos.

No caso da opção por “castanhos”, portanto, parece ser determinante a coocorrência do adjetivo *braunen* com certas partes do corpo das personagens, como cabelos, pestanas e, em especial, olhos. De fato, como mostra a imagem abaixo, segundo o *Corpus Do Português*, entre os vinte colocados mais frequentes do substantivo “olhos”, figura o adjetivo “castanhos”:

Corpus do Português: Gênero/Histórico									
PESQUISAR			FREQUÊNCIA		CONTEXTO		HELP		
15	☐	ARREGALADOS	56						
16	☐	CLAROS	54						
17	☐	RASOS	51						
18	☐	PEQUENOS	49						
19	☐	CASTANHOS	47						
20	☐	ARDENTES	45						
21	☐	SEMICERRADOS	35						
22	☐	TURVOS	34						
23	☐	HÚMIDOS	33						
24	☐	REDONDOS	33						

Figura 9: Posição do adjetivo "castanhos" entre os colocados de "olhos" no *Corpus do Português*. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>>. Acesso em 2 jul. 2018.

Os adjetivos “marrom(ns)” e “pardo(s)”, também utilizados por Caro em suas traduções de *braunen*, não integram a lista de colocados desse substantivo. Nesse caso, portanto, a presença de *Augen* no cotexto de *braunen* parece ser determinante para a escolha do equivalente “castanhos” em português, uma vez que “olhos castanhos” é a forma consagrada pelo uso. Se pensarmos nos termos colocados por Koller para a correspondência um-para-muitos, dentre as alternativas mais ou menos sinônimas (no plano denotativo) oferecidas pela LC, “castanhos” é a forma que mais comumente ocorre com o substantivo “olhos”, de maneira essa solução se adequa à produção da Equivalência denotativa.

Outro aspecto para o qual vale atentar é a fixidez formal de algumas das expressões com o colocado *Augen*: em dez das 21 ocorrências da tabela 11, esse substantivo aparece acompanhado do sintagma adjetival *nahe beieinanderliegenden* [próximos um do outro], como se pode observar na tabela 11. Na mesma tabela, percebe-se que Herbert Caro traduziu todas as nove ocorrências de maneira consistente, tendo optado pela solução “pouco distantes entre si”. Uma ocorrência do sintagma *nahe beisammen liegenden* (ocorrência número 35) foi traduzida da mesma maneira. Além disso, Caro não foi coerente somente no que diz respeito ao léxico, mas também no tocante à sintaxe. No original alemão, o sintagma adjetival *nahe beieinanderliegenden* aparece sempre preposto a *braunen Augen*. Em português, o tradutor modifica a posição, mas o sintagma “pouco distantes entre si” aparece invariavelmente posposto e separado de “olhos castanhos” por uma vírgula.

Em se tratando de um texto literário, pode-se supor que a recorrência dessas construções de estrutura relativamente fixa, exerça determinada função estética no romance original. É claro que, como assinalado no início deste capítulo, a confirmação ou refutação dessa hipótese pressupõe uma interseção do instrumental desenvolvido aqui com os estudos literários, o que não faz parte do escopo do presente trabalho. Não obstante, o recurso às ferramentas de Linguística de *Corpus* utilizadas nesta pesquisa permitiu identificar alguns aspectos interessantes que, embora não possam ser explicados pelo modelo de Koller, fornecem importantes informações sobre o uso das cores em *Buddenbrooks*.

Um desses aspectos é o fato de o sintagma “olhos castanhos, pouco distantes entre si” sempre se referir à personagem Gerda Buddenbrook. A fim de evidenciar esse vínculo entre a expressão e a personagem, recorri à ferramenta *concordance plot*, do *AntConc*. Como assinalado no quarto capítulo desta dissertação (cf. tópico 4.2.2), esse recurso permite visualizar, graficamente, a distribuição de determinado item de busca no *corpus*. As linhas pretas representam as ocorrências dos itens pesquisados e o fundo branco representa toda a

extensão do texto. A imagem abaixo mostra a comparação entre duas capturas de tela da aba *concordance plot*: o primeiro gráfico mostra a distribuição das ocorrências de “castanhos”; o segundo, as ocorrências do nome “Gerda” ao longo da tradução de Herbert Caro:

Figura 10: Distribuição das ocorrências de "castanhos" (acima) e "Gerda" (abaixo) no *corpus* em português.

Embora o nome da personagem Gerda tenha muito mais ocorrências (190 no total) do que a palavra “castanhos” (28), a figura 10 permite visualizar uma sobreposição entre os dois itens de busca no que diz respeito à sua distribuição ao longo do texto traduzido. Ambos ocorrem poucas vezes no início do romance (à esquerda) e, a partir do segundo terço da obra, quase que exatamente no mesmo ponto em que o nome de Gerda se torna mais frequente, o número de ocorrências de “castanhos” também aumenta consideravelmente. Isso mostra que esse atributo específico (seus olhos castanhos) é reiterado em boa parte das menções à personagem.

De passagem, cumpre mencionar que essa não é a única característica física de Gerda a ser reiterada diversas vezes ao longo do romance. Seus cabelos ruivo-escuros também são uma marca da personagem, na medida em que, das 19 ocorrências do adjetivo *dunkelrot* presentes no texto original, 8 fazem referência aos cabelos de Gerda. Vale lembrar também que a forma *dunkelroten* ocupa a quinta posição da lista de palavras-chave do *corpus* em alemão. Dentre as 10 ocorrências da forma declinada do adjetivo, quatro caracterizam a coloração dos cabelos da mãe de Hanno:

1. Gerda, die mit freier und stolzer Anmut auf dem hellen Teppich dahinschritt, war hoch und üppig gewachsen. Mit ihrem schweren **dunkelroten Haar**, ihren nahe beieinander liegenden, braunen, von feinen bläulichen Schatten umlagerten Augen [...] (MANN, 1909: 280-281, grifos meus).

Gerda, de talhe alto e esplêndido, movimentava-se sobre o tapete claro com graça soberba e desembaraçada. O basto **cabelo ruivo-escuro**, os olhos castanhos, pouco distantes entre si, orlados de finas sombras azues [sic] [...] (MANN, 1942: 259, grifos meus).

2. Und wie fremdartig schön in ihrer Blässe, mit ihrem schweren, dunkelroten Haar und ihren rätselhaften Augen, die mit einer gewissen verschleierte Moquerie auf dem Prediger ruhen (MANN, 1909: 381, grifos meus).	E quanta beleza exótica na sua palidez, com o pesado cabelo ruivo e os olhos misteriosos que pousam sobre o pregador com certa ironia velada! (MANN, 1942: 346, grifos meus)
3. Als er ins Eßzimmer trat, kam Gerda ihm lebhaft entgegen. [...] Sie trug einen glatten Rock aus schottischem Stoff, eine weiße Bluse und ein dünnes, seidenes Zuavenjäckchen darüber, von der dunkelroten Farbe ihres schweren Haares (MANN, 1909: 460, grifo meu).	Quando entrou na sala de jantar, Gerda, vivamente, lhe foi ao encontro. [...] Usava saia lisa de fazenda escocesa, blusa branca e, em cima, um bolero de seda, à zuava, leve, da cor vermelho-escura do basto cabelo (MANN, 1942: 417, grifo meu).
4. Gerdas Geigenspiel hatte für Thomas bislang, übereinstimmend mit ihren seltsamen Augen, die er liebte, zu ihrem schweren dunkelroten Haar und ihrer ganzen außerordentlichen Erscheinung, eine reizvolle Beigabe mehr zu ihrem eigenartigen Wesen bedeutet; (MANN, 1909: 487-488, grifos meus)	Até então, o fato de Gerda tocar violino, assim como os seus olhos misteriosos de que ele gostava, o basto cabelo ruivo e toda a sua aparência invulgar, significavam para Thomas apenas um suplemento interessante da personalidade singular da esposa (MANN, 1942: 440, grifos meus).

No que diz respeito à cor, Caro apresenta quatro soluções diferentes para uma mesma palavra na LP: “ruivo-escuro” (excerto 1), “ruivo” (excertos 2 e 4) e “vermelho-escura” (excerto 3). Assim, temos aqui mais um exemplo de correspondência um-para-muitos. Em alemão, o adjetivo *dunkelrot* justapõe a palavra *dunkel* [escuro/a] à cor *rot* [vermelho], de maneira a especificar o tom da cor em questão. No tocante à tradução, embora todas as soluções encontradas por Caro desempenhem a função de adjetivo, como no original, apenas duas delas (números 1 e 3) trazem o complemento “escuro/a”. As ocorrências 2 e 4, portanto, apresentam um grau reduzido de especificidade, se comparadas ao adjetivo usado por Mann.

No mais, observa-se que, também nesses casos de correspondência um-para-muitos, o cotexto desempenha um papel importante na escolha do equivalente, na medida em que “ruivo” costuma designar especificamente a coloração avermelhada dos cabelos, como consta do dicionário Houaiss: “**ruivo** [...] 2 diz-se do pêlo ou do cabelo vermelho, tirante ao louro ou ao castanho” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001: 2482). Com efeito, em todos os casos de coocorrência com o substantivo *Haar* [cabelo], o adjetivo *dunkelroten* foi traduzido por “ruivo(-escuro)”.

Por fim, nas quatro ocorrências listadas acima, chama a atenção a presença do adjetivo *schweren*. Nos excertos 1, 3 e 4, Caro opta pela solução “basto”; no excerto número 2, o adjetivo escolhido é “pesado”. Diferentemente do que fez com os sintagmas *nahe beieinander/beisammen liegenden* [“pouco distantes entre si”], portanto, o tradutor não procedeu de maneira particularmente consistente em suas traduções de *schweren*. Isso talvez se deva ao fato de este adjetivo não ser reiterado tantas vezes ao longo do romance, como acontece com *nahe beieinander/beisammen liegenden*.

A constante repetição dessa característica atribuída aos olhos de Gerda, aliás, me leva a pensar se esta não seria um traço estilístico do romance *Buddenbrooks*. Além da fixidez formal da expressão, que já comentei anteriormente, é interessante observar que o adjetivo *braunen*, que muitas vezes acompanha os sintagmas *nahe beieinander/beisammen liegenden*, é o vocábulo cromático de maior chavicidade no *corpus* alemão. No *corpus* em português, o adjetivo “castanhos”, a solução de tradução mais frequente para *braunen*, também figura entre os primeiros colocados da lista de palavras-chave.

Como vimos no capítulo quarto e, mais sinteticamente, no início deste capítulo, o conceito de chavicidade diz respeito à importância estatística de um lexema em determinado *corpus*. No caso dos *corpora* abordados aqui, portanto, o fato de o uso desses vocábulos ser mais marcado no romance *Buddenbrooks* e em sua tradução, quando comparados aos respectivos *corpora* de referência, sugere que o uso dessas palavras seja uma idiossincrasia dessa obra em particular. Na medida em que se sobressaem quando comparadas às palavras contidas em um *corpus* de referência mais geral, as palavras-chave podem, então, apontar para aspectos estilísticos dos textos analisados.

Pensando na tipologia de Koller, a categoria de Equivalência que se refere questões de estilo é a Equivalência estético-formal. Nas palavras do teórico, é ela que diz respeito às “propriedades *estéticas*, formais e de estilo individual do texto na LP” (KOLLER, 2004a: 216). Nesse sentido, pode-se formular a hipótese de que, na tradução das dez ocorrências de *nahe beieinander/beisammen liegenden braunen Augen* [“olhos castanhos, pouco distantes entre si”], Caro visou produzir a Equivalência estético-formal. Dito isso, cabe lembrar que, como assinalado no início deste capítulo, a confirmação dessa hipótese depende, é claro, do recurso a matrizes teóricas de caráter literário.

A fixidez formal das expressões e a reiteração de características físicas das personagens também marcam diversas ocorrências do vocábulo cromático de maior chavicidade no *corpus* em português: “azuladas”. Em 19 de um total de 23 ocorrências, esse adjetivo aparece associado ao colocado “sombras”. Essa é a solução encontrada por Herbert Caro para três formas diferentes no original alemão: *bläuliche Schatten*, *bläulich umschatteten*, *bläuliche Umschattung*. A primeira é a mais frequente, com 13 ocorrências. A segunda forma aparece quatro vezes, e a última, apenas duas. Como se pode observar na tabela a seguir, Herbert Caro traduziu todas as expressões listadas acima por “sombras azuladas”:

	Original em alemão (MANN, 1909)	Tradução em português (MANN, 1942)
1.	[...] und in den Winkeln der nahe beieinander liegenden braunen Augen lagerten bläuliche Schatten (292).	[...] e nos cantos dos olhos castanhos, pouco distantes entre si, havia sombras azuladas (268).
2.	[...] tiefer und dunkler als sonst lagerten in den Winkeln ihrer nahe beieinander liegenden braunen Augen bläuliche Schatten ... (330)	Nos cantos dos olhos castanhos, pouco distantes entre si estendiam-se sombras azuladas , mais profundas e mais acentuadas do que habitualmente... (302-303)
3.	[...] die Winkel aber zu beiden Seiten der Nasenwurzel sind tief und liegen in bläulichem Schatten (380).	Mas as comissuras dos olhos, aos dois lados do nariz, são profundas e envoltas em sombras azuladas (346).
4.	mit diesem Ausdruck, dem später der Blick seiner eigenartig goldbraunen Augen mit den bläulichen Schatten sich immer mehr anpaßte ... (407-408)	Naquela expressão com a qual, mais tarde, os olhos de um castanho singularmente dourado, cercados de sombras azuladas , harmonizariam cada vez mais... (368)
5.	Die langen Wimpern vermochten nicht die bläulichen Schatten zu verdecken, die in den Augenwinkeln lagerten (442).	As compridas pestanas não eram capazes de esconder as sombras azuladas que pairavam sobre as comissuras dos olhos (402).
6.	und auch ihre Augen, diese nahe beisammen liegenden, rätselhaften, braunen Augen mit den bläulichen Schatten , lächelten heute (460).	[...] também os olhos, esses misteriosos olhos castanhos, pouco distantes entre si, cercados de sombras azuladas , sorriam naquela manhã (417).
7.	[...] daß die langen, braunen Wimpern auf die bläuliche Umschattung seiner Augen fielen [...] (464).	[...] de modo que as longas pestanas castanhas caíam sobre as sombras azuladas em torno dos olhos (420);
8.	[...] ihre nahe beieinanderliegenden, bläulich umschatteten , seltsam schimmernden Augen [...] (510).	[...] os olhos de brilho misterioso, cercados de sombras azuladas e pouco distantes entre si [...] (457).
9.	[...] denn Hannos lange, goldbraune Wimpern hatten sich tief, tief, bis auf die zart bläuliche Umschattung seiner Augen gesenkt (524).	[...] pois as longas pestanas castanhas de Hanno se tinham abaixado muito profundamente sobre as sombras azuladas que lhe orlavam os olhos (468).
10.	[...] und unter zusammengezogenen Brauen blickten seine goldbraunen, von bläulichen Schatten umlagerten Augen blinzeln, mit einem abgestoßenen und grüblerischen Ausdruck [...] (565).	Por baixo das sobrancelhas franzidas, os olhos, cingidos de sombras azuladas , miravam, com expressão de repugnância e meditação [...] (505).
11.	ihre nahe beieinanderliegenden braunen Augen, in deren Winkeln bläuliche Schatten lagerten, fest und spähend auf ihn gerichtet hielt (594).	[...] firme e investigadora, fitava-o com os olhos castanhos, pouco distantes entre si, esses olhos orlados de sombras azuladas ... (531)
12.	[...] und noch immer lagen, wie bei seiner Mutter, die bläulichen Schatten in den Winkeln seiner Augen [...] (596).	Como no rosto da mãe, sombras azuladas lhe obumbravam as comissuras dos olhos (533).
13.	[...] und seine Augen, diese schüchternen, goldbraunen, bläulich umschatteten Augen beobachteten zu gut (602).	[...] seus olhos, esses olhos tímidos, castanhos e orlados de sombras azuladas observavam demasiado bem (538).
14.	In den Winkeln ihrer etwas zu kleinen und etwas zu nahe beieinander liegenden braunen Augen lagerten immer noch die bläulichen Schatten ... (618)	Nas comissuras dos olhos castanhos algum tanto pequenos, pouco distantes entre si, estendiam-se ainda as sombras azuladas ... (553)
15.	[...] blickten seine goldbraunen, von bläulichen Schatten umlagerten Augen blinzeln, mit einem abgestoßenen und grüblerischen Ausdruck zur Seite [...] (635).	[...] os olhos de brilho dourado, orlados por sombras azuladas , dirigiam-se para o lado, com uma expressão de repugnância e meditação [...] (566).

16.	[...] und ihre nahe beieinanderliegenden, braunen, von bläulichen Schatten umlagerten Augen blickten blinzelnd, zornig, verstört und angewidert (654).	Arregalava os olhos castanhos, pouco distantes entre si e cercados de sombras azuladas , numa expressão pisca de repugnância irada e confusa (583).
17.	[...] hielt seine bläulich umschatteten Augen zu Boden gesenkt, ohne irgend jemanden anzublicken [...] (666).	Mantinha dirigidos para o chão os olhos orlados por sombras azuladas , sem encarar ninguém (593).
18.	[...] mit demselben grüblerischen und nach innen gekehrten Blick, den seine goldbraunen, bläulich umschatteten Augen an der Leiche seiner Großmutter [...] (672).	Era o mesmo olhar meditativo e dirigido para a própria alma que os olhos de brilho dourado, orlados de sombras azuladas , tinham empregado diante do cadáver da avó [...] (600).
19.	[...] blickte sie ihm mit ihren braunen, nahe beieinanderliegenden Augen entgegen, in deren Winkeln bläuliche Schatten lagerten (717-718).	[...] dirigiu para ele os olhos castanhos, pouco distantes entre si, em cujas comissuras havia sombras azuladas (635).

Tabela 12: Ocorrências do adjetivo "azuladas" com o colocado "sombras" no *corpus* em português (grifos meus).

Em todas as 19 ocorrências listadas na tabela 12, o narrador faz referência aos olhos de Gerda (ocorrências 1, 2, 6, 8, 11, 14, 16 e 19) e aos de seu filho, Hanno (ocorrências 3, 4, 5, 7, 9, 10, 12, 13, 15, 17 e 18). Tal semelhança é ressaltada já na primeira descrição do jovem Buddenbrook, ainda um recém-nascido, no seguinte trecho:

Mas as comissuras dos olhos, aos dois lados do nariz, são profundas e envoltas em sombras azuladas. Isto dá à pequena fisionomia que ainda não é bem fisionomia, traços prematuramente característicos que não ficam muito bem com uma criança de quatro semanas. Queira Deus que não signifiquem nada de mau, pois também a mãe, embora de boa saúde, tem os mesmos sinais... (MANN, 1942: 346).

Como se pode depreender da quantidade de ocorrências presentes no *corpus*, o narrador faz questão de ressaltar, reiteradamente, essa característica física compartilhada pelos dois, recorrendo, de novo, a uma estrutura relativamente fixa. Na tradução, assim como no caso das traduções de *braunen Augen*, Herbert Caro procedeu de maneira consistente, e suas soluções refletem a fixidez formal presente na estrutura original.

No *corpus* em alemão, o adjetivo *bläulich* aparece 29 vezes no total, e 21 dessas ocorrências correspondem a referências à tonalidade das olheiras de Gerda e Hanno. Em apenas dois casos, Herbert Caro não traduziu o vocábulo *bläulich* por “azuladas”. No primeiro caso, ao descrever Gerda, o tradutor opta pela solução “sombras azues”; no segundo, Caro nem chega a utilizar a palavra “sombras” e traduz simplesmente por “orlados de azul”, como se vê nos excertos abaixo.

Mit ihrem schweren dunkelroten Haar, ihren nahe beieinander liegenden, braunen, von feinen **bläulichen Schatten** umlagerten Augen [...] (MANN, 1909: 280-281, grifos meus).

O basto cabelo ruivo-escuro, os olhos castanhos, pouco distantes entre si, orlados de finas **sombras azues** [sic] [...] (MANN, 1942: 259, grifos meus).

Der kleine Johann starrte auf Hans Hermann Kilians breiten Rücken, und seine goldbraunen, **bläulich umschatteten** Augen waren ganz voll von Abscheu, Widerstand und Furcht ... (MANN, 1909: 704-705).

O pequeno Johann fitou as largas costas de Hans Hermann Kilian, e os olhos castanhos, **orlados de azul**, estavam cheios de abomínio, resistência e medo... (MANN, 1942: 625)

Vê-se, portanto, que, em mais de 70% das menções às “sombras” que circundam os olhos de Gerda e Hanno Buddenbrook, Caro reproduziu, na tradução, o aspecto quase que formulaico presente no original, no qual os três principais colocados de *bläulich* são *Schatten* [sombras] ou formas derivadas desse substantivo (*umschatteten*, *Umschattung*). Portanto, poder-se-ia pensar que a tradução de *bläulich* por “azuladas”, assim como no caso de *braunen* em *nahe beieinander/beisammen liegenden braunen Augen* [“olhos castanhos, pouco distantes entre si”], configura um exemplo de Equivalência estético-formal. Mais uma vez, a chavicidade relativamente alta do vocábulo “azuladas” no *corpus* em português seria um indício da importância estilística que esse lexema possui no texto traduzido.

Neste ponto, a discussão converge, novamente, para a reflexão a respeito da visibilidade do tradutor. Ao optar pela Equivalência estético-formal, nos casos discutidos aqui, Caro deixa que o estilo de Mann se sobressaia, não se preocupando em tornar aparente a sua participação, enquanto tradutor, na construção do texto. Como já vimos, no caso da tradução de *Buddenbrooks*, essa decisão é determinada por condicionantes bastante específicas, que estão ligadas a aspectos de recepção da obra traduzida.

Feitas as principais considerações a respeito das traduções de “azuladas”, apresento a seguir as três últimas ocorrências desse vocábulo cromático:

20. Wenn man in tiefer Feierlichkeit im Landschaftszimmer versammelt war, während die Dienstboten und allerlei alte und arme Leute, denen der Konsul die **blauroten** Hände drückte, sich in der Säulenhalle drängten, dann erscholl dort draußen vierstimmiger Gesang, den die Chorknaben der Marienkirche vollführten, und man bekam Herzklopfen, so festlich war es (MANN, 1909: 88, grifo meu).
A família estava festivamente reunida na "Sala das Paisagens"; no alpendre acotovelavam-se a criada e alguns pobres velhos, cujas mãos **azuladas de frio** o cônsul apertava. De fora surgia então um canto a quatro vozes, executado pelos meninos do cântico da igreja de Santa Maria. Todos tinham o coração palpitante de tanta emoção (MANN, 1942: 82, grifos meus).
21. **Bläuliche**, mit Firmenstempeln versehene Geschäftsbriefe und abgegriffene, hie und da eingerissene, mit Daten und Namenszügen bedeckte Papiere lagen auf dem grünen Tuch (MANN, 1909: 213, grifo meu).
No pano verde encontravam-se cartas comerciais, **azuladas**, timbradas com o nome da firma e documentos gastos pelo uso, com rasgos em toda a parte, cobertos de algarismos e de assinaturas (MANN, 1942: 199, grifo meu).
22. Plötzlich jedoch streckte Herr Grünlich schirmend beide Hände über den Tisch hin, lange, von hohen **blauen** Adern durchzogene Hände, die ersichtlich zitterten [...] (MANN, 1909: 214-215, grifo meu).
Subitamente, porém, o sr. Grünlich estendeu ambas as mãos por cima da mesa num movimento protetor — as mãos compridas, marcadas por altas veias **azuladas**, que tremiam visivelmente (MANN, 1942: 199, grifo meu).

23. Aber das **bläuliche**, allzu sichtbare Geäder an seinen schmalen Schläfen, von denen das Haar in zwei Einbuchtungen zurücktrat, sowie eine leichte Neigung zum Schüttelfrost, die der gute Doktor Grabow vergebens bekämpfte, deutete an, daß seine Konstitution nicht besonders kräftig war (MANN, 1942: 227-228, grifo meu).
- Mas as veias **azuladas** e demasiado visíveis que se lhe salientavam nas fontes, donde o cabelo recuava em duas entradas, bem como uma leve tendência para calafrios, que o bom doutor Grabow debalde combatia, indicavam que o seu físico não era sobremaneira forte (MANN, 1942: 210, grifo meu).

Aqui, gostaria de chamar atenção para o excerto número 20, no qual o vocábulo *blauroten* é traduzido por “azuladas de frio”. Em alemão, *blaurot* é mais um composto que justapõe duas cores, *blau* [azul] e *rot* [vermelho]. No entanto, na tradução de Caro, além de omitir a referência à cor vermelha, a expressão apresenta um traço semântico não explicitado no vocábulo cromático alemão, na medida em que é acrescentado o complemento “de frio”. Para entendermos essa solução, é necessário nos voltarmos ao contexto em que a ocorrência aparece no romance.

A cena em questão retrata a festa de Natal dos Buddenbrook, cuja atmosfera calorosa contrasta com o frio da paisagem de zembrina de Lübeck: “E lá fora, na rua coberta de neve gelada, tocavam os realejos dos velhos italianos [...]” (MANN, 1942: 82). O cônsul Johann Buddenbrook, em sua condição de personalidade influente na cidade, cumprimenta os necessitados que se reúnem no alpendre da mansão da família. Expostas ao frio, portanto, as mãos dos pobres apresentam uma tonalidade arroxeadada, uma mistura de azul e vermelho.

No texto alemão, todas essas informações estão implícitas no adjetivo *blauroten*. A tradução de Caro, por outro lado, explicita ao leitor todas essas relações de sentido. Mais uma vez, ao intervir no texto a fim de facilitar a compreensão por parte dos receptores, o tradutor prioriza a produção da Equivalência pragmática. Ao traduzir dessa maneira, Caro reduz a sensação de estranheza que uma tradução mais literal – “azul-vermelhas” ou até “rubrazuis”, por exemplo – provavelmente causaria no leitor de seu texto. Com isso, o tradutor se coloca, de novo, em uma posição de invisibilidade.

Diante das considerações tecidas neste capítulo, percebe-se que a reflexão sobre a Equivalência nos leva também a pensar nas diferentes atitudes frente ao objeto da tradução. Em diversos pontos da discussão empreendida aqui, a questão que se coloca pode ser sintetizada na conhecida máxima de Schleiermacher (1813): “Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranqüilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranqüilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 1813 *apud* HEIDERMANN, 2010: 57).

Como evidencia a historiografia da tradução, essas atitudes remetem a momentos, personalidades e objetivos diferentes, aspectos que não poderiam ser contemplados no espaço

desta dissertação. Não obstante, neste trabalho, a junção do instrumental teórico desenvolvido por Koller à abordagem da Linguística de *Corpus*, além de pontuar um aspecto, possibilita uma série de desdobramentos, na medida em que permite visualizar aspectos que circundam o objeto de investigação (os vocábulos cromáticos).

Isso abre caminho às mais diversas possibilidades de análise, cada uma delas, é claro, a ser combinada com a matriz teórica que mais se adequar aos objetivos da pesquisa futura. Nesse sentido, os recursos oferecidos por essa abordagem possibilitam muito mais do que as vantagens apontadas ao final do capítulo quarto desta dissertação: a disponibilização dos textos em meio digital, a facilitação do manuseio e do cotejo dos textos e da quantificação mais precisa dos dados, que por sua vez permite embasar as diferentes análises. Assim, o instrumental teórico e metodológico disponibilizado neste trabalho, bem como as considerações tecidas nesta seção, são um convite à ampliação e à diversificação da reflexão realizada aqui.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim do percurso, cumpre retornar àquilo que me impeliu a traçá-lo. Com as páginas que precedem esta conclusão, tive como objetivo a reconsideração da noção de Equivalência defendida por Werner Koller, teórico da tradução ainda pouco conhecido no Brasil e cuja recepção, até o presente momento, foi enviesada por sua confessa filiação a uma vertente dos estudos de tradução já considerada ultrapassada. Nesta dissertação, procurei demonstrar que, apesar de identificar-se com as abordagens linguísticas à tradução, Koller apresenta concepções de língua e tradução que não podem ser automaticamente equiparadas às premissas universalistas que caracterizam grande parte das teorias de base linguística e que marcam, até hoje, a noção que se tem de tradução e equivalência no senso comum: traduzir é reproduzir, em outra língua, o que está dito no original.

Como prelúdio a essa discussão, o capítulo segundo deste trabalho se destinou à observação de dois momentos da teorização sobre tradução: 1) o cientificismo estruturalista das abordagens linguísticas, voltadas para o texto e para o sistema linguístico, e 2) a posterior abertura para o contexto, para as condicionantes culturais, sociais, históricas etc., representada aqui pelas vertentes descritivista e desconstrutivista dos estudos de tradução. Com base na oposição assinalada por Kopetzki (1996), a transição entre esses dois momentos foi sintetizada, nesta pesquisa, como um movimento de uma atitude universalista para uma atitude relativista frente à tradução. À primeira corresponde uma predileção pela estabilidade, pela fixidez, em suma, pela universalidade da significação. Se os significados inseridos em uma obra são universalmente compartilhados, independentemente da forma linguística e da cultura em que são veiculados, então a tradução só pode ser vista como uma operação mecânica, que consiste no mero transporte de significados (estabelecidos *a priori*, pelo autor do original) de uma língua para outra. Consequentemente, o trabalho do tradutor se limita a uma atividade de reprodução, nunca de criação de novos significados.

Tais são os pressupostos que servem de base ao que chamei aqui de conceito tradicional de equivalência. Em princípio, a ideia de que seja possível manter intactos conteúdos pré-fixados no original, não obstante a alteração da forma, só é cabível em uma teoria universalista de língua e tradução. No plano teórico, portanto, a equivalência é o que garantiria a objetividade da Ciência da Tradução, na medida em que funciona, nesse contexto, como uma espécie de grandeza referencial que permite avaliar a qualidade de traduções com

base em sua “fidelidade” ao original. Com base nela, acreditava-se ser possível inclusive mecanizar por completo o processo tradutório, atribuindo a máquinas a tarefa de encontrar equivalentes.

Porém, não demora até que a teoria seja desbancada pela própria prática. O insucesso das abordagens voltadas para a equivalência se escancara quando fracassam os esforços de automatização total da tradução. A teoria, que então procurava “desumanizar” ao máximo o ato tradutório, vai inevitavelmente de encontro à prática, que sempre se revela produto da interação de um indivíduo dotado de criatividade e subjetividade – o tradutor – com as circunstâncias em que ele está inserido. A essa tomada de consciência corresponde um movimento em direção a concepções relativistas de tradução. A partir daí, o processo de significação passa a ser visto como um fenômeno indissociável da língua e da cultura em que se dá, retratam o traduzir como uma atividade hermenêutica, isto é, um processo de compreensão, interpretação e recriação de significados. Esses significados têm origem, não no texto de partida, mas na subjetividade do tradutor, que (para voltarmos à noção de reescritura de Lefevere) reescreve (não reproduz) o original.

Na passagem de um momento para outro, a equivalência parece ter ficado no meio do caminho. Ela não tem mais lugar em uma teoria relativista de língua e tradução, na medida em que não se admite a possibilidade de manutenção de conteúdos supostamente “transcendentais”, alheios a quaisquer condicionantes, sejam elas linguísticas ou de outra natureza. Em suma, já não é mais possível sustentar um conceito de equivalência que busca aplainar as diferenças e apagar quaisquer traços de subjetividade implicados no processo de tradução. São, pois, os mesmos pressupostos universalistas que levam, em um primeiro momento, à aclamação e, mais tarde, à derrocada do conceito da equivalência tradutória.

Ao embasar sua concepção teórica e prática de tradução na noção de equivalência, Koller se apresenta, à primeira vista, como um teórico que dará continuidade à tradição de pensamento universalista. No que diz respeito à recepção de sua obra, a tendência é associá-lo a autores como Nida (1964, 1982), Catford (1980) e outros autores que viam na equivalência “a ‘chave de ouro’ do pensamento sobre tradução” (CRUZ, 2012: 127). Seja por desconhecimento de sua obra original, nunca traduzida integralmente para o inglês nem para o português, ou, no caso dos leitores germanófonos, por uma certa ansiedade por rejeitar toda a sua teoria à primeira menção da palavra “equivalência”, os críticos de Koller acabaram por relegá-lo à obsolescência.

A revisão da obra de Koller, realizada no capítulo terceiro deste trabalho, mostrou que, em alguns pontos, a abordagem do autor de fato remete à tradição. A sua primeira categoria

de Equivalência, a denotativa, é o exemplo mais claro disso. Embora não o diga explicitamente, Koller dá demasiada ênfase à forma, na medida em que, para que fossem satisfeitos os pré-requisitos estabelecidos por ele para a produção desse tipo de Equivalência, seria necessário haver uma correspondência de classes gramaticais entre as unidades lexicais das línguas envolvidas. A Equivalência denotativa e os diversos tipos de correspondências nos quais ela se subdivide parecem, assim, dizer mais respeito ao plano do sistema linguístico (*langue*). Afinal, no plano do uso (*parole*), tudo pode ser traduzido por meio de explicações, paráfrases ou até mesmo notas de rodapé, por exemplo. Nesse sentido, as correspondências (*Entsprechungen*), que Koller distingue, terminológica e conceitualmente, da Correspondência (*Korrespondenz*), acabam por se confundir com esta última, fazendo o leitor se perguntar se a Equivalência denotativa não estaria mais bem acomodada em um estudo de Linguística Contrastiva.

Além disso, como vimos no subitem dedicado à Equivalência pragmática (3.1.4), Koller argumenta a favor da diferenciação entre “*traduções que contêm elementos adaptantes e adaptações que contêm elementos/partes traduzidos/as*” (KOLLER, 2004a: 250). Na contramão das tendências mais recentes nos estudos de tradução, que tentam cada vez mais aproximar as noções de tradução e adaptação, a exigência de Koller remete a uma noção de tradução que não leva em conta o aspecto criativo e produtivo desse tipo de texto e que por isso o diferencia da adaptação, que pressuporia, no senso comum, um grau mais elevado de originalidade.

Em que pese o “apego” de Koller a conceitos que, quase quarenta anos após a publicação da primeira *Einführung* (1979), já não se sustentam, uma leitura mais “caridosa”¹⁶⁶ de sua obra mostra que o autor adota concepções de língua e tradução que não são compatíveis com os pressupostos universalistas sobre os quais se sustenta grande parte das teorias da equivalência tradutória. A leitura que proponho aqui se baseia na mesma dicotomia universalismo-relativismo de Kopetzki (1996), apresentada no segundo capítulo desta dissertação. Com base na hipótese, sugerida pela mesma autora, de que toda concepção de tradução está relacionada a determinada concepção de língua, traduzi e analisei trechos de diferentes obras de Koller, nos quais o teórico se manifesta explicitamente sobre essas questões.

Em sua reflexão sobre o papel das línguas no processo de significação, Koller rejeita a possibilidade de significar o “mundo”, isto é, um conjunto de objetos objetivamente

¹⁶⁶ Pym utiliza esta expressão ao se questionar, em sua a sua própria revisão da obra de Koller, “se os teóricos de fato leram o que a *Einführung* dizia, ou se o fizeram com algum grau de caridade” (PYM, 1997: 5).

apreensíveis, independentemente da nossa língua materna. Para o autor, a maneira como falamos sobre nossa vivência no “mundo” é determinante para o modo como interpretamos a “realidade”. Tais “interpretações da realidade” (*Wirklichkeitsinterpretationen*) são, portanto, indissociáveis da língua. A posição do teórico aponta, como vimos, para uma concepção relativista de língua, na medida em que não reduz o papel das línguas à mera “etiquetagem” de referenciais concretos e objetivos, compartilhados por todas as línguas e culturas.

Também sua visão da tradução é de orientada para o relativismo. Na obra do autor, o fenômeno tradutório é retratado como uma atividade hermenêutica, na qual o tradutor dá voz à sua interpretação, individual e subjetiva, do texto original. Isso se reflete na sua noção de Equivalência, definida como um valor a ser “produzido” (*hergestellt*) pelo tradutor. Ao propor esse conceito, Koller reconhece que “a equivalência entre original e tradução não é prescrita, é dada; não é *ex-ante*, mas *ex-post*” (CRUZ, 2012: 122). A Equivalência é entendida, portanto, como algo em devir, ou seja, só passa a existir a partir do momento em que o texto é produzido, a partir, portanto, da ação do tradutor. Nesse sentido, a Equivalência é despida do caráter prescritivo geralmente atribuído a ela nas abordagens linguísticas, e passa a ser concebida como algo subjetivo, produto da criatividade e competência do tradutor, que define, *ad hoc*, quais relações de Equivalência podem ser estabelecidas em determinada situação.

A análise de seus textos, em especial a sétima edição da *Einführung*, publicada em 2004, também mostra que Koller se preocupou em acompanhar o desenvolvimento de novas vertentes nos estudos de tradução e em acomodar sua noção de Equivalência a essas novas perspectivas. O teórico várias vezes estabelece um diálogo com outras linhas de tradição, como os filósofos alemães do século XIX, o funcionalismo, a hermenêutica e a Estética da Recepção, por exemplo. Em sua confrontação com essas diversas vertentes, o autor incorpora à discussão acerca da Equivalência aspectos importantes sobre a recepção, muitas vezes ignorados nas pesquisas de orientação linguística. A preocupação do autor com o contexto de recepção se vê mais claramente em duas das suas categorias de sua tipologia: nas Equivalências pragmática e textual-normativa.

A própria multiplicidade dos tipos de Equivalência de Koller sugere um distanciamento dos modelos binários propostos por Nida (1964, 1982) e Catford (1980), por exemplo, nos quais o texto original ganha a primazia e o traduzir se afigura como um processo unidirecional: do texto-fonte para o texto-alvo. Na proposta de Koller, por sua vez, acentua-se o caráter relacional da Equivalência, que se dá em uma via de mão dupla, na medida em que é fruto do “duplo compromisso” da tradução: de um lado, tem-se um compromisso com o texto original; do outro, com os leitores do texto traduzido.

Além de advogar pelo caráter antiuniversalista da Equivalência de Koller, também argumentei, nesta dissertação, que ela pode ser utilizada como um conceito operacional. Em sua prática profissional e acadêmica, tradutores e pesquisadores da tradução recorrem frequentemente à noção de equivalência como forma de orientar suas decisões. Isso não significa, porém, que eles necessariamente creiam na existência de significados universais por trás das formas linguísticas. No meu entender, portanto, não se deve atribuir à Equivalência uma importância epistemológica. Se a compreendermos, não como a “essência” do traduzir, mas como um conceito que norteia uma prática social, a saber, a atividade tradutória, então a Equivalência adquire um uso, uma função. Nesse sentido, o conceito pode contribuir para o estreitamento da relação entre a teoria e a prática da tradução.

A fim de demonstrar de que maneira essas questões – até aqui discutidas no âmbito teórico – se apresentam na prática, propus aplicar, apenas de maneira exemplar, a noção de Equivalência de Koller a um par de textos empíricos. O *corpus* escolhido foram os vocábulos cromáticos presentes no romance *Buddenbrooks: Verfall einer Familie* (1909), de Thomas Mann, e na sua tradução para o português, de autoria de Herbert Caro e originalmente publicada no Brasil sob o título *Os Buddenbrook: decadência duma família* (1942). A escolha do tema das cores se deve, como exposto no capítulo introdutório, a um interesse pessoal e à necessidade de delimitar um recorte para o desenvolvimento da reflexão, visto que tanto o romance escolhido quanto a sua tradução são considerados textos canônicos e, como tais, já foram objeto de diversas pesquisas, sob os mais variados prismas.

A opção por um autor, um texto e um tradutor pertencentes ao cânone literário configura um risco, aqui assumido conscientemente. Ao longo deste trabalho, vimos que as abordagens orientadas para a equivalência são, em geral, consideradas adequadas apenas à tradução de textos técnicos, que, por seu léxico e sintaxe supostamente mais estandardizados, seriam o único âmbito no qual pode ser postulado algum grau de equivalência. Diante disso, a proposta de aplicar a noção de Equivalência de Koller a um par de textos literários visa questionar mais esse estigma associado a essa noção, que, desde que entendida como um conceito operacional, como aqui proposto, pode auxiliar na tradução de textos literários e não literários. Veremos mais adiante, porém, que o modelo de Koller tem suas limitações, de maneira que conclusões a respeito do aspecto propriamente literário dos textos aqui adotados como *corpus* só seriam possíveis mediante a interseção dessa matriz teórica com outras matrizes, a depender do objetivo da pesquisa futura.

Como exposto no capítulo quarto, dedicado à descrição do *corpus* e da metodologia, em minha confrontação com os textos de Mann e Caro, conjuguei o aparato teórico

desenvolvido aqui com a abordagem da Linguística de *Corpus*. Nesse processo, foram utilizados dois softwares: o *AntConc*, responsável pela quantificação das ocorrências de vocábulos cromáticos e pela geração de linhas de concordância e listas de palavras-chave, e o *AntPConc*, destinado ao alinhamento de texto original e tradução, a fim de facilitar a visualização das ocorrências traduzidas. Especialmente relevante para a presente pesquisa foi a ferramenta *keyword list* [lista de palavras-chave], do *AntConc*, que me permitiu arrolar os vocábulos cromáticos de maior chavicidade em ambos os *corpora*, ou seja, as cores cujo uso é estatisticamente mais significativo em *Buddenbrooks* e na sua tradução, em comparação aos respectivos *corpora* de referência.

De passagem, cabe apontar para as vantagens da metodologia adotada nesta pesquisa. O recurso a programas muito simples e gratuitos, como o *AntConc* e o *AntPConc*, possibilitaram o levantamento de dados quantitativos e qualitativos que não poderiam ter sido obtidos a partir de um exame “a olho nu” dos textos que integram o *corpus*. A frequência e a chavicidade das palavras presentes no original e na tradução, por exemplo, jamais poderiam ser determinadas sem o auxílio dessas ferramentas. Ainda assim, até onde sei, a interface com a Linguística de *Corpus* ainda é pouco explorada na área de Língua e Literatura Alemã. Dessa maneira, espero que os procedimentos e recursos descritos no capítulo quarto desta dissertação, bem como os resultados apresentados no capítulo quinto e nos anexos, sirvam de incentivo para que os colegas germanistas também façam uso dessas possibilidades em seus respectivos trabalhos e áreas de pesquisa.

No capítulo quinto, por fim, os resultados obtidos por meio das ferramentas de Linguística de *Corpus* servem de base empírica a algumas considerações acerca da moldura teórica elucidada nos capítulos anteriores. Para não exceder o escopo desta dissertação, o recorte das cores teve de ser ainda mais reduzido, de modo que optei por ilustrar minhas observações apenas por meio de alguns exemplos de ocorrências dos vocábulos cromáticos de maior chavicidade em cada um dos *corpora*. A chavicidade foi o critério escolhido porque permite identificar as particularidades do *corpus* de estudo, na medida em que o compara a um *corpus* de referência mais geral. Dessa maneira, o pesquisador é capaz de identificar quais são as palavras estatisticamente mais significativas do *corpus* de estudo, ou seja, quais palavras têm o uso mais marcado no(s) texto(s) em questão. Neste trabalho, as palavras-chave de fato trouxeram à luz alguns do *corpus* que são relevantes para a discussão sobre a Equivalência e também para a teoria e prática da tradução de modo geral.

Em um primeiro momento, já é possível notar que as cores de maior chavicidade em cada um dos textos não coincidem. Isso permite, como vimos, contestar a visão que

geralmente se tem da equivalência, na medida em que dá a ver a criatividade imbricada no processo de tradução. As diferenças entre as palavras-chave refletem o aspecto produtivo do traduzir, em detrimento da ideia de reprodução à qual a equivalência é geralmente associada. Assim, ao passo que a noção tradicional (leia-se: universalista) de equivalência apaga a criatividade e a singularidade da escrita tradutória, a prática revela o oposto. Com isso, o tradutor se afigura como um sujeito criador de conteúdos, produtor de significados, uma imagem que remete à noção de Equivalência, entendida por Koller como uma relação *produzida* entre original e tradução por meio da atividade do tradutor.

Além das vantagens já apontadas para o uso das ferramentas de Linguística de *Corpus*, no capítulo quinto, esses recursos não somente possibilitaram a focalização de um elemento específico (neste caso, os vocábulos cromáticos), ilustrado em alguns exemplos, como também permitiram enxergar o que está “em volta” do objeto de investigação. Assim, a discussão sobre a Equivalência, aliada aos resultados fornecidos pelos softwares de Linguística de *Corpus*, levaram à reflexão sobre questões como o grau de explicitação da tradução, o horizonte de expectativas dos leitores do texto traduzido, a relevância de aspectos estilísticos do original para a tradução, a organização sintática do texto e, por fim, a questão da visibilidade do tradutor.

No que respeita à Equivalência em si, a reflexão desenvolvida no capítulo quinto permite entrever que uma única solução de tradução pode ensejar a produção de diversos tipos de Equivalência. A observação de alguns poucos exemplos empíricos mostra que, na prática, as categorias idealizadas por Koller muitas vezes se sobrepõem, de maneira a melhor acomodar o que o tradutor considerar mais relevante para o par de textos em questão. Como demonstrado pelas diversas traduções de *braunen* e “azuladas”, é possível que a Equivalência denotativa coexista com as Equivalências estético-formal e pragmática, por exemplo. Nesse sentido, pode-se ver, no plano empírico, que a produção da Equivalência nos moldes de Koller não se limita à tradicional dicotomia forma *versus* conteúdo.

Nesse ponto, portanto, a conclusão a que se chega é: a pluralidade das categorias de Equivalência de Koller reflete uma tentativa de demonstrar, na teoria, o que se dá na prática da tradução, na qual entram em jogo diversas dimensões do significado. Isso não significa, porém, que haja qualquer concretude nessa delimitação. Em outras palavras, é possível trabalhar com tais subdivisões na teoria sem que, na prática, haja limites rígidos entre as diferentes esferas de significação contempladas no modelo de Koller. Nas palavras de P. Oliveira (2005: 23): “Ora, o fato de *traçarmos* um limite [...] não significa que esse limite seja

dado, que seja um objeto da natureza ou pertencente a alguma ordem transcendental-metafísica”.

Aqui, voltamos à questão da confusão entre conceitos epistemológicos e conceitos de ordem operacional. Ao levar em consideração não somente os níveis denotativo e conotativo do significado, mas também as normas linguístico-textuais, as expectativas dos receptores e aspectos estéticos do texto, o tradutor ou pesquisador tem maiores condições de produzir e compreender as relações de equivalência em uma moldura mais ampla. Sob essa perspectiva, então, o conceito proposto por Koller adquire uma função, um uso no âmbito de uma determinada prática social.

É importante reiterar, neste ponto, que o modelo de Koller não é um instrumental de análise, mas um aparato teórico que permite a tradutores e pesquisadores da tradução desvendar e justificar decisões tradutórias, suas ou de outrem. Por esse motivo, este trabalho não teve a pretensão de avaliar criticamente a tradução de Caro, ou explicar por que o tradutor procedeu de determinada maneira. Para chegar a uma conclusão sobre uma possível atitude de Caro frente à tradução do livro, seria necessário classificar cada ocorrência individualmente, de acordo com a tipologia de Koller, e tabular os resultados. Dadas as limitações de espaço e tempo a que está sujeita uma pesquisa de mestrado, e o caráter eminentemente teórico que o trabalho adquiriu, não pretendi dar conta desses aspectos na presente dissertação. Então, a alternativa que encontrei consistiu em tecer algumas considerações de forma exemplar, selecionando algumas poucas ocorrências e apontando a estratégia adotada pelo tradutor para contornar aquela questão específica colocada pelo exemplo, sem a intenção de fornecer respostas definitivas.

A partir daí, acredito, é possível pensar em diversos desdobramentos. A junção do quadro teórico delineado aqui com matrizes de caráter literário ou simbólico, por exemplo, certamente traria à luz novos aspectos das obras que servem de *corpus* a esta dissertação e do próprio traduzir. Contudo, a teoria de Koller, por si só, não é capaz de fazer jus à complexidade de todas essas questões. Como o próprio autor afirma: “O fenômeno da tradução é tão fascinante justamente porque é possível aproximar-se dele – de maneira legítima e frutífera – a partir de *abordagens e interesses* inteiramente diferentes dos que estão no primeiro plano desta ‘Introdução’” (KOLLER, 2004a: 18).

Assim, considero que a principal contribuição desta dissertação é a releitura da obra de Koller sob um novo ângulo, o do antiuniversalismo expresso em suas concepções de língua, tradução e, sobretudo, de equivalência. Com a apresentação e a análise de alguns trechos selecionados da obra do autor, aqui traduzidos pela primeira vez para o português, espero ter

evidenciado que a sua Equivalência não deve ser automaticamente descartada com base no argumento de que esse é um conceito que necessariamente remete ao universalismo das primeiras pesquisas sobre tradução. Mais acertado do que criticar determinado autor pelo mero uso do termo “equivalência”, seria apontar para o que há de universalista nesse conceito, e também reconhecer quando esse não é o caso. Emprestando a expressão utilizada por P. Oliveira (2007b: 184), é preciso ter cuidado para não “jogar fora a criança junto com a água do banho”.

Assim, ciente de ter somente tocado a superfície das questões tratadas aqui, que certamente não se esgotam ao findarem estas páginas, disponibilizo aos meus colegas pesquisadores todo o instrumental teórico e metodológico desenvolvido nesta pesquisa, bem como os resultados obtidos a partir dele. Com isso, espero que as reflexões feitas neste trabalho possam servir como ponto de partida para novas pesquisas que possam, talvez, ampliar a discussão empreendida aqui, ou até mesmo sugerir rotas alternativas ao caminho trilhado na presente dissertação.

REFERÊNCIAS¹⁶⁷**Textos do *corpus* de estudo**

MANN, Thomas. **Buddenbrooks**: Verfall einer Familie. Berlin: Deutsche Buchgemeinschaft, 1909. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/34811/34811-h/34811-h.htm>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

_____. **Os Buddenbrook**: Decadência duma família. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. Tradução de Herbert Caro.

Textos dos *corpora* de referência**a) Em alemão**

BIERBAUM, Otto Julius. **Stilpe**: Ein Roman aus der Froschperspektive. Berlin: Schuster & Loeffler, 1897. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/bierbaum_stilpe_1897>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CONRADI, Hermann. **Adam Mensch**. Leipzig: Friedrich, 1889. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/conradi_adam_1889>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FONTANE, Theodor. **Irrungen, Wirrungen**. Leipzig: Steffens, 1888. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/fontane_irrungen_1888>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **Effi Briest**. Berlin: Fontane, 1896. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/fontane_briest_1896>. Acesso em: 22 jun. 2018.

LAßWITZ, Kurd. **Auf zwei Planeten**: Roman in zwei Büchern. Weimar: Felber, 1897. 2 v. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/lasswitz_planeten01_1897>. Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/lasswitz_planeten02_1897>. Acesso em: 22 jun. 2018.

¹⁶⁷ Indicadas conforme a norma ABNT NBR 6023 (sistema autor-data) e geradas por meio da plataforma MORE (Mecanismo Online para Referências, versão 2.0).

RAABE, Wilhelm. **Stopfkuchen**: Eine See- und Mordgeschichte. Berlim: Janke, 1891. Disponível em: http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/raabe_stopfkuchen_1891>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **Die Akten des Vogelsangs**. Berlim: Janke, 1896. Disponível em: http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/raabe_akten_1896>. Acesso em: 22 jun. 2018.

VON FRANÇOIS, Louise. **Die letzte Reckenburgerin**: Roman. Berlim: Janke, 1871. 2 v. Disponível em: http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/francois_reckenburgerin01_1871>. Disponível em: http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/francois_reckenburgerin02_1871>. Acesso em: 22 jun. 2018.

b) Em português

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ; Paris, França: Garnier, [1899]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or15660/or15660.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **Esau e Jacó**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [1904?]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/esau_e_jaco.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [1915?]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/pquaresma.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **Os bruzundangas**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [1922?] Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bruzundangas.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BARRETO, Paulo. **A profissão de Jacques Pedreira**. [S.l.]: Universidade da Amazônia - Unama, [1911?]. Pseudônimo de João do Rio. Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/paulo_barreto2.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CAMINHA, Adolfo. **A normalista**: scenas do Ceará. Rio de Janeiro: Magalhães & C., 1893. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000001.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **O Bom-crioulo**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [1895?]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000052.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00076a.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões – Volume 1**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional, [1902?]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000153.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

NETO, Coelho. **A Conquista**. [S.l.]: Universidade da Amazônia - Unama, [1899?]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00074a.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **O Turbilhão**. [s.l.]: Universidade da Amazônia - Unama, [1906?]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00076a.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

SETÚBAL, Paulo. **O Príncipe de Nassau**. [s.l.]: Clube do Livro, 1945. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi00192a.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. **Os Irmãos Leme**. [s.l.]: Saraiva Livresiros Editores, 1950. (Coleção Saraiva, v. 4). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000190.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Obras da base teórica e metodológica

AGUIAR, Sérgio Marra de. **As vozes de Chico Buarque em inglês**: Tradução e Linguística de Corpus. 2010. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-20042011-150715/pt-br.php>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

ALBRECHT, Jörn. **Linguistik und Übersetzung**. Tübingen: Niemeyer, 1973.

ARAÚJO, Denise Lino de. A língua falada na TV: Texto falado ou escrito?. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 57-76, 2003. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/230/197>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ARROJO, Rosemary. Desconstrução, psicanálise e ensino de tradução. In: ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago: 1993.

_____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5064/4567>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2003.

AZENHA JR., João. Tradução Técnica, Condicionantes Culturais e os Limites da Responsabilidade do Tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.137-149, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5083/4542>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

_____. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Pandaemonium Germanicum**: Revista de Estudos Germânicos. São Paulo, n. 9, p. 367-392, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73944/77604>> Acesso em: 26 jul. 2018.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2009.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi.

_____; LEFEVERE, André (Eds.). **Translation, history and culture**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1990.

BERBER SARDINHA, Tony. A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras-chave usando o programa computacional Wordsmith Tools. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 26, n. 2, p.183-204, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9290>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

_____. *Linguística de Corpus: Histórico e Problemática*. **Delta**, São Paulo, v. 16, n. 2, p.323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcw.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Os problemas da classificação tradicional das unidades léxicas e uma proposta de solução. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 43, p. 89-103, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4083/3725>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

BOTTMANN, Denise. **Não gosto de plágio**. 2013. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2013/03/thomas-mann-no-brasil.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BRANDESTINI, Julika. **Das Problem der Übersetzung von Dialektpassagen: Italienische Übersetzungen der Buddenbrooks von Thomas Mann**. 2006. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Estudos Culturais, Europa-Universität Viadrina, Frankfurt an der Oder, 2006. Disponível em: <<http://www.thomasmann.de/sixcms/media.php/471/Italienische%20%C3%9Cbersetzungen%20der%20Buddenbrooks.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BRASIL. LEI Nº 9.610 DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. **Lei de Direitos Autorais**. Brasília, DF, fev. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19610.htm>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BROECK, Raymond van den. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. **Poetics Today**, Durham (EUA), v. 2, n. 4, p. 73-87, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1772487>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache**. Jena: Fischer, 1934.

CANDELORO, Rosana J.. Todas as faces de Herbert Caro. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 01 jan. 1995. Mais. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/01/mais/18.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CARO, Herbert. Carta de 14 de outubro de 1941 a Thomas Mann. Documentos do Arquivo Herbert Caro, Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em Porto Alegre [fac-símile], **Contingentia**, n. 2, maio de 2007, p. 71-73.

_____. A mãe brasileira de Thomas Mann. **Humboldt**, [S.l.], n. 57, p.16-23, 1975.

CATFORD, John Cunnison. **A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. 3. ed. Londres: Oxford University Press, 1969.

_____. **Uma teoria lingüística da tradução: Um ensaio em lingüística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980. Tradução dos alunos do Centro de Especialização de Tradutores em Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

CHESTERMAN, Andrew. **Readings in Translation Theory**. Helsinki: Oy Finn Lectura Ab, 1989.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Arménio Amado, 1975. Tradução de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo.

CORREIA, Margarita. A conversão em português, com particular incidência na construção de substantivos deadjektivais. In: ENCONTRO COMEMORATIVO DOS 25 ANOS DO CLUP, 2002, Porto. **Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do CLUP**. Porto: Clup, 2002. p. 19-29. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-mcorreia-conversao_pt.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CRUZ, Celso Donizete. **O trabalho do tradutor: em busca de uma teoria para a prática**. 2012. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-14012013-140329/pt-br.php>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

CUNHA, Adan Phelipe. Contrastando Sapir (d)e Whorf na 'Hipótese Sapir-Whorf'. In: XVI SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 2011, Campinas. **Anais do SETA (v. 5)**. Campinas: Unicamp, 2011. p. 3-17. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/issue/view/125>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

DORNBUSCH, Claudia Sibylle. **Aspectos interculturais da recepção de Thomas Mann no Brasil**. 1992. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

- FUJIHARA, Álvaro Kasuaki. **Equivalência Tradutória e Significação**. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25348/FUJIHARA.jsessionid=F5B44E843C983B4320F419739927EE94?sequence=1>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- GADAMER, Hans-georg. De: Verdade e Método. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 234-249. Tradução de Fabrício Coelho.
- GALLE, Helmut. Buddenbrook – Popular e subestimado (Posfácio). In: MANN, Thomas. **Os Buddenbrook**: decadência de uma família. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 681-704.
- GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. 2. ed. Clevedon, Buffalo, Toronto, Sydney: Multilingual Matters, 2001.
- GLENK, Eva Maria Ferreira. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 11, p.189-214, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/62159>>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- GONÇALVES, Lourdes Bernardes. **Dubliners sob a lupa da Lingüística de Corpus**: Uma contribuição para a análise e a avaliação da tradução literária. 2006. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08112007-154609/pt-br.php>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- HADDAD, Fernando. Missão do Portal Domínio Público. In: BRASIL. Ministério da Cultura. **Portal Domínio Público**. [s.a.]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- HALLIDAY, Michael; MCINTOSH, Angus; STREVEN, Peter. Comparação e tradução. In: _____. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 136-161. Tradução de Myriam Freire Morau.
- HARDIE, Andrew. **Formal definition of "Collocation strength"**. 2015. Disponível em: <<https://mailman.uib.no/public/corpora/2015-November/023519.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

HEIDERMAN, Werner. A Escola Tradutológica de Leipzig. In: CARDOZO, Maurício; HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (Eds.). **A Escola Tradutológica de Leipzig**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009, p. ix-xii.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INGARDEN, Roman. **Das literarische Kunstwerk**. Tübingen: Niemeyer, 1960.

IVIR, Vladimir. Formal Correspondence vs. Translation Equivalence Revisited. **Poetics Today**, [S.l.], v. 2, n. 4, p.51-59, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1772485?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 jun. 2018.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor: Textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Literatura e teoria literária, v. 36). Tradução de Luiz Costa Lima.

_____. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994. (Temas, v. 36). Tradução de Sérgio Tellaroli.

KADE, Otto. **Zufall und Gesetzmäßigkeiten in der Übersetzung**. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie, 1968. (Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen, I).

_____. Kommunikationswissenschaftliche Probleme der Translation. In: WILSS, Wolfram. **Übersetzungswissenschaft**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. p. 199-218.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Die Exiliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien**. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 1992. (Europäische Hochschulschriften I).

KINOUCI, Osame; KINOUCI, Juliana M.; MANDRÁ, Angélica A.. Metáforas científicas no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [S.l.], v. 34, n. 4, p.1-12, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172012000400020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2018.

KJÄR, Uwe. **“Der Schrank seufzt”**: Metaphern im Bereich des Verbs und ihre Übersetzung. 1988. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de Gotemburgo, Gotemburgo, 1988.

KLING, Boris. Thomas Mann: Leben und Werk im historischen Kontext. In: GEMEINSAME KONFERENZ DER KATHOLISCHEN ÄRZTEARBEIT DEUTSCHLANDS UND DER ST.-ALBERTUS-MAGNUS-APOTHEKERGILDE, 1., 2010, Glees. **Zufall und Notwendigkeit oder Gottes Schöpfungsplan? — Nachfrage bei Charles Darwin**. Grafschaft: Kath. Ärztearbeit Deutschlands, 2012. p. 84 - 90. Disponível em: <http://www.katholischeaerztaerztaerbeit.de/uploads/pdf/thomas_mann-boris_kling.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

KOLLER, Werner. Die literarische Übersetzung unter linguistischem Aspekt: Bedingungsfaktoren der Übersetzung am Beispiel Henrik Ibsens. In: KITTEL, Harald (Ed.). **Die literarische Übersetzung**: Stand und Perspektiven ihrer Erforschung. Berlin: Erich Schmidt, 1988. p. 64-91. (Göttinger Beiträge zur Internationalen Übersetzungsforschung, v. 2).

_____. Linguistik und kulturelle Dimension der Übersetzung – in den 70er Jahren und heute. In: THOME, Gisela; GIEHL, Claudia; GERZYMISCH-ARBOGAST, Heidrun (Ed.). **Kultur und Übersetzung**: Methodologische Probleme des Kulturtransfers. Tübingen: Gunter Narr, 2001. p. 115-130. Disponível em: <<http://wernerkoller.com/onewebmedia/Wissenschaftliches/Linguistik%20und%20kulturelle%20Dimension.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. 7. ed. Wiebelsheim: Quelle & Meyer, 2004a.

_____. Der Begriff der Äquivalenz in der Übersetzungswissenschaft. In: KITTEL, Harald et al (Ed.). **Übersetzung - Translation - Traduction**: Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An International Encyclopedia of Translation Studies (v. 1). Berlin, Nova Iorque: de Gruyter, 2004b. p. 343-354. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, Vol. 26:1). Disponível em: <<http://wernerkoller.com/onewebmedia/Wissenschaftliches/Der%20Begriff%20der%20%C3%84quivalenz.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

KOPETZKI, Annette. **Beim Wort nehmen**: Sprachtheoretische und ästhetische Probleme der literarischen Übersetzung. Stuttgart: M&P, 1996.

KRZESZOWSKI, Tomasz P.. The problem of equivalence revisited. **IRAL**: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, [S.l.], v. 19, n. 2, p.113-128, 1981.

KURNICKIENÉ, Rita; ŠAPALIENÉ, Jadzé. Zur Charakteristik der Farbenbezeichnungen (an Beispielen des Romans 'Buddenbrooks' von Th. Mann). **Kalbotyra**, Vilnius, v. 51, p. 10-18, 2001. Disponível em: <<http://www.biblioteka.vpu.lt/zmogusirzodis/PDF/svetimosioskalbos/2001/kursap10-18.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo Astor. **Terra Mátria: a família de Thomas Mann e o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Tradução de Sibeles Paulino.

LAU, Héilton Diego. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p.90-101, fev. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/22957>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru: Edusc, 2007. Tradução de Claudia Matos Seligmann.

MAHLBERG, Michaela. Lexical cohesion: Corpus linguistic theory and its application in English language teaching. **International Journal of Corpus Linguistics**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 363-383, 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/10815391/Lexical_cohesion_Corpus_linguistic_theory_and_its_application_in_English_language_teaching>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MANN, Thomas. **Buddenbrooks: Verfall einer Familie (Kommentar)**. 3. ed. Frankfurt Am Main: S. Fischer, 2002. (Große kommentierte Frankfurter Ausgabe, v. 1.2). Kommentar von Eckhart Heftrich und Stephan Stachorski.

MARTINES, Fernando. 'Tuitar' entra para o dicionário. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 18 set. 2010. Link, p. 1-1. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,tuitar-entra-para-o-dicionario,10000042527>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. **Revista do Gelne**, Natal, v. 4, n. 2, p.1-6, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9091>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MEUNIER, F.. The pedagogical value of native and learner *corpora* in EFL grammar teaching. In: GRANGER, S.; HUNG, J.; PETCH-TYSON, S. (Eds.). **Computer Learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Teaching**, Amsterdã: John Benjamins, 2002. p. 119-141.

MILTON, John. Tradução & Adaptação. Tradução de Thaís Polegato de Souza. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (Orgs.). **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Unesp, 2015. p. 17-43. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

MINCHIN, Carolina Ribeiro. Motivação metonímica em fraseologismos alemães que contêm a palavra *rot*. In: 1º CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS GERMANÍSTICOS, 2015, São Paulo. **Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos**. São Paulo: ABEG, 2016. p. 409 - 417. Disponível em: <<http://germanistik-brasil.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Carolina-Ribeiro-Minchin.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

_____. Thomas Mann e Herbert Caro: quando a tradução faz duas lendas. In: 2º CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS GERMANÍSTICOS, 2017, Florianópolis. **Anais do 2º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2017. p. 232 - 238. Disponível em: <http://germanistik-brasil.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Secao10_Com02.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MOREIRA, Marcelo Victor de Souza. **Estudos funcionais da tradução: rupturas e continuidades**. 2014. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-27062014-111155/pt-br.php>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and applications**. 2. ed. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2008.

MUNDT, Renata de Souza Dias. A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**. São Paulo: ABRALIC, 2008. p. 1-10. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENAT_A_MUNDT.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

NIDA, Eugene A.. **Toward a Science of Translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

_____; TABER, Charles R.. **The theory and practice of translation**. 2. ed. Leiden: E. J. Brill, 1982.

- NIELSEN, Annie A. M.. **A face oculta de Pagu**: Um caso de pseudotradução no Brasil do século XX. 2007. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10498/10498_4.PDF>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- NORD, Christiane. **Textanalyse und Übersetzen**: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. 2. ed. Heidelberg: Julius Groos, 1991.
- _____. La intertextualidad como herramienta en el proceso de traducción. **Puentes**, n. 9, p. 9-18, 2010. Disponível em: <<http://wpd.ugr.es/~greti/revista-puentes/pub9/03-Christian-Nord.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- OLIVEIRA, Alessandra Ramos de. Equivalência: sinônimo de divergência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p.97-114, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6994/6478>>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- OLIVEIRA, Paulo. A gramática wittgensteiniana como alternativa à polarização fidelidade vs. *différance* nos estudos da tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 9-34, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6580>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- _____. Estudos da Tradução sem Tertium Comparationis? Considerações sobre o besouro de Wittgenstein e o diabo no Grande Sertão – de Rosa e da Globo. **Tradterm**, [S.l.], v. 13, p.225-260, 2007a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/48188>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- _____. Wittgenstein e os problemas da Tradução. **Coleção CLE**, Campinas, v. 50, p. 175-244, 2007b. Disponível em: <https://www.academia.edu/26903627/Wittgenstein_e_problemas_da_tradu%C3%A7%C3%A3o?auto=download>. Acesso em: 02 ago. 2018.
- PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: Algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 4, n. 7, p. 177-187, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/2370>>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- POTTIER, Bernard. **Linguistique générale**: Théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

PYM, Anthony. Koller's Äquivalenz revisited. **The Translator**, [S.l.], v. 3, n. 1, p.71-79, 1997. Disponível em: <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/reviews/1997_koller.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J.. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tübingen: Niemeyer, 1984. (Linguistische Arbeiten, 147).

RICŒUR, Paul. Uma "Passagem": Traduzir o intraduzível. In: RICŒUR, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 59-71. Tradução de Patrícia Lavelle.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**. São Paulo: Unesp, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Thomas Mann**. São Paulo: Unicamp, Edusp, Perspectiva, 1994.

SANTOS, Arinalva Paula dos. **Linguagem, forma de vida, heteronímia: Pessoa e Wittgenstein**. 2016. 108 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=27711@1>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

SCHÄFER, Anna Carolina. **Quando a tradução (re)conta a história: análise textual e tradução comentada de interrogatórios da 'Rosa Branca'**. 2015. 405 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-23112015-133329/pt-br.php>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. 1813. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngue, alemão-português (v. 1)**. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 37-101. Tradução de Celso R. Braidão.

SCHUMANN, Carina. **Zur Bedeutung von Farben bei Thomas Mann**. 2013. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, University Of Florida, Gainesville, 2013. Disponível em: <ufdc.ufl.edu/UFE0045524/00001>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SILVA, Nilson Roberto B. da. **A tradução de jogos de palavras no romance O Xangô de Baker Street: uma revisão do quadro de estratégias de Delabastita com o auxílio da Linguística de Corpus**. 2015. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14122015-115224/es.php>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: an integrated approach**. 2. ed. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

_____. **The turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?**. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 2006.

_____. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 15, n. 9, p.185-212, 2012. Tradução de Marcelo Moreira. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pg/v15n19/a10v15n19.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

STEINER, George. **After Babel**. 2. ed. Oxford, Nova Iorque, Toronto: Oxford University Press, 1992.

STOLZE, Radegundis. **Übersetzungstheorien: eine Einführung**. Tübingen: Narr, 1994.

STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. Tradução & Tecnologias. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (Orgs.). **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Unesp, 2015. p. 303-324. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. Glossário de Linguística de Corpus. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E. Ortweiler (Orgs.). **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: HUB Editorial, 2010. p. 357-361. Disponível em: <http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2018.

THIMANN, Susanne. **Brasilien als Rezipient deutschsprachiger Prosa des 20. Jahrhunderts: Bestandsaufnahme und Darstellung am Beispiel der Rezeptionen Thomas Manns, Stefan Zweigs und Hermann Hesses**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1989.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 1995.

TYMOCZKO, Maria. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. **Meta: Journal des traducteurs**, [S.l.], v. 43, n. 4, p.652-660, 1998. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1d1f/f18447c745330815e3789bb9ae1f2144b7be.pdf?_ga=2.218155417.1429977355.1528133463-48495511.1528133463>. Acesso em: 21 jun. 2018.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. **Palavra**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 111-134, 1995a. Tradução de: VENUTI, Lawrence. The translator invisibility: **Criticism**, v. XXXVIII, n. 2, 1986, p. 179-212.

_____. **The translator's invisibility: A History of Translation**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1995b.

WEISE, Christina. **Thomas Mann und Brasilien: Untersuchungen zur Produktion und Rezeption**. 2009. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Colônia, Colônia, 2009. Disponível em: <http://www.alyfe.de/miradouro/weise_2012.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

WEISSER, Martin. **Corpus-based Linguistics – Introduction**. 2016. Página originalmente criada por David Lee. Disponível em: <http://martinweisser.org/corpora_site/CBLLinks.html>. Acesso em: 21 jun. 2018.

WILSS, Wolfram. **Kognition und Übersetzen: Zu Theorie und Praxis der menschlichen und der maschinellen Übersetzung**. Tübingen: de Gruyter, 1988. (Konzepte der Sprach- und Literaturwissenschaft, 41).

_____. **Übersetzen und Dolmetschen im 20. Jahrhundert**. Saarbrücken: Asko Europa Stiftung, 1999.

WOTJAK, Gerd (Org.). **50 Jahre Leipziger Übersetzungswissenschaftliche Schule**. Ein Rückschau anhand von ausgewählten Schriften und Text Passagen. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2006.

ZANETTIN, Federico. **Translation-Driven corpora: Corpus Resources for Descriptive and Applied Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 2012 (Translation Practices Explained, v. 14). Disponível em: <<https://sites.google.com/site/linguisticadecorpus2016/leituras>> Acesso em: 19 jun. 2018.

Softwares e websites

ABBYY. **ABBYY FineReader** (versão 14 para Windows). 2018. Disponível em: <<https://www.abbyy.com/pt-br/finereader/>>. Acesso em 23 jun. 2018.

ANTHONY, Laurence. **AntConc** (versão 3.4.4w). Tóquio: Waseda University. 2018. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

_____. **AntPConc** (versão 1.2.1). Tóquio: Waseda University. 2017. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antpconc/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

BERLIN-BRANDENBURGISCHEN AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN (Ed.). **Deutsches Textarchiv**: Grundlage für ein Referenzkorpus der neuhochdeutschen Sprache. 2018. Disponível em: <<http://www.deutschestextarchiv.de/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Portal Domínio Público**. [s.a.]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

HO, Don. **Notepad++** (versão 6.7.7). 2015. Disponível em: <<http://notepad-plus-plus.org/download/v6.7.7.html>>. Acesso em 23 jun. 2018.

MORE: **Mecanismo online para referências**, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1: Ocorrências de vocábulos cromáticos no *corpus* em alemão

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>Rot</i> [vermelho]	Simples (10): - (das) <i>Rot</i> (5) - (die) <i>Röte</i> (2) - (der) <i>Roter</i> (1) - (die) <i>Rötung</i> (2) Compostos (18): - (das) <i>Abendrot</i> (2) - (das) <i>Dunkelrot</i> (2) - (der) <i>Rotspohn</i> (2) - (der) <i>Rotwein</i> (10) - (die) <i>Rotweinflasche</i> (1) - (die) <i>Rotweinmarke</i> (1) Complexos (2): - <i>dunkelroten Farbe</i> (1) - <i>Rote Grütze</i> (1)	Simples (118): - <i>errötend*</i> (4) - <i>errötet*</i> (2) - <i>gerötet*</i> (15) - <i>rot*</i> (85) - <i>röter</i> (1) - <i>rötlich*</i> (11) Compostos (52): - <i>blaurot*</i> (1) - <i>blutrot*</i> (1) - <i>dunkelrot*</i> (16) - <i>feuchtröt*</i> (2) - <i>fuchsrot*</i> (1) - <i>hellrot*</i> (2) - <i>rotäugig*</i> (1) - <i>rotblond*</i> (5) - <i>rotbraun*</i> (2) - <i>rotbräunlich*</i> (1) - <i>rotgelb*</i> (2) - <i>rotgemalt*</i> (1) - <i>rotgolden*</i> (1) - <i>rötlichblond*/rötlich-blond*</i> (5) - <i>rötlichbraun*</i> (1) - <i>rötlichgelb*</i> (1) - <i>rotspontrinkend*</i> (1) - <i>schamrot*</i> (1) - <i>schlafrot*</i> (1) - <i>weinrot*</i> (1) - <i>ziegelrot*</i> (3) Complexos (2): - <i>rötlich blond*</i> (1) - <i>rötlich gelb*</i> (1)	<i>Erröten</i> (1) <i>errötete</i> (3) <i>röten</i> (1) <i>röteten</i> (1)	<i>gerötet</i> (1)
Total: 207	30	170	6	1

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
Weiß [branco]	Simples (3): - (das) <i>Weiß</i> (2) - (die) <i>Weiß</i> e (1) Compostos (5): - <i>Kohlweißlingen</i> (1) - (der) <i>Weißwein</i> * (1) - (das) <i>Weißzeug</i> * (3)	Simples (142): - <i>geweißt</i> * (2) - <i>weiß</i> * (134) - <i>weißlich</i> * (6) Compostos (37): - <i>alabasterweiß</i> * (2) - <i>grauweißlich</i> * (1) - <i>mattweiß</i> * (2) - <i>schlohweiß</i> * (2) - <i>schneeweiß</i> * (7) - <i>schwarz-weiß</i> * (1) - <i>silberweiß</i> * (2) - <i>zartweiß</i> * (1) - <i>weißbehaart</i> * (1) - <i>weißgedeckt</i> * (1) - <i>weißgehäkelt</i> * (1) - <i>weißgekleidet</i> * (1) - <i>weißgesprenkelt</i> * (1) - <i>weißgetüncht</i> * (1) - <i>weißglänzend</i> * (1) - <i>weißgolden</i> * (1) - <i>weißgrau</i> * (1) - <i>weißhaarig</i> * (1) - <i>weißlackiert</i> * (5) - <i>weißnebelig</i> * (1) - <i>weißseiden</i> * (2) - <i>weißwollen</i> * (1) Complexos (2): - <i>weiß lackiert</i> * (2)	-	-
Total: 189	8	181	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participípios
<i>Schwarz</i> [preto]	Simples (5): - (das) <i>Schwarz</i> (3) - <i>Schwarzen</i> (2)	Simples (109): - <i>geschwärzt</i> * (1) - <i>schwarz</i> * (103) - <i>schwärzlich</i> (4) - “ <i>swärz</i> ” (1) Compostos (16): - <i>blitzschwarz</i> * (1) - <i>kohl-schwarz</i> * (1) - <i>tiefschwarz</i> * (1) - <i>schwarz-weiß</i> * (1) - <i>schwarzbärtig</i> * (1) - <i>schwarzbehaart</i> * (3) - <i>schwarzgedruckt</i> * (1) - <i>schwarzgefleckt</i> * (1) - <i>schwarzgekleidet</i> * (1) - <i>schwarzgerahmt</i> * (1) - <i>schwarzgerändert</i> * (1) - <i>schwarzgolden</i> * (1) - <i>schwarzgrün</i> * (1) - <i>schwarzwollen</i> * (1)	-	-
Total: 130	5	125	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participípios
<i>Blau</i> [azul]	Simples (3): - (das) <i>Blau</i> (3) Compostos (4): - (der) <i>Blaustift</i> (1) - (das) <i>Hellblau</i> (1) - (das) <i>Himmelblau</i> (2) Complexos (2): - <i>bläuliche Färbung</i> (2)	Simples (67): - <i>blau</i> * (40) - <i>bläulich</i> * (27) Compostos (37): - <i>blaudunstig</i> * (1) - <i>blaugrau</i> * (1) - <i>blaukarisiert</i> * (1) - <i>blaurot</i> * (1) - <i>blauwollen</i> * (1) - <i>dunkelblau</i> * (3) - <i>grau-blau</i> * (5) - <i>hellblau</i> * (11) - <i>himmelblau</i> * (2) - <i>mattblau</i> * (1) - <i>saphirblau</i> * (2) - <i>stahlblau</i> * (1) - <i>stahlblauäugig</i> * (1) - <i>tiefblau</i> * (2) - <i>wasserblau</i> * (2) - <i>zartblau</i> * (2)	-	-
Total: 113	9	104	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participípios
<i>Grau</i> [cinza]	Simples (5): - (das) <i>Grau</i> (1) - <i>Grauen</i> (- <i>Schwester</i> *) (4) Complexos (2): - <i>hellgrauer Farbe</i> (1) - <i>graugrüner Farbe</i> (1)	Simples (70): - <i>ergraut</i> * (9) - <i>grau</i> * (61) Compostos (30): - <i>altersgrau</i> * (1) - <i>aschgrau</i> * (4) - <i>bindfadengrau</i> * (1) - <i>blaßgrau</i> * (1) - <i>blaugrau</i> * (1) - <i>braungrau</i> * (1) - <i>dunkelgrau</i> * (2) - <i>eisgrau</i> * (2) - <i>graubärtig</i> * (2) - <i>graublau</i> * (5) - <i>graumeliert</i> * (2) - <i>grauweißlich</i> * (1) - <i>hellgrau</i> * (4) - <i>mattgrau</i> * (1) - <i>mausgrau</i> * (1) - <i>weißgrau</i> * (1)	<i>ergrauen</i> (3) <i>ergraute</i> (1)	-
Total: 111	7	100	4	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participípios
<i>Braun</i> [marrom]	Simples (6): - (das) <i>Braun</i> (1) - <i>Braunen</i> (4) - (der) <i>Brauner</i> (1) Compostos (3): - (der) <i>Braunbär</i> (1) - (das) <i>Braunbier</i> (1) - (das) <i>Goldbraun</i> (1) Complexos (3): - <i>Braune</i> * <i>Kuchen</i> (3)	Simples (58): - <i>braun</i> * (56) - <i>gebräunt</i> * (2) Compostos (36): - <i>braungestreift</i> * (1) - <i>braungrau</i> * (1) - <i>braunseiden</i> * (2) - <i>dunkelbraun</i> * (1) - <i>fuchsbraun</i> * (1) - <i>gelbbraun</i> * (1) - <i>goldbraun</i> * (11) - <i>hellbraun</i> * (12) - <i>hellbraunfarbig</i> * (1) - <i>kaffeebraun</i> * (1) - <i>rotbraun</i> * (2) - <i>rotbräunlich</i> * (1) - <i>rötlichbraun</i> * (1)	-	-
Total: 106	12	94	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>Gelb</i> [amarelo]	Simples (1): - (das) <i>Gelb</i> (1) Compostos (1): - (die) <i>Gelbsucht</i> (1) Complexos (2): - <i>goldgelber Farbe</i> (1) - <i>mattgelblicher Färbung</i> (1)	Simples (53): - <i>gelb*</i> (42) - <i>gelblich*</i> (8) - <i>vergilbt*</i> (3) Compostos (31): - <i>gelbbraun*</i> (1) - <i>gelbgrün*</i> (1) - <i>gelbgeraucht*</i> (1) - <i>gelbgesprenkelt*</i> (1) - <i>gelbgestickt*</i> (1) - <i>gelbhölzern*</i> (1) - <i>gelbkariert*</i> (1) - <i>gelbreif*</i> (1) - <i>gelbseiden*</i> (1) - <i>goldgelb*</i> (12) - <i>grüngelb*</i> (2) - <i>hellgelb*</i> (2) - <i>mattgelblich*</i> (1) - <i>ölgelb*</i> (1) - <i>rotgelb*</i> (2) - <i>rötlichgelb*</i> (2) Complexos (1) - <i>rötlich gelb*</i> (1)	<i>vergilben</i> (1)	-
Total: 90	4	85	1	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>Grün</i> [verde]	Simples (3): - (das) <i>Grün*</i> (3) Complexos (2): - <i>grünen Farbe</i> (1) - <i>graugrüner Farbe</i> (1)	Simples (40): - <i>grün*</i> (37) - <i>grünlich*</i> (3) Compostos (26): - <i>dunkelgrün*</i> (2) - <i>feuchtgrün*</i> (1) - <i>flaschengrün*</i> (1) - <i>gelbgrün*</i> (1) - <i>grünbewachsen*</i> (2) - <i>grünbezogen*</i> (1) - <i>grüngedeckt*</i> (1) - <i>grüngelb*</i> (2) - <i>grüngemalt*</i> (1) - <i>grüngestickt*</i> (1) - <i>grügestreift*</i> (1) - <i>grügestrichen*</i> (1) - <i>grünglasiert*</i> (1) - <i>grünmarmoriert*</i> (1) - <i>grünplüsch*</i> (1) - <i>grünseiden*/-seidn*</i> (3) - <i>grünverhüllt*</i> (1) - <i>hellgrün*</i> (3) - <i>schwarzgrün*</i> (1)	-	-
Total: 71	5	66	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participios
<i>Gold</i> [dourado]	Simples (4): - <i>Goldener</i> (3) - (das) <i>Gold</i> (4) Compostos (16): - <i>Goldborten</i> (1) - (das) <i>Goldbraun</i> (1) - (der) <i>Golddruck</i> (2) - (das) <i>Goldfischbassin</i> (1) - <i>Goldlitzen</i> (1) - <i>Goldornamenten</i> (1) - (das) <i>Goldpapier</i> (1) - (der) <i>Goldrand</i> (2) - (der) <i>Goldsand</i> (1) - (der) <i>Goldschnitt</i> (2) - (die) <i>Goldschnittfläche</i> (1) - (das) <i>Goldschnitttheft</i> (1) - (der) <i>Goldstreusand</i> (1) Complexos (1): - <i>goldgelber Farbe</i> (1)	Simples (33): - <i>golden*/goldn*</i> (32) - <i>goldig*</i> (1) Compostos (30): - <i>goldblank*</i> (1) - <i>goldbraun*</i> (11) - <i>goldfarben*</i> (2) - <i>goldgelb*</i> (12) - <i>goldgerändert*</i> (1) - <i>rotgolden*</i> (1) - <i>schwarzgolden*</i> (1) - <i>weißgolden*</i> (1)	-	-
Total: 84	21	63	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Participios
<i>Blond</i> [loiro]	Simples (1): - (das) <i>Blond</i> Compostos (1): - (der) <i>Blondkopf</i> (1)	Simples (17): - <i>blond*</i> (16) Compostos (26): - <i>aschblond*</i> (7) - <i>blondbehaart*</i> (1) - <i>brotblond*</i> (1) - <i>dunklblond*</i> (1) - <i>flachsblond*</i> (1) - <i>hellblond*</i> (4) - <i>rotblond*</i> (5) - <i>rötlich(-)blond*</i> (5) - <i>semmelblond*</i> (1) Complexos (1): - <i>rötlich blonden</i> (1)	-	-
Total: 45	2	43	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>Silber</i> [prateado]	Simples (2): - (das) <i>Silber</i> Compostos (1): - <i>Silberhaare</i> (1)	Simples (18): - <i>silbern</i> * Compostos (5) - <i>silberweiß</i> * (2) - <i>silberblank</i> * (3)	-	-
Total: 26	3	23	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>rosig</i> [rosado]	-	Simples (17): - <i>rosig</i> * (17)	-	-
Total: 17	0	17	0	0

Cor	Formas			
	Substantivos	Adjetivos	Verbos	Particípios
<i>Lila</i> [lilás]	Simples (1): - (das) <i>Lila</i> (1)	Compostos (3): - <i>lilafarbenen</i> (2) - <i>lilaseidenen</i> (1)	-	-
Total: 4	1	3	0	0

ANEXO 2: Ocorrências de vocábulos cromáticos no *corpus* em português

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
branco	Simples (2): - branquidão (2)	Simples (139): - blanc* (139) Compostos (1): - loiro-brancos (1)	embranquecer (1)
Total: 143	2	141	1

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
azul	Simples (9): - azul (9) Compostos (3): - azul-celeste (2) - azul-claro (1)	Simples (79): - azul/azuis (53) - azulad* (36) Compostos (19): - azul-celeste (2) - azul-cinza (1) - azul-clar* (12) - azul-escur* (3) - azul-ferrete (1)	-
Total: 110	12	110	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
preto	Simples (19): - (irmãs) pretas (2) - preto (17)	Simples (96): - pret*	-
Total: 105	19	96	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
vermelho	Simples (13): - vermelho (13)	Simples (75): - avermelhad* (8) - vermelh* (67) Compostos (6): - vermelho-escur* (5) - loiro-avermelhado (1)	-
Total: 94	13	81	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
amarelo	Simples (5): - amarelo (5)	Simples (65): - amarela/o (41) - amarelad* (13) - amarelecid* (9) - amarelent* (2)	amarelecer (1)
Total: 71	5	65	1

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
verde	Simples (7): - verde (7)	Simples (50): - esverdead* (3) - verde* (45) - verdoeng* (2) Compostos (6): - verde-bexiga (1) - verde-clar* (1) - verde-escur* (2) - verde-gaias (1) - verde-garrafa (1)	-
Total: 63	7	56	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
cinza	Simples (5): - cinza (3) - cinzento (2) Complexos (1): - cor de cinza (1)	Simples (38): - acinzentad* (1) - cinza* (3) - cinzent* (34) Compostos (16): - azul-cinza (1) - cinza-clar* (1) - cinza-escur* (2) - cinzento-clar* (2) - cor-de-cinza (5) - loiro-acinzent* (3) - loiro-cinzent* (1) - louro-cinzent* (1)	-
Total: 60	6	54	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
dourado	Simples (1): - dourado (1) Compostos (1): - castanho-dourado (1)	Simples (52): - dourad* (52)	dourar (2)
Total: 56	2	52	2

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
castanho	Simples (3): - castanho Compostos (1): - castanho-dourado (1)	Simples (39): - castanh* (39) Compostos (5): - castanho-clar* (5)	-
Total: 48	4	44	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
alvo	Simples (3) - alvo (2) - alvura (1)	Simples (42): - alva/o* (34) - alvacent* (8)	-
Total: 45	3	42	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
loiro/louro	Simples (3): - loiro (3)	Simples (27): - loira/o* (26) - loura/o* (1) Compostos (9): - loiro-acinzentad* (3) - loiro-avermelhad* (1) - loiro-branc* (1) - loiro-cinzent* (1) - loiro-clar* (1) - loiro-escur* (1) - loura-cinzent* (1)	-
Total: 39	3	36	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
ruivo	Simples (1): - ruivo (1)	Simples (34): - ruiva/o* (29) - arruivad* (1) - arruivascad* (4) Compostos (3): - ruivo-escur* (3)	-
Total: 38	1	37	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
grisalho	-	Simples (34): - grisalh* (32) - agrisalhad* (2)	-
Total: 34	0	34	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
negro	Simples (2): - negra/o* (2)	Simples (24): - negra/o* (22) - enegrecid* (2)	-
Total: 26	2	24	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
pardo	Simples (2): - pardo* (2)	Simples (19): - parda/o* (19)	-
Total: 21	2	19	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
tinto	Simples (2): - tinto (2)	Simples (13): - tinto (13)	-
Total: 15	2	13	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
marrom	Simples (1): - marrom (1)	Simples (8): - marrom (8) Compostos (3): - marrom-clar* (2) - marron-clar* (1)	-
Total: 12	1	11	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
rosado	-	Simples (9): - rosada/o* (9)	-
Total: 15	0	9	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
rubro	Simples (4) - rubor (4)	Simples (2) - rubras (2)	enrubescer (2)
Total: 8	4	2	2

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
prateado	-	Simples (3): - pratead*	-
Total: 3	0	3	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
jalde/jalne	Simples (1): - jalde	Simples (2): - jalde (1) - jalne (1)	-
Total: 3	1	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
alabastrino	-	Simples (2): - alabastrina (2)	-
Total: 2	0	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
cerúleo	-	Simples (2): - cerúle* (2)	-
Total: 2	0	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
lilás	Simples (1): - lilás (1)	Simples (1) - lilás (1)	-
Total: 2	2	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
roxo	-	Simples (2): - rox* (2)	-
Total: 3	0	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
opalinas/opalescentes	-	Simples (2): - opalinas (1) - opalescentes (1)	-
Total: 2	0	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
opalinas/opalescentes	-	Simples (2): - opalinas (1) - opalescentes (1)	-
Total: 2	0	2	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
alaranjadas	-	Simples (1): - alaranjadas (1)	-
Total: 1	0	1	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
fulvo	-	Simples (1): - fulvo (1)	-
Total: 1	0	1	0

Cor	Formas		
	Substantivos	Adjetivos	Verbos
morenas	-	Simples (1) - morenas (1)	-
Total: 1	0	1	0